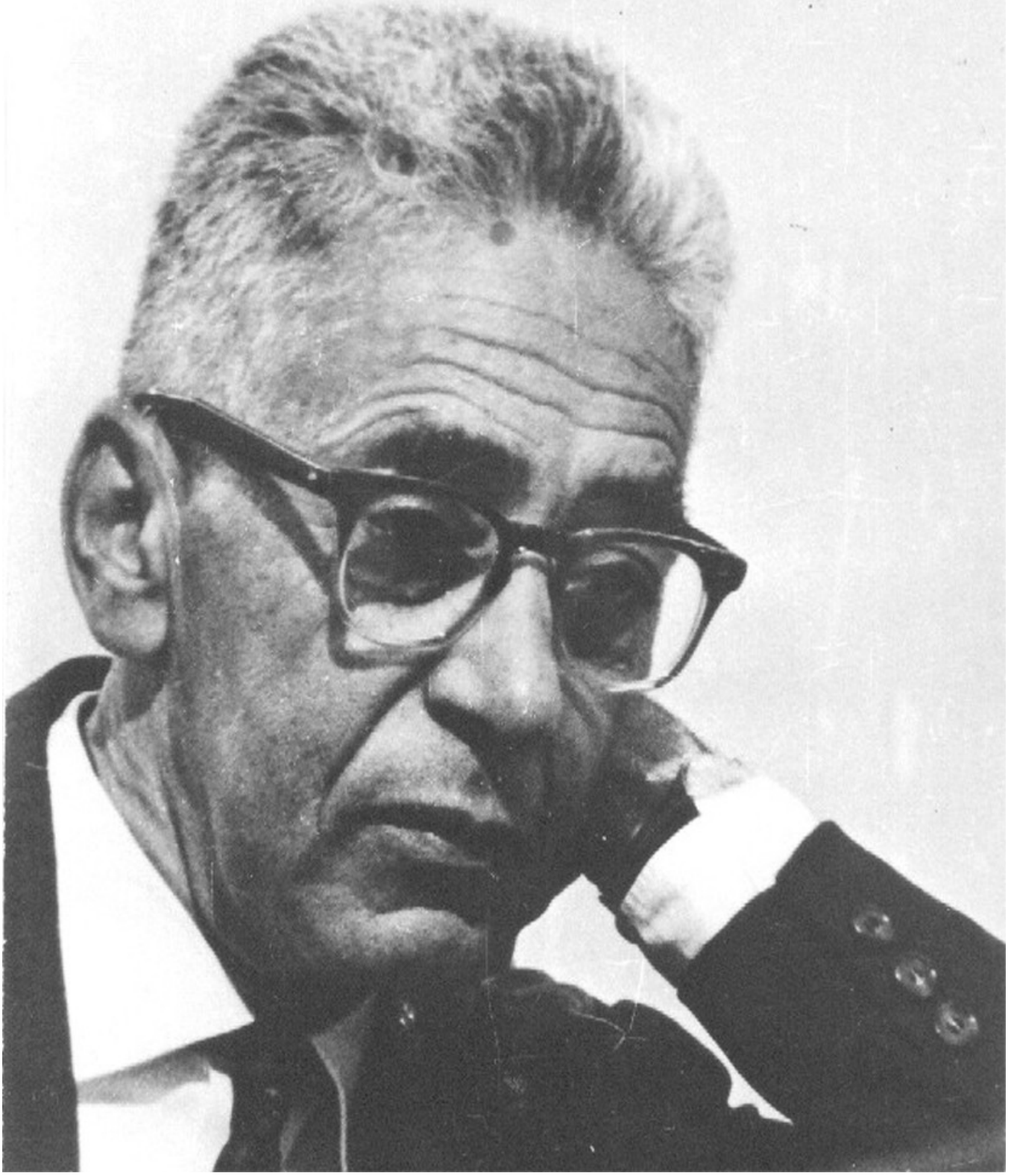
Osório Alves de Castro

Biografia e Fortuna Crítica



ELIANA NOGUEIRA DE LIMA PASTANA

OSÓRIO ALVES DE CASTRO (1901 – 1978): BIOGRAFIA E FORTUNA CRÍTICA

VOLUME 1

UNESP – ASSIS
2004

ELIANA NOGUEIRA DE LIMA PASTANA

OSÓRIO ALVES DE CASTRO(1901-1978): BIOGRAFIA E FORTUNA CRÍTICA

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada.

Orientador : Prof. Dr. José Carlos Zamboni.

ASSIS - SP

2004

Pastana, Eliana Nogueira de Lima.
P291o Osório Alves de Castro (1901-1978): biografia e fortuna crítica/ Eliana Nogueira de Lima Pastana – Assis,SP 2004.

302 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2004.
Bibliografia: p. 149
Orientador: Prof. Dr. José Carlos Zamboni

1.Osório Alves de Castro 2.Biografia Intelectual. I. Autor. II. Título.

CDD 869.98

Aos meus pais, pelo exemplo

Ao Firmo, pelo apoio

Ao Murilo, pela presença

Ao Marcelo pela alegria

Ao Osório, pela esperança

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que aceitaram responder, oralmente ou por escrito, as minhas perguntas ou que me ajudaram de diversas maneiras ao longo desta pesquisa.

Agradeço, em particular, a meu orientador Prof. Dr. José Carlos Zamboni, sempre disposto a orientar-me, e aos Profs. Dr. Benedito Antunes e Dr. Antonio Celso Ferreira, as preciosas observações no exame de qualificação.

Enfim, agradeço a todos os meus familiares o apoio constante e, sobretudo, a paciência e compreensão nos momentos mais difíceis.

Osório Alves de Castro,

grande romancista, homem autêntico, bom, lúcido, sábio.

Guimarães Rosa

RESUMO

A presente pesquisa faz o resgate de informações a respeito de Osório Alves de Castro, a partir das quais futuros estudos possam emergir. Os dados para análise e síntese foram coletados por meio de entrevistas, diálogos e consulta às referências esparsas existentes sobre o autor em questão. O estudo, portanto, atende a diferentes linhas de pesquisa – a formação da fortuna crítica e a elaboração de uma biografia intelectual do autor, em que se dá ênfase à sua militância política e literária.

PALAVRAS CHAVE: Osório Alves de Castro, resgate, fortuna crítica, biografia intelectual.

SUMMARY

The present research makes the rescue of some information about Osório Alves de Castro, in which the future studies can emerge from. All the data used for analysis and synthesis was collected through interviews, dialogs and existent esparse references about the author here mentioned. The study however goes through different lines of the formation of the critic fortune and the elaboration of an intellectual biography of the author, in which it emphasizes his political militancy.

KEYWORDS: Osório Alves de Castro, rescue, critic fortune, intellectual biography.

SUMÁRIO

Volume 1

1 Introdução.....11

2 Duas vidas.....17

3 Moleque.....19

4 Osório e a arte.....26

5 Travessia.....33

6 Rio de Janeiro.....39

7 São Paulo.....43

8 Alta Paulista.....46

9 Carta.....50

10 Lins.....52

11 Josefa.....54

12 Casamento.....57

13 Marília.....61

14 Primeiras publicações.....63

15 Vida pública.....66

16 Perseguições políticas.....72

17 Cotidiano de Osório.....79

18 Bahiano Tietê.....85

19 Porto Calendário.....93

20 Literatura sãofranciscana.....102

21 Estilo singular do autor.....111

22 Dificuldades do autor.....114

23 Um escritor “maldito”.....119

25 Maria Fecha a porta prau boi não te pegar.....124

26 Recolhimento, velhice, viuvez.....127

27 Lição de resistência.....131

28 Últimos dias.....134

29 Morte: final de uma vida.....137

30 Pós-morte: início de uma outra vida.....140

31 Considerações finais.....143

32 Cronologia do autor.....145

33 Bibliografia de Osório de Castro.....149

34 Referências sobre o autor.....150

35 Bibliografia consultada.....158

36 Referências bibliográficas não localizadas.....160

37 Fortuna Crítica comentada.....161

Volume 2

38 Roteiro utilizado no momento da entrevista.....210

39 Entrevista 1 213

40 Entrevista 2 228

41 Entrevista 3 234

42 Entrevista 4 249

43 Entrevista 5 262

44 Entrevista 6 272

45 Entrevista 7 285

INTRODUÇÃO

Este estudo nasceu da confluência de inquietações e lacunas de ordens várias. Em primeira instância, motivações de fundo pessoal encaminharam-me à literatura osoriana enquanto objeto de estudo. A partir de uma paixão e de uma sedução ideológica preexistentes, o estudo desta obra oferecia-se como possibilidade privilegiada de conhecimento da literatura engajada.

Caracterizado por uma mesclagem de vozes do passado e do presente, a formarem um conjunto organizado a partir do qual futuras vozes possam de fazer ouvidas, este estudo apresenta-se com voz unívoca, em torno da qual giram todas as expressões cujo foco é o romancista e alfaiate Osório Alves de Castro (1901 – 1978) e a única obra que publicou em vida.

Pelo fato de ter morado no interior do estado de São Paulo, ter participado diretamente de pesquisas e da redação do histórico de uma pequena cidade da Alta Paulista, cuja fundação está intrinsecamente ligada a de Marília, foi me fácil o acesso a esse autor e a sua obra.

Assim, num dia de coleta de dados e muitas anotações sobre os pioneiros dos municípios de Marília e Herculândia ele foi encontrado na Biblioteca Municipal de minha cidade. Espesso, sem a capa original e envelhecido pelo tempo, até duvidei de sua relevância. Era Osório Alves de Castro em sua obra-prima *Porto Calendário*. Ao folheá-lo pela primeira vez, deparei com um dos trechos em que Pedro-Voluntário-da-Pátria, um de seus personagens, falava com seu companheiro sobre a chegada do progresso “Não sei por que você aprendeu a leitura. O cônego disse que botaram o progresso na bandeira de D. Pedro II para melhor venderem o Brasil e os nossos filhos.”[1] Estas falas incisivas e contundentes acenaram para mim sorrindo, como quem diz: venha, venha, que eu lhe trarei mais problemas para pensar. Mais tarde, quando comecei a ler o volume, o romancista em minhas mãos revelou-se com encanto e beleza. Um sopro de humanidade brotava de suas páginas e se evidenciava, cada vez mais, no meu cotidiano. No entanto, a evidência passou

[1] CASTRO, Osório Alves de. *Porto Calendário*, São Paulo: Francisco Alves, 1961. p. 22.

a ser uma dissonância perturbadora que se esboçou, gradativamente, num projeto de pesquisa aleatória. E o tempo passou.

Alguns anos mais tarde, conheci as outras obras de Osório, *Maria fecha porta prau boi não te pegar* (1978) e *Bahiano Tietê* (1989). Cada uma dando-me a conhecer sua linguagem peculiar, sua ideologia, seus conceitos que, *a priori,* eram os de minha existência e, por isso mesmo, sempre me instigando a ler mais e mais, a fim de encontrar sentidos com que as palavras me acenavam.

Saindo do universo pessoal de leituras e seguindo a via mais simples da pura inclinação pessoal, as obras desse romancista ofertavam-se naturalmente à análise. E para realizá-la, era preciso ler a bibliografia ativa e passiva do pesquisado. Evidentemente, por esse caminho, a elaboração do projeto de pesquisa remeteria a outras angústias; pois, após consultar as bibliotecas mais acessíveis, novos impasses se antepunham à proposta inicial. Evidenciava-se, cada vez mais, o pouco prestígio de que desfrutava o romancista alfaiate, constituindo-se os estudos a seu respeito em raras peças de museu. A pesquisa, então, mudou seus rumos.

Em vez de fazer um estudo da obra *Porto Calendário* propriamente dita, acatei, primeiramente, a sugestão de, por meio de coleta de dados, reunir o maior número possível de textos já publicados a respeito de sua obra, no intuito de formar a Fortuna Crítica do Autor em questão, além de verificar a possibilidade e a necessidade de se elaborar a biografia intelectual e comentada do autor, visto que se trata de um escritor esquecido pela crítica e pelo público.

A opção por um trabalho que levantasse informações básicas de escritores pouco conhecidos encontra respaldo numa crescente consciência da necessidade de se inventariar a nossa memória literária. Assumi, portanto, o desafio de contribuir para a formação dessa memória. Implícita na proposta está o resgate do acervo literário e, portanto, cultural que vinha sendo deixado de lado. Digo cultural, porque o resgate não se restringe apenas ao universo literário como conjunto de obras, embora seja esse o enfoque principal.

Não é uma questão de deixar de lado os estudos mais profundos. Pelo contrário, é uma atitude que visa a criar uma infra-estrutura que melhor viabilize esses estudos e que, infelizmente, ainda conta com um reduzido grupo de pesquisadores dedicados aos estudos biobibliográficos, embora a importância dessa linha de pesquisa esteja sendo, paulatinamente, reconhecida no Brasil. Enfim, pretende-se com o trabalho dar uma pequena, mas significante contribuição à formação dessa infra-estrutura mais ampla.

Redimensionada a pesquisa, a fonte primária de referência biobibliográfica mais completa sobre Osório Alves de Castro a que tive acesso era exígua. Trata-se de alguns verbetes organizados sinteticamente para compor os dicionários literários. Na 2ª edição do *Dicionário Literário Brasileiro*, datado de 1978, Raimundo Menezes apresenta o autor Osório com alguns dados biobibliográficos, e informa outras fontes de pesquisa. Esta foi, portanto, meu ponto de partida.

Em seguida, consultei familiares, escritores e amigos de Osório Alves de Castro, de quem obtive informações de dados biográficos do escritor e de sua produção, assim como indicações bibliográficas necessárias para se chegar a outros dados, a que se acresceram documentos de arquivos pessoais, prefácios, correspondências de outros escritores e outras coletas por meio de diálogos e entrevistas[2]. Essa fonte de Raimundo Menezes, embora rica e concreta, apresenta algumas imprecisões de dados, sobretudo no que se refere a datas e textos publicados em jornais.

A etapa seguinte teve início no acervo da Biblioteca da Câmara Municipal de Marília, em que foram folheados todos os periódicos que continham artigos literários a partir da década de 1950. O passo seguinte foi a Biblioteca Municipal de Marília, em que, apesar da existência de muitos periódicos, não havia catalogação por assunto e, novamente, todos os artigos foram folheados. Pouquíssimos artigos versavam sobre Osório. O próximo passo foi a consulta à biblioteca Acácio José Santa Rosa, ao Centro de

[2] Ressalte-se que essa pesquisa sobre o autor em questão foi fundamentada com o depoimento de vários entrevistados, tendo em vista que a diversidade dos informantes trouxe variações de perspectivas que permitiram uma compreensão mais nítida e rica sobre o tema em foco.

Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) e ao arquivo de João Antonio, no campus da Universidade Estadual Paulista de Assis, em cujo departamento de História, entrevistou-se um parente próximo do autor, diálogo que contribuiu bastante para o prosseguimento da pesquisa. A seguir, a coleta continuou na Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências e no Centro de Documentação Histórica da UNESP (CEDHUM), no campus da Universidade Estadual Paulista de Marília.

Saindo de Marília, a pesquisa prosseguiu em São Paulo, onde foram realizadas quatro entrevistas com escritores e jornalistas e também se pôde consultar alguns dicionários literários e algumas obras no centro Cultural Sérgio Milliet, alguns livros e antigos periódicos no Arquivo do Estado, passando pela Biblioteca Mário de Andrade e pelo Departamento de Processamento de Dados da Folha de S. Paulo, em que se teve acesso a uma pasta do escritor, com uma vasta coleção de artigos. Na capital também foram visitados alguns acervos da Universidade de São Paulo (USP), como a biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, onde foi encontrada uma dissertação que referenciava o autor. Aproveitou-se também para visitar alguns sebos em São Paulo, encontrando-se uma obra do autor - *Maria fecha a porta prau boi não te pegar.*

Por fim, a pesquisa prosseguiu em Campinas, Marília, e São Paulo novamente, mais precisamente na residência dos filhos do autor, onde se coletaram algumas informações biobibliográficas para preencher lacunas que faltavam em sua cronologia.

De volta a Marília, a nova etapa desenvolveu-se com o acesso a correspondências postais, eletrônicas e telefônicas, trocadas entre as cidades de Campinas, Assis, São Paulo, Londrina, Feira de Santana, Caetité, Barra e Santa Maria da Vitória, cidade natal do autor. Houve ainda contato com a Casa da Cultura Antonio Lisboa de Moraes, onde foram encontrados vários dados sobre o romancista, desde obras literárias à venda até documentos pessoais. Nesse acervo, encontraram-se, também, fotos e recortes de artigos constantes em periódicos locais e regionais.

Visando a atingir um público mais abrangente, especialmente os futuros pesquisadores e os entusiastas do autor, resolvi atender a sugestão que me foi proposta pela banca, na ocasião do exame de qualificação, de dar à pesquisa um aspecto menos acadêmico. Como a periodização usada nesta busca decorre de aspectos ligados à própria trajetória do autor, optei, portanto, por fazer algumas pequenas modificações e atualizações. Não obstante as mudanças, a pesquisa continuou sendo movida sob o signo da paixão.

A redação final da pesquisa resultou em uma biografia intelectual do autor, acrescida de sua fortuna crítica. Como o objetivo final seria sempre auxiliar pesquisas futuras, fez-se necessário apresentar este estudo em dois volumes. O segundo volume, parte integrante dessa dissertação, traz o roteiro utilizado no momento das entrevistas e a transcrição destas, disposta numa ordem cronológica, baseada pela data.

Na redação da biografia optou-se pela síntese da referência quando o assunto em questão recorria à repetição de informações que estavam disponíveis também em outros textos e pela atualização da grafia. Em contrapartida, quando um aspecto enfocado era singular, optou-se por mencioná-lo, mesmo que a citação acabasse por se estender. Além disso, quando conveniente, foram transcritos fragmentos das fontes orais e dos textos originais do autor[3]. Emiti juízos sobre a relevância ou especialidade de alguns dados, também fiz alguns questionamentos, sempre que os julguei convenientes dentro do universo de referências analisadas.

Quanto ao conjunto, pode-se dizer que todos funcionaram como a contextualização da fortuna crítica de Osório Alves de Castro. A partir desses textos pode-se ter, além de dados concretos para a elaboração desta biografia, uma visão da história política do período, e uma idéia de como andava a

[3] A escolha desse recurso não se deu por acreditar no ineditismo de algumas informações, mas por estabelecer nestas, o meio mais apropriado e privilegiado de reavivar e fazer vir à tona um retrato bastante fiel do escritor pesquisado e de sua história de vida, já que há em seus livros muito de autobiográfico. Mas, as passagens não serão referenciadas no corpo do texto por opção de estética, fluição de leitura e, ainda, por a autora se valer, constantemente, de excertos significativos e exemplares das obras *Porto Calendário, Bahiano Tietê e Maria fecha a porta prau boi não te pegar*. Cumpre acrescentar, ainda, que não serão usadas as expressões abreviadas (*id., ibid., e op. cit*.), uma vez que estas obscureceriam a identificação das três obras citadas.

recepção do autor e sua obra, no que se refere ao prêmio recebido, à vendagem dos livros e à crítica.

DUAS VIDAS

Antes de compor esta história de vida, é preciso lembrar que a palavra “história” deriva de um étimo grego que significa “busca”. É, pois, como busca que convém ler estas páginas, como a tentativa de reconstrução de um itinerário. Busca de uma história de vida e morte. De um homem, de um pensamento e de uma época.

Todas as vidas têm, em geral, duas vidas: uma que termina com a morte e outra que aí começa. Para a maioria dos homens só a primeira conta. Para outros, só a segunda. Somente para alguns ela prossegue após a morte, na glória ou no esquecimento. A de Osório Alves de Castro teve esse aspecto duplo. Pode-se dizer que prosseguiu a vida após a morte.

A observação anterior expressa um fator importante para a composição dessa biografia. Por um lado porque explicita os momentos de glória que o autor vivenciou na década de 60, na ocasião do lançamento de sua obra-prima. Por outro, porque retrata o momento de seu reconhecimento póstumo, pois o autor falece dias antes da publicação de sua segunda obra. E hoje, autor e obra se encontram em um estado de quase total esquecimento.

A periodização usada nessa busca biobibliográfica decorre de aspectos ligados à própria trajetória e produção literária do escritor. Data dos anos 1960 a produção mais significativa de Osório, ou seja, o romance que marcou seu estilo singular: *Porto calendário*, 1961. Este período representa sua consagração como romancista. Foi nessa época que participou do festival *Escritor Desconhecido*, programado pela Livraria Francisco Alves; que marcou presença no programa *Bibi-61*, de Bibi Ferreira na Televisão Paulista; e que, a convite da professora Nelly Novaes Coelho, proferiu a conferência *Uma nova dimensão no Romance Brasileiro*, na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Campus de Marília. De 1960 até 1963, período de intenso reconhecimento literário para o autor, Osório foi referenciado em diversas revistas e periódicos da época, caindo em ostracismo após o golpe de 64. No final dos anos 70, verifica-se novo reconhecimento a esse escritor. É neste

período que ocorre a reedição de *Porto Calendário,* 1977*.* Um ano mais tarde a publicação de *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*, segunda obra do escritor, é celebrada pela Editora Símbolo com uma homenagem póstuma ao autor, na União Brasileira dos Escritores.

Poucos dias após a morte de Osório, a *Folha de S. Paulo* publica o seguinte artigo: ”O autor morre: um novo romance na rua”, além deste, mais 13 periódicos se ocuparam deste assunto, a morte e a recente publicação do autor. Dessa forma, a questão anteriormente anunciada “duas vidas: uma que termina com a morte, outra que aí começa” se confirma. Enfim, as publicações póstumas de Osório Alves de Castro, *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*, 1978, e *Bahiano Tietê*, 1989, dão indícios de que uma outra vida continuou (e ainda continua) após a sua morte.

O MOLEQUE

Embora a vida desse autor tenha prosseguido após a morte em um estado de quase total esquecimento, resgatá-la tem sido o mesmo que recontar a história de uma vida cuja história já está escrita. Para narrá-la, portanto, convém, inicialmente, apresentar o homem que construiu todo esse percurso. E nesse relato biográfico, antes de mencionar a data de nascimento desse escritor, é preciso advertir que pode haver imprecisão quanto a esse dado. Há divergências quanto ao ano. Alguns familiares, em entrevista, declararam que Osório teria nascido, em 1898, e que teria sido registrado alguns anos após o seu nascimento.

De acordo com um depoimento do filho do autor, Osório Alves de Castro Filho, em todos os registros consta que o ano do nascimento de seu pai foi 1901, mas que ele, o autor, dizia ser de 1898. Buscando uma explicação para isso, esse filho comenta que na época era bastante comum registrar um filho depois de algum tempo. Comentando esse episódio, sua filha Carmem Medina de Castro nos disse que a nova certidão foi feita para proteger o pai de alguns coronéis que o juraram de morte. Ela revela que o novo registro não só alterou a data de nascimento, como também o nome do autor para Osório Alves de Castro, que provavelmente seria Osório Almeida Castro. Segundo ela:

> Foi aí que ele passou a se chamar Osório Alves de Castro. O Alves era do João, mas o Castro era do Pedro, o pai biológico. Isso aí foi feito para ele se proteger, porque ele era muito novo (...) E como ele se envolveu nessas lutas de classes, defendendo o pessoal (...) Mandaram ele para um colégio interno, em Salvador, com essa nova certidão.[4]

Enfim, tudo faz crer, realmente, que seu nascimento tenha se dado no ano de 1898. Apesar desse testemunho, sua certidão, entretanto, registra que, em 17 de abril de 1901, na cidade de Santa Maria da Vitória, estado da Bahia,

[4] Entrevista concedida à autora em Marília, em dezembro de 2003.

nasce, de mãe solteira e pai negociante de Pirapora, Osório Alves de Castro. A mãe chamava-se Catarina Alves de Souza, e o pai Pedro Almeida Castro. É, portanto, sob os auspícios desse início de século, numa fazenda situada no sertão da Bahia, às margens do rio Corrente, cujas águas se misturam com as do rio São Francisco, que Osório vem ao mundo.

Sua vinda foi cercada de expectativas: esperava-se o filho encomendado, esperava-se que ele vingasse, esperava-se que a promessa de casamento fosse cumprida. Esperavam-se, enfim, mudanças de vida. Quanto a isso pode-se dizer que, de um modo geral, essas esperanças foram atendidas. Do lado paterno Osório recebe um duplo reconhecimento:

> Não, o pai não se casou com a mãe dele. [...] É porque a mãe, vamos dizer assim, era um desacato... Era filha dessa ex-escrava da fazenda... E o pai biológico... Ele tinha negócios no vale.[5] O João Alves, pai adotivo, era um tabelião em Santa Maria da Vitória. E ele se dava bem com os dois... Logicamente, acabou se afeiçoando mais ao pai adotivo porque foi o que o criou, educou. Já com o Pedro Castro manteve relações amigáveis. Ele nunca deixou transparecer algo negativo a respeito. Pelo contrário, até brincava, pois dizia que este era o pai bonachão, meio gordo... Já o João Alves era mais sisudo, tranqüilo, tinha uma personalidade bastante distinta.[6]

Mas, na cidade ou na fazenda, com pai biológico ou adotivo, uma coisa é certa: o lar era dos mais pobres. Osório foi um moleque observador entre muitos outros - um molequinho pardo, magro, de camisa surrada e pés no chão, espiando, curioso, a gente que se aventurava no Velho Chico nas embarcações que chegavam no porto - e mais tarde declararia em *Bahiano Tietê*:

---

[5] MARTINEZ, Paulo Henrique. Entrevista concedida à autora em Assis, em julho de 2003.
[6] CASTRO FILHO, Osório Alves de. Entrevista concedida à autora em Campinas, em julho de 2003.

> Tarde calma, crepúsculo abrindo-se em manchas arrocheadas de luzes apasteladas num tombo desmaiante de claridade e sombras. O "Wenceslau" fungava, rompendo o rio acima, correndo derivas caídas dos pontais acanalados.[7]

Essas cenas da meninice nunca mais se apagaram da memória. As barcas, sua gente, o rio, as carrancas, Santa Maria da Vitória e os arredores vivem-lhe na obra. Seus divertimentos deviam ser como os dos ribeirinhos de *Maria Fecha a Porta prau boi não te pegar* que faziam "como sempre vinham fazendo de geração em geração, os meninos e as meninas que estavam comento erva-de santa-maria na rasante" [8] saíam correndo e gritando "para avisarem ao velho Tiano e ao seu Timóteo"[9] a chegada da barca de Félix Quarto.

Nesta perspectiva, a história de vida de Osório se confunde com sua obra. O nascimento, o agir e o falar que integram a história de *Porto Calendário*, *Bahiano Tietê* e *Maria Fecha a Porta prau boi não te pegar,* estão nitidamente sinalizados na trajetória e na obras do autor. Não como um movimento de simples transcrição do vivido, mas como um gesto de criação, de inventividade, capaz de representar em sua literatura uma história na qual ele é herói. Sob esse aspecto há em suas obras muito de auto-biográfico, sobretudo na pele dos protagonistas Orindo Brotas e Bahiano Tietê. Observe-se esta passagem de *Porto Calendário*:

> Era nesse quadrado onde ficavam os meninos cujos pais não dispunham de recursos, mas iam ao extremo sacrifício para que os filhos pudessem aprender ler, escrever, contar e se livrarem dos preconceitos inferiorizantes de vir a ser um dia um homem de trabalho. Entre eles estava Orindo Brotas, que apesar de ser adotivo do Velho Imaginário, tinha antecedentes maternos irrecomendáveis.[10]

---

[7] CASTRO, Osório Alves de. *Bahiano Tietê*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1990, p.32.
[8] CASTRO, Osório Alves de. *Maria Fecha a porta prau boi não te pegar*. São Paulo: Ed. Símbolo,1979, p. 15.
[9] CASTRO, 1979, p. 16.
[10] CASTRO, 1961, p. 117.

Magro, vivo, precoce, observador, talvez excluído, o moleque Osório "tinha dez anos, era um dos menores da classe"[11], andava pelas ruelas de Santa Maria, ia olhando as brigas de jagunço, as rezas, as barcas, os remeiros, as conversas, colhendo sem o saber, material para o futuro Osório Alves de Castro.

Assim, sua biografia e sua obra estão intrinsecamente ligadas. E é num lar rodeado de dificuldades financeiras, com um pai cartorário e uma mãe filha de ex-escrava, do lar, que Osório passa a sua infância. No entanto, por trás dessa dificuldade existente, a mãe, os pais e a avó materna, figuras marcantes e sempre presentes em sua vida, souberam proporcionar-lhe afortunada infância. Dessas lembranças de privações nasce nele um profundo sentimento de solidariedade para com os pobres, o que explicaria, em parte, suas futuras posições políticas. Esta versão de Osório, confirmada pelos depoimentos obtidos, pode ser o relato da verdade ou do que ele acreditava ser na verdade.

Seja como for, pode-se dizer que sua meninice também foi enriquecida com o fascínio das festas populares e dos folguedos, sempre permeados de danças e costumes locais. Num desses passeios, esgueirando-se por entre as casas à beira do rio, menino Osório há de ter presenciado por entre as tábuas das cercas uma cena que o impressionou fortemente, a ponto de narrá-la mais tarde em uma de suas obras: "Repetindo um velho costume da terra, Pedro Voluntário foi buscar seus trastes. Pôs junto à pequenina, seu facão, sua garrucha de cano comprido e o seu machado de lenhador. Puxou até a mulher o velho cavalo e o fez cheirar com suas ventas largas a recém-nascida erguida nos braços"[12]. É este retrato sertanejo que povoará o mundo imaginário de Osório Alves de Castro em suas obras, retrato marcado, inclusive, pela figura da avó materna, D. Clemência, negra de tabuleiro e remeira, personagens evocadas em *Porto Calendário*. As suas figuras são todas, sem exceção, tiradas do meio que ele vivenciava.

O interesse em apresentar a família e o meio parte do pressuposto de que todos sofrem influências ao nascer e crescer neste ou naquele ambiente,

[11] CASTRO, 1961, p. 120
[12] CASTRO, 1961, p. 38.

nesta ou naquela cultura. Segundo Barthes (1993) esta “pré-história do corpo”, constituída pelos avós, pais, meio e cultura, contribui mesmo para a formação de uma personalidade. E, como neste caso há dois ramos de família diferentes (pai biológico e pai adotivo), a passagem pela genealogia torna-se via obrigatória, podendo-se concluir, então, que Osório trouxe na bagagem, desde a primeira infância, alguns perfis: o de um pai adotivo e de uma mãe, ex-escrava, onipresente, e o de um pai biológico, negociante de Pirapora, quase sempre ausente.

Osório, quando menino, freqüentou escola local, onde iniciou os estudos primários, provavelmente, sem concluí-los, mas que lhe manifestou logo um grande amor ao estudo, juntamente com o exaltado amor à literatura que o levaria, já se abeirando dos oitenta anos e da morte, a permanecer com um livro em mãos. Segundo familiares, seus primeiros anos são vividos em Santa Maria da Vitória e Pirapora. Quando a infância chega ao final, esta ruptura é marcada por mudança geográfica e fortalecimento ideológico, fundamentais em sua formação, levando-o à cidade da Barra, local onde Osório inicia o curso médio. Anos mais tarde escreveria: “Meu pai adotivo era aqui da Barra, me pegou menino desvalido, foi bom e me mandou pra escola.”[13] Segundo depoimentos de familiares, sua influência veio do colégio interno da Barra, o qual era muito tradicional na região, “era uma escola com linhas jesuíticas, foi lá que ele pegou o gosto pela leitura.”[14]

Quando terá nascido nele a ambição de seguir a carreira das letras? A inclinação pelos livros seria influência da escola local ou do colégio da Barra? Não o sabemos com certeza, de ambas ele fala em suas obras, as quais em diversas passagens evocam o mestre Venceslau, o professor Otílio, o professor Ermelino Neves e tantos outros que manifestavam grande amor aos estudos.

Aliás, a única informação sobre os estudos de Osório obtida nos depoimentos é essa, a do colégio da Barra. Com certeza, só obtivemos a informação que ele passou uma temporada lá, num antigo colégio interno.

[13] CASTRO, 1961, p.258.
[14] CASTRO FILHO, Osório Alves de. Entrevista concedida à autora em Campinas, em junho de 2003.

Desse período nada foi possível resgatar ou com ele estabelecer relações, uma vez que “Professor Otílio metido no seu terno azul-marinho de festa, gravata tão pálida como sua cara de poeta, que se orgulhava de ser a pessoa mais elegante da cidade”[15] talvez tenha se perdido na grande noite do passado.

> Camilo Donato se benzeu, fez simpatia e se arrojou. Botou a cabeça de fora ouvindo na pele do rio e gritou espantado: ‘Vem vindo um vapor! Tá se escutando a zuada! Tá lá por cima do arvoredo. É fumaça de vapor mesmo.’ Alvoroçados, vestiram as roupas e foram para a cidade. Na feira já corria o boato e apontavam. Não tardou e ouviram o primeiro apito, toda a cidade se alarmou. [16]

Desnecessário e banal dizer que o rio Corrente e a chegada das barcas eram, para o menino Osório, um acontecimento marcante. Este cenário primordial de sua infância move, cheira e murmura as páginas de suas obras. Nela temos um resumo das impressões sensoriais de seu mundo, com rios, vazantes, carrancas, vilas, casas e gentes. Tudo isso o atraía e ele lhe seria fiel para sempre. Em sua obra-prima, os retratos que ficaram retidos na infância são reproduzidos e ganham contornos significativos. Embora se tenha colhido sobre o autor valiosos depoimentos, cremos que a melhor chave para este cofre de segredos esteja nos seus escritos.Veja-se outra passagem:

> A barra do dia já clareava o vulto das benfeitorias. Pesadas embarcações com os ventres arredondados pareciam grandes peixes mortos estirados à ribanceira. De fora viria o melhor que lhes poderia acontecer: até a constante esperança de acreditar que seu dia também chegaria.(...) O sol matinal caía sobre os telhados enegrecidos da velha cidade sanfraciscana da Barra do Rio Grande. Orindo divagava, andando sem rumo pelas ruas. Aqui nasceu o velho, seu pai adotivo tão bom! [17]

[15]CASTRO, 1961, p.116.
[16] CASTRO, 1961, p.46.
[17] CASTRO, 1961, p. 17– 248.

Graças a essas passagens podemos levantar o véu que encobre o autor e surpreender no indivíduo Osório Alves de Castro, tão simples aparentemente, a existência de recantos sombrios, de mistérios, de contradições, de fraquezas e de humanidade. Nelas, o homem e o artista estão estreitamente ligados. Seria possível fazer uma separação entre eles? Até onde Osório teria sido ele próprio?

São mistérios que não estão ainda de todo desvendados, a começar pelas divergências quanto à data de seu nascimento, em que as respostas são contraditórias, porque se alguém chegou a desvendá-la, ele nunca a confirmou.

OSÓRIO E A ARTE

Nos anos 20, segundo informantes nativos[18], a região era uma referência nos quadros de evolução econômica e cultural da sociedade regional, especialmente os municípios de Correntina e Santa Maria da Vitória. As paisagens culturais dessas cidades guardam, ainda, aspectos que trazem lembranças de antigos moradores dessas localidades. Muitos informantes, demonstrando intimidade, narraram acontecimentos envolvendo coronel Severiano Magalhães, major Félix, Felipe dos Santos, coronel Clemente Araújo, Mestre Biquiba Guarany, Joaquim Cassiano Lisboa e outros personagens locais.[19] Alguns, inclusive, recordavam-se de alguns espaços, descrevendo-os, como o pé de tamarindo[20] à beira do rio Corrente e o Prédio do Cine Teatro, que continuam resistindo ao tempo.

Das décadas de 1920 e 1930, que assinalam a fase inicial de uma *belle epoque* do Corrente, muitos intelectuais, hoje, são lembrados com admiração. Eles são, entre outros, pessoas de diferentes ofícios: padres, professores, comerciantes, músicos, alfaiates ou artesãos. Sobre essa época, sua filha Carmem, em contato com as demais pessoas de Santa Maria da Vitória, declara que o pai sempre participou dos festejos da cidade. Afirma, também, que quando lá esteve viu “algumas fotos dele com o pessoal. Eram fotos dessas festas religiosas, de carnaval de que ele participava. De roupas que ele desenhava, de carros que ele ajudava enfeitar...” Bastante animada esta informante revela ter conhecido alguns historiadores que também estavam fazendo um acervo de Osório. Nessas reflexões, ela se recorda: “foi com eles que eu conheci a moça que desfilava para o pessoal e para o meu pai desenhar os figurinos. E, então, eles cantaram o hino que o meu pai fez. E ela, já de idade, cantou o hino para mim”. Observe-se a composição;

---

[18] A informação foi obtida em rápida conversa telefônica mantida pela autora com um antigo morador da região, Joaquim Lisboa Neto.

[19] A respeito desses personagens, ressalta-se que muitos deles povoam as histórias de *Porto Calendário.*

[20] Uma das grandes descrições de *Porto Calendário* é um pé de tamarindo, às margens do rio Corrente.

CENTENÁRIO (1822-1922**)**

Fraterna liberdade, grandiosa como os sóis
Veio para nossa terra, franjida de arrebóis
Eterna és, ó primavera
Mãe da crença e do amor

Quando o sol da manhã, vier radioso
Encher de lua dourada o infinito
Da História partirá o altivo grito
Liberdade de exemplo grandioso

E a mocidade que erguerá o prumo
Da nação, do trabalho, do porvir
Seguirá o mesmo etério, um por outro,
A liberdade irá seguir

O amor pela pátria é grande
Vasto como o céu de anil
Este amor que é livre e expande
Nós consagramos ao Brasil

Esta imensa chama ardente
Que em nosso peito abrasar
Esta terra refulgante
Nossa cidade adorar[21]

Sobre essa composição Paulo Henrique Martinez[22] acrescenta que este *dobrado* foi feito em Santa Maria da Vitória para as comemorações do centenário da independência, em 1922, e que, posteriormente, e com nova letra, passou a chamar-se *Os coligados*, em homenagem à aliança política entre a família Afonso, até então, partidária do coronel Clemente de Araújo Castro, e os partidários do coronel Bruno Martins da Cruz. Segundo este último informante, essa letra foi cantada em janeiro de 1990, por D. Cândida Coimbra de Carvalho (1908), esposa do falecido alfaiate Antonio Carvalho.

[21]Letra de Osório Alves de Castro e música de José Leopoldo Lima, maestro da Filarmônica Seis de Outubro.
[22] Entrevista concedida à autora em Assis, em julho de 2003.

Os informantes que compartilharam esse tempo/espaço vivido revelaram que Osório Alves de Castro destacou-se não só na literatura, “mas também na música, na pintura e na arte do corte e costura”. Depreende-se de suas obras tal inventividade que é percebida logo na primeira infância, “na escola do professor Otílio, Orindo era o melhor aluno de desenho, e por que não o seria ali no meio das tintas? Começou a fazer desenhos sobre as paredes...”[23]

Ainda hoje as lembranças evocadas em suas obras ou expressas em palavras pelos informantes que ditam os costumes e as tradições da época transitam pelas ruas, periódicos, personagens de época, constantemente contagiadas pelo calor do bucólico, afetivo e idílico. Não porque queiram negar a aspereza que as pessoas de então enfrentavam ou assistiam na labuta diária, mas porque se apegavam a tudo que era vivido e é hoje positivamente percebido. Mas as dificuldades naquele tempo eram imensas.

Nesse quadro, a voz unânime dos amigos e dos familiares, corrobora a verdadeira comunhão de Osório Alves de Castro com a arte, presente tanto no sertão baiano como no interior paulista. Segundo eles, Osório tocava clarinete na banda de Santa Maria da Vitória e se recordava, com saudosismo, das dobradas da região sãofranciscana e do Toninho do Espírito Santo, autor do célebre hino da Marinha Nacional. Reiteram ainda que, apesar de ser “meio caladão”, ele era um “sujeito animado” que gostava de carnaval, que se fantasiava. E que, mais tarde, como integrante da Associação dos Alfaiates de Marília, participou, por uma boa temporada, da organização de um dos melhores carnavais de clube da cidade.

No livro de ouro da Associação dos Alfaiates de Marília, encontrou-se, na página do dia 10 de março de 1944, o nome dos fundadores desta associação: Hernani Sergipani, Oséas, José do Nascimento, Massaiti Miyoshi, Eduardo Tognoli, Osório Alves de Castro, Antonio Gradim, Sydnei Eleutério, Argemiro lapa, José Godoy Lapa, Miguel Hirata, Edmundo atallah, Vicenti Sentini, Paulo Marchesini, S. M. Henrique, Hélio Grassi, Américo Ravanelli, Miltom Carvalho, Manoel Vicente, Felipe Kuyuama, Hélio Cafagni, Alcides Machado, Francisco Carvalho Mattos e José Magalhães. Nesta época Osório

[23] CASTRO, 1961, p.123.

freqüentava quase todas as reuniões, pois, segundo informantes desse período “ele ia regularmente à Associação dos Alfaiates, éramos velhos conhecidos. Ele tinha uma boa prosa.”

Na verdade, era inegável o seu pendor para essas grandes agremiações; em toda a sua vida, andou ou procurou estar às voltas com elas, como se o movesse uma profunda necessidade de fazer parte de um grupo, de estabelecer por esse modo contatos estreitos, ainda que não forçosamente íntimos, eram laços de solidariedade mais do que amizade. Esse homem, aparentemente retraído, que teve poucos amigos – esses poucos, porém bons e fiéis – parecia estar sempre em busca de companheiros, seja no sertão baiano, na capital ou na alta paulista.

E tudo isso se funde na construção de uma sensibilidade artística que viria manifestar-se, mais tarde, como talento literário, nos anos de 1940 a 1960 na região de Marília. Procurando resgatar alguns traços da história social e cultural do período, particularmente os anos 40, encontrei na biografia do escritor J. Herculano Pires, proprietário do *Diário Paulista*, a informação de que ele e alguns escritores da época – José Geraldo Vieira, Zoroastro Gouveia, Osório Alves de Castro, Anathol Rosenfeld e outros – promoveram, por meio do jornal, um intenso movimento literário nessas décadas.

No entanto, vinte anos antes, essa militante inclinação artística de Osório fora ligada à integração e à construção de uma identidade cultural “fortemente marcada e perseguida em Santa Maria da Vitória”. Segundo informantes de sua terra natal, Osório “tinha um grande ardor político”, embora aparentemente “tímido e um pouco fechado, sempre participou das festas populares, das mesmas brincadeiras que os outros jovens daqui”. Nas décadas de 1920 e 1930, muitos jornais de Correntina e de Santa Maria da Vitória revelam que vários intelectuais locais participavam da construção da cultura local, entretanto:

> A época de ouro do Corrente, com certeza, perderia parte de seu brilho, ficaria mutilada sem a produção de Osório, que excitou como poucos o imaginário de todos os leitores. [...] Da constelação de intelectuais do Corrente, no período em que estudamos, um nome emergiu do campo das letras: Osório Alves de Castro. Ele era um sujeito ímpar no cenário cultural, não apenas na região do Corrente, mas no contexto literário brasileiro. No início da década de 1920, que também assinala o início convencional da época de ouro, migrou de Santa Maria da Vitória para São Paulo, pressionado, segundo comentários de alguns santamarienses, por desentendimentos políticos.[24]

Nessa época a vida já devia ser inexplicável para o jovem Osório, que enfrentava uma realidade tão contrária à sua índole. Neste momento de conflito, certamente, ouviria os conselhos que sua finada mãe que dizia: "ouvido moco e pé no mundo..."[25] "Com a miséria no corpo e a alma livre"[26], movia-o o prazer de se instruir, a sua infatigável curiosidade intelectual, juntamente com a vontade de ser alguém, de subir, de forçar a mão do destino. Sentia que a sua vida não seria igual a dos seus... Haveria de vencer todos os obstáculos... Mas será que ele venceu todos? Em parte.

Mais ou menos ao tempo de sua partida Osório deve ter se encontrado com a namorada, provavelmente, em uma praça. "Os sinos das três igrejas de Santa Maria estavam dobrando. Contra ele estava aquele mundo de medo, de mentira, o mundo dos santos e dos pobres obedientes."[27] Para ele a vida agora entrava em uma nova fase, e difícil. Mas precisava reagir. Pensava na namorada Josefa, tão boa, tão humilde... Talvez ela fosse um testemunho vivo, insofismável, de uma realidade a qual Osório queria fugir... Era a prisão à condição dos obedientes...

Mas "e se tivesse cometendo um desatino?"[28] Pensando num jeito de começar, esforçando-se para não gaguejar, foi ter com a namorada. Parado,

---

[24] MIRANDA, Avelino Fernandes, *A época de Ouro do Corrente*. Goiânia: Ed.UCG, 2002, p.76
[25] CASTRO, 1961, p. 46.
[26] CASTRO, 1961, p. 58.
[27] CASTRO, 1961, p. 36.
[28] CASTRO, 1961, p. 77.

ali, à noite, num banco de praça, nada achava para dizer à pobre namorada, à pobre Josefa sobre sua partida. Como conversariam? Como lhe falar dos problemas sociais, políticos e intelectuais que o afligiam? Como lhe comunicar os projetos de futuro? Ela não entenderia... Seria melhor escrever-lhe uma carta.

Dias depois Osório partiu, "soltando-se no mundo para ser feliz e voltar um dia."[29] Na carta abaixo, enviada à Josefa, meses mais tarde, ele comenta as dificuldades que enfrentou quando migrou para São Paulo e faz algumas referências sobre o rompimento do compromisso de buscá-la um dia. Com uma imensa ternura, os seus versos traduzem esse estado de espírito:

> Alma de santa, eu já sei pesar a tua dor. Mas...o que foi isto? Notei uma fraqueza em si, não mais escreveu as sobrescritas com sua letra [...] Josefa, Santa Maria é o meu alvo. Josefa, eu fui perdido, mas tu sabes que sempre fui forte e sentimental. Tenho concentrada na alma uma vingança animal contra estes miseráveis [...] Josefa, tenha fé em Deus, se eu não te buscar não buscarei também a minha família, e tu sabes que o meu amor por meu povo é sagrado. Se eu for vencido fique comigo no coração que eu morrerei contigo no último alento de vida. Eu preciso ser um herói, Josefa, trabalhar muito [...] Já não sou mais aquele das minhas ilusões, e aí eu já tive provas, e sei que este engano da carne que eu apanhei no mundanismo da mocidade de nada vale.[30]

Segundo informantes, é por volta de 1920 que Osório deixa a cidade natal. E na alma do jovem escritor há de ter travado um doloroso drama íntimo, entre a gratidão e a ambição... Deixou-se, afinal, levar pela segunda, mas não sem lutas. E para enfrentá-las Osório recorria à ambição de vencer e ao sentimento saudosista que lhe refrescava a alma. E o recheio de suas obras, novamente, corresponde à apresentação de seu cotidiano. Sobre isso, não

[29] CASTRO, 1961, p. 179.
[30] Carta de Osório Alves de Castro enviada à Josefa, noiva de Santa Maria da Vitória, na década de 20.

precisamos ir longe, basta percorrer as páginas que reportam esse tempo para perceber com que saudade o escritor evoca a sua terra:

> O “Wenceslau” partiu atrasado. Bahiano Tietê passou a mão no peito. Sentiu levemente as rugas da cicatriz e o São Francisco lhe veio à lembrança. O “Wenceslau atravessava o rio diagonalmente. Pensou que ia deixando a Bahia para sempre, mas animou-se em seguida: Ela ia consigo, com suas desgraças e suas virtudes... as suas grandes virtudes em transformação.[31]

[31] CASTRO, 1990, p. 31

TRAVESSIA

Para Osório, o sertão ia mudando de aspecto no início da década de 20. Por esse tempo a vida já devia ser um desafio para o jovem que, ainda muito cedo, sofreu perseguições em sua cidade natal. Graças a algumas passagens de sua obra, podemos reconstruir a trajetória da travessia do autor. Por meio delas obtém-se a hipótese de que, naquela época, Osório "aceitando a realidade como um desafio e as conseqüências como um equívoco"[32] tenha fugido de sua cidade natal. "Foi nesse dia que fugi. Tinha doze anos e esmolando pelas estradas cheguei até a casa da Tia Gatona."[33] Desde cedo, atraído tanto pela arte como pela política, "logo achou quem lhe substituísse a mãe morta."[34] Será? Segundo informantes, nesta época Osório ainda perambulava pelo sertão e, provavelmente, compartilhava com seus amigos sua admiração, seu entusiasmo em relação à Revolução Russa.

Teria sido um Conselheiro da Câmara Municipal de Santa Maria da Vitória? Teria exercido algum cargo político por lá? Assim o quer a tradição, mas nenhum documento apóia essa afirmação. Moraria ainda com a sua mãe ? Teria voltado à Santa Maria depois que iniciou os estudos no colégio da Barra? Chegou a concluir os estudos por lá? Em todo caso, sabemos que sua permanência por lá foi curta. Era ainda muito jovem quando fora enviado ao colégio interno da Barra. Também por esse tempo sabe-se que estreitou relações com João de Abreu, um entusiasta de teatro que lhe apresentou *O Capital*, a bíblia geradora da revolução de 1917. Onde e como o terá conhecido? Onde se deu esse encontro? Como se tornou seu discípulo? Quem o acolheu? Teria sido um dos meninos da Tia Gatona? Quanta gente boa, quanta gente generosa deve ter cruzado seu caminho... Anos mais tarde Osório declararia em *Porto Calendário*: "E foi assim... Ela se tornou em Santa Maria a Tia Gatona, a mãe dos meninos desvalidos que iam crescendo, trabalhando em tudo."[35] Pensando assim, é de crer que, rompida a carranca da

[32] CASTRO, 1961, p. 77.
[33] CASTRO, 1961, p. 193.
[34] CASTRO, 1961, p. 194.
[35] CASTRO, 1961, p. 166.

timidez, Osório tivesse o dom de atrair a simpatia, revelasse uma inata cultura de espírito e de maneiras. Esta outra passagem de sua obra revela como ele era carinhosamente acolhido pelas pessoas:

> Naquela noite professor Ermelindo contou ao Bahiano Tietê que relatara ao Capitão sobre ele, como se distinguia entre os mais, moço educado, sabendo ler, escrever e contar. Tomando um ar paternal, adiantou-se: você não vai se assustar. Vou-lhe fazer uma surpresa.[36]

A cidade onde nasceu, de onde tão precocemente se ausentou, conheceu-a e sentiu-a como ninguém. Embora futuramente Osório se tornasse um cético, dizem que, quando menino, gostava de andar pela rua da Matriz para espiar as rezas e as moças. “Era cedo ainda. Dona Né tornou a abrir a janela e o rumor da festa da casa dos Queiróses enchia a noite. Veneravam o santo das famílias desde cedo. Sobre uma mesa, com uma toalha branca coberta de flores com velas acesas, estava a fotografia para a veneração.”[37] Ao lado da igreja, provavelmente, vendiam santinhos de várias espécies. Do outro lado da rua, “Susu Flores vinha dos Magalhães. Rica, pequenina, esperta e quente como uma pimenta malagueta.”[38] À noite, depois de acabada a reza, depois de um dia de “vagação”, para onde se recolhia o moço? Apreciava mesmo as rezas? Teria Osório alguma religião?

Segundo seus familiares, Osório admitia a fatalidade das leis naturais. Mas não é exatamente isso que suas obras evocam. Elas, por diversas vezes, exprimem o avesso do que ele foi em vida; ou a religiosidade presente nelas, em alguns momentos, traiu-lhe a memória, ou então, este se arrependia de as ter tido um dia, bem fixas e determinadas... É difícil decidir por um destes roteiros. O que se pode afirmar com certeza é que tudo nele, a não ser a paixão pela literatura, ficou do lado interior. Talvez Osório, quando muito próximo de sua infância, tenha sido influenciado pela religiosidade de sua

[36] CASTRO, 1990, p.39
[37] CASTRO, 1961, p. 167.
[38] CASTRO, 1961, p. 168.

cidade natal. Mas esta influência deve ter sido vaga e rápida, pois, ao migrar para São Paulo, deve tê-la perdido, se é que ainda conservava alguma fé ou alguma crença.

Na verdade sua obra evoca a manifestação religiosa sem Deus, porque, a seu tempo, a tendência de seu povo, naquela época, era muito favorável à eclosão do misticismo. O que havia em Osório era alguma coisa de racionalismo que inibia a fé mais elevada, mais religiosa; esta, por sua vez, devia-lhe ser a mais estranha, de acordo com a declaração do autor em *Porto Calendário:* "Não tinha fé, não compreendia, talvez fosse a sina ou a leitura. Como eles queriam ficar, que ficassem e seguissem a sua sorte."[39] Entretanto, não se pode dizer que Osório tenha sido completamente materialista. Observe-se o depoimento a seguir: "Meu pai sempre fez questão de festejar o Natal, claro que não como uma data de nascimento de Cristo, mas para ele esta era uma data especial. Aliás, em casa sempre enfeitamos a árvore da natal..."

Mistérios que não estão ainda de todo desvendados, e nem o serão jamais, porque, se ele deixou adivinhar, nunca se confessou. Parece mesmo ter propositadamente ou não, deixado as pegadas, confundindo as pistas. Sobre sua migração há mais um mistério: "Depois ele morreu, e minha mãe também. Fiquei só. (...) Quero ser alfaiate. Era o desejo de minha mãe. (...) Um dia vesti de homem e fugi com uma turma de baianos pra São Paulo."[40] Teria mesmo fugido de Santa Maria? Seria mesmo um órfão desvalido? Tornar-se alfaiate seria mesmo um desejo de infância? E a advocacia? Nessa alma sensível de criança, quanta contradição, quanta amargura foi se acumulando...

A adolescência chega assim ao seu final. Em princípios de 1921, o futuro se ia clareando para o moço Osório. Foi por essa época que ele se despediu do sertão. E nunca mais voltou. Como se ali lhe fosse proibida a estada. "Numa madrugada salpicada de estrelas, lavada de friagem, foram se despedir do rio. O bafo do rio morno e penetrante era um bálsamo."[41] O rio o atraía e ele lhe seria fiel para sempre. "Tinha a cabeça cheia de entusiasmo, a revolução era a sua última esperança, e quando o vapor soltou, indiferente ao tumulto da

[39] CASTRO, 1961, p. 186.
[40] CASTRO, 1961, p. 173.
[41] CASTRO, 1990, p. 17.

guerra, sentiu-se seguro: uma nova vida iria começar para ele."[42] Acabava-se a visão das barcaças no rio Corrente, acabavam-se os passeios demorados ao longo de suas margens. Acabavam-se as contemplações das cheias e das vazantes.

Embora se tenham colhido numerosos depoimentos sobre essa sua transição, acreditamos que o melhor caminho para essa reconstituição sejam as suas obras. Sobre esta passagem da vida do autor, há em seus livros muito de autobiográfico.

E o futuro Osório Alves de Castro, ainda moço, provavelmente magro e tímido, vagava sem rumo e sem esperança pelo sertão da Bahia. Na verdade, "preparava-se para tentar a travessia"[43]. Alguns dias depois, "eram três jovens como milhares iguais a ele, inúteis, espalhados sobre um país imenso, abandonados e sem oportunidade."[44] Enquanto fazia a travessia do rio, Osório, provavelmente pensava: "remo pra fugir mais depressa, vou ser um alfaiate, ter umas roupas bonitas e ir para mais longe do desconhecido."[45] Olhou para o lado, "botou a mão dentro d'água, o rio era um afago."[46] Quando aportou, voltou-se para o rio e "pensou nas mãos de sua mãe e nos olhos da Tia Gatona."[47] Baixou a cabeça, saiu caminhando apressado e, "enquanto perdia-se nos seus sonhos, deixou os companheiros e foi se embrenhando entre a massa compacta dos romeiros".[48] Algum tempo depois, "o moço, com a barba sem fazer, o terno de linho empoeirado, sentava-se no malote de couro no meio da migração: homens, mulheres e crianças, amontoados sobre trouxas e caixas, prontos para a viagem para São Paulo."[49]

[42] CASTRO, 1990, p. 21.
[43] CASTRO, 1961, p. 190.
[44] CASTRO, 1961, p. 189.
[45] CASTRO, 1961, p. 247.
[46] CASTRO, 1961, p. 247.
[47] CASTRO, 1961, p. 247.
[48] CASTRO, 1961, p. 185.
[49] CASTRO, 1990, p. 20.

> Bahiano Tietê desceu silencioso com a sua mala, e logo os carros se esvaziaram. A plataforma tomou um aspecto carregado: adubo humano entupindo a gare, sujos, fedendo – mulheres desgrenhadas, homens barbudos, crianças espantadas – numa fermentação decisiva onde a miséria tomava consciência, a feição impressionante da dignidade, bela e irredutível.[50]

[50] CASTRO, 1990, p. 54.



Foto 1 Osório Alves de Castro, 1920. Arquivo de família.

RIO DE JANEIRO

Mas a viagem tomou outros rumos. Meses mais tarde o jovem Osório andava sem rumo pelas ruas da Cidade Maravilhosa, faminto de alimento para o espírito, e levado pela irresistível vocação literária. “Deixara, aos catorze anos, a sua cidade natal. Ouvira a história dos que partiram e foram felizes. Fugiu.”[51] No entanto, se esse gesto de libertação implicava deixar as relações de identidade, que no futuro inspirariam o escritor, sinalizando o marco zero de uma nova trilha, por outro lado, este ato resultava na eclosão do autêntico sentimento de grandeza à terra natal. “Quando cheguei aqui a minha intenção não era negar o meu passado. Queria mostrar que tudo neste mundo pode mudar.”[52] É provavelmente nesse período que os personagens e a trama de seu primeiro romance, que seria *Porto Calendário*, configuravam-se em sua mente.

Prosseguia aí uma vida solitária e difícil, de poucos prazeres e muitas saudades. “A solidão é uma fome triste donde nasce outra fome.”[53] Mas seguia à risca o programa traçado, vencer os obstáculos, “resistir era a honra do remeiro. (...) Ai daquele que se deixasse vencer pelo cansaço e pela dor. Ficaria arrenegado.”[54] E nesta existência persistente e de poucos luxos, teria ele as suas contemplações. Quando “desceu diante da Estação do Norte. A banda do Exército da Salvação executava a Sinfonia do Guarani. Uma moça alemã, distante e sonâmbula tocava um trombone de vara. Era interessante naquela fuga frustrada.”[55]

Em 1922 o jovem Osório encontra-se no Rio de Janeiro, em busca do curso de Direito “para corrigir as injustiças do país.”[56] Levado talvez pela ideologia política, agregara-se ao grupo reunido em torno do professor José Oiticica, homem exaltado e anarquista, grande figura política na época. Fizeram-se amigos. “No Rio entrou na Marinha e depois de viver um regime de arrocho, desertou, refugiou-se numa tenda de alfaiate onde aprendeu a

---

[51] CASTRO, 1961, p. 259.
[52] CASTRO, 1990, p. 47.
[53] CASTRO, 1990, p. 170.
[54] CASTRO, 1961, p. 212.
[55] CASTRO, 1990, p. 68.
[56] MARTINEZ, Paulo Henrique. Entrevista concedida à autora em Assis, em julho de 2003.

profissão."[57] Nesta mesma época, porém, iniciava-se a primeira revolta tenentista no Rio de Janeiro. Nesse ambiente de crises e depressões, muitos militares, sentindo-se prejudicados pelo sistema político que favorecia os grandes fazendeiros, pelas fraudes nas eleições e pela corrupção, organizaram-se, apontando para o exemplo da Rússia. Como o descontentamento da população era geral, esta se uniu a vários oficiais revoltosos e, por diversas vezes, lutou contra o governo. Muitos queriam participar do poder que, até então, era privilégio de uma pequena elite.

A primeira revolta tenentista ocorreu no dia 05 de julho de 1922, no Rio de Janeiro. O estopim foi a ordem do governo para fechar o Clube Militar e prender seu presidente, o Marechal Hermes da Fonseca. O motivo para a ordem foram as indisposições surgidas na campanha eleitoral daquele ano para presidente, entre o candidato do governo e o marechal.

Teria Osório permanecido no Rio todo esse período de crise? Teria ele conseguido um emprego fixo nessa capital? Haveria alguma ligação entre ele e os simpatizantes do movimento que aconteciam nesta época? Sobre sua estada no Rio, não há nenhuma informação concreta. Sabe-se que ele teria mais ou menos 20 anos e que, sua vida transcorreu entre os amigos do professor Oiticica, as perseguições políticas, as aulas de corte e costura e a literatura. O que apuramos desta época é que sua passagem no Rio foi rápida, durou "o tempo suficiente para se aprender a cortar um terno"[58] e terminou junto com a prisão do professor Oiticica. No entanto, é reveladora a descrição que Osório nos dá desta época, em *Porto Calendário*:

> Durante os dias da ilegalidade lia e costurava, o que lhe resultou um ofício e a paixão pela leitura. Lia tudo: os velhos romances franceses, os livros despejados no Brasil".(...) Mestre Venceslau, entre as apreciações sobre as personagens de Anatole France e as afirmações filosóficas de Schopenhauer, recitava Carducci numa demonstração dos conhecimentos lingüísticos que a Marinha lhe

[57] CASTRO, 1961, p. 259.
[58] CASTRO, Terto Alves de. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em janeiro de 2004.

> proporcionou em uma viagem que fez pelo mundo, e nos contatos que teve com os estrangeiros.[59]

Seria Venceslau o mestre italiano que o acolheu e lhe ensinou corte e costura? Seria dessa época seu entusiasmo por D'Annúnzio: "Tutto fu ambito, e tutto fu tentato, quel che non fu fatto, io lo sognai.", cujos versos, anos mais tarde, seriam transcritos em sua etiqueta de alfaiate e ganhariam fama internacional? Não o sabemos. Por essa época, Osório, talvez, tenha encontrado alguém que lhe valesse, que o acolhesse, que o apresentasse, que o aconselhasse, enfim, que o influenciasse... "Orindo ganhara sua amizade. Já era homem feito, refeito, barba cerrada, nos vinte e muitos. 'Vou lhe dar um bilhete para o Mestre Venceslau e outro para o Enéas, espere aqui'."[60] Não é, porém, apenas esta passagem que nos aproxima da verdade. Observe-se outra:

> Dois anos depois, Orindo já era oficial, fazia calças e paletós e tomava parte das discussões com o doutor Joãzinho e Mestre Venceslau sobre os diversos assuntos onde a literatura a ciência e a política podiam ser debatidas com mais franca liberdade.[61]

Estas passagens – que pretendem reconstruir não apenas uma história de vida, mas uma época –representam um cenário nacional fortemente marcado e influenciado pela herança da Revolução Russa, que buscou transformar o Brasil econômico, político, social e culturalmente. Por esse tempo, Osório, com vinte e poucos anos, mesmo não escrevendo, já atravessava uma fase da vida que lhe serviria de referência mais tarde. Ou seja, sua passagem pelo Rio representou não uma ruptura com o passado, com o sertão, mas um exercício de crescimento intelectual, uma mudança de rumos. Quarenta anos mais tarde, Osório faria as seguintes declarações: "Tenho vinte e dois anos e herdei a velhice do mundo. (...) Tornou-se

[59] CASTRO, 1961, p.259.
[60] CASTRO, 1961, p. 259.
[61] CASTRO, 1961, p.260.

apreciador daqueles floreios onde o prato, a garrafa e a letras o arrastavam para a prática democrática."[62] E, certo de que assim estava se preparando para o futuro, Osório deixou o Rio de Janeiro.

[62] CASTRO, p. 259.

SÃO PAULO

Em São Paulo, terra prometida de todos os nordestinos, provavelmente, privações ele não passaria, perseguições ele não sofreria. Será? Por esse período, esta capital, ainda com vestígios da Semana de Arte Moderna, abria uma brecha de esperança para Osório. E por ela ele se infiltrava, a um tempo medroso e seguro de si, a outro, acanhado e insistente. Afinal, Osório era homem de alguma leitura, sobretudo com dotes artísticos e com certa compreensão do belo. Poderia tocar clarinetes nas boates, pensava ele. Mas quem ajudaria e acolheria esse pobre baiano? Seria o pessoal da Casa de Migração? Talvez.

Ao desembarcar nessa capital, com endereço em mãos e idéia fixa de vencer, Osório atravessou as ruas andando rápido, obscuro, desconhecido, perdido no meio do povo. “Ali na mala iam cem contos... Todos dizem por uma boca só: ‘dinheiro é tudo...’ Até seu velho pai que era um santo repetia agoniado: ‘sofre até tê, depois deixarás de sofrê’...”[63] A tarde caía, ia andando e pensando. E por ali ficava, a admirar a gente que entrava e saía das casas. “A cidade se movimentava, vultos lentos desciam dos bondes enfrentando o frio sorrateiro.”[64] Osório juntou-se a alguns companheiros e, provavelmente, “chegaram à noitinha na casa da Migração. Pegaram o jantar e deitaram cedo, para esperar o dia seguinte. Seria o grande dia, o dia em que cada um tomaria o seu destino.” [65]

No dia seguinte, metido no seu terno escuro, quase surrado, Osório deve ter andado pelas ruas da capital em busca de serviço. “Orindo vestiu a roupa azul-escuro, bastante curta e desajeitada e tomou rumo da Rua do Comércio.”[66] Provavelmente pensava, “pobre deve tentar de tudo.”[67] Desconfiado, retraído, ia aprendendo viver para dentro, a matutar sobre coisas que aos outros passavam despercebidas, a sentir, por exemplo, a solidão da

[63] CASTRO, 1961, p. 246.
[64] CASTRO, 1990, p. 63.
[65] CASTRO, 1961, p. 55.
[66] CASTRO, 1961, p. 286.
[67] CASTRO, 1961, p. 124.

metrópole. Anoiteceu. Andou mais, “procurou as estrelas do céu e elas sumiram de seus olhos magoados. Voltou-se para seu interior, onde os diálogos dos “Precisa-se” e dos “Oferece-se”, turbulentavam pregões. O relógio da Luz bateu três horas. Foi andando. Agora estava diante de um casarão onde o triste estilo colonial o identificava. Velha Faculdade de Direito de São Paulo. Vivia com ela no pensamento como acontecia a todos os jovens do Brasil que amavam o saber.”[68] Quando terá nascido nele a ambição de seguir a carreira de Direito? Esta deve ter sido uma vocação precoce – precoce e decidida.

Não seria possível ao baiano penetrar nas classes das aulas de Direito. Mas, certamente, nas horas de folga, este procurava ler trechos das lições dadas, pescar aqui e ali uma noção, um esclarecimento. Às vezes, era preciso saber escutar as portas, penetrar nos corredores, nos jornais alheios, nas bibliotecas públicas. De um jeito ou de outro haveria de ouvir as aulas que não lhe eram destinadas. Pensando num jeito de entrar nesse mundo acadêmico, de ver de perto aquela gente ilustre, de ouvi-la conversar, muitas vezes ali ficava, a admirar a gente que entrava e saía, gente que podia comprar e estudar os livros. Uma vez por outra, haveria de arranjar num colégio algum livro emprestado, ou então, os trocados do trabalho proporcionar-lhe-iam a leitura tão desejada. Futuramente, “entre as muitas franquias, podia dispor à vontade da Biblioteca Pública, fechada por certos interesses políticos.”[69] E os dias se passaram.

> Bahiano Tietê comprou um jornal e pediu cerveja, um sanduíche e passou ligeiramente os olhos sobre os editoriais. Nada lhe interessou a não ser o estilo sutilmente didático, o que não se dava em Salvador, onde a imprensa era grave e textualista.[70]

O ritmo da locomotiva acelera-se ainda mais no final dos anos 20, quando “a capital do café” transfigura-se na metrópole industrial. Mas quantas

[68] CASTRO, 1990, p. 60.
[69] CASTRO, 1961, p. 260.
[70] CASTRO, 1990, p. 60.

revoltas contra a sorte injusta, quantos planos de futuro não povoaram os sonhos desse sertanejo? “O quintal ficou vazio, só ele ali solitário. Olhou o tamarindeiro. Enxames de passarinhos cantavam e o sol da tarde clareava a folhagem miúda”[71]. Olhou ao redor e viu que não tinha nada, nem o sentimento que refrescara a alma, nem a volúpia que a embriagara. Tinha, isso sim, o pão de cada dia a ganhar duramente, com o trabalho de suas mãos, tinha a triste realidade, a maldição da raça desprezada. “Se o sonho não tinha limites para o nativo, inconseqüente e perdulário, o circunspecto era ainda uma mentalidade colonial da devassa.” [72] Talvez pensasse consigo “enquanto houver sertão neste Brasil, haverá esperança e liberdade.”[73]

[71] CASTRO, 1961, p. 257.
[72] CASTRO, 1990, p. 69.
[73] CASTRO, 1961, p. 173.

ALTA PAULISTA

Mais tarde, voltando os olhos para as ruas de São Paulo daquela época, Osório faria a seguinte descrição: “formigavam em suas ruas uma população volante, de todas as raças, entre elas, o mestiço nortista. Na esquina, dois empreiteiros regateavam os baianos para os machados.”[74] Não o sabemos, mas deve ter ocorrido, assim e por esse período, o encontro de Osório com uma espécie de agente “conquistador” que, “com o boné enterrado até as orelhas, simulando a bisonhice agrária, abriria a negociação. ‘Você sabe ler e escrever?’ ‘Sim!’ ‘Então pegue a trouxa e vamos. É nas fazendas de café onde se oferecem no mundo os melhores ganhos e onde o enriquecimento é fácil para todos.’ ”[75] Nada de concreto foi possível estabelecer sobre estas relações, mas a hipótese mais provável é a de que Osório tenha encontrado alguém que lhe valesse. Será? E depois? Depois, travou, mais ou menos por esse tempo, umas relações que influíram profundamente em seu destino na Noroeste.

> “O embarque foi feito de rotina: desceram em Presidente Pena, onde o hóspede do Hotel Bahia que falou da ordem entregou-os a um soldado na Estação. Este, por sua vez, levou-os até o caminhão que os transportaria às derrubadas nos lados do Rio Feio, onde o empreiteiro Rogaciano devastava as matas para plantar quinhentos mil pés de café.[76]

E é nesse período de intensa urbanização que Osório deixa a capital do estado. Seduzido pela prosperidade cafeeira, atende ao chamado da Alta Paulista. Já no interior do estado, “trabalhando como guarda-livros em uma fazenda”[77], Osório é detido, por engano, em uma hospedaria na região de Bauru. “Meu pai tentou provar educadamente, disse que não era ele, mas não

---

[74] CASTRO, 1990, p. 69.
[75] CASTRO, 1990, p. 65.
[76] CASTRO, 1990, p.72.
[77] CASTRO FILHO, Osório Alves de. Entrevista concedida à autora em Campinas, em julho de 2003.

adiantou, ele foi agredido pelo policial, levou uma bofetada na cara.”[78] Consoante à obra *Bahiano Tietê,* naquela época, “Bauru era uma cidade de crimes, perigosa e hostil”[79] e “O Hotel Bahia era uma espelunca suja, procurada pelas turmas de nordestinos, por ladrões, mendigos e aventureiros da mais baixa espécie, que vinham tentar os “pulos” na cidade.”[80] Os argumentos de Osório, portanto, de nada valeram. “Todos foram encostados ao longo do muro, como condenados. E todos eram nortistas...”[81]

Sem dúvida, por esse tempo, Osório devia ser apenas um funcionário que mal ganhava para se sustentar. Mas, ainda assim, à noite, num quarto mal iluminado de pensão, tentava compor algumas linhas que serviriam de base para sua obra *Bahiano Tietê*. Ou seria *Porto Calendário*? Não importava, queria apenas registrar. Sobre essa ambição, afinal, que importavam a cor, a pobreza e a humildade da origem? Haveria de vencer mais este obstáculo... E venceu. Esta passagem de sua vida ficou registrada, como se pode observar, em sua obra *Bahiano Tietê*:

> Bahiano Tietê, vencido pelo cansaço, adormeceu. Acordou com um soldado lhe puxando pela perna e gritando: ”Levantem, seus vagabundos, ladrões! Depressa...Vamos... “ “Cabo, por favor...” “Não vale conversa fiada! Estamos cheios desta malandragem...Vamos...” Em poucos instantes a sala do Hotel Bahia se comprimia com os detidos debaixo das mais infamantes suposições.[82]

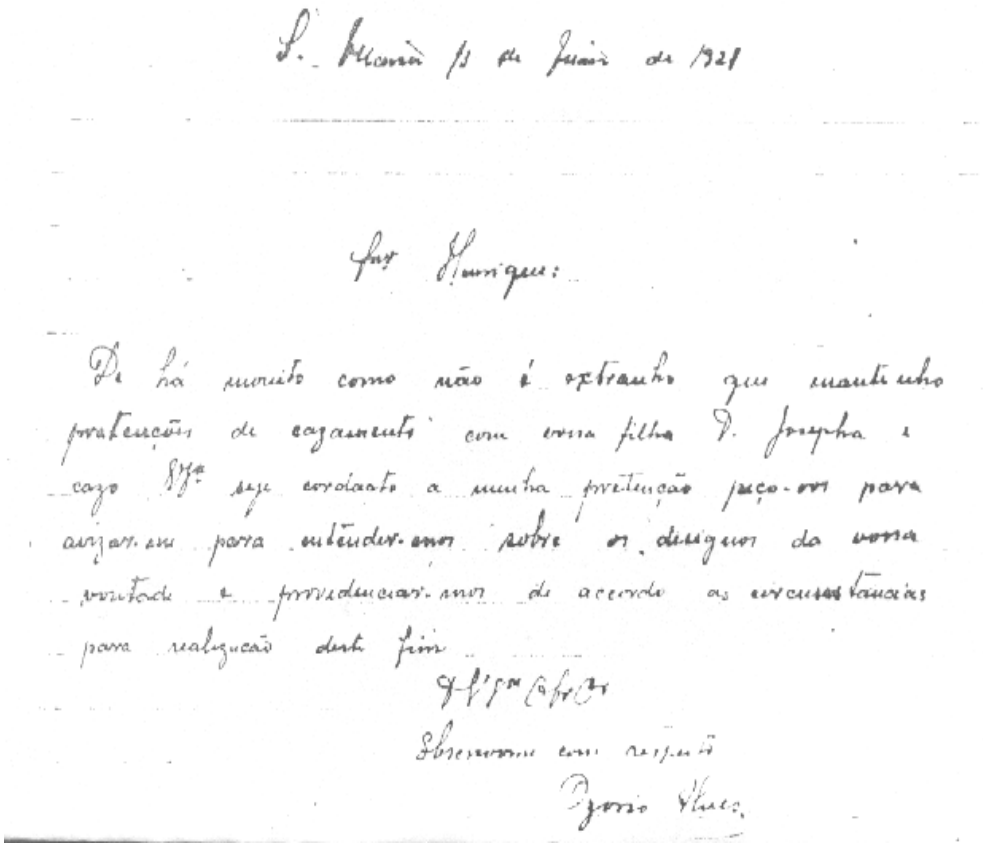
Ainda assim, Osório buscava uma compensação. Para lutar contra todas as situações adversas, afundava-se nos livros e na pena. Dizem que ele deixou em algumas passagens de sua obra um gosto de cinza. As cinzas da inanidade de tudo. Deixou também o sal do suor, das lágrimas e do sangue. O sangue do homem remeiro, do sofredor, as lágrimas do real desespero que se sabe inútil.

---

[78] CASTRO, Terto Alves de. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em janeiro de 2004.
[79] CASTRO, 1990, p. 70.
[80] CASTRO, 1990, p. 71.
[81] CASTRO, 1990, p. 71.
[82] CASTRO, 1990, p. 70.

“Bahiano Tietê tinha fervendo na cabeça uma idéia fixa: matar o sargento Elói. A bofetada estava ardendo não só na cara, como em sua alma.”[83]

[83] CASTRO, 1990, p. 72.



Carta escrita por Osório Alves de Castro e enviada ao pai de Josefa, firmando compromisso de casamento. (junho de 1921) Acervo: Casa da Cultura Antonio Lisboa de Moraes.

Santa Maria, 11 de janeiro de 1921

[Ilmo] Henrique:

De há muito como não é estranho que mantenho pretensões de casamento com vossa filha D. Josefa e caso [Sr Ilmo] seja cordato à minha pretensão, peço-vos para avisar-me para entendermos sobre os desígnios da vossa vontade e providenciarmos de acordo às circunstâncias para a realização desse fim.

Subscrevo-me com respeito
Osório Alves[84]

[84] Transcrição da carta de Osório Alves de Castro

A CARTA

Para livrar-se da prisão parece ter-lhe valido a bondade de alguém que sentiu no baiano a inteligência digna de ser aproveitada. “Bahiano, você diz as coisas como um doutor. (...) Você vai me fazer um grande favor: me escrever uma carta ao pai de uma moça em Cafelândia.”[85] Afinal, quem foi Bahiano Tietê? Será que Osório escreveu tal carta realmente? Estaria nessa passagem uma velada gratidão à Josefa, à namorada que ele havia deixado na Bahia? Baniu-a de sua vida, mas não poderia bani-la de seu interior... Além de Josefa, existiram outros amores? Ou foram apenas devaneios amorosos, sonhos impossíveis? As moças que encontrara no passado, provavelmente, acordaram-lhe o desejo do amor sentimental, de encontros românticos, apaixonados, cheios de suspiros prolongados. “Vestida de branco ela apareceu, trazendo na cinta as cores do céu, trazia uns pequenos beijos brancos e tinha a cabeça coberta de flores como usavam todas as mulheres damas.”[86] Como se pode observar, a vida amorosa presente em suas obras poreja, conserva e confirma os antigos sonhos de antigos namorados. Mas sobre essa passagem íntima de sua vida não tivemos nenhuma informação, pois, como próprio autor declara nesta passagem: “Tinha vergonha. (...) Só contei pra Tia Gatona. Ela guardou e teve pena de mim.”[87] E, provavelmente, continua guardada na infinita noite do passado.

Mas o fato é que Osório precisava atender ao pedido do amigo escrevendo por ele aquela carta que “era um pedido de casamento, e procurou revelar um sentimentalismo comovente.”[88] Pegou a pena e escreveu. “Leu a carta para o amigo e este, entre a surpresa e alegria”, achou Osório um sujeito um pouco diferente dos outros. “Ganhara sua amizade e entre outras franquias”[89], pouco tempo depois, Osório se apresentava em um outro posto, com um novo ofício.“O senhor não é o moço recomendado pelo Cabeça de Touro ao português do Hotel São Pedro? Um contador, meu caro, nesta rica

[85] CASTRO, 1990, p. 75.
[86] CASTRO, 1961, p. 161.
[87] CASTRO, 1961, p. 192.
[88] CASTRO, 1990, p. 75.
[89] CASTRO, 1990, p. 76.

terra é um navio vindo do Oriente."[90] E Osório, com toda a força de sua jovem ambição, com todo o ardor da sua ávida inteligência, agarrou-se a essa oportunidade, aproveitou-a, explorou-a, tirou dela tudo o que lhe foi possível tirar.

[90] CASTRO, 1990, p. 79.

LINS

"A lua cheia derramava-se sobre a floresta tombada onde as folhas ainda vivas balançavam e soltavam um cheiro balsâmico."[91] E um novo meio, menos rude, ia distanciando-o daquele em que "se instalara no picadão da mata"[92]. "Deliberado e ansioso para começar vida nova, Bahiano Tietê foi falar com o coronel. 'Sou contador e faço serviços de escritório.' "[93] Algum tempo depois, acaba fixando-se em Lins para trabalhar em fazendas de café e algodão. Não como um homem de enxada, mas como um intelectual. Como "vivia envolvido com os livros da fazenda"[94], após o expediente, corria para o quarto para aproveitar as últimas claridades do dia. "Bahiano Tietê voltou e, na sua inquietação, deliberou: tinha que escrever."[95] Sua condição era modesta, "a casa era simples e sem luxo"[96] mas, ali vivia horas de embriaguez, registrando minuciosos apontamentos sobre a vida na fazenda:

> Dia claro, o sereno da noite, trazido no resto do vento frio do Sul, limpou a bruma rala de setembro. A "picança" começaria às oito. Servido o café, a camaradagem, os mestres de corte se foram cada qual para seu posto à espera de que os rojões subissem dando a ordem final. Nada ficará de pé, a não ser certos altos![97]

Sobre essa questão há inúmeras informações. Alguns relatam que Osório trazia todas suas histórias nas lembranças; outros, diziam que ele possuía muitos apontamentos. Mas recordação ou imaginação, "foi um livro feito mais com o coração do que com a cabeça". Sobre esse assunto, Osório Alves de Castro Filho, revela que o pai fazia muitas anotações. "Sempre havia papéis pelos bolsos. Ele tinha muitas anotações". Afirma também que um de

---

[91] CASTRO, 1990, p. 78.
[92] CASTRO, 1990, p. 73.
[93] CASTRO, 1990, p. 79.
[94] CASTRO, 1990, p. 82.
[95] CASTRO, 1990, p. 89.
[96] CASTRO, 1990, p. 92.
[97] CASTRO, 1990, p. 76.

seus hábitos rotineiros era parar nas ruas para anotar algo que via, anotar tudo o que ouvia ou sentia. Outro informante revela que “ele tinha muitos dados. Se ele mexia nos bolsos ou nas gavetas, sempre tinha um papel com alguma anotação para depois aproveitar. Às vezes ele guardava aquilo, às vezes perdia...”

É difícil decidir por uma dessas informações, apesar de esse depoimento anterior ser a informação mais plausível, ele se contrapõe ao que o escritor Paulo Dantas fornece a seguir. Esse informante, além de responder ao inquérito, revela o primitivo título de *Porto Calendário*:

> Olha, eu me lembro que ele falava que todos os seus personagens eram tirados da própria vida. Que são pessoas que ele conheceu quando vivia em Santa Maria da Vitória, às margens do rio Corrente, afluente do São Francisco. Ele foi recordando os tipos... E foi assim que ele montou o seu romance. E com as sobras deste livro ele montou o *Bahiano Tietê*, que é um desdobramento do *Porto Calendário*. Pois o título primitivo deste era *Bahiano Tietê*.[98]

Embora esses depoimentos apresentem semelhante versão, eles nos levam a uma reveladora conclusão: as obras de Osório Alves de Castro, a princípio, eram uma única narrativa e levava o título *Bahiano Tietê* que, mais tarde, desdobrou-se em *Porto Calendário.*

A informação que o escritor Paulo Dantas fornece, descreve um romancista que elabora seu projeto de romance a partir dos retratos que traz de sua trajetória. Corroborando essa idéia, Osório Alves de Castro Filho, apesar de não admitir que *Porto Calendário* seja uma narrativa autobiográfica, confessa que seu pai, ao elaborá-la, “tomou emprestado alguns detalhes de sua própria vida”.

E é nessa perspectiva que a estudiosa Nelly Novaes Coelho conceitua os textos desse escritor, segundo ela “nas obras de Osório, o homem e o artista estão estreitamente ligados, sobretudo em *Porto Calendário*.”

---

[98] Entrevista concedida à autora em São Paulo, em janeiro de 2003.

JOSEFA

Em 1926 Osório já trabalhava como escrivão em uma fazenda de Lins. Ou seria contador? Não o sabemos, o certo é que ele deixara de vez a condição braçal, graças à familiaridade com os livros. E é por essa época que ele conhece sua futura esposa, a segunda Josefa de sua vida, filha de imigrantes espanhóis, com quem teria seis filhos: João, Terto, Larissa, Carmem, Osório e Pedro. Como se conheceram? Como se terá decidido a dar esse passo ousado? Sobre o primeiro encontro do casal não conseguimos nenhuma informação, mas é possível reconstituí-lo por meio de suas obras e de alguns fatos narrados. Em um depoimento sua filha Carmem revela que "quando eles se conheceram, minha mãe era empregada doméstica, não sabia nem ler nem escrever", e esse dado corrobora a seguinte passagem de sua obra:

> Pela primeira vez, teve de conversar com a filha do Pedro Kalinsk, o lituano. Era uma moça graciosa. Viera para o Brasil com uma tia. (...) Trabalhou como doméstica em uma casa de família alemã, e não teve dificuldade em aprender o português.[99]

Esta versão de Osório em *Bahiano Tietê* é confirmada pelos testemunhos de vários amigos e familiares, inclusive sobre a nacionalidade de Josefa, dizia ele aos amigos que "ela era uma moça estrangeira, filha de espanhóis". Entretanto, as relações pessoais entre Osório e a família de Josefa não foram as melhores. Dos depoimentos obtidos entre os familiares, ressaltem-se alguns deles: "Meus avós maternos foram contrários ao casamento", "Meu avô era preconceituoso, ele era espanhol, e não gostava de negro", "Ele dizia que minha mãe era a bruxa da família. Diz um ditado que a sétima filha mulher, de uma seqüência, é bruxa. Então minha mãe era a bruxa",

[99] CASTRO, 1990, p.82.

“Além da minha mãe, tinha mais seis filhas, e todas se opuseram”, “Mas ela enfrentou os pais e se casou assim mesmo.”

Na verdade, Osório não precisava do consentimento de todos, porque ele já tinha o que queria ouvir, tinha o ‘sim’ sereno e meigo de sua Josefa. Mas diante de tantas divergências, como se encontrariam? Quando começariam o namoro? Como poderiam se encontrar? “Bahiano Tietê foi falar com seu Segismundo à noite. Não era somente para falar sobre situação e sim pela possibilidade de encontrar-se com a lituana e a coincidência se dava para os dois.”[100] Provavelmente em um lugar fácil de ser alcançado pelos dois, mas onde não desse na vista. Enfim, dava-se um jeito.

Os meses se passavam. “O namoro continuava. Comentado, e aos poucos ia dividindo as opiniões.”[101] Seria a opinião dos familiares? E o amor entre os dois crescia, mas a data do casamento precisou ser retardada por oposição da família da noiva. Com o tempo, a amabilidade risonha e acolhedora de Josefa apagou em Osório todos os vestígios dos amores do passado. As lembranças dos ligeiros amores, agora, eram substituídas por um amor de verdade, profundo, grave, recatado que não se expandia mais em poesias juvenis, mas que vivia dentro do coração, sereno e forte.

Quantas vezes, ao arrancar-se da mesa de trabalho, torturado por tantas contas, tantos problemas sem solução, Osório há de ter repousado os olhos contemplando a figura plácida da mulher amada e se reconstituído? À noite, depois de pronta a tarefa, para onde se recolheria Osório? Josefa o esperava? Poderiam se encontrar? Não importava. O pedido fora aceito, e isso soava como uma realidade boa, que o prendia à vida, que apagava o tormento de sua condição, de seu antigo compromisso de voltar à terra natal. E assim, cada vez mais, foi aceitando a idéia de se estabelecer ali. “Nas suas divagações sobre o amor, entre muitas estava aquela de se casar com uma mulher estrangeira. (...) E ela aprendeu a ler e escrever, como era comum na Barra, onde não havia analfabetos.” [102]

---

[100] CASTRO, 1990, p. 83.
[101] CASTRO, 1990, p. 81.
[102] CASTRO, 1990, 85.

"O ordenado do escrivão, pelos seus bons serviços, deve ser aumentado".[103] Esta sua nova condição, de bem empregado, afastava-o da vida difícil. Por esse tempo devia viver, exclusivamente, deste novo ofício, de escrivão. Devia ser feliz. "Bahiano Tietê variava naquela promessa de dias pacíficos, e tudo para ele ia tornando a boca dum arco-íris bebendo um rio!"[104] Quase não se podendo ver, devido à vigilância das irmãs de Josefa, "correspondiam-se de alguma forma os dois namorados."[105]

[103] CASTRO, 1990, p. 83.
[104] CASTRO, 1990, p. 84.
[105] CASTRO, 1990, p. 85.

CASAMENTO

Em vésperas de se casar, Osório precisaria, sem dúvida, de alguns recursos para a instalação da casa modesta onde abrigaria a sua Josefa, a sua felicidade. Teria havido algum acordo particular entre ele e o dono da fazenda? Ou este "por ser bem pago" pôde fazer frente às despesas de instalação do lar? Teria o sogro consentido com o casamento? Ou isso se deu, posteriormente, com a chegada dos netos? Sobre essa passagem de sua vida, não há muitas informações.

Por fim, contrariando as dificuldades e as imposições, casaram-se em 1927. Na verdade, esta era a segunda Josefa, pois a primeira, conforme foi mencionado anteriormente, ele havia deixado à sua espera, em Santa Maria da Vitória, sob a promessa, registrada em uma carta, de um dia voltar e se casar. Sobre esse assunto convém transcrever a versão de seu filho Terto, que lhe foi revelada, pessoalmente, pela Josefa de lá, "a noiva de Santa Maria da Vitória":

> Nessa época, ele foi procurado por alguém daqui de Santa Maria, não sei bem quem era, mas parece ser alguém que tinha uma certa ascendência sobre ele. E ele comentou:"Escuta aqui, Osório, você ficou de voltar, você deixou uma noiva lá, te esperando. E agora vejo que você está noivo aqui e vai se casar. Como é que você faz isso?" E Osório teria lhe dito: "Olha, diga para a Josefa lá procurar um outro Osório, porque aqui eu já arrumei uma outra Josefa." Aí, nesse momento, ela (Josefa) abaixou a cabeça e disse ressentida:"Aqui não tinha um outro Osório...[106]

Segundo informantes locais, Josefa, "a noiva de Santa Maria" esperou por Osório até 1989, ano em que ela faleceu. Contam ainda que esta senhora teria sido enterrada vestida de noiva. Será? Teria ela guardado o seu vestido por tantos anos? Talvez. Devido às circunstâncias, ficamos assim privados de melhores documentos para penetrar-lhe na intimidade. Mas toda a elevação

[106] Entrevista concedida à autora em são Paulo, em janeiro de 2004.

descrita, todo o sentimento de ternura, de seu longo amor platônico estão revelados neste último gesto de carinho e respeito. Observe-se "(...) muitos diziam que ela tinha um baú no qual guardava as cartas de meu pai e o vestido de noiva, juntamente com um desenho que ele fizera para a Festa da Lapinha. Eu cheguei a ver esta pintura, já estava toda amarelada... E hoje, todo esse material está exposto em um acervo, lá em Santa Maria."[107] Certamente esta devoção há de ter marcado Osório fortemente, a ponto de o autor mencionar este fato, veladamente, em suas obras: "Quando partiu, ficou com arrependimento, depois teve sentimento. Teve pena de Clara. O acontecido ficou para trás. Tinha-o enterrado n'água, a vida é assim. (...) Não sei...Não sei...Remo pra fugir mais depressa. Eu queria compreender isso tudo, mas não posso, meu Deus!"[108]

Os dias se sucedem e os dois primeiros filhos do casal nascem nesta mesma cidade, Lins, o que faz Osório aprofundar um profundo gosto pela região e desistir de voltar à terra natal, junto de seus familiares de lá. Josefa "tinha nos olhos a mansidão doméstica das mães. Sempre fora tão pobre que não sabia lastimar-se. No entanto, sentia-se calma e satisfeita."[109] E nesta nova existência familiar, modesta e interiorana, ele tinha lá as suas distrações. "A cidade de Alins centralizava-se numa avenida de edifícios regulares com lojas e um "Cine-Teatro". Movimentadas, as ruas transitadas por automóveis e os passeios atuchados de transeuntes ofereciam impressão satisfatória."[110] Entretanto, não se pode dizer que a vida do casal tenha sido recheada com grandes recursos financeiros, geralmente as reservas eram escassas:

> "Vinha sempre buscar e devolver o "Correio Paulistano" que chegava regularmente para a fazenda. Gostava de ler. Dotado do instinto da inteligência, não podia deixar de prender-se aos diálogos

[107] CASTRO, Carmem Medina de. Entrevista concedida à autora em Marilia, em Dezembro de 2003.
[108] CASTRO, 1961, p. 191.
[109] CASTRO, 1961p. 38.
[110] CASTRO, 1990, p. 79.

> em torno da vida e das coisas da fazenda, e, às vezes, do país e do mundo – um vício mesmo![111]

Vício que o traía de vez em quando, ou que, por vezes, se arrependia de tê-lo em determinados momentos, pois, geralmente "lembrava-se de ter ouvido um velho tipógrafo do "Diário da Bahia" dizer que os fundamentos eram os mesmos em uso em todo o país: a opinião a serviço dos grupos vitoriosos."[112] A despeito dessa traição, que por vezes aparecia por conta da ideologia, o vício permaneceu. "É o gênio dele! Cada um com o seu na atribulação de sentir. É a leitura, gente aprendido é assim!"[113]

E sua vida correu, desde então, macia e plácida, cercada pelo carinho da mulher, assim como o cotidiano doméstico que sobrevive em suas obras "Aquele dia chegou mais cedo em casa. Reuniu os filhos, deu um balanço no ganho e entregou a mulher. A comida saiu ao anoitecer. A alegria na cara de Bezinha, dos filhos, lhe deu satisfação."[114]

Sua vida conjugal tinha aquele ritmo regular que lhe era satisfatório. Levantando com o sol, Osório aproveitava para escrever às primeiras horas da manhã; depois, quando Josefa se levantava, tomavam juntos o café. Em seguida seguia para o trabalho. A casa era modesta, "na sala havia uma pequena estante de livros, solitária entre duas janelas; ao fundo, tinha um retrato e um jarro de flores."[115] Geralmente, voltava para casa a tempo de jantar ao anoitecer. E assim, dentro desse aconchego simples e tranqüilo, resolveu pôr em prática o ofício que aprendera "com o mestre Venceslau" no Rio de Janeiro: cortar e costurar. Com o apoio da esposa, estabelece-se como alfaiate na cidade. Essa ventura quase perfeita, essa felicidade cotidiana, esse bem-estar íntimo, de respeito mútuo, Osório os conheceu, por um longo período, por quase 50 anos.

---

[111] CASTRO, 1990, p. 81.
[112] CASTRO, 1990, p. 60.
[113] CASTRO, 1961, p. 182.
[114] CASTRO, 1961, p. 41.
[115] CASTRO, 1979, p. 74.



Foto 2 Osório, Josefa e filhos, década de 40. Arquivo de família.

MARÍLIA

Mas a vida profissional não estava ali em Lins. Como não ficavam nesse plano doméstico e comezinho a vida e a leitura politizada de Osório, ele, por esse tempo devia se lembrar das palavras do velho pai: “Você não nasceu pra esta vida. (...) Tudo que seu velho pai lhe dizia poderia acontecer e iria acontecer se Deus quisesse.”[116] Para melhor explicar esta sua atitude, lança-se mão do trecho: “Naquele dia contou para Bezinha, sorridente, casos das viagens, aquele do gaviãozinho pinteiro perguntando ao beija-flor: de quem tu gosta mais? Da água do rio ou do mel de flor? Gosto de minhas asas”.[117] Conversaram e este se foi rindo, pois Josefa havia entendido e apoiado sua decisão.

Instruído e com grande visão literária, Osório resolve, em meados de 34, mudar-se para Marília, cidade marcada na região pelo intenso crescimento. É de notar que esta mudança parece ter coincidido com suas primeiras publicações nos jornais locais. Teria Osório recebido proposta de algum jornal local? Teria recebido alguma ajuda financeira para se instalar nesse novo município? Não o sabemos. Talvez tivesse alguma reserva, talvez suas publicações, por esse tempo, sejam circunstanciais, pois é nesta cidade que Osório começa, realmente, a pôr em prática a sua atividade criadora. Infelizmente parecem perdidos os periódicos com seus artigos.

Correm os anos e este autor despeja no papel tudo o que fermentava dentro dele, tudo o que o ligava ao passado. Começa, então, a atividade intelectual de Osório Alves de Castro, atividade à qual ele se lança com avidez e que mantém ininterrupta durante 44 anos, até 1978, ano de sua morte.

Como estava sempre a par das novidades que vinham da capital, dentro em breve, sua Alfaiataria Rex tornava-se o centro da vida literária. Na década de 40, no balcão desta, debruçavam-se para conversar todos os intelectuais do momento. Segundo informantes locais, havia em Marília um grupo de intelectuais, “havia um bocado de gente que, de uma maneira ou de outra,

[116]CASTRO, 1961, p. 214.
[117] CASTRO, 1961, p. 16.

dedicava-se à literatura".[118] A distância e o contato com a metrópole, no entanto, criaram um certo afastamento entre Osório e o círculo literário nacional, "mas não em relação à maneira de ele ver os escritores, de encarar a literatura."[119] Alguns meses se passaram e ele não aceitou a distância como um fato consumado. Que faria ele?

[118] MORAIS, Clodomir Santos. Carta enviada a Osório Alves de Castro em junho de 1971.
[119] OLIVEIRA, Nildo Carlos de. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em janeiro de 2003.

PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES

Igualmente por esse tempo (1940) o escritor J. Herculano Pires, um dos fundadores da União Artística do Interior (UAI) muda-se para Marília e adquire o *Diário Paulista*. Como nesse tempo Osório já escrevia seus artigos, e já recebia amigos em sua alfaiataria, é assim que ambos se conhecem, por meio da literatura e da escrita. E este começou, também, a freqüentar a alfaiataria de Osório, dando-lhe apoio para o início de sua carreira literária.

Segundo J. Herculano Pires, Osório escreveu notáveis artigos “que fizeram época” e “fizeram aumentar” o número de leitores do *Diário.* Neste período, o escritor José Geraldo Vieira, que também morava na cidade, havia publicado *A Quadragésima Porta* (1944) e obtido um grande sucesso pela crítica. Consoante J. Herculano Pires, esse lançamento serviu para muitas coisas, para revelar o talento de José Geraldo Vieira e, principalmente, para apresentar “um talento anônimo” aos marilienses, pois Osório havia escrito uma crítica, apontando as falhas do livro de J. Geraldo Vieira. Tal como aponta J. Herculano Pires, Osório a fez “com brilho e maestria”. E esse episódio ficou célebre em Marília: “o grande escritor que se rendeu à inteligência do crítico e obscuro alfaiate”. Como Geraldo Vieira não o conhecia, senão de vista, foi conhecê-lo de perto, passando a freqüentar a Alfaiataria Rex e a discutir com Osório e outros da roda, assuntos de comum interesse sobre literatura e política. O que conversariam? Teria José Geraldo Vieira incentivado Osório a publicar sua obra? Teria lido os originais? Infelizmente, nada de concreto foi possível resgatar sobre essa época, porque as referências que levavam ao *Diário Paulista* e a todos os testemunhos desse passado, apagaram-se com o tempo.

Mais ou menos por volta do início dos anos 50, Osório costumava dizer aos amigos que seu *Porto Calendário*, ainda inédito, era um filho prestes a nascer. Sua grande dificuldade, entretanto, era a distância da capital, dos críticos, dos amigos escritores que já se haviam mudado, enfim, do círculo literário nacional. Como morava no interior, Osório, segundo depoimentos de familiares e amigos, acreditava que “uma nova investida no Rio de Janeiro ou

em São Paulo poderia ser favorável ao desenvolvimento de seu projeto literário". Dizia ele: "um livro que não é lido não existe". Dessa forma, nessa década, decide voltar ao Rio de Janeiro. Sobre esse assunto Osório Alves de Castro Filho comenta: "Ele foi na frente, depois minha mãe foi com o João, o Terto e a Larissa. Ficaram um tempo lá, mas não deu certo." Provavelmente o pós-guerra, a recessão, enfim, as grandes dificuldades financeiras, mudam seus planos. Neste contexto é interessante observar que esta "nova investida no Rio de Janeiro" coincide com o retorno de seus amigos J. Herculano Pires e Geraldo José Vieira à capital.



Foto 3 Osório Alves de Castro com o quinto filho, Osorinho, no balcão da alfaiataria Rex, 1947. Arquivo de família.

VIDA PÚBLICA

Quem não se lembra, ou quem não ouviu falar das reuniões vespertinas que aconteciam na alfaiataria? Consoante as obras de Osório, reuniam-se para "ouvir as prosas dos trabalhadores e que ninguém duvidasse: a reunião ali fazia merecimento."[120] Segundo José Scarabôtolo, "a reunião da Alfaiataria Rex era bastante concorrida", lá desfilavam, entre muitos, o Dr Coriolano de Carvalho, Laércio Barbalho e João Mesquita Valença que discutiam literatura com o velho Osório Alves de Castro. No *Jornal do Comércio* [1950], esse conhecido de Osório declara: "lembro-me de que, nas minhas férias, permanecia horas e horas conversando com o bom e místico baiano, alfaiate por obrigação e profissão, mas humanista e literata por profissão." E "num clima de sarau", o teor dessas conversas abordava sempre os mais variados temas sociais. Todas as falas, "acompanhadas ao ritmo dos cortes e da agulha", compartilhavam a necessidade de uma sociedade igualitária. O futuro ia clareando para o alfaiate escritor, com as suas grandes ambições: ser escritor e montar uma célula do PCB. E estas começavam a realizar-se.

Com a legalização do Partido, a partir de 1946, Osório é nomeado dirigente do Comitê Municipal do PCB. Por esse tempo alguns comícios são realizados na região, e Osório, um dos principais oradores desses eventos, lança-se completamente no meio político. Levado, talvez, pelo apoio do amigo médico Reynaldo Machado ou pela experiência que adquirira no Rio, agrega-se ao grupo de Luis Carlos Prestes. Logo depois, o jornal comunista *Hoje* publica diversas biografias de candidatos à vereança para o PCB de Marília. Dentre elas, consta a de Osório Alves de Castro "nasceu em Santa Maria da Vitória-Ba, reside neste estado desde 1923 (...)" Em 1947 Osório é eleito suplente à vereança, indicado como candidato de Prestes.

Em relatório dirigido à Delegacia de Polícia de Vera Cruz, há uma alusão ao fato de ter ele oferecido, em 1947, um almoço de confraternização aos candidatos e simpatizantes do PCB. Na ocasião, encontrava-se presente o líder do partido Luís Carlos Prestes. E este evento fica registrado em uma

[120] CASTRO, 1961, p. 16.

“célebre fotografia”, na qual estão Osório, quatro de seus filhos, o líder comunista e a esposa Josefa. Aliás, “foi ela quem preparou o almoço para Prestes”, revela um de seus familiares. Contra as circunstâncias, talvez, contra o seu “temperamento tímido e fechado”, firmava-se em uma personalidade política e intelectual da região. Em regra, porém, devia, por esse tempo, sentir-se feliz e seguro com o apoio constante da esposa e dos companheiros. Para Osório e, conseqüentemente, para os simpatizantes, todos, sem hesitação, numa entrega plena, deveriam ser mensageiros a serviço de uma sociedade mais justa.



Foto 4 Osório Alves de Castro, a esposa Josefa, quatro de seus filhos e o líder comunista Luís Carlos Prestes, 1947. Arquivo de família.

Além dos compromissos políticos, Osório ainda achava tempo para ler e escrever, procurando formar o estilo no estudo dos clássicos e ganhar cultura nos livros estrangeiros. Dizem os amigos que escrever, para Osório, era um compromisso de vida com os ideais que difundia. E que, enquanto se expressava em um realismo pessimista contundente, ele não era, em qualquer sentido moderno da palavra, "um revolucionário ou um radical", mas, instintivamente, posicionava-se em aliança com as revoluções de sua época. Duas sociedades freqüentava Osório, com certeza, por esse tempo, a do PCB e da Associação dos Alfaiates. Além disso, colaborava, esporadicamente, para um jornal local, o *Diário Paulista* e, mais espaçadamente, enviava algumas cartas a alguns jornais da capital. "Com certeza o *Correio da Manhã*, aquele do Rio, porque ele escreveu uma carta, rebatendo uma crítica em defesa do D'Annúnzio, a qual o Agripino Grieco publicou na época."[121] Juntem-se a isso as suas ocupações de alfaiate, esposo, pai e redator de *Porto Calendário*. Teria ele capacidade para realizar concomitantemente todas essas atividades? Como poderia?

Nildo Carlos de Oliveira, que conheceu de perto a vida doméstica de Osório, declara que este "vivia em torno do trabalho e da literatura". Mas essa existência atribulada, também teria as suas distrações. Segundo familiares, havia as conversas literárias na alfaiataria, os sorvetes e as pipocas da Praça da Bandeira, degustados ao som das serestas de Maestro Gallati, as esporádicas idas ao Teatro Municipal e ao Cine Marília e, sobretudo, "ele fazia questão de participar dos inesquecíveis bailes" do Clube dos Alfaiates. Aqui vale lembrar que, por essa época, grandes compositores marcaram presença nos salões marilienses, dentre eles Lamartine Babo, Noel Rosa e Ari Barroso. Fora isso, "lembro-me de um senhor de aparência italiana que aparecia lá em casa com uma malinha para pegar os livros de brochura do meu pai. Meu pai era freguês dele e ele os levava para encadernar." Segundo informações de familiares, Osório, na verdade, possuía uma espécie de auto-publicação, pois os livros eram todos "caprichosamente encadernados com capas duras, títulos ao centro e o seu nome na lombada". Sua biblioteca era "meio personalizada",

[121] CASTRO, Terto Alves de. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em janeiro de 2004.

talvez fosse bem organizada, mas, era modesta, sem grandes ostentações. “Ele se entusiasmava muito quando esse senhor chegava com os livros e, conseqüentemente, a gente também.”[122] Outra atividade que o entusiasmava muito eram as reuniões sindicais na Associação dos Ferroviários e os “acalorados comícios que geralmente aconteciam.”[123] Aliás, nesses encontros, Osório e seus companheiros emprestavam ao Partido sua fisionomia, empunhando a bandeira da liberdade democrática e de movimentos progressistas.

[122] CASTRO, Terto Alves de. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em janeiro de 2004.
[123] OLIVEIRA, Nildo Carlos de. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em janeiro de 2003.



Foto 5 Osório Alves de Castro e os amigos da Associação dos Alfaiates de Marília, março de 1944. Acervo: Associação dos Alfaiates de Marília.[124]

[124] É interessante observar como o alfaiate e a costureira eram profissionais indispensáveis no cotidiano das pessoas até o final da década de 50. Consoante depoimento de alfaiates dessa Associação, todos eram requisitados para coser qualquer traje, sobretudo uniformes escolares, “roupa domingueira” e traje masculino do dia-a-dia, como calça, camisa e paletó. Apurou-se também nessa Associação que, na época de sua fundação, as alfaiatarias pioneiras da cidade eram: Alfaiataria São Geraldo, Alfaiataria São Paulo, Tesoura de Ouro, Alfaiataria Paulista, Alfaiataria Rex, Alfaiataria Nossa Senhora Aparecida, Alfaiataria Brasil, Alfaiataria São José, Alfaiataria Santo Antonio. Figuravam, ainda, alguns alfaiates como: César Trabatti, Armando Padoam, José Gimenes, José Abmussi, Aurélio Stropa, Ferraz & Cia, Francisco Zanim, Hygino Muzzi, Carmelo Calarezi, Armando Puci e Iamamoto.

PERSEGUIÇÕES POLÍTICAS

Mas nem tudo seriam flores em seu caminho. Mais tarde, proibidos de existir legalmente, ele e seus simpatizantes agiriam na clandestinidade, e seriam quase sempre perseguidos pelo poder estabelecido. Anos depois, esse temperamento militante é descrito em um dos apontamentos da Delegacia Especializada de Ordem Social:

> É militante desde 1927. Foi dirigente comunista em Marília, ocupando o cargo de Secretário Político e posteriormente o de Secretário de organização. Velho militante de grande valor para o partido, é um dos líderes do proletariado neste município. Candidato a vereador pela legenda da UDN. Elemento comunista intelectual. Em sua residência foram apreendidos inúmeros livros sobre comunismo, termos de declarações e vários documentos e papéis pertencentes ao citado, encaminhado ao arquivo geral em 22/11/1951.

A partir deste documento, percebe-se, nitidamente, como sua imagem estava imbrincada com o Partido Comunista. Assim, com visão pessimista sobre os governantes do país e descrédito com o mundo das letras, Osório, por essa época, dizia que “seu maior compromisso era com a ideologia marxista”. Nem poderia ser de outra forma, pois, por mais otimista que fosse, esse senhor de cinqüenta e poucos anos, alfaiate-escritor, pai de seis filhos, atravessava uma fase de vida difícil, com escassa freguesia em sua alfaiataria devido às constantes perseguições políticas. Consoante Nildo Carlos de Oliveira, “a amargura que havia nele”, juntamente com “o desprezo pelos homens”, só na obra se expandiram. Como se pode observar:

> Roupas velhas de crianças e de mulher eram jogadas para o alto e rasgadas a golpe de facão, acompanhados de ditos infames.’Nesta casa miserável, moçada, só existe mesmo uma coisa: livros.’ Arrancando os volumes, a moçada delirava. (...) ‘Pra que isso com

> os livros?' Tomado por uma força instintiva, Orindo começou catar entre os destroços os livros que não foram cortados.[125]

Na verdade, de forma mais evidente, seus filhos declararam: "Naquela época, ainda morávamos na rua Quinze de Novembro, e nas batidas que a polícia fazia, ia tudo. Eles chegavam e faziam assim: abriam o saco e despejavam tudo. Eles passavam o braço na prateleira e levavam todos objetos. Todos os livros, até os nossos de escola."[126] Além desse depoimento, outro também revela essas passagens:

> Lembro-me das vezes em que ele foi preso, lembro-me dos livros, todos misturados, esparramados pelo chão, e ele ali, imóvel, olhando tudo aquilo... Mas a primeira delas não foi em casa, aconteceu ali na cidade. Havia greve, protestos, naquela época se agitava muito... O carro da polícia ficava subindo e descendo a avenida prendendo gente. E ele, mesmo assim, ia rotineiramente para a alfaiataria para abrir e ficar trabalhando lá dentro. E ele estava trabalhando quando chegou um carro e parou, e dele desceu um soldado e veio em nossa direção. Apoiou-se no balcão e olhou para nós. Pela primeira vez eu ouvi ele falar: 'Arma, garoto, vá sentar.' Porque eu era garoto, ficava ali sentado e fazia a contabilidade. Ele me ensinou a escriturar alguns livros contábeis... (risos) Da pouca contabilidade que ali existia. E eu senti que naquele dia algo ia acontecer, e aconteceu. E meu pai estava com a fita métrica pendurada no pescoço, cortando um tecido quando eles chegaram... E foi aquele corre-corre, eles gritavam assim: 'Vamos, vamos, anda logo'. Meu pai tirou a fita do pescoço, dobrou o tecido da mesa, guardou a tesoura e foi acompanhando os caras. E eu fiquei ali esquecido, devia ter uns catorze anos ou mais... Foi quando meu pai acenou para mim e disse sorrindo: 'Não esquenta não, meu filho, isso não é nada, não fique preocupado com isso não!' E foi embora. Depois que eu me recompus do susto, vi que precisava fechar o estabelecimento...[127]

Em entrevista, anos mais tarde, Osório declararia: "Nunca me coloquei a serviço dos poderosos. [...] Emancipei-me por uma lei natural concebendo um

---

[125] CASTRO, 1961, p. 262.
[126] CASTRO, Carmem Medina de. Entrevista concedida à autora em Marília, em dezembro de 2003.
[127] CASTRO, Terto Alves de. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em janeiro de 2004.

filho e, com ele no ventre, terei a coragem de enfrentar qualquer situação." Ainda sob esse aspecto, além do seu "caráter resistente, confidencial e contemplativo"[128], alguns amigos diziam que "os livros lhe serviam de válvulas de segurança". É provável que sim, que escrever o ajudasse a viver e a enfrentar, e, mesmo que o acusassem de "escritor maldito", não era assim tão excluído do meio. "Nessa época, muitos vinham à noite para falar com ele, muitos usavam a roupa feita pelo meu pai, mas não entravam na alfaiataria de dia. Tinham medo."[129]

Na verdade, as reuniões que aconteciam quase todas as tardes na Alfaiataria Rex, nem sempre aconteciam em clima de sarau. Muitas vezes o olhar policial direcionava-se para os simpatizantes que se reuniam e se dirigiam para os espaços de trabalho onde eles atuavam, e tal desvendamento contribuía para a identificação de comportamentos suspeitos.

Valendo-se desse contexto de "investidas policiais", "medidas severas, mas necessárias", destaca-se um episódio ocorrido em 1947, em que o Delegado Regional de Marília, assim como em todo o país, por meio da rádio circular do DEOPS, recebeu ordem expressa para fechamento e apreensão de todo material disponível nas células e nos comitês partidários da região. Na cidade, pouco a pouco os simpatizantes e os comitês foram recebendo "visitas", e o objetivo delas era coletar tudo o que pudesse levantar "suspeita de crime".

Assim, constata-se que, conforme "Auto de Arrolamento e Fechamento" redigido pelo escrivão Antonio de S. Lavadeira, os militantes regionais, Osório Alves de Castro e Reynaldo Machado estiveram presentes no fechamento do Comitê Municipal de Marília e, em consonância com o pedido de "calma e serenidade" feito pelos dirigentes, acompanharam as autoridades policiais nas "pacíficas" diligências de apreensão da biblioteca do comitê. Segundo Rosimar Alves Querino, autora da pesquisa *Mil histórias para contar* : formação de

[128] OLIVEIRA, Nildo Carlos de. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em janeiro de 2003.
[129] CASTRO, Carmem Medina de. Entrevista concedida à autora em Marília, em dezembro de 2003.

quadros e militância política na região de Marília, de acordo com a lista de livros apreendidos, ganham especial relevo as obras:

QUANTIDADE	NOME DA OBRA	AUTOR
04	História do Partido Comunista da URSS	
47 folhetos	Homens e Coisas do Partido Comunista	Jorge Amado
01	Imagem da América	
13	Lênin e leninismo	Stalin
84 folhetos	Manifesto Comunista	Marx e Engels
11	Marxismo e o Problema Nacional	J. Stalin
01	Materialismo dialético	J. Stalin
01	Memórias de Simão - O Caolho	Galeão Coutinho
01	Meu testamento do Furher	Anselmo Paradesse
04	O 18 Brumário de Luiz Bonaparte	Karl Marx
01	O homem e a montanha	J. Camilo de O. Torres
173 folhetos	O marxismo e o liberalismo	J. Stalin e K. G. Wels
03	O PCB na luta pela paz e democracia	Luiz Carlos Prestes
02	O PCB no trabalho de massa	Pedro Pomar
01	O teatro soviético na guerra	Henry W. Longfellon
300	Os comunistas e o monopólio da terra	Luiz Carlos Prestes
211	Patriotismo – teste histórico	N. Baltiskiy
01	Paz e guerra	

01	Pepitas, dois alicates	
01	Poemas	Rossini C. Guarnieri
01	Polikuchka	Leon Tolstoi
01 pacote	Revistas O Cruzeiro	
01	Trovas brasileiras	Afrânio Peixoto
01	Zamor	Pedro Mota Lima
03 folhetos	20 anos de luta	Rui Facó
11	Solução imediata para os problemas do povo	Luiz Carlos Prestes
01	Um passo adiante e dois passos atrás	Lênin
06	Teses	Comissão Executiva do PCB
39	Do socialismo utópico ao socialismo científico	Friedrich Engels
01	História do Brasil	Rocha Pombo
22	A nova Política do Brasil	Getúlio Vargas
06 folhetos	A história de um pracinha	
02	Aventura de doze cadeiras	Ilya Ilf e Pietroff
01	Amor e verdade	Alfreu Gomes de Campos
01	Estradas e ruas	Peres
01	Presidentes Vargas	P.A.U. L. Fuschaner
44 folhetos	Organizar o povo para a democracia	Luiz Carlos Prestes

De acordo com os títulos das obras acima, percebe-se que estas iam desde a linha política divulgada pelo PCB, passando pelos “clássicos do marxismo” – obras de Marx, Stalin, Engels e Lênin, até os livros de literatura internacional e de autores brasileiros. Os textos de Luiz Carlos Prestes, publicados em forma de folhetos, referiam-se diretamente à linha política do

PCB e, provavelmente, este era o motivo para que constassem em maior quantidade. Tal volume confirma a sua utilização para a agitação e propaganda partidária.

O que chama a atenção é a estruturação da imprensa partidária e a articulação dos materiais divulgados pelo Partido que, além de colaborarem para a "educação dos militantes", também ajudavam a polícia e os órgãos repressivos no "reconhecimento" dos subversores. Os policiais utilizavam este material para controlar e reprimir os comunistas, uma vez que "estas bibliotecas" se transformavam em "prova do crime". Neste contexto, é interessante ressaltar a identidade dos companheiros comunistas e os valores – abnegação, solidariedade, desprendimento – presentes na vida privada e pública dos militantes.

Nos momentos de apreensão, essas "investidas frias e violentas" não parecem ter feito Osório sofrer, mas certamente causavam-lhe um mal estar íntimo, uma amargura subterrânea que viria explodir, depois de um longo trabalho interior, em *Porto Calendário*, em *Bahiano Tietê*, em *Maria Fecha a Porta prau boi não te pegar*, todos girando em torno do problema da hierarquia social, dos direitos humanos, da exclusão social, da luta entre a ambição e o sentimento. Aliás, esse foi o seu traço característico como escritor, o segredo do seu estilo inconfundível, registrado em sua trilogia.

Como se pode notar, Osório acreditava que a função libertadora do escritor transcendia a esfera do mero exercício artístico. Sobre esse seu humanismo literário Nelly Novaes Coelho acrescenta que em todos os atos ele visava ao homem, à comunhão que ele tinha com os homens. "Esse ar distante, contemplativo, esse compromisso que ele tinha com os homens... Isso era a marca registrada de Osório. Era uma das raras pessoas que eu pude conhecer que vivia, realmente, como parte de um todo. Isso era muito forte nele."[130] Segundo ela, a revolta de Osório contra as injustiças, contra os desvalidos, contra a prepotência, não era uma revolta política. Era uma revolta humanista.

[130] Entrevista concedida à autora em São Paulo, em junho de 2003.

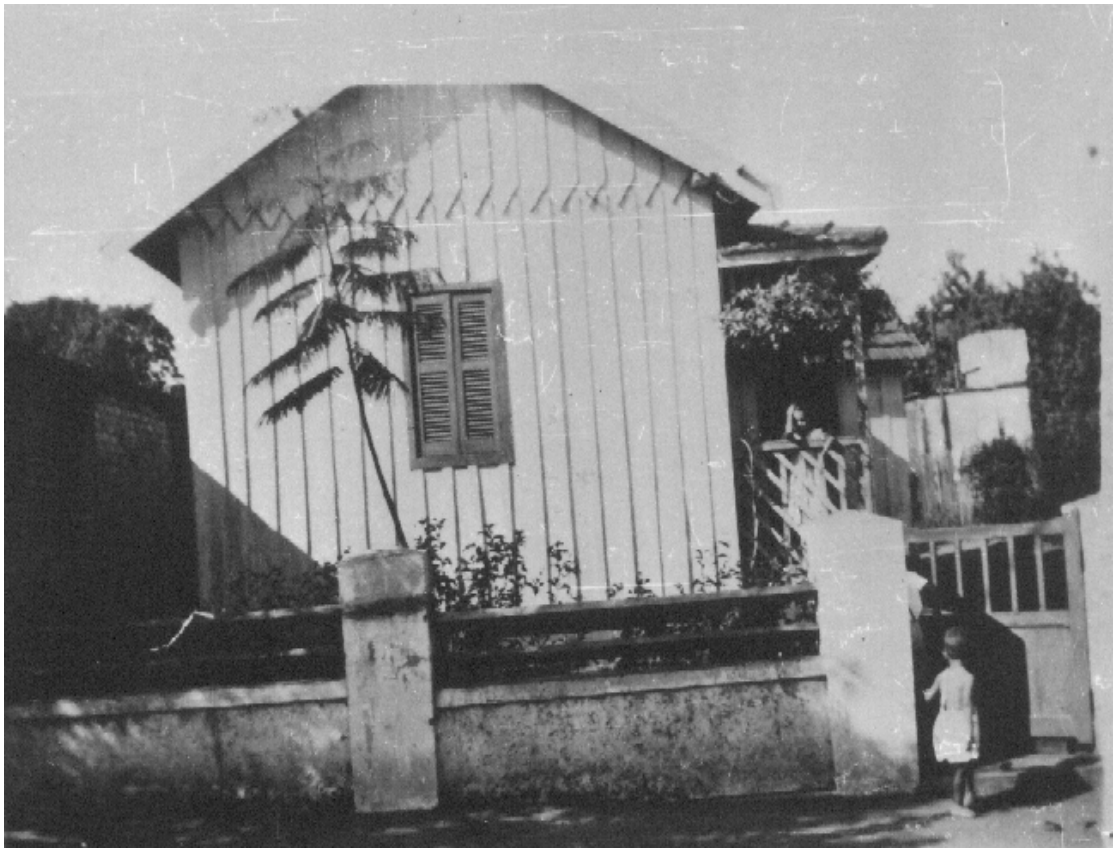


Foto 6 Residência de Osório Alves de Castro. Marília, rua Quinze de Novembro, 250. Arquivo de família.

COTIDIANO DE OSÓRIO

Numa casa espaçosa, enfeitada e limpa pelas próprias mãos da esposa, que nunca ficava inativa, só largando dos afazeres para cuidar dos filhos, tudo convergia para dar atenção ao Osório. A vida íntima, já sabemos o que era. O casal levava um vida aconchegante e mansa, sem uma aresta, sem uma nota dissonante. Josefa cuidaria das plantas do grande quintal, "quando lá fora os galos começavam amiudar"[131]. À tarde, Osório chegava para jantar invariavelmente ao soar das seis horas. Quando não retornava à alfaiataria para escrever, "dedicava-se à leitura dos jornais, coisa muito importante para este espectador de vida humana"[132], que se deliciava com os anúncios e os flagrantes de fatos diversos.

A casa da rua dos Operários, segunda residência do casal em Marília, também era de madeira, mas devia ser mais confortável do que a dos primeiros anos de casamento. Segundo informantes, possuía vários cômodos, pois, moravam ali Osório, Josefa, seis filhos, a sogra e uma tia de Josefa. Enfim, era uma casa modesta, mas alegre e festiva quando todos se reuniam para as refeições. Aos domingos, provavelmente, costumavam fazer o cardápio predileto de Osório: "cabrito, farofa, vinho e lingüiça", e o almoço transcorria como ele o relata em suas obras: "ruidoso e alegre"[133]. Havia muitas flores e "luz entrava escancarada pelas janelas."[134] Sem dúvida, esta cena dava ao casal os embargos das saudades e o prazer de viver coisas e amigos.

A música o empolgava e confortava-o. Em uma passagem de *Porto Calendário* Osório declara: "meu gosto é a música. Ela vem de fora pra dentro de mim. Quando tô danado, canto baixinho, e me alivia e ganho"[135]. Já em *Bahiano Tietê* este autor revela: "Minha modinha predileta é aquela "Tu não se lembra da casinha pequenina.... Boto na toada os dois coqueiros à frente, porém, não era assim não!"[136] Uma outra coisa que, também, o deixava

[131] CASTRO, 1961, 209.
[132] CASTRO, 1990, 83.
[133] CASTRO, 1961, 293.
[134] CASTRO, 1961, 294.
[135] CASTRO, 1961, p. 204.
[136] CASTRO, 1990, p. 32.

empolgado eram as visitas dos amigos. Sempre que alguém chegava na casa deste escritor, era recebido com uma hospitalidade peculiar por ele. Sorridente e "bastante familiarizado com as panelas" Osório se dirigia com a visita até à cozinha para fazer-lhe, pessoalmente, um café. Segundo depoimentos dos amigos, ele fazia "um café espumante e cremoso como ninguém". Também faziam parte deste cotidiano, a vida interior, as longas leituras, o horror à vulgaridade e o pesar à gravidade de uma alma precocemente amadurecida "pelas duras contingências da realidade." [137]

Este autor também não foi indiferente à natureza, amou apaixonadamente as plantas, os animais, os pássaros, as estrelas e, especialmente, os rios. E esse seu feitio exaltado a ela deu, em suas obras, colorido especial. Sentia-a, subjetiva e fortemente, compreendendo-a como uma projeção do homem, do seu estado de alma. Trechos como este são freqüentes em suas obras: "E como lhes era confortadora a madrugada alta, ver as estrelas no céu, sentir o bafo do rio, ouvir o amiudar dos galos, ver Juazeiro dormindo no comprido das ruas até o rio com as barcas e os vapores bambeando na correnteza."[138]

Segundo depoimento do próprio autor em *Maria Fecha a Porta prau boi não te pegar*, a Alfaiataria Rex "era uma grande sala, do lado esquerdo ficava a máquina de costura, a mesa de cortar e passar e um armarinho para guardar as linhas, ferramentas e tudo o mais que o aprendizado reservava às necessidades da aplicação."[139] Real ou irreal foi nesse ambiente que Osório passou, com raras exceções, todos os dias, escrevendo ou costurando. Dizem os amigos que ele era pontual e que muitos vizinhos se inquietavam, quando o viam demorar-se. Alguns freqüentadores da alfaiataria revelam, entretanto, que "Osório raramente falava de si, vivia calado, costurando pensamentos e personagens". Tal prática compõe o cerne de sua profissão: escritor. Escrever é, geralmente, um ofício solitário. Mas seria essa sua profissão ou vocação? Segundo o escritor Paulo Dantas, o bom baiano era alfaiate por obrigação, mas humanista e literato por profissão. No entanto, o "jeito solitário" e a "fisionomia

[137] CASTRO, 1961, p. 30.
[138] CASTRO, 1961, 209.
[139] CASTRO, 1979, 78.

severa" aliada à militância no proscrito Partido Comunista, distanciaram-no de um maior convívio na cidade de Marília. Assim, consta que a Alfaiataria Rex, em Marília, não possuía numerosa freguesia. Sorte da Literatura. Observe-se esta declaração:

> Naquela época eu era garoto, tinha uns treze ou catorze anos e já fazia alguns versos na cidade. E sempre me despertava a curiosidade para saber quem era esse Osório, esse alfaiate que escrevia. As referências que eu tinha dele eram literariamente boas, mas politicamente nem tanto, até porque ele não se filiava àquelas correntes mais tradicionais da cidade que eram, de certa forma, mais conservadoras. Eu ouvia dizer que ele era um alfaiate calado que, de vez em quando, pegava um punhado de papel de dentro de uma gaveta de seu balcão da alfaiataria e se punha a escrever... Fora isso, sabia que ele quase não saía. E quando saía, era para participar de algumas reuniões na Associação dos Alfaiates ou acompanhar os movimentos políticos que acompanhava um povo pela reforma agrária. Então, junto com ele, estavam sempre os amigos, Bernardo Severiano, irmãos Zaparolli, Reynaldo Machado e outros. Ele, politicamente, possuía vários amigos, mas literariamente era um sujeito solitário. Então eu o conheci porque uma vez criei coragem e apareci por lá com um verso, Estrela morta, e conversamos. Às vezes ficava lá, sentado, ouvindo as conversas dos adultos sobre autores brasileiros, cinema, política...[140]

Ao analisar o depoimento acima, pode-se concluir que, na falta dos fregueses, Osório criava seus personagens. Típico sertanejo e quase sempre calado passava os dias costurando palavras e ternos com o metro pendurado no pescoço e a tesoura, quase sempre, em uma das mãos. O relato acima revela, também, a convivência de Osório com os poucos amigos que recebia durante o dia. Mas a ausência destes não lhe importava. Osório, mesmo só, nunca se considerou um sujeito solitário. Dizia ele estar sempre bem acompanhado pela literatura. A esse respeito, leia-se em *Porto Calendário* a

[140] OLIVEIRA, Nildo Carlos. Entrevista concedida à autora em são Paulo, em janeiro de 2003.

passagem em que o personagem Orindo Brotas apresenta os livros a doutor Joãozinho, que o levaria ao Mestre Venceslau:

> Gosto também dos livros e seu mestre vai gostar bastante. Gosto de "A luta pelo Direito"...Bom. Bravo!, "A imitação de Cristo"...Gil Blas de Santilana... Bom também!"A citação no Direito Brasileiro..., isto não. Uma tramóia do safado! Joga fora, não adianta... Brochuras sobre a guerra...Ótimo! Um ensaio sobre Jures..., também propaganda, motivos da conflagração, interessante. Boa colheita![141]

Com essa descrição, podemos deduzir que Osório, como um bom leitor que era, tentava mostrar, sempre que possível, o universo que o circundava. Segundo seus familiares "em casa, ouvíamos sempre a *Rádio Nacional do Rio* e o *Grande Jornal Falado da Tupi*, na inconfundível voz de Corifeu Azevedo Marques. Quanto aos periódicos, lembro-me do *Hoje*, do *Classe Operária*, do *Última Hora*, do *Diário de São Paulo* e da *Revista Brasiliense.* "[142]

Assim, sempre bem-informado, Osório passou a articular suas críticas aos que gostavam de ouvi-las. Dizia ele: "O mundo está lastrado de injustiça: é só demorar o olho nas coisas e sentir." Nesta perspectiva, tais práticas, nas palavras de Clodomir Santos Morais, compatriota e entusiasta de Osório, revelam a alfaiataria como um espaço de "intelectualidade inquietante". Diante disso, pode-se dizer que a vida no interior da alfaiataria, as conversas, as leituras, o horror às injustiças, à gravidade de uma alma precocemente amadurecida pela vida, "pelas duras contingências da realidade", tudo favorecia, portanto, "para o triunfo do escritor-alfaiate", que entrava manso, mas firme, nos "Anais literários". Segundo este mesmo informante, este "famoso Senado de Marília (apelido que davam à alfaiataria) exercia enorme influência em todo aquele mundo que começava em Bauru". Enfim, "na alfaiataria, tudo se decidia. Lá estavam os oráculos de Marília." Tudo contribuía para o elevar, para o fazer feliz. E, numa ilusão consoladora, o autor

---

[141] CASTRO, 1961, p. 258.
[142] CASTRO FILHO, Osório Alves de. Entrevista concedida à autora em Campinas, em julho de 2003.

escreveria em *Porto calendário*: “Nem todos os homens descendem dos macacos. Alguns dos bois, outros até dos peixes... Alguns dos peixes: não podendo viver no rio, contentam-se em nadar dentro do copo.”[143] Por esse tempo ele devia ser feliz.

Esta passagem da carta de Clodomir Santos Moraes ressalta o “traço distintivo” de Osório que era culto e autodidata. Segundo ele, intelectuais da região vinham à sua alfaiataria em busca de um “um autêntico conhecedor de mundo e de cultura livresca”. Na entrevista concedida à pesquisadora Rosimar Alves Querino, Jayme Gasparoto, antigo habitante de Marília, corrobora a influência e o prestígio de Osório Alves de Castro junto aos amigos. Dizia ele: “Osório foi, na verdade, meu professor de literatura, foi o responsável, até certo ponto, pela minha formação. Passava os livros pra gente ler e tal. (...) A turma lá do ginásio tinha muita ligação com o Osório”

Dizem os amigos que Osório devia ter tido o dom, desde menino, para atrair simpatias, e “este temperamento tão fechado”, viria, certamente, sobretudo da sua “carranca sertaneja”, “da sua sensibilidade que sempre forcejou por esconder, mas que foi, neste racionalista, um meigo e forte pendor de humanidade, além da sua doçura de maneiras e completa ausência de inveja...” Se foi, porém, capaz de “despertar dedicações e simpatias”, Osório, além de ser uma “figura simpática, calada, mas espiritualizada”, nunca foi um apaixonado por “rodas literárias”, e, se gostou de pertencer a grupos literários, nunca se mostrou servil, nem intolerante.

Aos admiradores mais jovens, provavelmente amigos dos filhos de Osório, deve ter-lhes comunicado o gosto pelos clássicos, pois, segundo depoimentos de familiares, muitos “andavam lendo em casa, alguns até pediam livros emprestados a ele. Isso porque ele deixava a gente muito à vontade.” E assim, Osório repartiu-se entre os amigos, a família, a política, a literatura e o ofício, afinal, esse último era o “seu único meio de ganhar a vida”.

---

[143] CASTRO, 1961, 259.

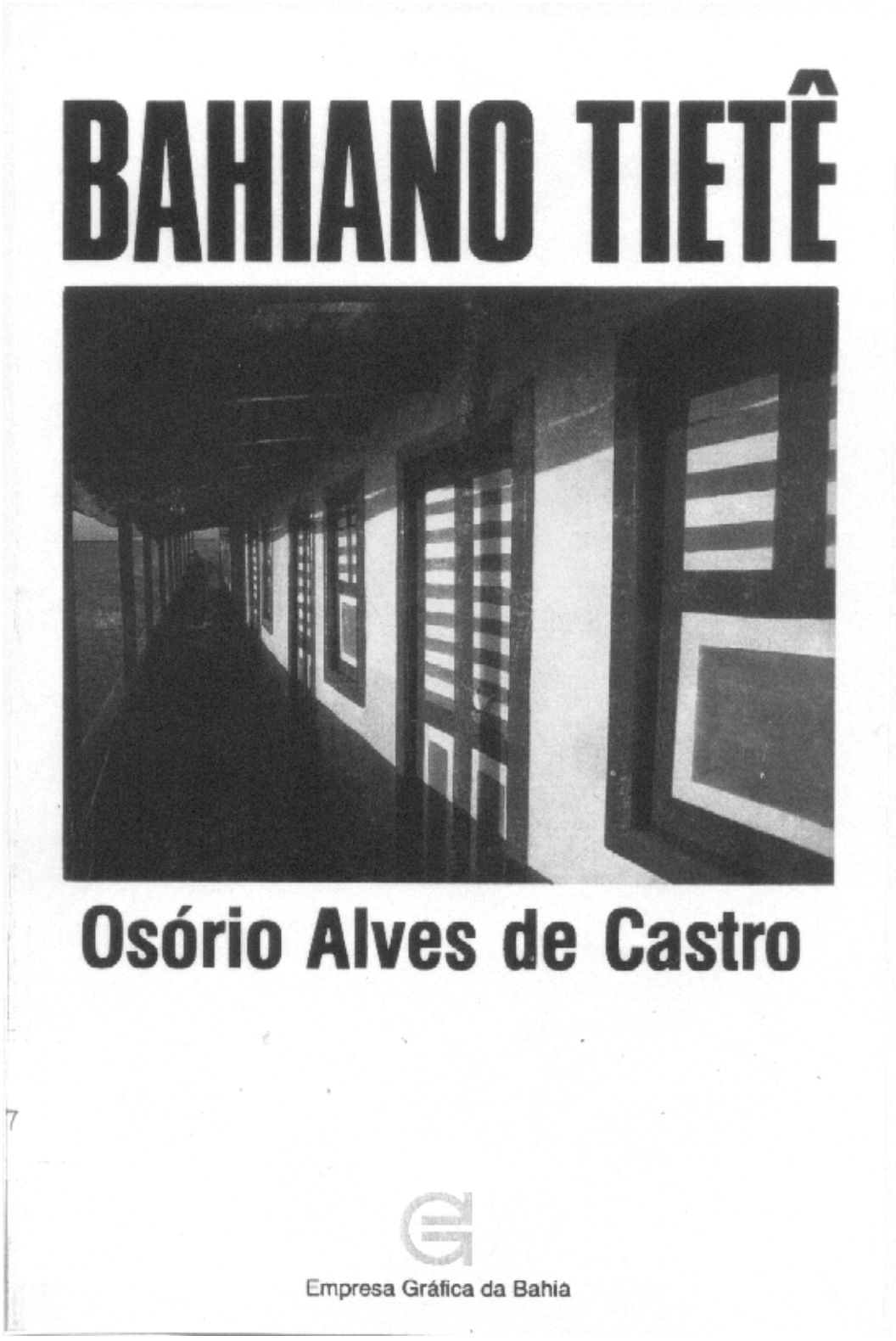


Figura 1 Capa de *Bahiano Tietê*, 1990, por Beto Cerqueira.

BAHIANO TIETÊ

Grande madrugador, Osório escrevia de manhãzinha, antes de ir para a alfaiataria, mas era à noite, no silêncio solitário, na perfeita comunhão de espírito, que Osório relia as novas páginas, longamente, anotando as distrações, as frases que lhe pareciam menos felizes, indo até a modificar uma ou outra expressão. Dizem os familiares que ele ficava na alfaiataria e escrevia à noite, "era lá que ele se dedicava à obra", ainda em preparo. Em tudo isso se sente, a par da ternura, a dedicação de Osório pela sua "sapiranga". Assim se confirma que o romance era a transposição de sua vida. Mais tarde, as obras de Osório diriam aos leitores: "ali passara os dias felizes, as amarguras de sua existência: a vida e a morte..."[144]

Mas autodidata, sem alguém para datilografar e corrigir-lhe os textos, é possível que apareçam construções fantasistas em suas narrativas. Na verdade, a dizer pelos primeiros originais e pelas críticas de Wilson Martins e Alcântara Silveira, Osório nunca se entendeu bem com a ortografia, craseava os "a" de maneira aleatória, iniciava os períodos com pronomes de maneira incorreta e exagerava na pontuação, sobretudo dos pontos de exclamação e reticências. Mas mesmo então, consoante Paulo Dantas e Beth Brait, já a "sua frase tinha um tom forte e coeso", apresentava aquele "nervo sertanejo", aquela precisão que revela o escritor nato.

Segundo Paulo Dantas, nos ensaios da obra, Osório contava a "história da sua gente", protagonizada por Orindo Brotas, num esquema narrativo contínuo, mas que nem sempre era encadeado. De forma anárquica, ele não aceitava delimitar blocos narrativos compactos, misturando-os de maneira aparentemente aleatória, "ignorando de propósito uma seqüência coerente e regular". Há quem diga que o melhor estilo é não ter estilo, porém, este era o estilo de Osório, não seguir nenhum. Outro aspecto desse exercício é visto por Paulo Dantas como "uma nova força indomável do sertão que nascia". Sem cair no chavão, pode-se dizer que sua obra "não é somente um produto só do meio, é da história," da sua história de vida.

---

[144] CASTRO, 1961, p. 39.

Sobre essa obra-prima, um aspecto particularmente relevante é o título dessa narrativa: *Porto Calendário*. Como o nome já indica, nela o autor situa suas histórias num universo de transportadores e vendedores de mercadorias, numa época em que as barcas no rio São Francisco representavam o único meio de se realizar essa tarefa. Segundo Osório Alves de Castro, o título do livro é claro: “tudo isso está claro, é o encadeamento dos fatos que narro. O porto é o rio, o calendário é o tempo: o tempo descendo. Acho que está tudo claro.”

E a área de abrangência desse retrato é um recorte do sertão baiano, drenado pelos filiados à Bacia do rio Corrente, afluente do São Francisco. Segundo o escritor Paulo Dantas, Osório, ao escrever sua obra, “lembrou-se dos filmes da infância dele e foi pondo tudo no papel”. E é esta mesma idéia que aparece na análise do jornalista e escritor Nildo Carlos de Oliveira. Segundo ele, “Osório fez sua literatura em função da literatura, e imbricado nesse conjunto todo, há algumas peculiaridades de sua experiência, de sua militância”.

Na redação dessa “rapsódia bárbara”, como já foi chamada por alguém da crítica, Osório termina de contar sua “saga” na pele do personagem Bahiano Tietê. Na seqüência das páginas desse “grande romance” ele relata a trajetória dos sofridos homens do São Francisco que, cheios de esperanças, “subiam para São Paulo, dormindo em redes, acampados costas às costas, entre animais domésticos e o tacão indobrável do comissário de bordo. (...) A não ser as crianças nos colos das mães, e os velhos jogados no lastro, o restante dormia sentado.”[145] É assim que o autor transcendia, de forma artística, a sua realidade, testemunhando a relação íntima que ele tinha com o sertão, sua gente, as barcas e o rio. Ele foi, portanto, testemunha da própria história que criou.

Osório parece ter tido o intuito de decifrar e redesenhar geograficamente o seu meio, dando sentido às vozes dos grupos com as quais ele se identificava. A voz das personagens que habitam seus romances possibilita a redescoberta de uma região, de traços de uma cidade, ou melhor, de um estilo

[145] CASTRO, 1990, p. 24.

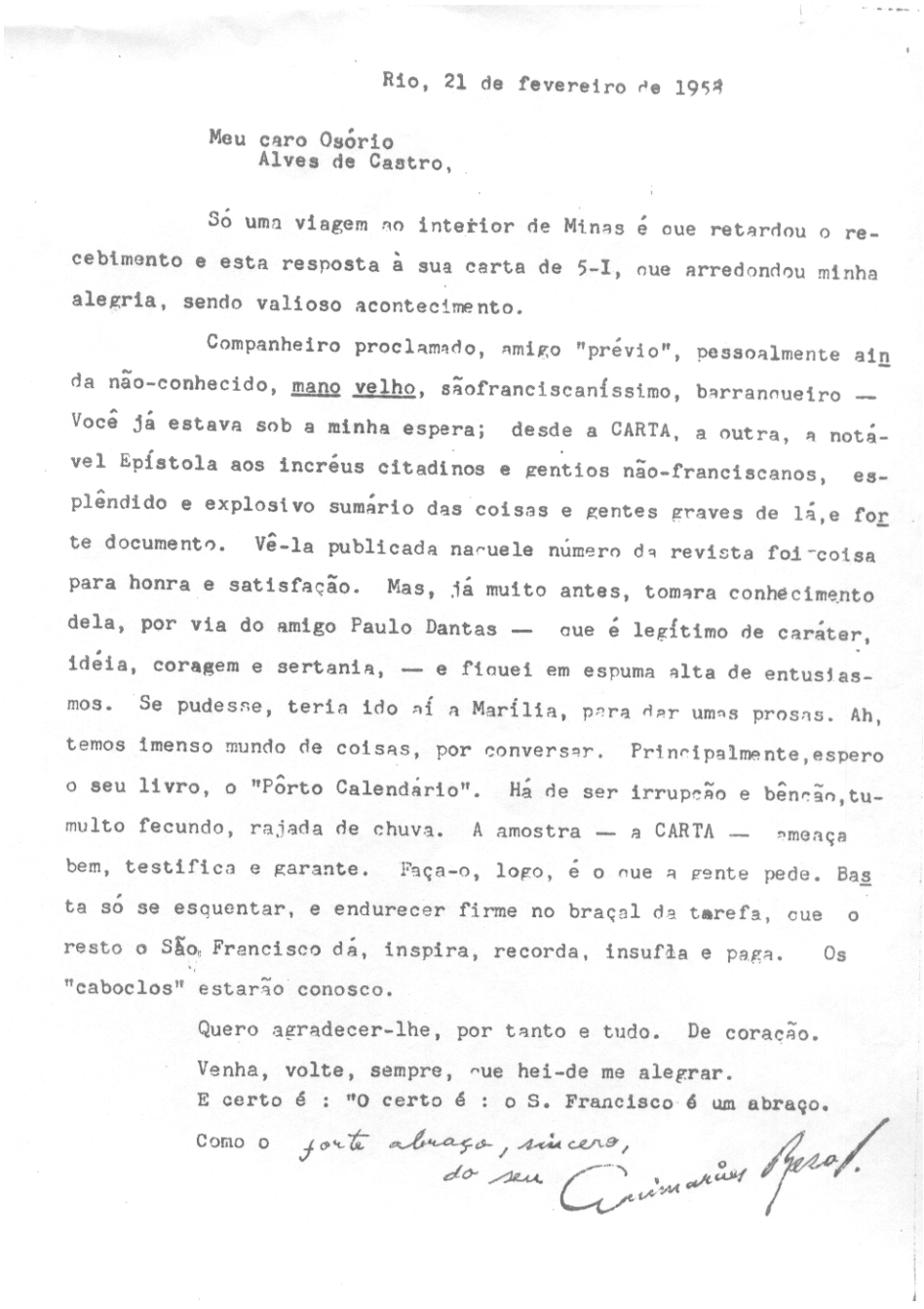
de voz afinada com as vozes daqueles que habitavam o “espaço de exclusão”. Em suma, a literatura de Osório é, sobretudo, a narrativa do espaço que ele experienciou.

Esse escritor devia mesmo ter tido qualidades superiores, ter sido, segundo os amigos, “um fino exemplar de humanidade” e “ousadia intelectual”. Esse “bom baiano que estava prestes a colher os primeiros louros literários” sem o saber, no final dos anos 50, após ler *Grande Sertão: Veredas* ousa pensar em voz alta o que o livro lhe proporcionara. Para esse escritor-alfaiate, ainda anônimo, identificar-se com a saga dos personagens de Guimarães Rosa e não se calar foi o início de uma nova vida. Sobre esse romance, que diria Osório aos amigos? Para ele esta obra só teria existência subjetiva? O que pensava Osório nesta época? Enfim, comentando os assuntos dessa obra na alfaiataria com os amigos, Osório resolve escrever uma crítica sobre ela e enviá-la, em uma carta, ao jornalista J. Herculano Pires, que, após mostrá-la ao escritor Paulo Dantas, resolve publicá-la na *Revista Diálogo.* Eis alguns trechos da carta:

> A Região São Franciscana
>
> Marília, 5 de março de 1957
>
> Caro Herculano Pires:
>
> Saúde para você, o casal e a meninada. Estou aproveitando a pequena féria do carnaval para escrever-lhe sobre o que conversamos acerca do GRANDE SERTÃO: VEREDAS, de J. Guimarães Rosa. Se algum dia você tiver a felicidade de embrenhar-se pela região São Franciscana, nos seus três sertões – o alto, o médio e o baixo, terá a convidativa contemplação para um grande mistério.
>
> O São Francisco é uma liberdade. Agora que o mistério vai se desbulhando, e entrega suas reservas à linguagem de um romancista, ficamos maravilhados ante essa peleja de medir o universo.
>
> Nasci na mesma região, ouvi dentro da minha casa, a subversão da semântica fazendo as mesmas conversas como se cavaca nos troncos dos cedros e dos tamborys, o oco das canoas. Decifrando o

> destino e ranzinzando contra a tristeza, nossa imaginação esparrama-se na terra como as águas da enchente. Não vou lhe arrastar nem para o lado sentimental, nem humorístico. O humano começa sempre na tragédia: entre ela e o epílogo, está nosso mundo das regras, estranho às coisas que por lá vivem, nos trechos emocionais das “sagaranas” [...]
>
> [...] O São Francisco não é somente um reservatório de riquezas materiais. Em três séculos de isolamento, criou também reservas humanas.
>
> Como você sabe, venho há vinte anos, com minha incapacidade, procurando reunir, a meu modo, o que sei das coisas de lá. Senti uma ajuda agora com a coragem e a inteligência de J. Guimarães Rosa. Mando-lhe alguns de seus personagens e aspectos, através de minha sapiranga [...].
>
> Abrace o velho amigo,
>
> Osório Alves Castro

Superioridade mostrou Osório nessa atitude, e o apreço em que lhe tinha J. Herculano Pires, cujas apresentações a Paulo Dantas e, posteriormente, a Guimarães Rosa, haviam sido, aliás, feitas com tato e prestígio costumeiro. Mais tarde, a carta-resposta, datada em fevereiro de 1958, finalmente, traz o incentivo e o patrocínio intelectual que faltava a Osório. Segue-se a carta:



Rio, 21 de fevereiro de 1958

Meu caro Osório
Alves de Castro,

Só uma viagem ao interior de Minas é que retardou o recebimento e esta resposta à sua carta de 5-I, que arredondou minha alegria, sendo valioso acontecimento.

Companheiro proclamado, amigo "prévio", pessoalmente ainda não-conhecido, mano velho, sãofranciscaníssimo, barranqueiro — Você já estava sob a minha espera; desde a CARTA, a outra, a notável Epístola aos incréus citadinos e gentios não-franciscanos, esplêndido e explosivo sumário das coisas e gentes graves de lá, e forte documento. Vê-la publicada naquele número da revista foi coisa para honra e satisfação. Mas, já muito antes, tomara conhecimento dela, por via do amigo Paulo Dantas — que é legítimo de caráter, idéia, coragem e sertania, — e fiquei em espuma alta de entusiasmos. Se pudesse, teria ido aí a Marília, para dar umas prosas. Ah, temos imenso mundo de coisas, por conversar. Principalmente, espero o seu livro, o "Pôrto Calendário". Há de ser irrupção e bênção, tumulto fecundo, rajada de chuva. A amostra — a CARTA — ameaça bem, testifica e garante. Faça-o, logo, é o que a gente pede. Basta só se esquentar, e endurecer firme no braçal da tarefa, que o resto o São Francisco dá, inspira, recorda, insufla e paga. Os "caboclos" estarão conosco.

Quero agradecer-lhe, por tanto e tudo. De coração.

Venha, volte, sempre, que hei-de me alegrar.
E certo é : "O certo é : o S. Francisco é um abraço.

Como o forte abraço, sincero,
do seu Guimarães Rosa.

Carta de Guimarães Rosa a Osório Alves de Castro, 1958. Acervo: Biblioteca da Câmara Municipal de Marília.

Alguns meses depois, a repercussão da carta de Osório publicada na *Revista Diálogo*, cuja cópia fora enviada a Guimarães Rosa, é assunto na correspondência deste escritor a Paulo Dantas. Observe-se um trecho dessa carta em que Osório é mencionado com grande entusiasmo:

> Rio, 10-VIII-57
>
> Paulo Dantas, caríssimo, estradeiro-mór de vereda acima, quebrador de coco, portador da alegria amontoada, escrevente criminal do Sertão!
>
> Estou tonto e alegremente de repente; tonto = “bicudo”, “pingudo”, sorvedouro, bebido, cheio de boa legítima da Januária [...]
>
> E, agora, a carta. A espantosa, a estouradora carta, mensagem dos cem mil cavaleiros: aquilo é o sertão do São Francisco, nosso, inteiro, despejando gente célebre, e lugares enrolados, tudo com os respectivos foguetes, tiros, relinchos de cavalos: a carta de Osório Alves de Castro! Ai, de novo tonteei. Oh, homem do São Francisco! Pudesse eu ia lá, em Marília, conversar com ele, três noites e três dias, seguidos, sem pausa nem pio, sem fio de pavio. Foi para mim uma rajada, um desembesto, um desadoro, um desabalo. Não tenho palavras. Foi um filme doido, vero, cinerama, passando diante de mim, de minha velhice-na-infância. Relembrei, de repente, mais um milhão de fatos, de ricas coisas. Vou relembrar mais. Vou despejar. Deus é grande. (Confidência: um filho de Sancho Ribas, na carta citado, foi colega meu no colégio interno, foi um dos que me descreveram a invasão de São Francisco pelos jagunços; dois filhos do Coronel Caciquinho também. A vida é vária, e comprida).
>
> Você agradecerá por mim ao nosso caro Herculano (sinceramente, é dos do meu maior apreço, acho nossos anjos-da-guarda combinam, literária e humanamente), a remessa da cópia, presente precioso. E vê se pode mandar dizer ao Osório Alves de Castro que escreva logo, logo, logo o “Porto Calendário”, que deve ser alguma coisa carnuda e tatanuda, já estou certo – ele escreve, na carta se vê, milhões de vezes – com uma verdade de realidade e de arte, com um ferver novo, uma tremenda e poderosa pulsação de vida. Este homem Osório Alves de Castro eu quero ver, ouvir, abraçar e conhecer, para admirar mais. Será que ele nunca vem ao Rio?

> Paulo Dantas, como vê, estou fazendo de você o meu Embaixador, muito leal e caríssimo. É que eu mesmo não tenho tempo nem jeito de escrever, estou arrastado no turbilhão da vida, das gentes, das coisas, do bafafá e fuzuê; estou sem ar, sem minutos, quase nem não durmo. Me acode, me vale Irmão! [...] Paulo Dantas, viva o sertão de São Bom Jesus! Seu
>
> Guimarães Rosa Guimarães Rosa.[146]

[146] DANTAS, Paulo. *Sagarana emotiva*. São Paulo: Duas Cidades, 1975, p.70.

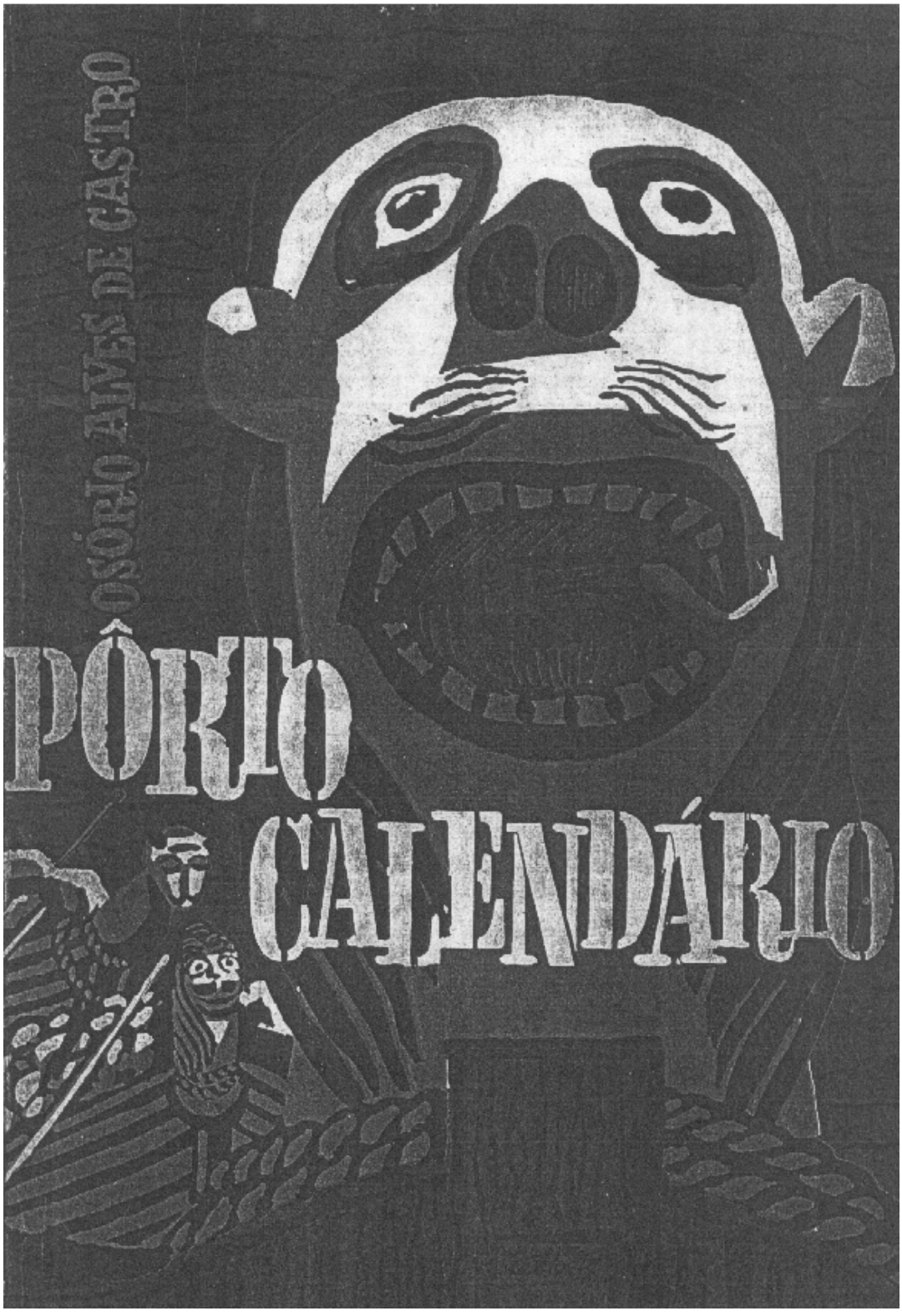


Figura 2 Capa de *Porto Calendário*, 1961, por Edgar Koetz.

PORTO CALENDÁRIO

Com todo esse incentivo do meio literário, o alfaiate-escritor ia, afinal, revelar-se com sua "sapiranga" redigida na década de 40. Mas, para publicação, esta lhe custou, ainda, alguns anos de preparo, correções e aperfeiçoamentos, uma vez que *Bahiano Tietê* se desdobra em *Porto Calendário.* Este romance vem a público em 1961. Dizem os antigos moradores que, no início de 61, Marília "se agita com a mais nova voz da cidade". Consoante depoimentos de Nildo Carlos Oliveira, Paulo Dantas e Nelly Novaes Coelho, "é neste período que Osório se consagra como romancista".

Com a publicação de *Porto Calendário*, nome que, a princípio, seria *Bahiano Tietê*, atingiu Osório a culminância de sua carreira como romancista. Agora era só recolher os louros que de toda parte lhe vinham chegando. Primeiramente *Porto Calendário* foi editado em São Paulo, na Francisco Alves, cidade por onde ele "perambulara pelas ruas desertas como um peixe encadeiado, pedindo quase num sussurro: cidade, dai-me os seus segredos"[147] quase quarenta anos antes. Agora, na década de 60, ele era acolhido por esta "gente desconhecida e apressada"[148] com o entusiasmo que merecia. Diziam alguns críticos: "só mesmo um filho da região, nascido, criado e brotado da terra e do rio poderia ter escrito um romance de tal porte e calibre."

Segundo familiares, o reconhecimento de sua obra pode ser sinalizado pelo "intenso movimento ocorrido em sua alfaiataria". Nesta época, Osório, além de participar de algumas noites de autógrafo em Marília e em São Paulo, concede entrevistas, profere conferências e discursos. "Orindo fez o discurso da saudação, perdeu-se num palavreado cheio de adjetivos, medidos para satisfazer a situação, e terminou, suado e frio, levantando um brinde à Santa Maria da Vitória."[149] Era o prestígio, era a glória. De Orindo Brotas ou de Osório Alves de Castro? Quem era, afinal, esse Orindo Brotas? Nesse plano Osório e Orindo se confundem. Por essa época, Osório é convidado,

[147] CASTRO, 1990, p. 60.
[148] CASTRO, 1990, p. 63.
[149] CASTRO, 1961, p. 293.

provavelmente, pela professora Nelly Novaes Coelho, a proferir um discurso na FAFI - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília, Instituto Isolado.

Nessa conferência, “Uma nova dimensão do romance brasileiro”, Osório Alves de Castro discorre sobre sua sofrida trajetória de sertanejo insubmisso, referindo-se à influência que ela exerceu sobre sua obra prima em que Osório relata, “na pele de Orindo Brotas”, herói que escapa ao fatalismo da região e foge para a “idade grande”, toda sua saga. O autor revela que esse deslocamento precoce do sertão fez brotar nele um profundo conhecimento de mundo, juntamente com “uma força natural e espontânea da natureza”. E este autor-personagem, intimamente identificado com o meio agressivo que o cercou, revela que “deixou-se rolar pela vida como as barcas daquele rio.” Enfim, esse seria o fator responsável pelo conhecimento profundo que sua obra traz acerca do mundo. Em seguida, o autor relembra “o mundo tumultuoso” que antecedeu a Semana de Arte Moderna e algumas leituras que fez, citando *A Peste,* de Albert Camus, *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa e o personagem Brás Cubas, de Machado de Assis.

Por fim, Osório cita o francês Mauriac para confessar que “*Porto Calendário* não ganhou uma popularidade generalizada, mas vem desfrutando um certo interesse por antever na sua composição de facilitar, pela fidelidade, a aproximação dos sentimentos humanos”. E prossegue revelando quanto à linguagem em sua narrativa que, atendendo a uma “preferência de singularização e estruturação básica”, sucedem-se, nas diversas histórias, “as expressões como movimentadoras do drama em trânsito pelas emoções humanas” Para encerrar, relata alguns temas abordados em *Porto Calendário*, como pós-guerra, migrações, peste, seca e fome.

Por esse tempo, de toda parte lhe chegavam os ecos de seus triunfos. Basta, para mostrar a sua “consagração literária”, dizer que, no final de 61, Osório Alves de Castro conquista prêmio Jabuti, recebe título de Menção Honrosa da Prefeitura Municipal de São Paulo, e participa do programa *Brasil-61* de Bibi Ferreira, na Televisão Paulista. Nesta época, Osório torna-se conhecido também pela sua “famosa etiqueta” com os quatro versos de

D’Annúnzio. Em uma entrevista, o alfaiate-escritor comenta orgulhoso: “ela se tornou famosa na capital e até na Europa. Uma revista européia chegou a publicar uma reportagem sobre minha etiqueta. Queriam que eu fosse até lá!” Essa etiqueta também foi referenciada, em janeiro de 62, em uma das cartas do escritor João Antonio com uma cronista, provavelmente sua amiga. Na correspondência seguinte, este mesmo autor envia à amiga a etiqueta de Osório dizendo: “Ilka, essa é a etiqueta sobre a qual lhe falei, é de um escritor-alfaiate, ele é dos nossos.” Como nos prontuários do DEOPS não há nenhum registro se referindo à atuação política de Osório, provavelmente, nesta época, ele tenha se dedicado somente às suas atividades literárias.



Figura 3 Etiqueta da Alfaiataria Rex, na qual Osório transcreve os quatro versos de D’Annúnzio. Arquivo de família.[150]

[150] Transcrição da etiqueta: Osório – Alfaiate “Tutto fu ambito e tutto fu tentado, quel che non fu fatto, io lo sognai” Marília.



Foto 7 Lançamento de *Porto Calendário* na Ed. Francisco Alves, São Paulo, 1961. Arquivo de família.

Segundo Nildo Carlos Oliveira, seu romance foi visto, por alguns críticos, como uma espécie de manifesto que sintetiza uma crítica incisiva aos preceitos da sociedade burguesa, sendo considerado como “a sustentação de sua ideologia”. Assim, “o seu fazer artístico-politizado” proporciona-lhe uma viagem a Moscou, a convite de um jornal soviético. Em 28 de julho de 1962, Osório embarca para a Rússia. Muitos dias depois, retorna com “novas vias de expressão”[151] e muitos livros na bagagem.

Este deve ter sido para Osório um período de grande satisfação íntima, pois além compartilhar com os amigos a relativa repercussão de sua obra, pode realizar um velho sonho, conhecer a Rússia. Agora envelhecia docemente, entre o carinho da esposa, os conhecimentos adquiridos em “uma viagem que fez pelo mundo, e os contatos que teve com povos estrangeiros.”[152] Havia também outra satisfação, a consideração que recebia dos intelectuais da cidade. Por esse tempo sua situação não poderia ser melhor. O respeito, a admiração e a estima o cercavam.

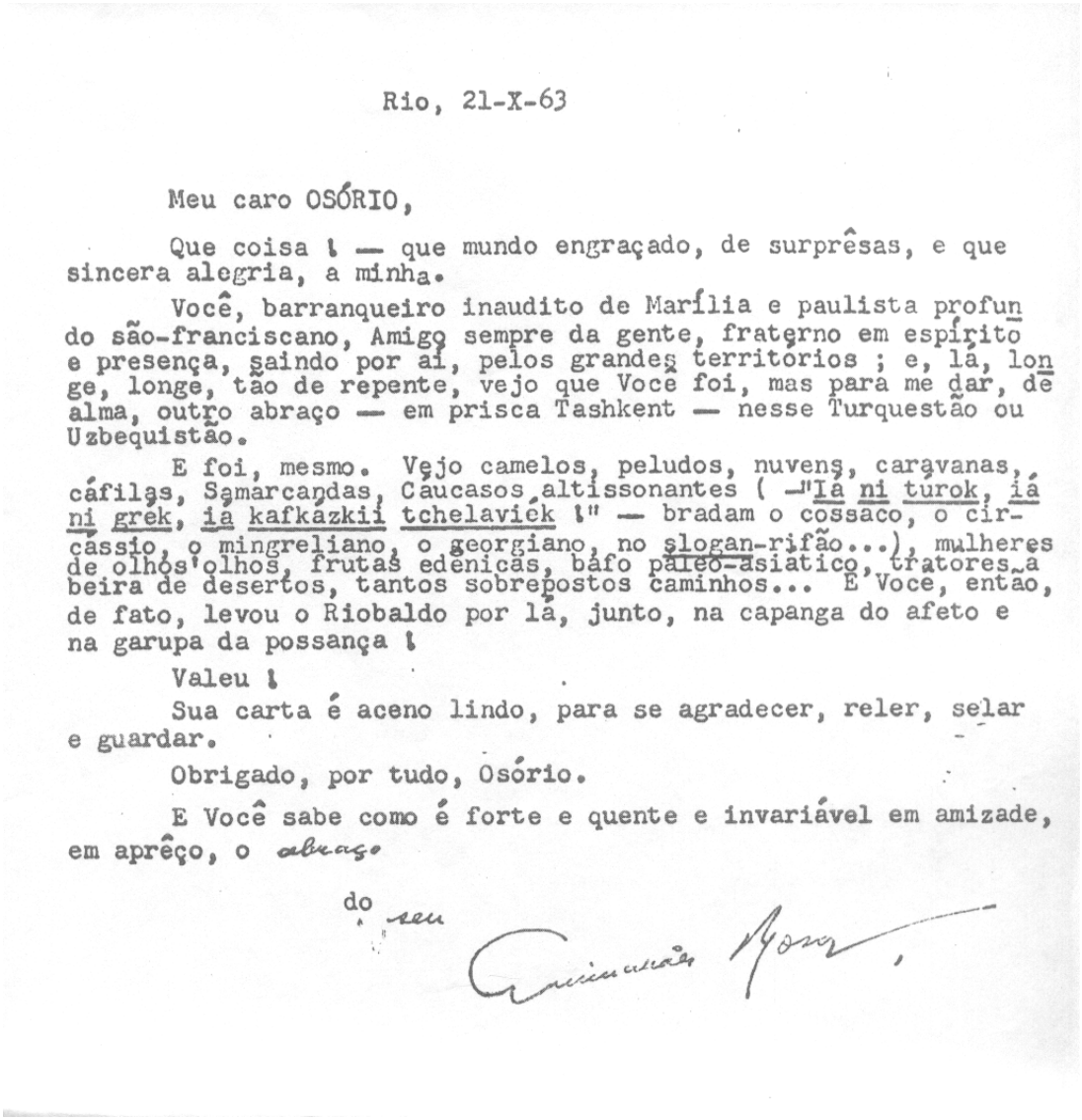
Ainda que poucos leitores tenham conseguido descobri-lo, o reconhecimento da importância de seu romance repercute no âmbito da crítica. Nesta época, sua obra recebe críticas de Wilson Martins, Jaime Martins, Sérgio Milliet, Alcântara Silveira, Casais Monteiro e outros. Entre 1961 e 1963 sua obra de estréia mereceu várias referências em dicionários, revistas, livros, e periódicos do interior e da capital. Dessa época, as referências mais significativas vieram dos veículos: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano, O Globo, Diário de Notícias* e *Última Hora*. Para Osório os meses agora iam correndo, numa doce e alegre monotonia...

Seria já a posteridade que o mirava? Permaneceria ele em evidência nos anos posteriores? Não. O êxito literário seria relativo e momentâneo, naturalmente. Levando-se em conta o pequeno público leitor, juntamente com a falta de tempo, apoio e condições de Osório Alves de Castro para investir em sua carreira, ver-se-á que ele não foi um escritor sem repercussão. Se por

[151] CASTRO, 1961, p. 206.
[152] CASTRO, 1990, p. 129.

esse tempo a situação literária de Osório parecia-lhe confortável, infelizmente, nos anos seguintes, ela cairia em certo ostracismo. Mas, ao contrário do âmbito literário, no âmbito da política Osório mantinha, por esse tempo, um nome em constante evidência. Em julho de 1963, vemo-lo de novo perseguido pelo Departamento de Ordem Política e Social.

Alguns meses depois, Osório resolve escrever, novamente, a Guimarães Rosa. As notícias enviadas, provavelmente, seriam as referências literárias publicadas acerca de sua obra, o retorno da recente viagem que fizera, enfim, assuntos com que Osório julgava, por dever, testemunhar-lhe sua gratidão. A carta seguiu. Foi lida e apreciada. Observe-se a resposta, a qual o autor anexou *Primeiras Histórias*, como presente a Osório:



Rio, 21-X-63

Meu caro OSÓRIO,

Que coisa ! — que mundo engraçado, de surprêsas, e que sincera alegria, a minha.

Você, barranqueiro inaudito de Marília e paulista profundo são-franciscano, Amigo sempre da gente, fraterno em espírito e presença, saindo por aí, pelos grandes territórios ; e, lá, longe, longe, tão de repente, vejo que Voce foi, mas para me dar, de alma, outro abraço — em prisca Tashkent — nesse Turquestão ou Uzbequistão.

E foi, mesmo. Vejo camelos, peludos, nuvens, caravanas, cáfilas, Samarcandas, Caucasos altissonantes (—"Iá ni turok, iá ni grek, ia kafkazkii tchelavick !" — bradam o cossaco, o circássio, o mingreliano, o georgiano, no slogan-rifão...), mulheres de olhos'olhos, frutas edênicas, bafo paleo-asiatico, tratores à beira de desertos, tantos sobrepostos caminhos... E Voce, então, de fato, levou o Riobaldo por lá, junto, na capanga do afeto e na garupa da possança !

Valeu !

Sua carta é aceno lindo, para se agradecer, reler, selar e guardar.

Obrigado, por tudo, Osório.

E Você sabe como é forte e quente e invariável em amizade, em aprêço, o abraço

do seu Guimarães Rosa.

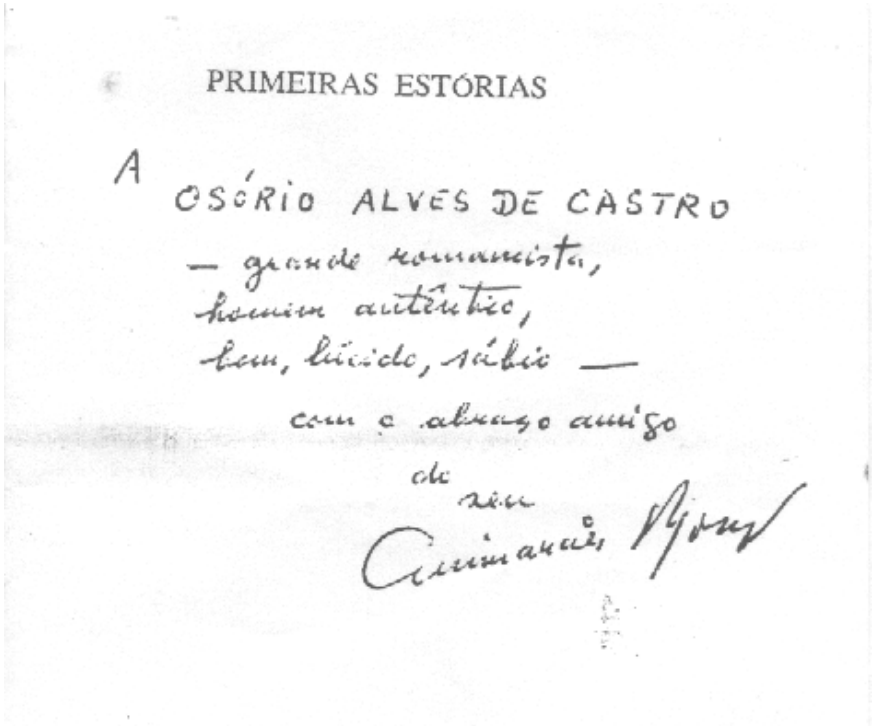
Carta de Guimarães Rosa a Osório Alves de Castro, 1963.

Acervo: Biblioteca da Câmara Municipal de Marília.

Segundo Antonio Dimas, o contato entre Rosa e Osório só não foi mais intenso devido à imensa distância que os separava. Osório, alfaiate, morava em Marília, interior de São Paulo; Rosa, como se sabe, vivia no Rio. Entretanto, o tom de suas cartas demonstra que a linguagem encurtava o espaço. Por outro lado, a dedicatória trocada entre ambos, manuscrita na folha de rosto de suas obras atesta bem a proximidade desses escritores. Observe-se a dedicatória de Osório a Guimarães, em *Porto Calendário*:

> "Caro Guimarães: se não fosse a ajuda que V. me deu, com sua coragem de trazer à literatura de nosso pôvo, jamais poderia ouvir a voz vindo do fundo de minha genesi gritando:
>
> Amabonzai!...
>
> ... e ele nasceu,"
>
> Marília, Natal de 1961.

A seguir, dedicatória de J. Guimarães Rosa no volume *Primeiras Histórias* presenteado a Osório Alves de Castro.


PRIMEIRAS ESTÓRIAS

A
OSÓRIO ALVES DE CASTRO
— grande comunista,
homem autêntico,
bom, lúcido, sábio —
com o abraço amigo
do seu
Guimarães Rosa

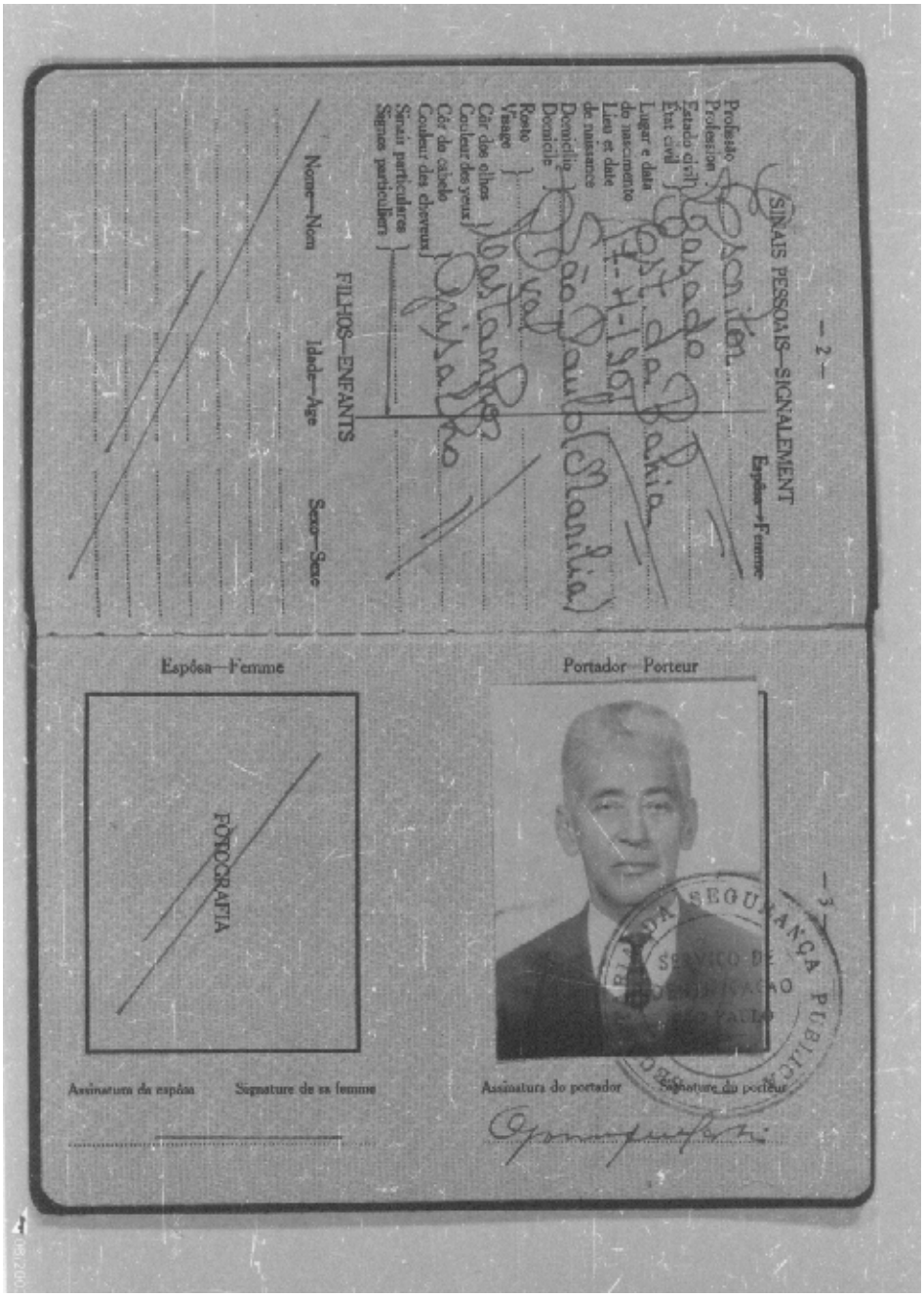


Foto 8 Passaporte de Osório Alves de Castro, junho de 1963. Observe-se nesse documento que Osório, nessa época, assumiu a profissão de escritor. Arquivo de família.

LITERATURA SÃOFRANCISCANA

Após viagem ao exterior, Osório, mesmo premiado e reconhecido pela crítica, continuou a trabalhar em sua alfaiataria e a receber os amigos em reuniões geralmente no final da tarde. Vez ou outra era requisitado por alguns professores de literatura da cidade para proferir algumas conferências. Escritor premiado exibia aos amigos não o troféu, mas a tesoura que o acompanhou nos anos claros e obscuros e o ajudou a formar os seis filhos. Orgulhoso, costumava dizer: “Vejam, ela é a minha liberdade!” Segundo depoimentos dos familiares, a badalação e o círculo de determinados autores e políticos que viviam sob a mídia local eram-lhe insuportáveis. Consta que Osório nunca participou de cargos públicos, nem freqüentou salões, coquetéis ou círculos literários para se autopromover. Enfim, Osório sobreviveu, num país de parco público leitor, quase sempre de seu ofício de alfaiate e, infelizmente, muito pouco de sua literatura. Afinal era difícil conciliar o gosto pela literatura e a necessidade de sustentar uma família de seis filhos na base de agulha, linha e botão.

Mesmo assim continuou escrevendo, dando vida aos velhos personagens do sertão, guardados na memória ou nos manuscritos, ferramentas de sua produção e inspiração. Conforme Nelly Novaes Coelho afirma, “Osório compreendia a literatura como um canal de transformação”. Sobre sua literatura, Paulo Dantas, escritor regionalista, revela que “*Porto Calendário* é um livro único na literatura brasileira” por causa de sua linguagem autêntica, “que é o retrato da região sãofranciscana, a região de Osório”. E prossegue: “o *Grande Sertão,* do Rosa, também é de uma região do São Francisco. Pode ser que eles se aproximem por causa do rio... Mas a linguagem de Osório é mais autêntica. Já a do Rosa é metafísica, bem-inventada.” E não poderia ter sido diferente, porque *Porto Calendário* traz o falar das barrancas, da sua gente. Há em sua obra, a par da filosofia amarga com gosto de cinza, um sopro de vida, uma voz de testemunho, um tom que sempre há de achar eco no coração humano. Na verdade, seus livros foram feitos mais com o emoção do que com a razão.

Não é preciso alongar os exemplos de depoimentos acerca de sua literatura. Por suas obras vê-se bem que Osório, ao mesmo tempo em que apresenta um conceito de militância política, deixa transparecer a preocupação de buscar, na sua realidade sertaneja, uma fonte temática autêntica, visto que poucas obras abordavam como a dele a região sãofranciscana. Percebe-se, então, seu grande esforço de mostrar o Brasil ao próprio Brasil. Narrando a sua saga pelo sertão, Osório descreve:

> A viagem desenvolvia-se das quatro da manhã às cinco da tarde com uma hora de almoço. Nus, lustrosos de suor, os remeiros mourejavam sem parar. Sem descanso, correndo, empurrando com a vara apontada no peito, verticalmente colados às coxias, músculos retesados. Remeiro do São Francisco não pode parar, é como o mundo. À noite caem extenuados sobre as vazantes úmidas dos pousos, chupados pelas muriçocas. Rescendia dos corpos suados uma fedentação azeda [...].[153]

Algumas décadas mais tarde, sobre a publicação de *Porto Calendário*, Osório declararia, em entrevista, que sua obra ”terá voz clara ou rouca, mas contará muitas coisas passadas como os dias que vão e vêm, a lua que cresce e míngua, as águas subindo e descendo e dos homens que são jagunços, são coronéis, são remeiros, são tudo, mas são criaturas sensíveis e têm um mistério que não sabemos bem o que é.” Para ele, “a história de um livro, por mais insignificante que seja, é um episódio da história da literatura do seu país, e se não interessa aos leitores e críticos, pelo menos conforta o autor pela participação que deu à cultura de sua terra.”[154]

Neste sentido, pode-se dizer que Osório conseguiu realizar seu objetivo, pois, ao resgatar a região sãofranciscana e apresentá-la, autenticamente, ao Brasil, ele, por meio de sua criação e de retratos de sua própria vida, resgatou a cultura de sua terra e (re) inventou a história de sua gente. Sobre esse assunto, entretanto, Nildo Carlos de Oliveira declara:

---

[153] CASTRO, 1961, p.214.
[154] CASTRO, Osório Alves de. Uma nova dimensão no romance brasileiro. In: *Revista Alfa*, Marília, n° 3, p. 92, mai – 1963.

> É difícil de imaginar que aquela cidade é a cidade daquele tempo, do tempo de Osório. Não havia mais aqueles barcos no porto. Nem o rio Corrente de águas baixas. Nem as carrancas do mestre Biquiba... Perguntei sobre o estaleiro de Biquiba Guarany e ninguém sabia. Cheguei até os mais velhos. Eles sabiam de quem estava falando. E só. A cidade está lá. Mas não é a mesma. Então o livro de Osório serve também para isso, para marcar uma época naquele começo de século. O tempo dos coronéis. As carrancas. O Mestre Biquiba Guarany. Aliás, o Osório foi o único escritor brasileiro a fazer essas referências, a marcar essa época das carrancas. E foi por meio de sua obra literária que ele transformou o mestre das carrancas num personagem, tornando-o um escultor conhecido internacionalmente.[155]

Consoante o depoimento, Osório foi o único escritor brasileiro a fazer essas referências geográficas de um Brasil esquecido e desconhecido, a resgatar a época das carrancas e das barcas que subiam e desciam o rio São Francisco. Como bem assinalou este informante, foi por meio de *Porto Calendário* que Osório apresentou o mestre das carrancas, Biquiba Guarany, ao Brasil, tornando-o um artesão conhecido internacionalmente."

[155] OLIVEIRA, Nildo Carlos de. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em janeiro de 2003.



Foto 10 Mestre Guarany[156] na década de 70. Personagem de *Porto Calendário.*

Fonte: foto de Vítor Becker

[156] Francisco Biquiba Dy Lafuente Guarany, também popularmente conhecido como Mestre Guarany ou Mestre das carrancas. Segundo informantes locais, após a publicação de *Porto Calendário*, esse artesão ficou consagrado como o maior expoente na arte das carrancas, um dos mais populares do Brasil. Nasceu e morreu em Santa Maria da Vitória (1882-1985).



Figura 4 Carranca esculpida por Mestre Guarany[157]

Fonte: foto de Vítor Becker

[157] Segundo *Jornal da Bahia* (1984), “de 1901 até início de 1940, Mestre Guarany esculpiu aproximadamente 80 carrancas”. Após “sua descoberta” na década de 60, jornais e revistas passaram a revelá-lo e a divulgar suas obras, mas só em 1963, com 81 anos de idade é que Mestre Guarany passou a assinar suas obras. “Foi quando ele entendeu a importância de sua arte”, revela um informante local.

As obras de Osório, então, veiculam um aspecto histórico-cultural que não se pode desprezar. Sua literatura, como expressão de uma época, de uma sociedade, revela também a organização social e política da mesma, seus meios de subsistência, suas relações inter e intragrupais, enfim, seu modo de vida. Assim, resgatar sua obra implica em resgatar uma memória coletiva, uma memória histórico-cultural. É mergulhar num passado e reconstruí-lo, "visando à recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu"[158].

Dentro deste panorama, reportando-se a outros personagens de *Porto Calendário*, o fragmento abaixo chama atenção pela descrição utilizada para delinear o personagem:

> O Velho Voluntário, que se conservara calado, jogou o toco de cigarro para um lado, levantou os olhos, passou a mão deformada sobre os cabelos desgrenhados, como se tentasse arrancar um tumor, e tomou a conversa. Seus olhos estavam injetados de sangue como se sofresse uma desfeita. Apertou a camisa encardida sobre o corpo enervado, crispou os dedos e disse, medindo as palavras: "Compreendo sim... Acabo de aprender mais uma coisa. Saibam todos: tenho aqui três feridas sobre meu corpo, três feridas secas. Apanhei as três apanhando com o Lopes. Quatro anos de Paraguai, como vocês sabem. Sempre escondi minhas feridas [...]. [159]

Teria Osório também escondido suas feridas? Quais seriam? Segundo a estudiosa Bethy Brait (1979) suas obras são assim, o "retrato de uma natureza complexa, cheia de contradições, por ora ambiciosa e retraída, por outra apaixonada e indiferente, mas sempre peculiar e espontânea". É assim, com esse "realismo urdido", que o romance de Osório revela sua gente. E ele, como que num desdobramento da personalidade, assistia a todas essas cenas, via-se viver, gastava seus dias, nessa contemplação, nessa auto-análise dissolvente e empolgante.

---

[158] ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do DPDOC. Rio de Janeiro: ED. FGV, 1989.
[159] CASTRO, 1961, p.32.

Na ocasião do lançamento de *Porto Calendário,* Osório, ao proferir um discurso, declara: “segregado, às margens da competição, contemplei através do fundo de minha agulha as paisagens de meu mundo tumultuoso.” Sobre estes momentos de criação, sua filha Carmem revela: “Às vezes ele acordava de madrugada para escrever e ali ele ficava com várias resmas de papel, sentado e escrevendo. Quando a gente chamava, ele nos olhava, mas parecia que olhava através da gente, parecia que ele não estava ali, parecia estar fora dessa dimensão à qual chamamos de realidade.”[160]

Em entrevista, Nelly Novaes Coelho afirma: “Osório, quando descrevia seus personagens, sua necessidade encaixava-se com a dele, transformando-o num sócio paritário de seus atos criativos”. Revela, ainda, que havia uma comunhão entre eles, em que o objetivo era a busca por uma verdade absoluta. E completa: “Osório mostra os desvalidos, ele explicita o que está por baixo, o que está escondido. Talvez fosse um introvertido completo, a quem o contato com a realidade machucava. De fato. Como se pode observar, seus personagens vez ou outra manifestavam esses sentimentos: “Não tenho vergonha, fui remeiro. (...) Aqui tem esse rapaz, dá pena ser remeiro, sabe a leitura, mas se dá a seu dono: sabe cumprir.”[161] Sem dúvida, eram essas sensações que Osório experimentava, mas embrionariamente, pois, reagiu contra elas na vida, só as deixando espraiarem-se nos livros, por meio de seus personagens.

Caminhando às cegas entre tantos mistérios que o cercaram, algumas vezes, em figuras secundárias, Osório expunha, sem rebuços, a sua concepção de vida, tal como Zé Bocado e o Velho Asclepíades em *Porto Calendário*.

> Eu sei porque vocês ficam calados. A miséria de Santa Maria da Vitória amarra seus olhos no chão quando se diz a verdade sobre os grandes. Já vivi bastante e não tenho medo de ninguém. Quem não quiser ouvir que tampe os ouvidos, que minha língua não tem papa. [...] A fome, meus amigos, é uma sombra, de quem não sei, mas é uma sombra. Quando não chove ela atormenta: mata os homens e o

[160] Entrevista concedida à autora em dezembro de 2003, em Marília.
[161] CASTRO, 1961, p. 219.

> gado; seca os rios e torra os campos. Mas se chove, a terra dá tudo. Entretanto, a fome continua. Quando foi que em Santa Maria da Vitória deixou de existir fome? Em que parte do mundo tal coisa acontece? A fome, é uma sombra, mais há.[162]

[162] CASTRO, 1961, p. 25-27.



Foto 9 Coronel Bruno Martins da Cruz, personagem de *Porto Calendário.* Arquivo de família.

ESTILO SINGULAR DO AUTOR

Como se pode notar, em todas as obras o autor se reconciliou com a vida. Tanto o comportamento militante quanto suas produções literárias constituem aplicações de princípios humanísticos. Com uma atenção maior a seus textos e a seu comportamento, percebem-se princípios que norteiam a "pregação da fraternidade e da justiça social"[163]. É como se, nesta fase, a vida revelasse ao artista um de seus mistérios, sobretudo o da ternura humana, que a redime de muitos malefícios.

Sobre todas as fases de suas atividades, sejam elas literárias ou não, a professora Nelly Novaes Coelho aponta que, em se falando de Osório, fica difícil separar o homem do artista, e este das personagens. E quanto ao seu traço característico ela reconhece que o estilo de Osório é inconfundível, singular, "mas pode ser classificado como um pós-moderno, assim como Guimarães, embora esse termo ainda seja discutido... Não sei por que há essa tentativa de rotular, de definir os autores... Ambos resgatam a história, a alma do sertão habita seus romances, sobretudo os de Osório, que apresentam um regionalismo sensível e real." Além de apontá-lo como pós-moderno, Nelly define sua literatura como a "que busca uma verdade absoluta, que revê a história em busca de uma verdade". Comparando-a à linha do Saramago ela declara que "se eu tivesse que rotular o Osório, eu o colocaria ao lado destes: do Guimarães, do Mário Palmério, do Saramago." Na verdade, prossegue a estudiosa, "não basta pensar para ser escritor, é preciso sentir a unidade íntima, pegar a idéia e fazê-la vir à tona... E vou fazer um estudo bem amplo sobre o Osório, porque ele merece. Realmente, ele merece estar entre os grandes da literatura. Sem dúvida! E você tem razão, quando se lê *Porto Calendário*, ouve-se aquela voz de testemunho. O Osório é isso!" [164]

---

[163] OLIVEIRA, Nildo Carlos de. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em janeiro de 2003.

[164] Entrevista concedida à autora em São Paulo, em junho de 2003.

Um outro aspecto de sua obra, bastante discutido no âmbito da crítica, é a questão da linguagem peculiar apresentada, principalmente, em *Porto Calendário*, que, na época de seu lançamento, mereceu algumas críticas e até estudos semântico-lingüístico-estilísticos. Sabe-se que Sílvio Lamenha Lins (1963) antigo crítico de literatura, entusiasta de Guimarães Rosa e de Osório, chegou a esboçar um estudo de hermenêutica literária entre as obras *Porto Calendário* e *Grande Sertão:Veredas*, e pretendia entregá-lo ao editor Gumercindo da Rocha Dórea. Infelizmente, a morte o surpreendeu antes de completá-lo. Tal estudo fazia uma análise da construção semântica e lingüística da expressão regional, confrontando-a com a linguagem de Guimarães Rosa, mas provavelmente não elucidava a significação dos elementos por ele selecionados dentro do seu universo.

Ainda sobre essa questão, há opiniões divergentes. A estudiosa Beth Brait (1979), ao analisar *Maria fecha porta prau boi não te pegar* afirma que o texto de Osório é "urdido, bem tramado, bem longe daquele regionalismo redutor e provinciano". Já o crítico Wilson Martins (1961), atribui a *Porto Calendário*, um "estilo confuso e sem unidade, pitoresco e limitado", sem aprofundar a questão. A meu ver, a linguagem de Osório Alves de Castro, pode ser equiparada à de Falkner e Mauriac, autores a respeito de cuja literatura, Ramon Nieto afirma:

> Escrevem ingenuamente, espontaneamente. [...] Estavam totalmente ocupados em pintar homens e mulheres, seres humanos, o coração humano em conflito consigo mesmo, com seus semelhantes ou com seu ambiente, não tinham tempo para se preocupar com estilo.[165]

Na verdade, como todo autodidata, Osório deve ter aprendido a língua por esforço próprio. Lia e relia seus originais, minuciosamente, aperfeiçoando cada frase, cada palavra utilizada. Segundo informantes, dizia ele aos amigos: "Filho, você não deve ter medo de escrever. Escreve tudo, não tenha medo de usar as palavras. Depois você vê o que escreveu e faz a limpeza." O tom da

[165] NIETO, Ramón. O ofício de escrever. São Paulo: Ed Angra, 2001, p. 74.

frase de Osório era bom, elegante, claro, corrente. Mas quantos deslizes nas minúcias, quantos excessos, quantos diálogos. Uma explicação para esse fato, talvez já tenha sido, indiretamente, formulada por Alcântara Silveira (1965), em sua análise sobre *Porto Calendário,* quando afirma que “não fosse assim, navegando em águas de liberdade”, Osório não teria se tornado o narrador singular que é. E como diria esse estudioso: “se não o fizesse assim, deixaria de ser Osório Alves de Castro... Porque o verdadeiro Osório é esse, o que narra seus casos sem tomar alento, feito correnteza de rio, correndo sobre pedras.”

DIFICULDADES DO AUTOR

Segundo a estudiosa Nelly Novaes Coelho, o verdadeiro Osório que “no delírio de suas obras” via o mundo “com um olhar demorado” escondia-se por trás de seus personagens, os quais “nem tinham nome, nem ingerência, mas eram todos gente desvalida de Santa Maria da Vitória, levando dentro dum destino inquieto as coisas da vida para muitos portos do tempo...”[166]

O ponto nodal de suas obras, portanto, é o humanismo, presente em *Porto Calendário*, *Bahiano Tietê* e *Maria Fecha a Porta prau boi não te pegar*. E dissimulando-se atrás dessas obras, Osório tentou, nas suas confabulações, sustar as contradições que o meio lhe impôs... Mas não seria testemunhar? Ou seria denunciar? Nesse plano hipotético tudo é secundário... O essencial é apenas registrar que Osório pôs na teoria muito da sua concepção da vida. É um delírio inquietante transposto para as páginas sertanejas “longe da depuração estilística de Guimarães Rosa.”[167] Aliás, nestas páginas, ele não é só o Bahiano Tietê que sai do Orindo Brotas, como já vimos. Muitos dos personagens que o expõem estão, em embrião, no *Porto Calendário*, que é a chave de sua história de vida. As obras que mais semelhanças apresentam com a sua saga são *Porto Calendário* e *Bahiano Tietê*.

Osório pagou um alto preço para conseguir publicar suas obras. Aliás, a única que conseguiu publicar em vida foi *Porto Calendário.* Como bem observou a professora Nelly Novaes Coelho, seu romance demorou mais de 16 anos para ser editado e, hoje, infelizmente, continua amarelando, esquecido e quieto em uma estante qualquer. A publicação de obras, principalmente a de escritores desconhecidos, quase sempre não depende, apenas, dos recursos financeiros. Segundo ela, “essa é a tragédia de todos nós”, as dificuldades são iguais para todos, pois a literatura é uma arte e, na medida em que ela precisa ser publicada para circular, ela se transforma em produto. Neste contexto, a estudiosa prossegue: “então, eu não acho que seja um caso específico dele, são as dificuldades normais de qualquer escritor que não seja conhecido,

[166] CASTRO, 1961, p. 179.
[167] COELHO, Nelly Novaes. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em julho de 2003.

porque a editora tem que investir nele como um produto. Ela não está nem aí para o valor do livro. Ela só quer vender."

Mas além "dessas dificuldades" em que se dão as mãos os escritores, Osório enfrentou outras. O fato de ele morar no interior só piorava a situação, pois "se na capital já era difícil, imagine então para um escritor-alfaite do interior."[168] Em Marília, a centenas de quilômetros do centro cultural, era de se esperar que *Porto Calendário* ficasse na gaveta por muitos anos. É interessante ressaltar que, em 61, ano da publicação de *Porto Calendário,* a maioria dos textos mencionam que "como ainda não estávamos na Ditadura Militar, é de crer que não houvesse, assim, um problema a mais ele ser de esquerda". Será?

Segundo depoimento de sua filha Carmem, isso não ocorreu. Osório havia sofrido perseguições nas décadas anteriores, sendo quase sempre, "obrigado a entregar seus originais". Sobre esse assunto, seu depoimento é revelador, observe-se:

> "Olha, fui eu que datilografei *Porto Calendário*. Naquela época eu o ajudava na alfaiataria fazendo carta para os credores, então, ele me dava os originais para datilografar. Mas foi sofrido. Quando ele publicou, eu já estava casada, mas essa era a terceira versão, porque os originais foram levados várias vezes nas batidas. Eles pegavam tudo, acho que nem sabiam o que era aquilo. Era um texto extenso, porque primeiro ele escrevia, depois revisava e me passava para datilografar."[169]

De acordo com os documentos resgatados, Osório Alves de Castro tinha 60 anos quando publicou *Porto Calendário.* O cabelo, que já era quase branco por completo, ele passou a usá-lo menos curto. Por vezes deixava-os um pouco desgrenhados e caídos sobre as orelhas. Não possuía barba nem bigode aparentes. As rugas, já sobressalentes, e o uso contínuo dos óculos

[168] COELHO, Nelly Novaes. Entrevista concedia à autora em São Paulo, em julho de 2003.
[169] CASTRO, Carmem Medina de. Entrevista concedida à autora em Marília, em dezembro de 2003.

compunham-lhe a fisionomia austera, acentuavam-lhe “o calejamento do corpo acostumado ao vaivém contínuo empurrando a barca”[170]. Basta comparar os seus retratos dessa época com os do tempo de “Orindo e Bahiano Tietê” para ver como mudou, o que muito deve ter-lhe alegrado. Mas intelectualmente ele não envelhecia. Por essa época, com a mesma vivacidade de seus personagens, Osório já deveria se dedicar aos manuscritos finais de *Bahiano Tietê*. Aliás, segundo depoimentos, até o fim, em 1978, com *Nhonhô Pedreira* e *A cidade do velho*, ainda inéditos, manteve-se com o mesmo feitio resistente, com a mesma lucidez, “Conrado Sessenta morreu como um homem na sua briga, digo com seu conhecimento.”[171]

Se sua literatura se renovou, foi pouco, pois “a voz em prol dos desvalidos” sombreia-lhe todas as obras, isto porque, afinal, os seus livros são trechos de um mesmo diálogo interior, da longa e inacabada conversa do autor com a vida. Não que seu espírito se tivesse debatido, ou não tivesse acompanhado a evolução literária. Aliás, a melhor prova dessa constante atividade espiritual são os manuscritos que deixou, as duas obras ainda inéditas.

Fora esse exercício interior, dizem os amigos que Osório gostava de “ouvir casos e fazer alusões a sua gente”, a sua origem urucuiana. “Fui remeiro. Sempre fui bom, mas vou ficar diferente.”[172] E é verdade, como geralmente se diz, que ele sempre empregou em seus livros os vocábulos remeiro, negro, escravo. Sobre esse assunto, leia-se trecho: “Preto rico não é preto, é roxo. (...) dinheiro muda a cor. Família brasileira se pinta na sina das mulheres.”[173] Que pensava sobre tudo isso Osório?

Difícil saber com certeza, talvez tenha sido graças à convivência com essa gente do Urucuia, que, segundo ele, “nunca tenha esmorecido”. Talvez o revoltasse o abandono, o desrespeito e o descaso para com seu povo. Após a sua morte, suas obras responderiam essa questão: “É a saudade do São Francisco, das terras da Bahia velha, tão longe...Contra ele estava aquele

[170] CASTRO, 1961, p. 202.
[171] CASTRO, 1961, p. 89.
[172] CASTRO, 1961, p. 219.
[173] CASTRO, 1961, p. 108.

mundo de medo e de mentira, o mundo dos santos, dos poderosos e dos pobres obedientes continuando...”[174]

[174] CASTRO, 1961, p. 174.

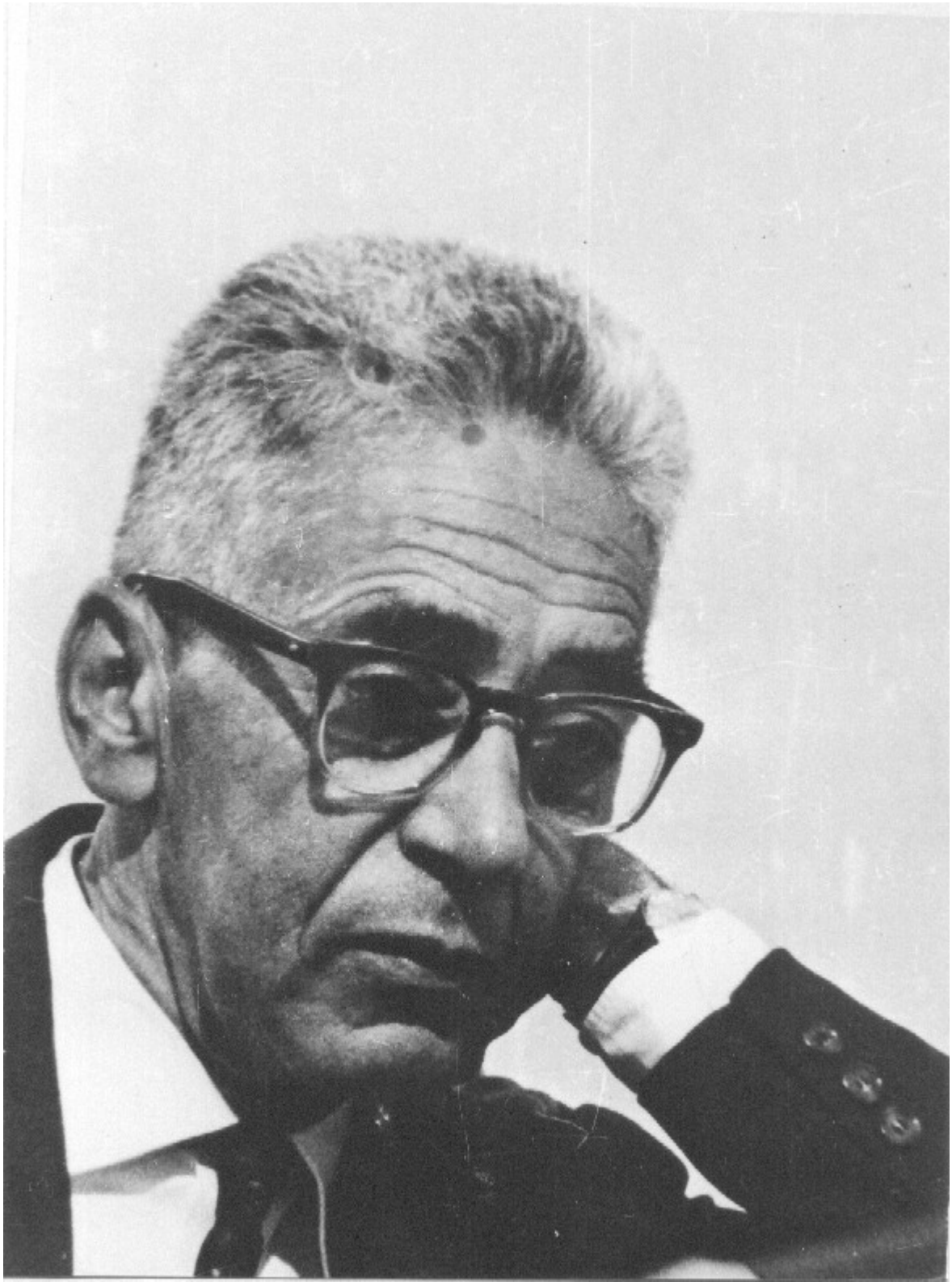


Foto 11 Osório Alves de Castro, 1961. Arquivo de família.

UM ESCRITOR “MALDITO”

Mas “a vida é uma velha avarenta: quando dá uma alegria, cobra logo com usura os juros da dor.”[175] Após o lançamento ocorrido em 1961, o período tornou-se desfavorável para Osório porque a ditadura não dava sossego a quem pensasse. Dizia ele: “São acontecimentos onde a tradição reaparece afirmando na história o direito das coisas...”[176] Como não possuísse nenhum apoio para que o seu mérito literário fosse reconhecido e divulgado e seus poucos amigos “não faziam parte da pequena burguesia”, permanecia “maldito”. Sobre esse assunto, Nildo Carlos de Oliveira comenta: “Uma passada pelas perseguições de que foram objeto os escritores ao longo da história nos leva à conclusão de que o fato de escrever carrega um risco em si mesmo”. Pode-se dizer que tais acontecimentos não lhe perturbavam em nada o trabalho intelectual, pois ao publicar *Porto calendário*, em 61, já ele compunha, desde o ano anterior, os manuscritos de *Bahiano Tietê*. Aliás, segundo seus familiares, Osório nunca chegou a ficar inativo intelectualmente.

Com o golpe desferido em 64, “a maldição” de Osório é acentuada. Ele é processado pela Auditoria Militar e obrigado a se deslocar mensalmente a São Paulo para prestar depoimentos. Por essa época, outras pessoas, companheiros de Osório, também tiveram esse mesmo destino. Em defesa do amigo Osório, Nildo Carlos de Oliveira declara em tom de protesto: “Veja... Como é que um sujeito como ele que tinha o pensamento baseado no livre pensar, que tinha toda sua vida tumultuada com a atividade intelectual e profissional, não podia se expandir mais... Foi tolhido pela sociedade...” Essa medida ferira o amigo, talvez, porque Osório “defendendo todos aqueles valores” não poderia terminar daquela forma...

Abril de 64. Daquele momento em diante não era mais possível reunir os amigos na alfaiataria. A atmosfera, depois do almoço, tornava-se “pesada e modorrenta” sem ter alguém para conversar. Uma passada de olhos pela Rua Nove de Julho, não mostraria os transeuntes, mas sim os “marrons” que,

[175] CASTRO, 1990, p. 103.
[176] CASTRO, 1961, p. 78.

preocupados em “manter a ordem pública”, atendiam ao pedido do delegado local, “subindo e descendo a avenida”, registrando cada passo de seus supostos anarquistas, ainda que esta atividade, muitas vezes, não fosse muito eficiente no que diz respeito à redação de boletins de ocorrência. Talvez pela homonímia, alguns confundiam o Osório com o Osório Filho, já que ambos estavam engajados na mesma luta. A evidência dessa ineficácia pode ser confirmada com a análise dos prontuários e com o depoimento de Osório Alves de Castro Filho.

Com o passar dos meses, severas medidas expõem, cada vez mais, a “figura estigmatizada de Osório na cidade”[177], juntamente com a imensa teia repressiva que se fechava ao seu redor, articulando-se entre as múltiplas delegacias do interior e da capital. Na região, o terrorismo e as lutas de guerrilha surgiam com força total, o que favorecia a subida da linha dura, uma nova tática de controle da situação, dirigida pelos militares que se diziam nacionalistas. Nesse período seu romance, também nacionalista, caía no ostracismo. Meses mais tarde, quando a repressão tomou proporções muito fortes Osório, com a família, muda-se para a capital do estado. Observe-se o rádio-telegrama abaixo:

> Informo VS que para ciência e controle desse departamento que se mudou desta cidade para a capital do estado o indivíduo Osório Alves de castro, comunista, militante, filho de Pedro Almeida Castro e Catarina A. de Souza, natural da santa Maria da vitória, nascido a 17/04/1901. O referido indivíduo exerce a profissão de alfaiate, costuma escrever livros, tendo ganhado viagem como prêmio a Moscou, por intermédio de seu livro Porto Calendário. Marília 30/08/65.[178]

[177] OLIVEIRA, Nildo Carlos de. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em janeiro de 2003.
[178] Departamento de Ordem Política e Social, DEOPS, São Paulo, 1977.

RETORNO À CAPITAL

Osório estava de volta à capital. Haviam-se passado quase quarenta anos. Estaria ele feliz com esse retorno? Sobre isso, as informações foram vagas. A única pessoa que mencionou algo sobre essa mudança, revelou que "com o tempo, as perseguições cessariam. Ali ficariam mais tranqüilos". Mas a atmosfera vibrante da casa da Rua dos Operários, as refeições ruidosas e alegres, o quintal cheio de frutas, a horta, os animais, os amigos, a meninada da rua correndo, não lhe deixando nenhum espaço para se aquietar e escrever, haviam ficado. Agora tudo aquilo apareceria de longe em longe nas próximas obras. Osório, nesse período, provavelmente já não escrevia para entrar em si, para se conhecer, para obter respostas da vida – mas para sair de si, para se esquecer, para lutar contra o tédio que por ora lhe rondava no apartamento da capital. Não se sentia muito feliz morando ali. Talvez fosse começo da velhice que se anunciava tranqüilamente. E assim aconteceu.

Nos próximos anos, sob presidência do General Emílio G. Médici, piora a situação. Baixado o AI-5, o Brasil entra numa nova fase, "a era desenvolvimentista". E o romance *Porto Calendário* permanece quase esquecido pelo público e pela crítica, passando longo período (15 anos) com apenas sete notas publicadas nos periódicos, com a justificativa simples e cômoda para as práticas sociais dessa ordem: os costumes da época explicam os fatos. Que lhe importavam os costumes? Dizem alguns amigos de Osório que "tais costumes sempre foram instâncias condicionantes em vários domínios da vida social", principalmente em relação ao poder político. Sobre esse assunto, em suas as obras Osório se revela: "Anos e anos atravessava a vida com sua pobreza e quando tudo lhe era negado sentia o desejo de fazer alguma coisa."[179] Ainda que para se confortar, Osório escrevesse, o fermento da inquietação por ora já se neutralizava, senão no espírito, ao menos nos escritos que viriam.

[179] CASTRO, 1961, p. 189.

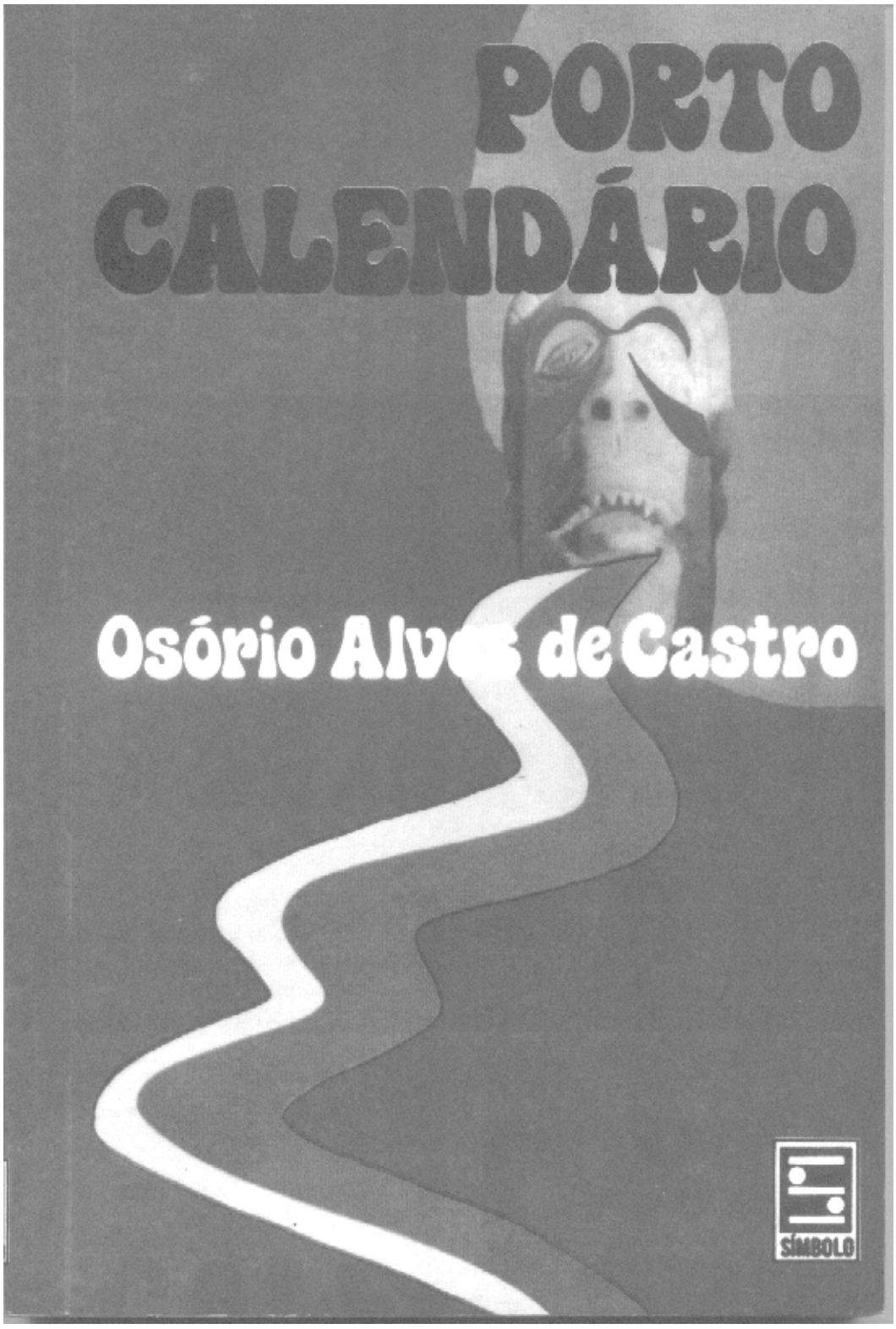
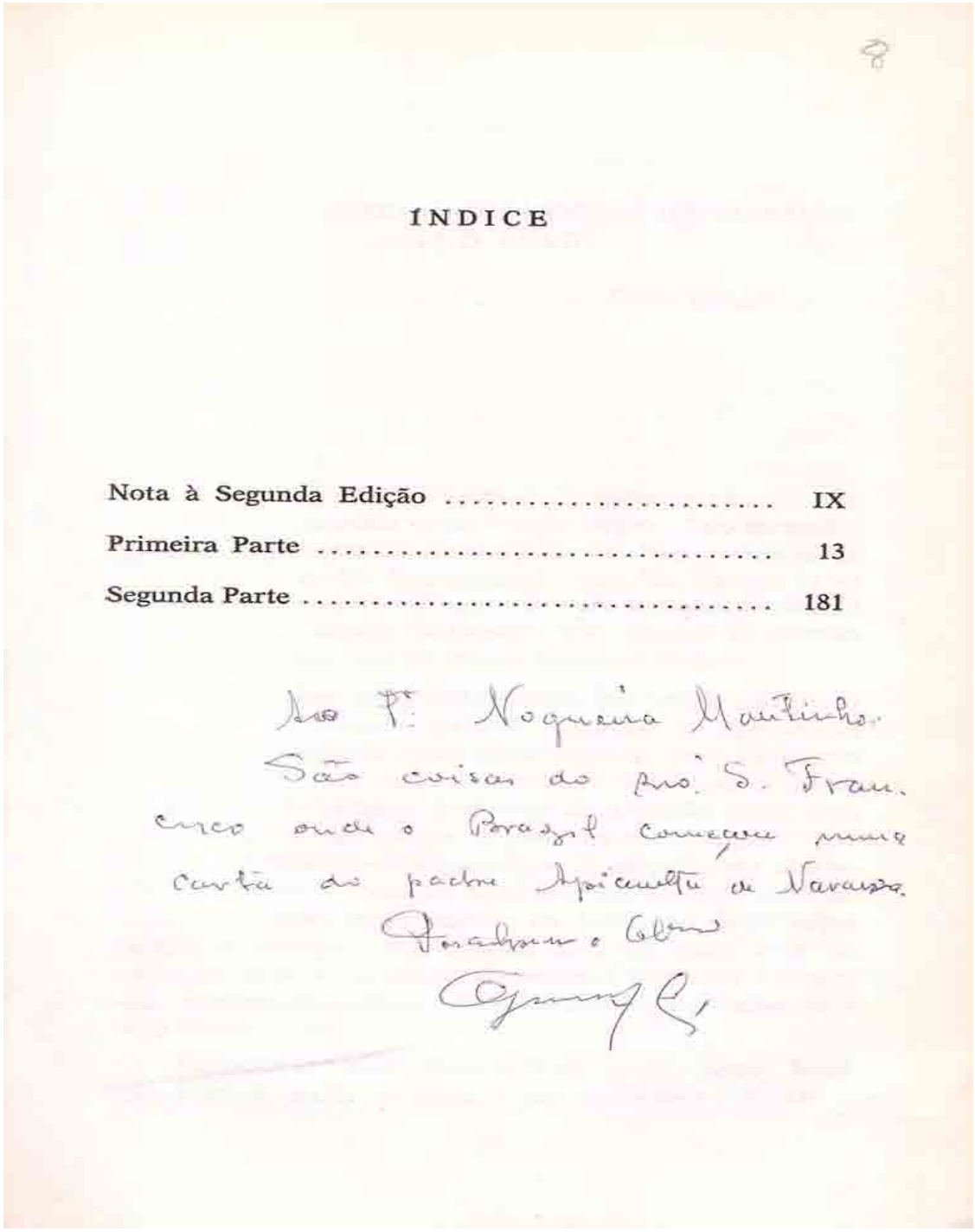


Figura 6 - Capa da segunda edição de *Porto Calendário*, 1976, por Léo Amorim.



ÍNDICE

Nota à Segunda Edição IX
Primeira Parte 13
Segunda Parte 181

Ao F. Nogueira Martinho.
São coisas do Anô S. Fran.
cisco onde o Brasil começou numa
carta do padre Apicultor de Navarra.
Fraternalmente o Colega
Osório C.

Dedicatória de Osório Alves de Castro em *Porto Calendário*, ao escritor Nogueira Moutinho. São Paulo, 1976. Acervo: Biblioteca do Arquivo do Estado.

MARIA FECHA A PORTA PRAU BOI NÃO TE PEGAR

Em maio de 1976, por ocasião da reedição de *Porto Calendário* feito pela Editora Símbolo, o estudioso e entusiasta de Osório Alves de Castro, Antonio Dimas (1977), afirma em *O Estado de S. Paulo* que a sina desse romance não havia melhorado, uma vez que, ao contrário do país, *Porto Calendário* não nasceu e nem repousa em berço esplêndido. Estaria ele se referindo somente ao romance? Certamente que não. A reedição desta obra foi tímida e quase anônima, recebeu apenas quatro referências nos jornais, o que não se diferenciava da vida do autor. Vida pacata, tímida, modesta, quieta, saindo pouco de casa, mas sempre ao lado da esposa que com sua incansável ternura velha, dava-lhe assistência espiritual, procurando facilitar-lhe as tarefas domésticas, ornando-lhe a casa com seus bordados e flores.

Segundo Osório um livro é um filho que o universo põe nas nossas entranhas, e tem que nascer. Ou nasce ou nos mata. Por esse tempo, Osório já se preparava para a chegada de "seu terceiro filho" *Maria Fecha a Porta prau boi não te pegar*. Teria este um berço esplêndido? Teria este uma edição anônima? Em parte.

Como o isolamento se fazia cada vez mais penoso para Osório, a arte com que ele vai firmando os contornos de Maria, Hans, Félix Quarto, Dió, e de outros personagens desta sua terceira obra, embora poética, não tem a mesma vivacidade das anteriores. Este romance parece ser "seu filho" mais amargo: é duro, compacto e doloroso. Segundo alguns críticos, poreja experiência e amadurecimento, mas também desespero e determinação quando aborda o drama das quatro mulheres que saem em busca dos maridos empenhados na Guerra de Canudos, na qual, três das quais são assassinadas nas misteriosas águas do São Francisco, e que por essa razão são transformadas em fonte de superstição, medo e misticismo. Por fim, Maria, a única sobrevivente, saindo de sua terra natal, passa por muitas provas e transformações antes de voltar à Araçá Mel para zelar pelos interesses dos habitantes. Estaria aí nascendo um outro Osório com "esse novo filho"? Talvez, por testemunhar outras experiências do autor, o amadurecimento literário e a solidão.

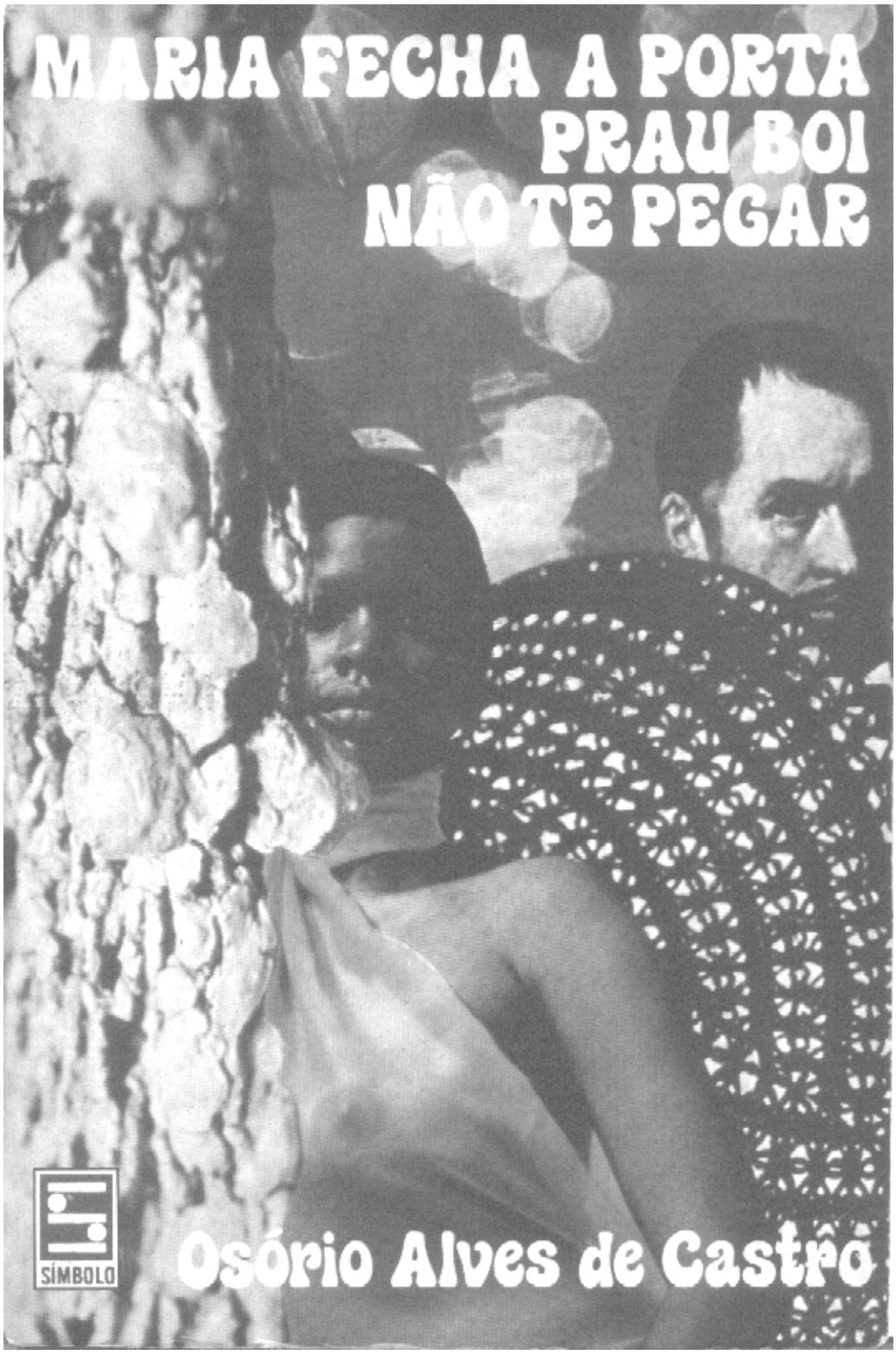


Figura 6 Capa de *Maria Fecha a porta prau boi não te pegar*, 1979, por Léo Amorim.



Foto 12 Osório Alves de Castro, 1976. Acervo: Departamento de Processamento de Dados da *Folha de S. Paulo.*

RECOLHIMENTO, VELHICE E VIUVEZ

Os meses se passavam. Apesar de toda a sua resistência intelectual, ele envelhecia, derreava os ombros, na fadiga das perguntas sem resposta, na lassidão do raciocínio implacável. Por essa época, final de1976, Osório estaria com quase oitenta anos, 6 filhos, vários netos, três livros escritos, embora apenas só um publicado. Ainda morava em São Paulo, em um pequeno apartamento com a esposa, dona de uma bondade tranqüila que afagava a sensibilidade monótona e dolorida de Osório. Monotonia que era quebrada apenas pelo ruído da máquina de escrever.

Na sala, juntamente com alguns livros que lhe sobraram, estariam provavelmente Gogol, Goethe, Balzac, Guimarães, Raquel, Lins do Rego, Faulkner, Silone. E lá ele escrevia, rodeado por várias fotos de filhos e familiares, algumas já desbotadas, penduradas pelas paredes, e por ela, Josefa, que não se contentava em apenas admirá-lo, mas compreendia-o e o ajudava com seu silêncio terno. Das venezianas poderiam apreciar o tumulto dos carros e da gente apressada e o clarear dos dias que chegava primeiro em uma pequena área, na qual Josefa cultivava algumas plantas.

Além dessa existência quase anônima do casal, só uma nota de tristeza acentuaria ainda mais essa solidão plácida: o medo que tinham, ela sobretudo, de um deles partir. Já sem os filhos, Josefa havia concentrado em Osório todo o seu afeto, a ponto de desejar vê-lo morrer antes dela, para não o deixar desamparado.

No início de 1977 já não era a Josefa disposta, risonha, companheira incansável, mas uma pobre senhora cansada, abatida, que pedia a vida para poupar ao marido a dor de vê-la morrer e de viver sem ela. Mesmo adoentada, conservava ainda um certo frescor na velhice. Em fins de 1977, falecia a doce e tranqüila Josefa, sem ver realizado seu último desejo. Como se sentia Osório naquele momento? Continuaria escrevendo?

Agora solitário, Osório se ancora na literatura, conservando a ilusão da presença da mulher. Na cama de casal, o seu travesseiro continuava a lhe marcar o lugar, assim como à mesa, o seu talher. Seus objetos particulares eram como se os fosse usar, ainda estavam dispostos em seus lugares, como ela os havia deixado. E a sua cestinha de costura, com o último trabalho que começara, estava ali ao lado da poltrona, assim como as plantas na área, que então estavam murchas. Na verdade, Josefa continuava ali, com ele, dentro dele, até ele se fixar no tema rascunhado e mergulhar de vez na obra *Maria Fecha a Porta prau boi não te pegar*. Era a longa comunhão, nunca desmentida que continuava para além da morte. Faria Osório uma última homenagem à esposa, dedicar um livro somente às mulheres. Em seus delírios, a vida de Josefa confirmava a poesia amarga deste romance.

Devem ter sido de um sombrio desconforto os primeiros meses de viuvez. O trabalho dedicado à obra, a visita dos amigos, o carinho dos filhos e dos netos, nada o distraía da sua dor. Nessa hora de angústia, um antigo amigo se revela “como o sétimo filho”, visitando-o com certa freqüência. E Osório com ele se abria, falava-lhe da sua tristeza, da morta querida, da solidão, do ostracismo e da obra que estava escrevendo. Apesar da diferença de idade, ligava-os uma certa identidade de ideologia e temperamentos. E o jovem senhor, também escritor, tinha para com Osório uma ternura que não era só de filho, era também de discípulo.

A pedido, todos os domingos ia Osório passar o dia na companhia dos filhos. E lá, provavelmente, ele procurava ser amável, não importunar os outros com o seu sofrimento; aliás, este deve ter sido o seu modo de ser, pois Osório costumava dizer que “a velhice é o tempo presente do homem sonhando consigo mesmo” e que gostaria de escrever sobre a vida dos velhos. Nesta ocasião, também um vizinho de Osório tentava amenizar a sua dor, visitando-o sempre que possível. E quando não se podiam encontrar, escreviam-se pequenos bilhetes curtos, cheios de solicitude.

Certa tarde, este vizinho surpreende Osório com um presente que lhe havia feito. Com base em uma foto de Osório de jornal, fizera-lhe uma espécie de caricatura. Osório deve ter gostado. Dias depois ele a pôs em uma moldura,

mas mesmo com esses agrados, mesmo com o conforto da amizade dos amigos e do carinho dos familiares, ele não conseguia esconder inteiramente o que lhe ia à alma.

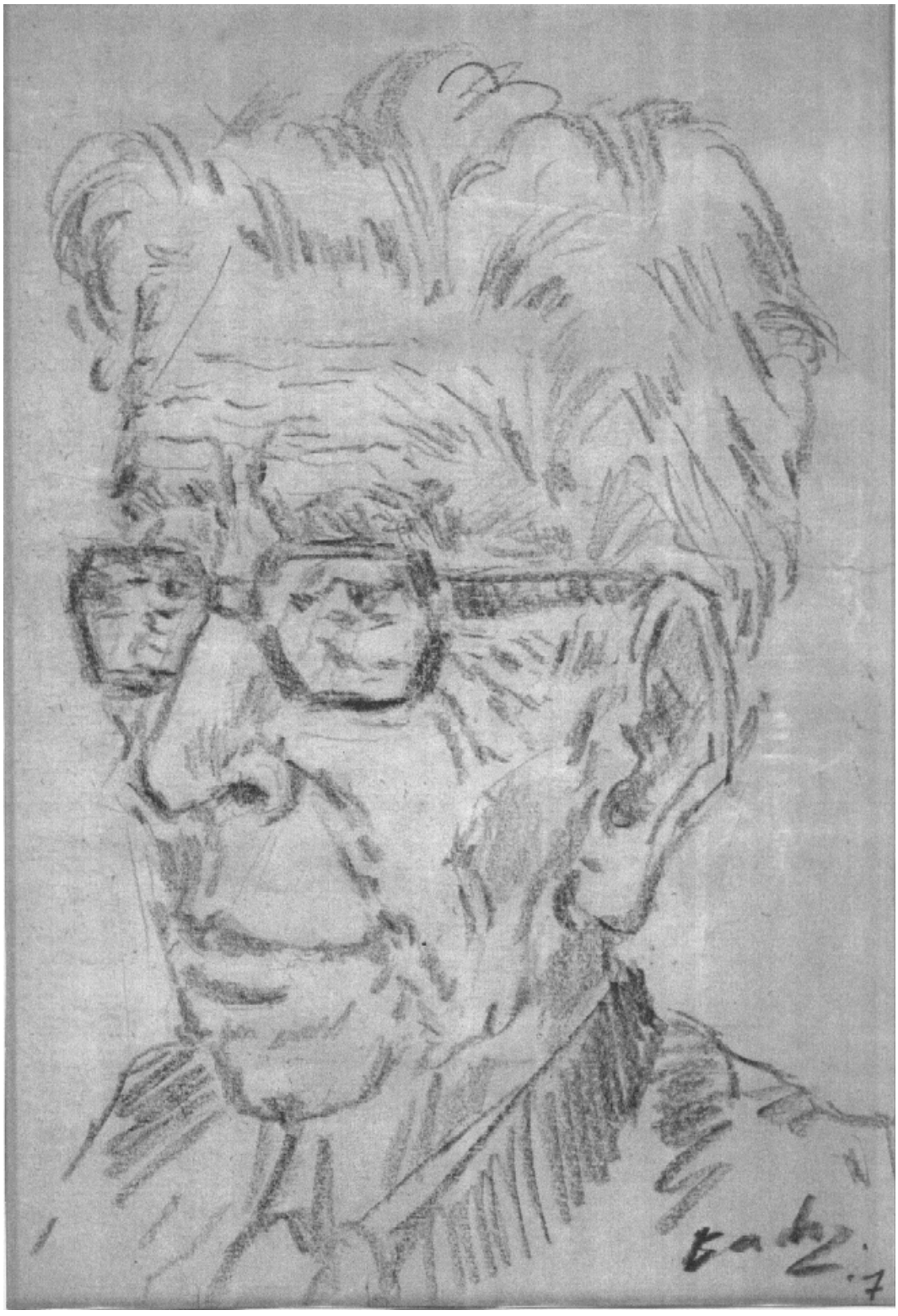


Figura 7 Gravura de Osório Alves de Castro, 1977, por Dado. Arquivo de família.

LIÇÃO DE RESISTÊNCIA

Meses depois, agravada pelo abatimento do espírito, a sua solidão recrudesceu com violência. As crises de delírio se amiudaram. E Osório, tão suscetível a tudo, sobretudo no que se referia aos últimos atropelamentos sofridos, aos delírios e as dores que sentia, viu-se obrigado a deixar para sempre este último endereço.

A princípio passou a viver na casa dos familiares, que se revezavam nos cuidados com ele. Com que constrangimento, com que sensação de desconforto deve ter ele aceitado esta decisão? Agora já não raciocinava com tanta coerência. Nem se assistia a viver. Era um pobre homem que sofria delírios, insônia, que misturava os personagens, que sentia algumas dores sem saber por quê. Mas que ainda escrevia. Devia-se sentir abandonado, à procura, em vão, da sua Josefa, o abrigo seguro que nunca lhe faltara.

Sofreu muito, sofreu profundamente, mas passado o primeiro momento, não se entregou. “Nem os crimes nem as doenças impressionavam os romeiros.”[180] Esse espírito doentio era animado pela chama sempre viva da literatura, chama suave, confortadora, constante. Talvez pensasse: “Doer doía, mas a opinião faz o homem”[181]. Por esse tempo, sua opinião era escrever. Escrevia ininterruptamente. Alguns meses mais tarde, em entrevista à *Folha de S. Paulo*, Osório declara: “Não fosse a literatura, eu já teria me suicidado. Sabe o que é passar cinqüenta anos com uma pessoa e depois ficar sem ela, assim, de repente?” Aliás, os dois atropelamentos sofridos podem ter sido uma busca inconsciente do suicídio. Ou não?

Como os ferimentos sucessivos foram se transformando em úlcera cancerosa, agravando o seu estado, Osório passa a necessitar de cuidados constantes e regulares. Guiados, então, por essas preocupações, seus familiares decidem encaminhar Osório até uma Casa de Repouso, situada em Itapecerica da Serra.

---

[180] CASTRO, 1961, p. 183.
[181] CASTRO, 1961, p. 211.

Dizem os familiares que Osório, até o fim da vida, encontrou forças para reagir, dava-lhes lições de resistência. Encontrou-as em si mesmo, na compostura moral que tinha como o primeiro dever de homem, encontrou-as na grande razão da sua vida, a leitura. E ali, só e triste, em seu último endereço, sentado em um banco de jardim, rodeado por árvores, pássaros e enfermeiros, ainda lhe valia a grande escora da alma, a literatura. Mas mesmo que Osório reagisse, o período de esquecimento da crítica e do público se estendia, acentuando a sua solidão.

Osório resiste e escreve, e o tom de humanismo é o mesmo. Acentua-se nele uma forte consciência de seu momento e sua relação com o meio. E os problemas pelos quais passava, de uma forma ou de outra, são retratados como sempre em suas obras como “uma voz” que ele foi moldando enquanto desenvolvia sua arte de narrar. Em entrevista intitulada “Manifesto do Romancista”, publicada em um jornal dessa época Osório confessa: “Nesse, o material mais próximo sou eu mesmo. Mas não só, quero falar dos velhos que são abandonados pelos filhos que criaram, principalmente as mulheres. Estas são transformadas em babás, em cozinheiras, em empregadas domésticas que acabam morrendo sozinhas. Mas nesse só estou nos fundamentos do romance, algo como os tijolos de uma casa.”

Mostra-se aí o mesmo Osório dos romances anteriores. Não há mais revolta, nem mais amargura do que há nos outros livros. Mas o realismo ácido e cinza permanece. Seriam estes romances de composição recente? Tudo leva a crer que sim, pois, seus textos, ainda inéditos, abordam a temática dos idosos, o que nos dá a melhor prova de que o *Nhonhô Pedreira* e *A cidade do Velho* tenham sido uma projeção dele mesmo no fim da vida. Ainda não se tem conhecimento aprofundado sobre as últimas obras, mas é de crer que essas sejam um diário íntimo, um memorial no qual ele teria deixado anotações e observações de fatos, sem preocupação de enredo.

O excerto do “Manifesto do Romancista” apresentado anteriormente bem exemplifica a trajetória do escritor de *Porto Calendário* que viveu “escravo de sua literatura” e que agora morria como vivera, com um livro na mão. Em 1978, quando a imprensa noticiava a sua morte, ele havia cumprido um destino

semelhante ao da maioria dos romancistas de sua índole: morria pobre e esquecido. Que pensamentos o ocupariam nesses últimos momentos? Que imagens, que recordações lhe acudiriam à memória? Seria o rio? Acredita-se que sim, conforme o conselho de um personagem seu: “Quando estiver desesperado, olhe o rio escorrendo dia e noite, anos e séculos diz pra gente – Agüenta!”[182] Talvez fosse por isso que não se queixava, não se acovardava...

[182] CASTRO, 1961, 200.

ÚLTIMOS DIAS

Nos seus últimos momentos, Osório deve ter evocado o "Velho Chico", pois afinal era esse o seu último encontro com o rio, deve ter evocado também a sua Josefa, a quem ia se unir para sempre, deve ter sentido que cumprira a missão de remeiro, resistindo até o fim, e que não vivera ou resistira em vão, deve ter pensado "se Tia Gatona passasse por aqui, como sofreria!"[183] Enfim, essas hipóteses apenas servem para mostrar as angústias com que se debatia o autor naquela hora derradeira.

Os valores espirituais têm curso na terra, assim como a água dos rios. E o destino lhe reservaria uma última prova de que não tinham sido em vãos os seus esforços. Na semana que precedeu a sua morte, seu velho amigo Nildo Carlos de Oliveira fez-lhe uma visita para mostrar-lhe a "publicação" de *Maria Fecha a Porta prau boi não te pegar*, conforme o texto a seguir:

> Ele não podia mais ficar sozinho. Quando eu soube que ele estava internado em uma clínica geriátrica, pedi para que apressassem a editoração e que fizessem uma capa às pressas, para que eu pudesse levar o livro pronto para ele ver. Assim que cheguei lá, entreguei o livro e pedi para ele ler o que estava escrito no início, que era o prefácio que havia feito. [...] Quando ele viu o livro, o impacto foi tão forte que ele começou a chorar. Olhou para mim e disse "Esse é o meu filho". Aí ele comentou comigo, apontando para as pessoas que estavam ao nosso redor "Veja, meu filho, são *Almas Mortas*". Veja só como ele raciocinava por meio da literatura! Estava se referindo à situação dos idosos à luz de Gogol. Então, é por aí que você vê a sua formação ... Percebe-se que toda a sua vida foi dedicada à literatura, aos personagens da literatura, à questão da literatura no Brasil.[184]

[183] CASTRO, 1961, p. 190.
[184] OLIVEIRA, Nildo Carlos de. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em janeiro de 2003.

Emocionado com essa atitude, o amigo ajoelhou-se, beijou-lhe a mão e o abraçou numa homenagem quase filial, que, se foi percebida pelo “mestre”, deve ter-lhe ido direto ao coração. Dada a atitude de Osório frente à sua obra e ao velho companheiro, pode-se concluí-la com esta passagem de Paulo Dantas em referência ao choro do amigo Guimarães Rosa, em um de seus encontros no Itamarati. Conforme Paulo Dantas revela:

> Rosa chorava. O choro de um gênio é diferente, não é o choro comum de um doente. No choro de Rosa, o sertão inteiro chorava. Tão imensa é a maldade desse mundo que a gente não entende, nem pode medir o seu tamanho. Rosa chorava porque ao mundo faltava aquela santa e pura alegria, que tanto desejava. E o mundo queria acabar com o sertão. Com tanta devastação.[185]

Com relação à crença do humano e ao sentido civilizador da literatura, pode-se ressaltar a semelhança de atitude de Osório e Rosa e enfatizar, inclusive, o sentido universalista/regionalista de sua literatura. Nelly Novaes Coelho declara que nos encontros com Osório, eles conversavam muito sobre a falta de educação, a falta de leitura, a falta de cultura... E revela: “eu e o Osório discutíamos muito essa questão, essa falta de cultura humana, essa crescente falta de leitura, essa base de ler grandes escritores, de perceber os problemas humanos. E isso ninguém pode deter. Somos impotentes para impedir isso. Somos governados por uma única verdade que é a lei do mercado. E a gente sofria... Ele sofria mais! Para ele o mundo tinha esse laço de humanidade. O caldo de ternura humana nele era muito forte”.

[185] DANTAS, Paulo, 1975, p. 27.



Foto 13 - Osório Alves de Castro, 1978. Acervo: Departamento de Processamento de Dados da *Folha de S. Paulo*.

MORTE: FINAL DE UMA VIDA

Dezembro de 78. Daquele mês em diante, não seria mais possível passear pelos jardins e apreciar o canto dos pássaros, empoleirados nas árvores... Agora a liberdade é toda interior, de julgar, de se revoltar e talvez de se rir. Na noite que precedeu a sua morte, Osório deve ter experimentado o horror da solidão, do abandono e da dor. Mas não se queixava, não se acovardava, agia com mesma resistência que descrevera em suas obras. “Esta noite ainda ouvi. Um tempo seco cantava: passarinho de caatinga e travessia, onde não tem água nem valença. Chôcho que dá dó, grita horas mortas da noite, pra dizer que tá vivendo mesmo...”[186]

Assim, naquele ambiente serrano, Osório, “composto e digno de alma como de corpo”[187] foi entrando em agonia. Amparado pela literatura e cercado pela natureza, agora sentia que a “indecisão abria-se nos seus olhos. Não podia mais desrespeitar...”[188] Pela última vez seu espírito de remeiro deixou de resistir, recusava abandonar-se, procurar amparo fora de si, queria conhecer o repouso supremo. Osório preparava-se para fazer a sua última travessia... Então, o canto dos pássaros sumiu e “a fama voraz das piranhas recomeçava no seu pensamento repetindo as histórias de morte.”[189] A barca havia chegado. Era o fim.

Osório morreu sozinho em uma Clínica Geriátrica. Bem devagar. Quase numa chegança. Como se fosse descendo, mansamente, o rio São Francisco. Para descrever essa mansidão lenta, que se apodera do escritor aos poucos, lança-se mão de um fragmento de *Maria fecha a porta prau boi não te pegar:*

---

[186] CASTRO, 1961, p. 13.
[187] CASTRO, 1961, p. 24.
[188] CASTRO, 1961, p. 190.
[189] CASTRO, 1961, p. 191.

> De longe, o mastro, com uma empanada arriada, parecia uma guinada de vaqueiro fincada no lombo de uma jacaré fisgado. Ganhando distância, os meninos foram avisar as mulheres, que mineravam nos escravões do riacho e as meninas desceram alto e, antes de alcançarem a olaria, festivas, abriram-se numa gritaria feliz avisando:
>
> -Vem vindo...Vem vindo...[190]

Osório Alves de Castro faleceu em Itapecerica da Serra (SP), a nove de dezembro de 1978. E em 1982 suas cinzas foram jogadas no rio Corrente, pelo filho Terto Alves de Castro. Osório deixou no prelo seu segundo romance *Maria Fecha Porta prau boi não te pegar*, além dos inéditos *Bahiano Tietê* (1991), *Nhonhô Pedreira* e *A cidade do Velho* que ainda aguardam publicação.

[190] CASTRO, 1978, p.15.

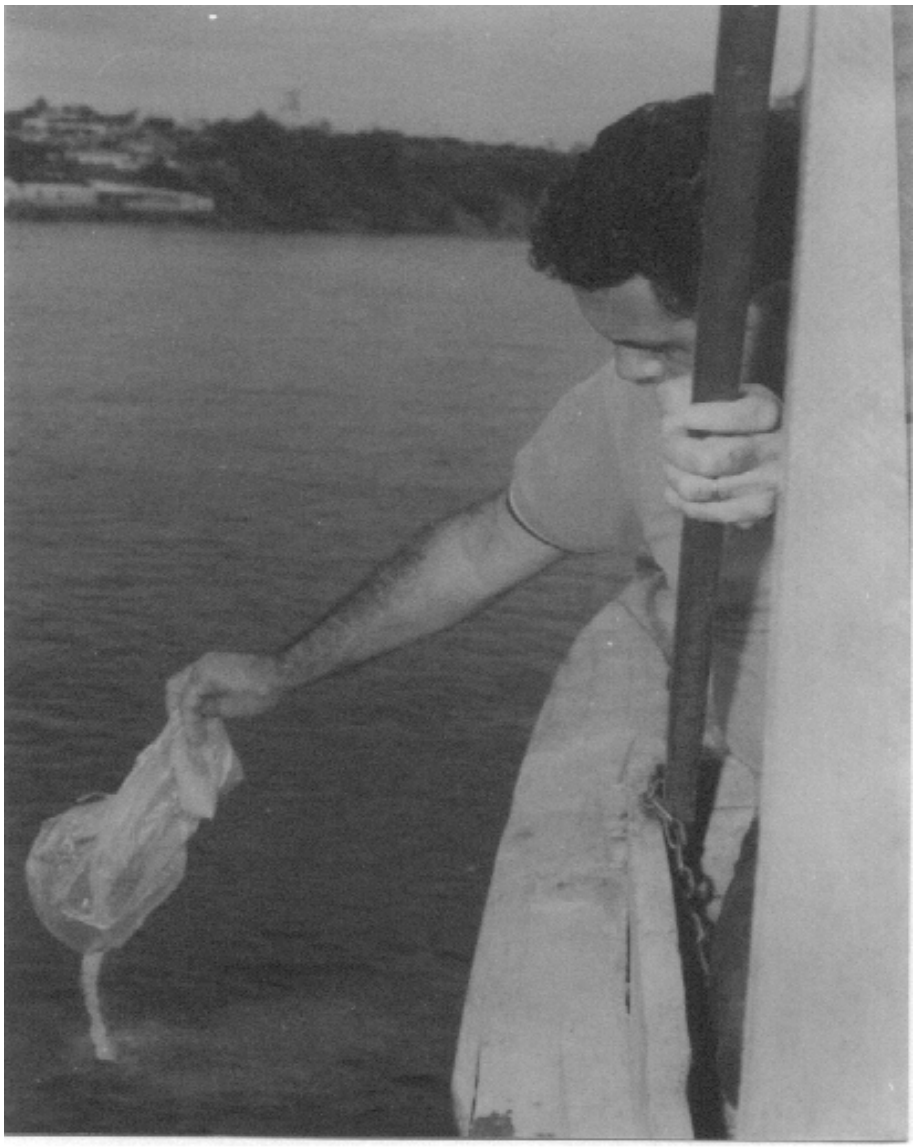


Foto 14 - Terto Alves de Castro no rio São Francisco, despejando as cinzas do pai, 1982. Acervo: Casa da Cultura Antonio Lisboa de Moraes.

PÓS-MORTE: INÍCIO DE OUTRA VIDA

Além das publicações e dos necrológios veiculados acerca do falecimento de Osório Alves de Castro, prestaram-se também algumas homenagens ao autor. Em 1983, na cidade de São Paulo, a escola estadual Comandante Garcia D Ávila inaugura uma biblioteca com nome “Osório Alves de Castro”. Em 1989, na ocasião do lançamento de *Bahiano Tietê*, a Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Campus de Marília, promove uma semana cultural com exposição de fotografias e material bibliográfico sobre o autor em questão. Na ocasião, os escritores Paulo Dantas e Nildo Carlos de Oliveira pronunciam conferência sobre o romancista Osório Alves de Castro.

Em abril de 2000, com o subtítulo *Um dedo de prosa*, o bibliófilo paulista José Mindlin aponta, na revista *Época,* as qualidades das melhores introduções de romance que honram a literatura brasileira. E o parágrafo inicial de *Porto Calendário* é um dos reverenciados nesta pequena nota. Em 2001, por ocasião do centenário de Osório Alves de Castro, o escritor Mylton Severiano, resolve prestar-lhe uma homenagem na revista *Caros Amigos*, enfatizando a personalidade e a militância do escritor sertanejo. Enfim, à luz dessas referências e de outras publicadas postumamente, pode-se dizer que Osório Alves de Castro foi, antes de tudo, “um remeiro autodidata” que investiu em seu estilo, na singularidade de seu fazer artístico. Ele foi, na verdade, “um literato militante” que recolheu da paisagem sanfranciscana a temática de suas obras.

Paralelamente, o estado da Bahia, terra natal do autor, “descobriu” Osório Alves de Castro por volta da década de 80. A princípio, timidamente, por meio de um discurso de Joaquim Lisboa Neto que, paulatinamente ganhou força e vem trazendo conseqüências boas, como mostram os vários estudos arrolados até aqui. Dentre eles, vale ressaltar a recente pesquisa publicada pela Editora Humanitas – *Os Sampauleiros*: cotidiano e representações, 2003, realizada pela historiadora Ely Souza Estrela, a qual enfatizou que a obra *Porto Calendário*, além de possuir valor documental, possui também valores históricos, sociológicos e até geográficos. Em Santa Maria da Vitória, cidade

natal do autor, há a Casa da Cultura Antonio Lisboa de Morais, local que abriga a sala “Osório Alves de Castro” e parte do seu acervo.



Foto 15 - Repercussão da morte de Osório Alves de Castro nos periódicos da época.

Arquivo de família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todos os depoimentos obteve-se a informação de que o último plano de Osório era escrever sobre as pessoas velhas e marginalizadas pelos jovens. Como os manuscritos deste projeto ficaram com a família, pouquíssimo se sabe sobre tais anotações que ainda se encontram, no fundo de uma gaveta, amarradas com algumas tiras de tecido, provavelmente retalhos antigos que sobraram de sua alfaiataria. Ou seja, esses dados encontram-se à disposição de todos aqueles que pretendem participar desse processo contínuo de (re) construção da memória histórica. Embora a família tenha se colocado à inteira disposição do pesquisador, não pôde ajudar muito nesta busca. Resgatar a vida e a obra desse escritor não foi apenas apresentar ao público leitor uma "nova obra", mas refletir e analisar sobre a resistência de uma história de vida que a obra de Osório Alves de Castro evoca.

Enfim, o gesto de recompor sua memória, por meio da composição deste texto, torna possível a expressão de sua biografia e diz ao mundo quem esse autor era, revela sua identidade intelectual e reescreve a narrativa de sua história de vida que, intimamente ligada à sua ideologia e a suas obras literárias, resulta um investimento contínuo na produção e criação de "um jeito humanista". Assim, pode-se dizer que Osório praticou a sua arte literária nos limites dessa concepção do lado humano, inventando-se a si mesmo, tal como a voz de sua região, tal como reconheceu a estudiosa Nelly Novaes Coelho.

Osório, como já vimos, tinha uma relação muito íntima com o sertão e com a humanidade. Segundo o escritor Paulo Dantas, ele "revela o drama humano sem retoques e oportunismo", mas com vivência e experiência, por ser um "legítimo produto brotado dessa terra de quatro séculos de penúria e isolamento, de abandono e substância". Pouco antes de morrer, o velho alfaiate, em uma de suas últimas entrevistas, afirmou que acreditava na história dos homens e nas grandes forças capazes de mudar a face das coisas no mundo. Só mesmo "um fruto da região" poderia fazer tal declaração com

tamanha autenticidade e consciência. Essa era a sua voz, essa é a atmosfera que habita suas obras. Salvemo-la para dá-la a conhecer às gerações futuras.

Fica aqui o desejo de oferecer ao pesquisador do futuro incentivo e material adequado à análise mais rigorosa e completa do escritor Osório Alves de Castro.

CRONOLOGIA DO AUTOR

1898. Ano de seu nascimento.

1901. Data oficial de seu nascimento: 17 de abril, cidade de Santa Maria da Vitória, estado da Bahia. Pais: Pedro de Almeida Castro, cartorário, e Catarina Alves de Souza, do lar.

1909. Ingressa em escola local. Inicia estudos primários, mas não chega a concluí-los.

1911. Segue para a cidade da Barra. Instala-se em colégio interno.

1913/1978 Lê muita literatura: Camus, Ferreira de Castro, Jaques Rumain, Alexander Serafimovich, Michael Gold, Tomasu di Lampedusa, Ignácio Silone, Flaubert, Goethe, Gogol, Knut Hansun, Machado de Assis, Jorge amado, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Dyonélio Machado e outros.

1920. Segue para o estado do Rio, deixando uma noiva à sua espera.

1921. Eleito representante da câmara de vereadores, Conselheiro Municipal da cidade de Santa Maria da Vitória.

Por intermédio do amigo João de Abreu, conhece a obra de Marx, *O Capital*.

1922. Cria seus primeiros trabalhos literários, redige poemas, inclusive um hino para o Centenário da Independência do Brasil.

Migra, definitivamente, para o estado do Rio e se instala na capital.

Conhece José Oiticica, professor de latim. Inicia seus estudos na capital, mas não chega a concluí-los devido à prisão desse professor.

1923. Muda-se para São Paulo, capital. Envolve-se com o clima, ainda recente, da Semana de Arte Moderna. Escreve artigos e poemas.

1925. Atende ao chamado da próspera Alta Paulista. Embrenha-se pelo sertão, fixando residência na região de Bauru.

1926/1930. Trabalha na lavoura, conhece pioneiros da região. É detido em Bauru.

Trabalha em propriedade rural na região de Bauru.

Estabelece-se como alfaiate em Lins.

1927. Casa-se com Josefa, companheira até o fim da vida.

Filia-se ao Partido Comunista. Dirigente do Comitê Central.

1933. Conhece Luis Carlos Prestes.

1934. Muda-se de Lins. Estabelece-se em Marília como alfaiate local.

1935/1940. Publica seus primeiros artigos e críticas literárias no jornal *Diário Paulista* e *Progresso*.

1945. Participa de reunião com Dirigentes Sindicais de Marília.

1946. Retorna a Marília. Participa de grande comício local, juntamente com Luis Carlos Prestes.

1947. Redige a sua “sapiranga”: *Porto Calendário* e *Bahiano Tietê*.

1947. Candidata-se à vereança pelo PCB. Recebe visita de Luis Carlos Prestes.

1949. Assina termo de declaração na Secretaria da Segurança Pública.

1950. Candidata-se à vereança pela coligação UDN – PTB.

1950. Participa ativamente dos movimentos revolucionários da região de Marília. Orador e articulador dos eventos realizados.

Viaja para o Rio de Janeiro com o objetivo de fixar residência na capital para expandir suas obras literárias.

1953. Participa de conferência realizada na Câmara Municipal de Marília, presidida por comunistas da região.

1957. Publica uma carta-crítica sobre *Grande Sertão: Veredas* na *Revista Diálogo*.

1960. Termina a correção dos manuscritos de *Porto Calendário.* Passa longo período inativo na política.

1961. Aos 60 anos, publica sua primeira obra, *Porto Calendário*, pela Livraria Francisco Alves.

1961. Profere discurso no lançamento de *Porto Calendário*, na sede do Yara Clube de Marília.

1961. Participa de programa de televisão, Brasil 60, da apresentadora Bibi Ferreira.

1961. Recebe prêmio Jabuti e Menção Honrosa da Prefeitura de São Paulo.

1962. Orador da reunião do Sindicato dos Ferroviários de Marília.

1962. Escreve outra carta a Guimarães Rosa.

1963. Viaja a Moscou, como prêmio recebido de jornal soviético.

1963. Publica conferência "Uma nova dimensão do romance brasileiro" proferida na FAFI, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília, pela *Revista Alfa*.

1963. Termina a correção dos manuscritos de *Bahiano Tietê.*

1964. É detido pelo DEOPS por participar de manifesto revolucionário na cidade de Marília, sendo julgado e condenado pela Auditoria Militar.

1965. Muda-se, com familiares, para a cidade de São Paulo.

1975. Redige a obra *Maria fecha a porta prau boi não te pegar.*

1976. Reedita, pela Editora Símbolo, sua obra-prima *Porto Calendário*.

1977. É vítima de dois atropelamentos na cidade de São Paulo. Inicia manuscritos de *Nhonhô Pedreira*.

1977. Falece a esposa Josefa. É encaminhado à Clínica Geriátrica em Itapecerica da Serra.

1977. Termina a correção dos manuscritos de *Maria Fecha a Porta prau boi não te pegar.*

1978. Recebe visita do amigo Nildo Carlos de Oliveira. Emociona-se com o prefácio do texto *Maria fecha a porta prau boi não te pegar.*

Em nove de dezembro, morre Osório Alves de Castro.

1982. Suas cinzas são jogadas nas águas do rio Corrente pelo seu filho Terto Alves de Castro.

BIBLIOGRAFIA DE OSÓRIO ALVES DE CASTRO

Obras literárias:

CASTRO, Osório Alves de. *Porto Calendário*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961. 320 p.

_____. *Bahiano Tietê*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1990. 231 p.

_____. *Maria Fecha Porta prau boi não te pegar*. São Paulo: Ed. Símbolo, 1979. 245 p.

Outros textos:

CASTRO, Osório Alves de. A região são-franciscana. In: *Revista Diálogo*, Marília, n.7, p.137-131, nov -1957.

_____. Porto Calendário: discurso do autor. *Correio de Marília*, Marília, 11 out.1961.

_____. Uma nova dimensão no romance brasileiro. In: *Revista Alfa*, n° 3, Marília, p. 101-92, mai – 1963.

REFERÊNCIAS SOBRE O AUTOR

Referências em jornais, revistas:

AUTOR de Porto Calendário recebeu expressivas homenagens. *Diário Paulista*, Marília, 1961.

ARROYO, Leonardo. A morte de Osório. *Diário Popular*, São Paulo, 02 mar.1979.

BARROSO, Jurandir. Homenagem a dois Democratas de Marília *Voz da Unidade*, São Paulo, 12 a18 jun.1980.

BRAIT, Beth. O místico e o folclórico em defesa de uma terra ameaçada. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 03 fev.1979.

BARRANQUEIRO do São Francisco escreve romance narrando os dramas de seu rio*. Correio Paulistano.* São Paulo, 02 abr.1961.

CABRAL, João; FASSONI, Orlando. O homem que costurava palavras. Jornal da Manhã, *Caderno 2*, Marília, 21 jun.1991.

CORRENTE Cultural. Osório Alves de Castro é homenageado na Universidade Católica de Goiás. *Boletim da Casa da Cultura Antonio Lisboa de Moraes.* Ano V, Ed 3, Santa Maria da Vitória, maio 2003.

CUNHA, Odir. A voz de Ivana Maria Tavares Jinkings. Jornal da Tarde, *Caderno de Domingo*, São Paulo, 20 jun.1999.

DANTAS, Paulo. Réquiem para romancista *Folha de S. Paulo,* São Paulo, 17 dez.1978.

_____. Porto Calendário. *Revista Brasiliense*, nº 38 Ed. Brasiliense, São Paulo, nov/dez.1961.

DIAFÉRIA, Lourenço. Nosso Osório. *Folha de São Paulo*, São Paulo, dez 1978, p.10, c.2.

DIMAS, Antonio. E o alfaiate pegou a caneta e costurou sua obra-prima. À moda de Guimarães Rosa. *O Estado de S. Paulo*, c 1, São Paulo, 26 maio 1977. p.17.

_____. *Fac-símile de duas cartas de Guimarães Rosa para Osório Alves de Castro*. São Paulo, 1978.

E.K. O autor morre: um novo romance na rua. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 12 dez.1978.

E O ALFAIATE pegou a caneta e costurou sua obra prima. À moda de Guimarães Rosa. *Jornal da Manhã*, Caderno 2, Marília, 21 jun.1991.

ESPINHEIRA, Gey. Um romancista da integração nacional. A Tarde, *Suplemento Cultural*, Salvador, 09 mar.1991.

FASSONI, Orlando L; LEITE, Paulo Moreira O homem que costurava as palavras. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 out. 1977.

HOJE, o lançamento de Porto Calendário. *Correio de Marília,* Marília, 07 out. 1961.

HOMENAGEM a Osório Alves de *Castro. Correio de Marília*. Marília, 05 out. 1961.

HOMENAGEM para um escritor morto*. Folha de São Paulo,* São Paulo, 21 fev.1979.

MAG, Clô. Tarde de Autógrafos. *Correio de Marília*. Marília, 15 out. 1961.

MARÍLIA incorpora mais uma obra de Osório. *Diário de Marília*, Marília, 21 jun.1991.

MARTINEZ, Rogério. Cem anos de Osório, 40 anos de prêmio Jabuti. *Diário de Marília*. Marília, 17 abr. 2001.

MARTINS, Jaime. Escritor alfaiate prepara romance: Baiano Tietê *Última hora*. São Paulo, 09 out.1961.

_____. Autor de Porto Calendário na TV de São Paulo falando sobre o romance paulista*. Jornal do Comércio*. Marília, 01 nov.1961.

MARTINS, Wilson. Estilo e assunto. O Estado de S. Paulo, *Suplemento Literário*. São Paulo, 18 nov.1961. p.23, 24.

MELLO, Murilo. Homenagem a Osório Alves de Castro.*Voz da Unidade*. São Paulo, 23/29 jun. 1983.

MESTRE das carrancas. *Jornal da Bahia*. Salvador, 09 jan 1984.

MORREU Osório Alves de Castro. *Folha da Tarde*, São Paulo, 11 dez.1978.

O HOMEM que sonhou com o estado do São Francisco. *Folha da Tarde*, São Paulo, 23 dez.1981.

OLIVEIRA, Nildo Carlos de. Uma lição de resistência. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 03 set.1978.

_____. Na morte, o último protesto do escritor. *Folha de S. Paulo*. São Paulo,11 dez.1978.

_____. O homem que costurava palavras. *Jornal da Manhã*, Caderno 2, p.5, c.2. Marília, 21 jun 1991.

_____. Cada um de nós tem sua porção de Proust. Diário de Marília, *8º Caderno*, Marília 01 maio1999.

OSÓRIO, injustiçado pela vida. E traído pela morte. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 dez. 1978.

PORTO Calendário [*Diário Paulista*]. Marília, 25 out.1961.

PORTO Calendário, o romance regionalista do Alfaiate Osório. *Escrita*, Revista Mensal de Literatura, nº 5, São Paulo: Vertente, 1976.

PRÊMIO Literário “Jabuti” poderá vir para Marília*. Jornal do Comércio*, Marília, 22 dez.1978.

RANGEL, Paulo. Porto Calendário, um modelo de romance para o Brasil. *Porto Calendário*, 2ª ed., Editora símbolo, São Paulo, 1976.

SCARABÔTOLO, José. A dois bons amigos: Cimino e Osório. *Jornal do Comércio*. Marília, [1960].

SERÁ homenageado o autor de Porto Calendário. *Diário Paulista,* Marília, 1961.

SEVERIANO, Mylton. Centenário de Osório. *Caros Amigos*, nº 51, Ed. Casa Amarela. São Paulo, jun. 2001.

SILVEIRA, Alcântara. Renovação da Francisco Alves. *Excitantes & Relaxantes*. Conselho Estadual de Cultura (comissão de literatura). São Paulo, 1965. p.138-12.

SIMÕES, Roberto. A ficção das gerais. *Revista Brasiliense*, nº 49, ed. Brasiliense. São Paulo, set/out.1962.

TESOURA *de Osório para o Museu*. *Jornal do Comércio,* Marília, 1978.

TOME Nota. *Folha da Tarde*, São Paulo, 21 dez. 1978.

UM BAIANO que não fala e cearense agitado são os desconhecidos do festival. *Folha de São Paulo.* São Paulo, 14 set. 1961.

VELHO alfaiate-escritor morreu sem ver editado o seu segundo romance. *O Globo*, São Paulo, 29 jan.1979.

Referências não publicadas:

DOPS – *Departamento de Ordem Política e Social* (Secretaria da Segurança Pública) – Delegacia Especializada de Ordem Social - Arquivo (50z/128/1417) São Paulo, nov 1977.

FFC - Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP. *O velho Osório: vida e obra*. Marília, 29/30 jun. 1989. (fascículo)

MORAIS, Clodomir Santos. *Carta a Osório Alves de Castro*. San José, Costa Rica, 02 jun. 1971.

_____. *Carta a Paulo H. Martinez*. Rostock, 01 maio 1985.

_____. *Carta ao Sr. Raul Ximenes.* Rostok, 20 mar.1986.

NETO, Joaquim Lisboa. *Osório Alves de Castro*. Conferência na Casa da Cultura Antonio Lisboa de Morais, na ocasião do encerramento da 1ª Semana Cultural. Santa Maria da Vitória, Bahia, 20 fev.1981. (texto mimeografado)

OLIVEIRA, Nildo Carlos. O escritor do vale do São Francisco. *Conferência realizada na FFC* – UNESP Marília, Marília, 30 jun.1989. (texto mimeografado)

_____. *Osório Alves de Castro*: dados biográficos. Casa da Cultura Antonio Lisboa de Morais, Santa Maria da Vitória, 26 ago.1988. (fascículo de periódico)

_____ *Osório Alves de Castro*: símbolo de resistência e dignidade. Memória Cultural. Santa Maria da Vitória, mar/ abr 2001. (fascículo periódico)

ROSA, Guimarães João. *Carta enviada a Osório Alves de Castro*. Rio de Janeiro, 21 fev. 1958.

_____. *Carta enviada a Osório Alves de Castro*. Rio de Janeiro, 21 out.1963.

SANTA Maria da Vitória em corpo e alma. *Casa da Cultura Antonio Lisboa de Morais*, Santa Maria da Vitória, Bahia. [1980] (Texto mimeografado) 4 p.

TRINDADE, Maurício. Câmara Municipal de Salvador. *Ofício nº 2.205/2001.* Salvador, 18 abr. 2001.

Referências em meio eletrônico:

CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. *Escrita, José, Almanaque: Leituras de romance*. Disponível em <htm: www.cce.ufsc.br/mlucia.htm> Acesso em ago. 2003.

*C*HEGOU *a hora do nosso estado do São Francisco!* Disponível em <httm//www.coqui.com.br/campanhas.html >Acesso em ago. 2003.

CRISTALDO, Janer. *Engenheiros de almas*: o stalinismo na literatura de Jorge Amado e Graciliano Ramos. Disponível em: <http//www.ebooksbrasil.com> Acesso em mai. 2000.

EDITORA Paidéia. *Dados biográficos do Prof. José Herculano Pires.* Disponível em <www.editorapaideia.com.br/herculanopires/html> Acesso em ago. 2003.

ESTRELA, Elly Souza*. Entre panos e palavras*: pequena biografia de Osório Alves de Castro*.* Disponível em: <htpp//www.coqui.com.br/literatura html> Acesso em mar. 2003.

_____. *Imagem de Caetité.* [jun 2003]. Entrevistador: Fernando Santana. Disponível em: <http:www.coqui.com.br//htm> Acesso em jun. de 2003.

MINDLIN, José. Os parágrafos. *Época*, especial 500 anos. Disponível em: <http: www.epoca.globo.com/especiais/rev500anos.htm> Acesso em abr. 2000.

PRÊMIO *Jabuti*. Disponível em: <www.bienaldolivro.com.br//htm> Acesso em 06 ago.2003.

RIBEIRO, Nurimar. *O Direito à memória: O vale do São Francisco e sua História*. Disponível em: <www.americovespucio.com. br> Acesso em ago. 2003.

SANTA MARIA DA VITÓRIA. Das proposições em geral. Artigo VI. Disponível em <httm//www. pollynet.com.br/camara.smv/cgi/titilo/htm> Acesso em agosto, 2003.

Referências em dicionários, enciclopédias, dissertações e obras literárias:

CARVALHO, Jehová. Osório, o autobiógrafo, numa obra teluricamente brasileira. *Bahiano Tietê*, Editora Gráfica da Bahia, Salvador, 1990.

COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário de Literatura*. 3ª ed. Figueirinhas/Porto: Porto Editora, 1983. p. 722.

COELHO, Nelly Novaes. *O ensino da literatura*. 2ª ed. Rio de Janeiro:José Olympio, 1973. p. 338-333.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Editora Global, 2ª ed., São Paulo, 2001.

DANTAS, Paulo. Porto Calendário. *Livraria Francisco Alves*, São Paulo, 1961.

_____. *Sagarana Emotiva:* Cartas de J. Guimarães Rosa a Paulo Dantas. São Paulo: Duas Cidades, 1975. p 72 – 69.

ESTRELA, Ely Souza. *Os sampauleiros*: cotidiano e representações. São Paulo: Humanitas. FFLCH/USP: FAPESP: EDUC, 2003. 256 p.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. Livros Técnicos Científicos, 2 ed. Rio de janeiro, 1978. p.183.

MIRANDA, Avelino Fernandes de. *A época de ouro do Corrente*: tempos (Re) construídos. Goiânia: Ed. Da UCG, 2002. 128 p.

_____. A voz dos humildes no romance de Osório. *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*. Edições Símbolo, São Paulo, 1978.

_____. Osório Alves de Castro. *Bahiano Tietê*. Salvador: Empresa gráfica da Bahia, 1990.

ROSA, Guimarães João. *Primeiras Histórias*. São Paulo: Ed Símbolo, 1962.

PIRES, J. Herculano. O urucuiano Osório Alves de Castro. *Porto Calendário*. Livraria Francisco Alves, São Paulo, 1961.

QUERINO, Rosimar Alves. *Mil histórias para contar:* formação de quadros e militância política comunista na região de Marília-SP (1947-1956). 2000. 225 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual paulista, 2000.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALBERTI, Verena. *História oral*: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1989.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. *Na boca do sertão*: O perigo político no interior do estado de São Paulo (1930-1945). Coleção Inventário DEOPS São Paulo: Arquivo do Estado – Imprensa Oficial do Estado, 2003. 219 p.

CALVET, Louis-Jean. *Roland Barthes*: uma biografia. Trad. Maria Ângela Vilela da Costa. São Paulo: Siciliano, 1993. 298 p.

CÂNDIDO, Antônio. *O direito à literatura*. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-63.

_____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional,1965.

CHAVES NETO, Elias. *Minha vida e as lutas de meu tempo:* memórias. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978. 266 p.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Literatura e Humanismo*. Ensaios de crítica Marxista. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984. 258 p.

DEL ROIO, Marcos Tadeu. *A classe operária na revolução burguesa*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

PERALVA, Osvaldo. *O retrato*. P. Alegre: Ed. Globo, 1960.

PEREIRA, Jane Christina. Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio (1963-1976). 2001. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade estadual Paulista, Assis, 2001.

QUEIROZ, M.I.P. *Variações sobre a técnica de gravador no registro de informação viva*. 2 ed. São Paulo: CERU/FFLCH/USP, 1985. 182 p.

ROCHA, Francisco. *Adoniran Barbosa:* O poeta da cidade. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 183 p.

MANZINI, E.J. *A entrevista na pesquisa social*. Didática: São Paulo, v. 26/27, 1990/1991. p.149-158.

MASSAUD, Moisés e PAES, José Paulo. *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1967. p.297-289.

NIETO, Ramón. *O ofício de escrever*. Trad.Maria Magdalena l. Urioste. 1ª ed., São Paulo: Editora Angra, 2001. 158 p.

PROENÇA FILHO, Domício. *Pós-modernismo e Literatura*. Ed Ática, São Paulo, 1988. 83 p.

TUNES, E. Considerações a respeito dos relatos verbais como fonte de dados. *Psicologia*. São Paulo, 1984. p.1-10.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS NÃO LOCALIZADAS

1. AVENA, Armando. Osório Alves de Castro: prosa barranqueira. *A Tarde Cultural*, Salvador, 19 jun. 2004, p.2-3.

2. ENEIDA, *Diário de Notícias*, Rio de janeiro, 1961.

3. GRIECO, Agripino, *Correio da Manhã*, Rio de janeiro, [1950].

4. MILLIET, Sérgio, *O Estado de S. Paulo*, 1961.

5. MONTEIRO, Casais. Suplemento Literário, *O Estado de S. Paulo*, 1961.

6. O ROMANCE histórico que Guimarães não viu. *A Tarde*, Salvador, 1991.

7. O RIO São Francisco na literatura brasileira, *Revista Leitura*, São Paulo, 1986.

8. SILVEIRA, Alcântara, Suplemento Literário, *O Estado de S. Paulo*, 1961.

FORTUNA CRÍTICA COMENTADA

Nunca temi uma crítica,
porque no caminho de volta,
sempre volta uma fruta madura.

Osório Alves de Castro

CATEGORIA DOS TEXTOS

1. Colaborações do Autor

2. Referências laudatórias, comemorativas e avulsas (discursos, dedicatórias, fascículos, necrológios e conferências).

3. Biobibliográficos (entrevistas, reportagens e referências em coluna literária).

4. Introdutórios à obra (prefácios, posfácios e introduções).

5. Estudos da obra (publicação em livros e periódicos literários, que analisam a obra de Osório Alves de Castro.)

(1) A REGIÃO São Franciscana. *Revista Diálogo*, nº 8, Rio de Janeiro, 07 nov., 1957.

Em uma carta publicada na *Revista Diálogo*, enviada a J. Herculano Pires, em 05 de março de 1957, Osório Alves de Castro faz alusão a algumas conversas que tivera com este jornalista acerca de *Grande Sertão: Veredas*. No texto, além de comparar a temática dessa obra com a do seu *Porto Calendário*, resenha algumas passagens e faz uma breve análise sobre alguns personagens. Por fim, exalta a coragem e a inteligência de Guimarães Rosa e diz que o livro lhe servira como um chamado, como estímulo e trouxera-lhe a confirmação para publicar o seu *Porto Calendário.*

(1) UMA NOVA dimensão no romance brasileiro. *Revista Alfa*, nº 3, Departamento de Letras – FAFI – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília – Instituto Isolado. Marília, 06 maio 1963.

Nessa conferência, Osório Alves de Castro discorre sobre sua sofrida trajetória de sertanejo insubmisso, referindo-se à influência que ela exerceu em sua obra prima. Esse deslocamento precoce do sertão seria o fator responsável pelo conhecimento profundo que sua obra traz acerca do mundo. Em seguida, relembra “o mundo tumultuoso” que antecedeu a Semana de Arte Moderna e de algumas leituras que fez, citando *A Peste,* de Albert Camus, *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa e o personagem Brás Cubas, de Machado de Assis. Por fim, cita o francês Mauriac para confessar que “*Porto Calendário* não ganhou uma popularidade generalizada, mas vem desfrutando um certo interesse por antever na sua composição [...] de facilitar, pela fidelidade, a aproximação dos sentimentos humanos”. E prossegue revelando quanto à linguagem em sua narrativa, que atendendo a uma preferência de singularização e estruturação básica, “sucedem-se, nas diversas histórias, as

expressões como movimentadoras do drama em trânsito pelas emoções humanas” Para encerrar, relata alguns temas abordados em *Porto Calendário*, como pós-guerra, migrações, peste, seca e fome.

(1) PORTO Calendário: discurso do autor. *Correio de Marília*, Marília, 11 out.1961.

Trata-se de um discurso proferido pelo autor Osório Alves de Castro na ocasião do lançamento de sua obra *Porto Calendário,* em Marília. Neste longo texto, o autor introduz suas falas com uma carinhosa saudação “Meus amigos, permitam que eu me prenda a este delírio de concentração carinhosa”, e antecipa aos leitores marilienses esclarecimentos sobre dois insistentes inquéritos que o vinham acompanhando há algum tempo, desde sua estréia em São Paulo. O primeiro era a respeito de sua publicação tardia e o segundo, ao título da obra. A seguir, discorre sobre sua trajetória sertaneja e contextualiza a obra como parte dela “neste *Porto Calendário* tudo pode acontecer, e aconteceu saindo da realidade para as histórias, às vezes brutais, deste Osório Alves de Castro, vaqueiro do São Francisco que virou migrante, se fez alfaiate, e se atreveu a escritor, para endurecer nas mensagens arrancadas da vida do povo, o crédito da unidade brasileira, para acreditar na valença do trabalho, na força eterna da liberdade e poder sonhar com um mundo diferente, onde todos possam ser felizes e viver em paz” E prossegue, justificando a acidez de sua obra. “Por que nessa condição um romance regional? A vida se tumultua nas necessidades e a região deixa de ser uma contemplação romântica para se integrar na humanidade. Não a desenhamos com o carinho de um usuário [...] nem de um louco que amanhã no extremo de sentir a vida, a fantasia nos seus arquipélagos. [...] Duas regiões se caracterizam na história do Brasil por um mesmo destino, pela mesma intransigência, fortalecendo o sentido da vontade: o São Francisco e São Paulo. [...] Meus amigos, se faço este confronto é para vos afirmar, a vos todos que são provas vivas do meu esforço para realizar o testemunho desta intenção literária” [...] Porto Calendário é um romance de

Unidade Nacional [...] nele reflete um Brasil diferente, se realizando aqui e acolá [...] o grande problema do Brasil é e ainda será por muito tempo o do povoamento [...] nos seus conflitos físicos e sentimentais [...] das relações delas advindas [...] onde a luta pela sobrevivência levantou no primitivo os redutos de autodefesa: o nomadismo das bandeiras, a decisão dos quilombos, a intransigência dos vaqueiros, tudo nessa madrugada de idades, como um símbolo!" E para encerrar, Osório descreve a sua criação, justifica a sua linguagem peculiar e fala do nascimento de seus personagens. "[...] é o meu ponto de vista literário. Os personagens de uma ficção nascem da consciência do escritor em colaboração com o meio em que vive, com a mesma linguagem e afeição escultural do seu pensamento. O colorido é uma atribuição da liberdade do artista, fazendo distinguir suas relações com as emoções internas e externas dos seus participantes". E fala, também, de um próximo livro, de âmbito regional paulista, assunto que o leva a se lembrar de ter sido mal interpretado e discriminado em um recente programa de televisão. E encerra esse discurso descrevendo, de forma poética, sua trajetória no interior paulistano "do que senti em 40 anos de observações contínuas, onde ajudei com minhas mãos o desbravamento do interior, onde habitei nos povoados saídos da selva e que logo se tornaram cidades magníficas [...] a rotina e a profissão, os dias de vacas gordas e vacas magras, motivo da consciência: o cárcere, a liberdade e as leituras.[...] Contemplei São Paulo saindo dos brejos, florindo no seus parques e jardins, subindo por cima dos telhados coloniais e afirmação monumental de sua arquitetura. Das suas fazendas e suas favelas. Admirei a inteligência e odiei seus fariseus. Amei as crianças, estudantes, analfabetos e desgraçados. Aproximei-me dos seus operários, falamos de suas pelejas e dos seus sonhos [...]"

(2) UM BAIANO que não fala e cearense agitado são os desconhecidos do festival. *Folha de S. Paulo.* São Paulo, 14 set. 1961.

Neste texto, o baiano que não fala é Osório Alves de Castro e o cearense agitado é Caio Porfírio Carneiro. O festival é Escritor Desconhecido, promovido pela Livraria Francisco Aves, em que esses escritores lançarão suas obras: *Porto Calendário* e *Trapiá*. O texto, além de trazer dados biobibliográficos sobre os autores, tece comentários acerca da estréia dessas obras.

(2) HOMENAGEM a Osório Alves de *Castro. Correio de Marília*. Marília, 05 out. 1961.

Nesta pequena nota de estréia do livro, o repórter noticia que *Porto Calendário* será lançado na sede de um clube local, fazendo referência ao "[...] acontecimento social e literário que vem despertando o mais vivo interesse [...]. As listas de adesões em poder dos membros da Comissão vêm sendo acrescidas diariamente [...]".

(2) HOJE, o lançamento de Porto Calendário. *Correio de Marília.* Marília, 07 out. 1961.

Com o subtítulo "Cok-tail no Yara Clube às 16 horas", o texto anuncia o lançamento da primeira obra do autor Osório Alves de Castro. A pequena nota faz referência ao escritor e à obra como um assunto "que vem tendo a melhor aceitação perante a crítica especializada do Brasil".

(2) MAG, Clô. Tarde de Autógrafos. *Correio de Marília*, Marília, 15 out. 1961.

A autora disserta, brevemente, sobre a recente tarde de autógrafos do escritor mariliense, Osório Alves de Castro, ocorrida na capital, na Livraria Alves. Relata, com grande entusiasmo, o lançamento de *Porto Calendário* “Nunca havíamos assistido a uma tarde de autógrafos... Naquela memorável tarde em que se festejava o autor desconhecido, que para nós marilienses, não o era [...] e ele foi agradavelmente surpreendido [...] que levamos o nosso abraço de parabéns e o nosso pedido de autógrafo.“ E encerra tecendo mais considerações acerca do autor “Osório é um desses poucos, porque a sua messe estende-se por um vasto campo fecundo [...] soube escolher o trigo onde abunda o joio da mediocridade. Os elementos que colheu para o seu Porto foram todos de primeira grandeza [...] impõem-se agressivamente, embora recebidos com certa desconfiança. Essa é a impressão que tivemos com a leitura de *Porto Calendário*”.

(2) PORTO Calendário [*Diário Paulista*]. Marília, 25 out.1961.

Trata-se de uma pequena nota de divulgação da obra *Porto Calendário*, recém-lançada, na cidade de Marília.

(2) SCARABÔTOLO, José. A dois bons amigos: Cimino e Osório. *Jornal do Comércio*, Marília, [1961].

Trata-se de um longo comentário saudosista sobre dois alfaiates: Cimino e Osório, o primeiro direitista, e o segundo esquerdista. O autor, a partir de depoimentos sobre a ideologia contrária de ambos, tece considerações acerca das reuniões matutinas e vespertinas que freqüentou na alfaiataria desses bons amigos. O que se evidencia neste texto é a descrição exaltada que ele faz do escritor - “Osório era a tolerância em pessoa, o receptáculo das dores do

mundo. Seu imenso coração fazia-o chorar ao relatar um simples episódio da vida de uma pessoa humilhada e ofendida. Mas Osório não se sensibilizava particularmente por essa pessoa. Sua sensibilidade era para toda a classe dos humilhados e ofendidos. Ele podia valer-se de uma tragédia individual, mas ao retratá-la, eleva-a à tragédia coletiva" Para encerrar, revela uma particularidade do bom baiano "Osório, depois de enfiar uma nota no bolso do mendigo, ouvi uma vez: É...ninguém sabe... pode ser o Bom Jesus da Lapa, oxente!!!"

(2) SERÁ homenageado o autor de Porto Calendário *Diário Paulista.* Marília, 1961.

Além de anunciar o lançamento de *Porto Calendário*, o texto tece considerações acerca de sua publicação em São Paulo. Dentre os elogios elencados à obra, referencia que "quem já teve a oportunidade de ver os exemplares de *Porto Calendário* expostos na capital do estado, enfeitados pelas etiquetas "Osório-Alfaiate" - que trazem o imortal pensamento de Dante *(sic)* "Tutto fu ambito, e tutto fu tentato, quel che non fu fatto, io lo sognai", além do nome de Marília - pode aquilatar perfeitamente o quanto faz jus a homenagem ao cidadão que contribuiu bastante para projetar no cenário literário nacional o nome da terra em que vive."

(2) AUTOR de Porto Calendário recebeu expressivas homenagens. *Diário Paulista.* Marília, 1961.

A nota comenta a publicação e o sucesso de *Porto Calendário* na cidade e ainda destaca que o autor foi saudado com discurso proferido por autoridades locais.

(2) DANTAS, Paulo. *Sagarana emotiva*: cartas de J. Guimarães Rosa. São Paulo, Livraria Duas Cidades,1975.

Na carta enviada a Paulo Dantas em 10 de agosto de 1957, Guimarães Rosa, além de abordar vários outros assuntos, refere-se a Osório Alves de Castro com grande entusiasmo, manifestando, inclusive, o desejo de conhecê-lo pessoalmente: "- Oh, homem do São Francisco! Pudesse, eu ia lá, em Marília, conversar com ele, três noites e três dias, seguidos, sem pausa, nem fio de pavio." E, após agradecer "o presente precioso" de Osório, em carta-crítica sobre o *Grande Sertão: Veredas* publicada na *Revista Diálogo*, pede ao amigo Paulo Dantas para "mandar dizer ao Osório Alves de Castro que escreva logo, logo, logo o "*Porto Calendário*", que deve ser alguma coisa carnuda e tatanuda."

(2) MORREU Osório Alves de Castro. *Folha da Tarde.* São Paulo, 11 dez.1978.

A partir de comentários biobibliográficos, a nota informa a morte do romancista Osório Alves de Castro.

(2) OLIVEIRA, Nildo Carlos de. Na morte, o último protesto do escritor. *Folha de S. Paulo*, São Paulo,11 dez.1978.

A partir de uma citação de Guimarães Rosa, o jornalista faz um paralelo entre a morte deste escritor e a de Osório Alves de Castro, relembrando que, em 1967, "já cobrira de nuvem espessa toda a região das Gerais, o universo de Riobaldo e Diadorim [...]" e revela que "o sertão, mais particularmente, o vale do São Francisco, perdeu a sua voz mais enérgica e o mais fiel intérprete de suas coisas e sua gente". Ainda nessa nota de falecimento, anuncia que o escritor

havia deixado um livro no prelo, *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*, que seria lançado nas próximas semanas.

(2) E.K. O autor morre: um novo romance na rua. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 dez.1978.

Após comunicar o falecimento de Osório Alves de Castro, o crítico resenha a sua segunda obra, *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*, e anuncia que seu lançamento será em breve. A seguir, discorre sobre a trajetória do autor, “homem forte e resistente, barranqueiro de rio que costurou as Gerais com linha exuberante e desordenada” e finaliza, concluindo que Osório “foi um escritor que poderia ter tido a mesma fama que um outro contador de histórias do São Francisco: João Guimarães Rosa”.

(2) DIAFÉRIA, Lourenço. Nosso Osório. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 dez.1978.

Em relação à nota de seu falecimento, Lourenço Diaféria denuncia que “Osório já estava sepultado quando alguns jornais – não todos nem a maioria – divulgaram a sua morte. Acho isso triste e pungente”. E de forma saudosista e ácida, prossegue: “além disso, tinha um defeito grave: era escritor, baiano e pobre. Isso é imperdoável. Não pôde contar nunca com a boa vontade de ninguém [...] Relembro nosso Osório por dois motivos: primeiro porque gosto dele, segundo porque fomos vizinhos [...] mais de uma vez viajamos juntos [...] era o vovô da turma – e quando digo turma, estou me referindo àquela *gang* que perpetrou caminhada ao interior do Estado, numa maratona em busca do leitor do futuro.” E, de forma poética, descreve a pessoa de Osório: “ele falava baixo, praticamente discursava com seus olhos enrugados e vermelhos, duas

contas de madrepérola [...] era um tímido, um sertanejo, com a contextura do Paulo Dantas. “ Sobre a sua morte, lamenta otimista “[...] é a vida, dezembro é um bom mês. Certamente Osório vai passar o Natal ao som de pífanos, na melhor das companhias.”

(2) OSÓRIO, injustiçado pela vida. E traído pela morte. *Jornal da Tarde.* São Paulo, 14 dez. 1978.

A partir do subtítulo “Comparado a *Sagarana*, o primeiro romance de Osório Alves de Castro esperou 16 anos por um editor. O segundo ficou pronto esta semana, um dia depois da morte de Osório”, o estudioso se detém sobre o lançamento de *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* e sobre as injustiças que os escritores brasileiros enfrentam no mercado literário. E, após resenhar a obra, enfatiza que Osório, embora tenha recebido acalorados elogios de Guimarães Rosa, foi totalmente desconhecido pelos críticos e pelo público. Além de comparar alguns aspectos da obra de Osório com a de Guimarães, exalta a vida e a obra desse primeiro. E encerra lamentando: “O lançamento seria transformado em uma grande homenagem ao homem e ao escritor [...]. E Osório Alves de Castro morreu sem ver seu segundo livro publicado”.

(2) DANTAS, Paulo. Réquiem para romancista. *Folha de S. Paulo,* São Paulo, 17 dez.1978.

Este texto compõe-se de quatro partes. Na primeira, faz-se alusão ao pouco destaque que a imprensa deu à morte do autor Osório Alves de Castro. Na segunda,o escritor tece valiosas considerações acerca desse escritor e de sua obra, relembrando que “estávamos diante de um Falkner caboclo, sem maiores complicações ou de um Caldwell de maior talento e brasa, sendo, sobretudo,

barranqueiro nosso, sãofranciscano autênctico. O romance de Osório Alves de Castro, como era natural, causou um susto tremendo na área da nossa ficção regional e abalou certos caciques da boa terra, que não viram, com bons olhos, aquela bárbara invasão.” Na terceira, tece uma crítica ao título de *Maria fecha a porta prau boi não te pegar:* “título comprido demais, muito dialetal e nada comercial [...] mas, afinal, em se tratando do velho Osório Alves de Castro, pouco importa!” E, na quarta, encerra fazendo alguns apelos e sugestões: “agora fico pensando aonde anda aquele original de mais de trezentas páginas datilografas, do seu *Bahiano Tietê,* precisamos ouvir e escutar de novo, novamente, a voz do rio São Francisco. O velho e inesquecível Osório precisa urgente, urgentíssimo, de um terceiro editor e corajoso editor. E onde anda a gente de cinema, que não aproveita tão empolgantes enredos, como os bem curtidos e urdidos pela linguagem nova do velho e do rio? [...] O réquiem se transforma em apelo e bem sei que a minha epifania sugestão cairá no “óbvio ululante” ou no vazio deliberado, proposital, mafioso e organizado”.

(2) TESOURA *de Osório para o Museu*. *Jornal do Comércio.* Marília, 1978.

Trata-se de uma pequena nota de falecimento do escritor Osório Alves de Castro.

(2) TOME Nota. *Folha da Tarde.* São Paulo, 21 dez. 1978

Trata-se de uma pequena nota que informa a doação da tesoura do escritor-alfaite para o Museu da cidade. Notifica também que este instrumento foi doado pelos filhos João de Castro e Terto de Castro.

(2) DIMAS, Antonio. *Fac-símile de duas cartas de Guimarães Rosa para Osório Alves de Castro*. São Paulo, 1978.

Trata-se de uma pequena homenagem que o autor presta a Osório Alves de Castro, publicando sua correspondência com Guimarães Rosa. Neste texto o autor, além de resenhar e essas cartas, arrisca, também, um palpite sobre o pequeno contato que esses escritores mantiveram no passado. “O contato entre Osório e Guimarães Rosa só não foi mais intenso, acredito eu, devido à imensa distância que os separava. Osório, alfaiate, morava em Marília, interior de São Paulo; Rosa, como se sabe, vivia no Rio. Entretanto, o tom de ambas as cartas mostra que a linguagem encurtava o espaço. Por outro lado, a dedicatória de Osório a Guimarães Rosa, manuscrita na folha de rosto do exemplar de *Porto Calendário* que pertenceu a Rosa, atesta bem a proximidade entre ambos os escritores: ‘Caro Guimarães Rosa: Se não fosse a ajuda que V. me deu, com sua coragem de trazer à literatura a linguagem do nosso povo, jamais poderia ouvir a voz vinda do fundo, a minha gênese gritando: Amabozarai!... E ele nasceu. Marília, Natal de 1961’.”

(2) VELHO alfaiate-escritor morreu sem ver editado o seu segundo romance. *O Globo*. São Paulo, 29 jan.1979.

Além de notificar o falecimento do autor e tecer algumas considerações acerca da vida e da obra de Osório Alves de Castro, o breve texto fala, também, da publicação do livro *Maria fecha porta prau boi não te pegar,* que é sintetizado pelo crítico como “panorama de uma cidade baiana, Araçá Mel, comunidade de oleiras, onde um coronel e uma escrava são protagonistas”.

(2) HOMENAGEM para um escritor morto*. Folha de S. Paulo.* São Paulo, 21 fev.1979.

Após um longo comentário sobre a vida e a obra prima de Osório Alves de Castro, exaltando sua personalidade de escritor insubmisso, este texto divulga o lançamento de *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* por meio de uma resenha crítica que enfatiza a forma de esse autor se expressar. E encerra dizendo que haverá uma homenagem póstuma, na UBE, com a presença dos amigos Lourenço Diaféria, J. Herculano Pires, Nelly Novaes Coelho, Paulo Dantas, Nildo Carlos de Oliveira e dos parentes do escritor.

(2) ARROYO, Leonardo. A morte de Osório. *Diário Popular*, São Paulo, 02 mar.1979.

Por ocasião do falecimento do autor, o cronista resolveu não só lhe prestar uma homenagem, como também tentar reparar a injustiça cometida pelo seu público e pela crítica - o esquecimento. E lamenta “mesmo não o vendo, dele não poderia esquecer quando o conheci em 1961.” Para embasar sua constatação de que, com *Porto Calendário*, Osório Alves de Castro se consolidou como romancista, o crítico afirma que “toda a literatura brasileira, no campo da ficção, (se vale o termo e sua conotativa restrição), possui três livros ímpares: *Grande Sertão: Veredas*, de J. Guimarães rosa (1956); *Porto Calendário,* de Osório Alves de Castro (1961) e *O Pássaro da Escuridão*, de Eugênia Sereno (1965). Esses três livros, rompendo com moldes tradicionais oriundos de uma subordinação cultural que não se compreende e nem se aceita mais, arejaram e abriram perspectivas novas para uma criação literária originalmente brasileira”. Enfatiza, ainda, que seu primeiro romance é, na verdade, um mural de Santa Maria da Vitória e dos dramas do rio São Francisco - “é como se o livro fosse um quadro impressionista pintado por Ariel”.

(2) NETO, Joaquim Lisboa. *Osório Alves de Castro*. Conferência na Casa da Cultura Antonio Lisboa de Morais, na ocasião do encerramento da 1ª Semana Cultural, Santa Maria da Vitória, Bahia, 20 fev.1981.

Trata-se de um discurso em que o autor faz um breve comentário biobibliográfico sobre Osório Alves de Castro e tece considerações sobre sua literatura, relembrando que “em *Porto Calendário*, Osório faz desfilar uma galeria de tipos que, naquela época, existiam em abundância na nossa região sanfranciscana: os remeiros que empurravam rio acima, rio abaixo os barcos com mercadorias, e os coronéis que não vacilavam em matar quando não conseguiam mão de obra [...] E a razão de sua saída em nossa cidade foi a seguinte: perseguições políticas e dificuldades econômicas. [...] Foi injustamente ignorado pelas pessoas que até hoje ocupam e ocuparam o poder em santa Maria da Vitória.”

(2) MELLO, Murilo. Homenagem a Osório Alves de Castro. *Voz da Unidade*, São Paulo, 23/29 jun. 1983.

Esta pequena nota anuncia que “no dia 15 do corrente, na EMPG “Comandante Garcia D Ávila, na rua Armando Coelho Silva, no carente bairro do Parque Peruche, em simples e comovente solenidade, presidida por sua diretora, foi inaugurada a sala de leitura “Osório Alves de Castro”, patriota e democrata, velho e incansável lutador pelas melhores causas do povo.” Na presente solenidade, além de vários outros oradores, fez uso da palavra o escritor Paulo Dantas, revelando que Osório “retratou com carinho e colorido especial a sua terra natal, a pequena cidade de Santa Maria da Vitória, próxima ao rio São Francisco, rio que ele tanto amou, que pediu que suas cinzas fossem lançadas às suas águas.” Por fim, o autor dessa nota encerra-a com uma pequena biografia do autor.

(2) OLIVEIRA, Nildo Carlos. *O escritor do vale do São Francisco.* Conferência realizada na FFC – UNESP Marília, Marília, 30 jun.1989. Texto mimeografado. 5p.

Por ocasião da homenagem prestada ao escritor Osório Alves de Castro, no campus da UNESP, o autor desse texto faz uma exaltada viagem regressa, relatando, inclusive, detalhes de seu convívio com e escritor. “É ele, o tempo, que me traz a Marília, vinte e cinco anos depois, para prestar, com sua cumplicidade, o meu testemunho sobre o alfaiate, o militante político e o escritor [...]. Não sei quando foi que conversamos pela primeira vez, mas tenho certeza de que foi sobre literatura e um terno. E o escritor me forneceu, talvez, a primeira noção de que, ao lado da literatura oficialesca, assumida nas antologias escolares, havia outra, mais profunda, menos difundida entre nós e, entretanto, mais compromissada com as grandes transformações do homem e da sociedade. Autodidata, conseguira o que em muitos bancos universitários dificilmente se obtém: cultura. Era um homem culto, o que o diferenciava daquele que detém apenas conhecimentos. E o Osório abria muitas vezes os olhos e a consciência, franqueando-me a sua biblioteca, onde mantive contatos com inúmeros escritores: o português Ferreira de Castro, autor do romance *A Lã e a Neve*, Alexander Serafimovich, que escrevera *A Torrente de Ferro*, Jaques Rumain, da célebre novela *Os donos do Orvalho* e tantos outros autores, em especial, divulgados na antiga coleção Romances do povo, dirigida por Jorge Amado. [...] A nossa amizade, à época, era compreensivelmente marcada pela distância que separa o homem adulto [...] e um rapaz entupido de literatura, mas de horizonte naturalmente limitado. Acompanhava o laborioso trabalho literário do alfaiate em cuja carranca batia um coração humaníssimo. Escapando às diárias atribulações, afundava-se no romance *Porto Calendário*, reestruturando-o, corrigindo-o. Pelo fato de pensar “diferente”, tanto ele quanto outras personalidades locais, como o médico Reynaldo Machado, sofriam a intolerância de pessoas que jamais aceitariam o predomínio de inteligência e da evolução igualitária do terreno. E a intolerância maior veio em 1964. Àquela altura, com a publicação de *Porto Calendário* [...],

a quebra da legalidade refletiu-se de imediato na caça à inteligência. Aos primeiros dias do golpe, procurei Osório em sua alfaiataria. A porta estava baixada e ele me aconselhou a deixá-lo só. Não queria que a amizade fosse pretexto para comprometimentos. “Estamos em situação de instabilidade institucional”, afirmou, e, nessas circunstâncias, os donos do poder sempre encontram [...] motivo para suspeitas e perseguições. [...] Mudei-me para São Paulo. [...] Ele passou a viver também em São Paulo. [...] E nossas possibilidades de conversa se espaçaram. [...] Com a morte da mulher, experimentou o trauma do isolamento. O escritor passava dias e noites recompondo frases. Eu percebia que nessa fase minha visita tinha o caráter benéfico de arrancá-lo daquele universo de coronéis. Mas o tempo, o velho tempo, é implacável”. Ao relembrar o seu último encontro com o amigo Osório, o conferencista descreve o que sentiu, detalhadamente. “Fui encontrar hoje Osório Alves de Castro no velório da Clínica. Ao lado do corpo, estavam dois de seus filhos, Terto e o Osório. Na mesa de mármore em que o corpo repousava, vi uma sacola de plástico contendo os sapatos, algumas roupas miúdas, uma japona e um boné que lhe dava um traço, um quê de Aquilino Ribeiro, o escritor português cujo romance, *Quando os Lobos Uivam* ele muito admirava. Segui a recomendação do velho. Não me assustei e ele continuou, embora permanecendo à margem da maior parte da literatura produzida e divulgada no país.” Para encerrar, esse estudioso resenha, longamente, as obras do amigo escritor, inclusive, a inédita *Bahiano Tietê* sobre a qual ele tece algumas considerações e cuja a publicação propõe.

(2) FFC - Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP. *O velho Osório: vida e obra*. Marília, 29/30 jun. 1989.

A partir do slogan “O velho e o rio” e de um anúncio sobre conferências e mesas-redondas acerca da vida e da obra de Osório Alves de Castro, o cartaz, com a foto do autor, divulga, também, exposição de fotografias e material bibliográfico do romancista.

(2) E O ALFAIATE pegou a caneta e costurou sua obra-prima. À moda de Guimarães Rosa. *Jornal da Manhã.* Caderno 2, Marília, 21 jun.1991.

Com o título idêntico ao artigo *E o alfaiate pegou a caneta e costurou sua obra prima. À moda de Guimarães Rosa*, publicado em 1977, por Antonio Dimas, no jornal *O Estado de S. Paulo*, este jornal compõe uma antologia com trechos da obra do autor Osório Alves de Castro, fragmentos de sua correspondência com Guimarães Rosa e ilustra a matéria com fotos de familiares e gravuras da capa de suas obras.

(2) OLIVEIRA, Nildo Carlos de. Cada um de nós tem sua porção de Proust. *Diário de Marília*, *8º Caderno*, Marília 01 maio1999.

Trata-se de um caderno especial, *Diário-História*, por ocasião dos 71 anos de circulação deste jornal. Este texto, a partir de uma citação de Proust, apresenta breves considerações acerca das pessoas e dos lugares que ficaram preservados na memória do redator. E algumas figuras que se destacaram na época são lembradas com muito carinho por ele “naquela fase de efervescência ideológica, duas personalidades jamais serão esquecidas: o médico cirurgião Reynaldo Machado e o alfaiate Osório Alves de Castro.” Neste texto, alguns são relembrados: “Osório celebrizou-se como escritor, autor de livros como *Porto Calendário*, com o qual ganhou Prêmio Jabuti, e suas obras *Maria fecha a porta* e *Bahiano Tietê*, estão a merecer análise dos setores intelectuais comprometidos com as questões dos valores históricos e culturais.” E nesse retorno às origens, alguns lugares também são relembrados pelo jornalista “[...] a Alfaiataria Rex, na 9 de Julho, defronte do restaurante Santa Helena, onde Osório recebia os amigos e até os adversários políticos. Lá ele discutia Proust, Lenine, Graciliano Ramos com interlocutores como o diplomata Hélio Scarabôtolo, a professora Nelly Novaes Coelho e o escritor

José Geraldo Vieira. Era nesse ambiente que ele costurava a fabulação de seus romances".

(2) MINDLIN, José. Os parágrafos. *Época*, especial 500 anos, São Paulo, 14 abr. 2000. Disponível em: Http: <.epoca.globo.com/especiais/rev500anos.htm> Aceso em: jun de 2003.

Com o subtítulo *Um dedo de prosa*, José Mindlin aponta as qualidades das melhores introduções de romance que honram a literatura brasileira. E o parágrafo inicial de *Porto Calendário* é um dos reverenciados nessa pequena nota.

(2) MARTINEZ, Rogério. Cem anos de Osório, 40 anos de prêmio Jabuti. *Diário de Marília*, Marília, 17 abr. 2001.

Por ocasião do centenário de Osório Alves de Castro, o autor desse texto faz uma retrospectiva, organizada a partir dos subtítulos "Livro é biografia de Osório e barranqueiros" e "Na morte, imprensa descobre escritor". Discorre sobre aspectos relevantes da vida e da obra desse escritor, que se destacou tanto na política como na literatura. Ainda, no final dessa matéria, informa que "Mindlin, dono da maior biblioteca pessoal do país, acalenta a idéia de reeditar *Porto Calendário*".

(2) NETO, Joaquim Lisboa. Osório Alves de Castro: símbolo de resistência e dignidade. *Memória Cultural*. Santa Maria da Vitória, mar/ abr 2001.

A propósito do Centenário de Osório Alves de Castro, o autor desse texto homenageia-o com um breve comentário, relembrando as perseguições sofridas, a premiação recebida, e a publicação de suas obras. E encerra dizendo que “zelar pela memória de Osório Alves de castro é nosso dever eterno”.

(2) SEVERIANO, Mylton. Centenário de Osório. *Caros Amigos*, nº 51, Ed. Casa Amarela, São Paulo, jun. 2001.

Por ocasião do centenário de Osório Alves de Castro, este autor resolve prestar-lhe uma homenagem, enfatizando a personalidade e a militância do escritor, resgatando passagens de algumas críticas: “segundo o crítico Paulo Rangel, lembra Sholokhov, Garcia Márquez e o próprio Rosa. João Antonio [...] recomendava aos jovens que lessem Osório.” E encerra glorificando a figura desse escritor: “suas cinzas foram jogadas no rio corrente, em 1982, pelo filho Terto Alves de Castro, relata Joaquim Lisboa Neto, santa-mariense que zela pela casa da cultura Mário Lisboa de Moraes e pela memória do conterrâneo Osório, “lutador das causa sociais” que a ditadura militar engaiolou já na noite de 31 de março de 1964. E, se a ditadura tão pronto o engaiolou, e o torturou, é mais um atestado de virtude e glória para Osório.”

(2) CORRENTE CULTURAL. *Osório Alves de Castro é homenageado na Universidade Católica de Goiás*. Boletim da Casa da Cultura Antonio Lisboa de Moraes. Ano V, Ed 3. Santa Maria da Vitória, maio 2003.

Por ocasião do lançamento da obra *A época de ouro do corrente – tempos (re) construídos,* de autoria do professor da UCG, Avelino Fernandes Miranda e da data de nascimento do autor Osório Alves de Castro, 17 de abril, este pequeno

jornal publica uma edição especial, homenageando e recordando que Osório estaria completando seu centésimo segundo aniversário se ainda estivesse vivo. Publica, também, discurso proferido pelo autor Avelino na ocasião do lançamento de sua obra *A época de ouro do corrente*, em que este presta homenagem aos sertões e aos sertanejos do país. Segue-se discurso: “Quero homenagear o sertão de Osório Alves de Castro, que exprime a trama de ermos seculares. Quero homenagear homens e mulheres daquele tempo. Todavia quero destacar a figura de Osório Alves de Castro. Dedico esta fração de tempo a Osório como sinal de reconhecimento à sua contribuição ao conhecimento do sertão e do sertanejo do Médio São Francisco.” Em suma, este periódico, por meio de textos, fotos e fragmentos de obras e cartas, homenageia e resgata dados biobibliográficos do autor Osório.

(2) EDITORA Paidéia. *Dados biográficos do Prof. José Herculano Pires.* Disponível em <www.editorapaideia.com.br/herculanopires/html> Acesso em 06 ago. 2003.

Neste *link* aparece a biografia do escritor J. Herculano Pires e nela há uma considerável referência ao escritor Osório Alves de Castro “Mudou-se para Marília em 1940 (com 26 anos), onde adquiriu o Jornal Diário Paulista e o dirigiu durante seis anos. Com José Geraldo Vieira, Zoroastro Gouveia, Nichemaja Sigal, Anathol Rosenfeld, Osório Alves de Castro e outros promoveram, através do jornal, um movimento literário na cidade.”

(2) RIBEIRO, Nurimar. *O Direito à memória*: *O vale do São Francisco e sua História*. Disponível em <www.americovespucio.com.br/artigos/art1c.html> Acesso em 06 ago. 2003.

Este artigo apresenta um breve comentário sobre a necessidade de se resgatar e preservar a memória do vale do São Francisco. Nesse texto o autor tece considerações acerca dos costumes e da cultura sãofranciscana, enfatizando as carrancas, ornamentos usados pelos barqueiros em suas nas embarcações para espantar malefícios. Destaca, o escultor carranqueiro Francisco Guarany que dizia que as carrancas protegiam os barqueiros contra os animais do rio. Depois contesta, dizendo que “o motivo original das carrancas, mais lógico, poderia ser o que W. Lins dissera: acredita-se que os donos de barca tenham adotado o uso de figuras de proa como meio de atrair a curiosidade da gente das fazendas sobre as embarcações e, assim, aumentar as possibilidades de negócio. Este fato é corroborado por Osório Alves de Castro: a originalidade das carrancas era a principal preocupação dos proprietários.” Por fim, elenca os vários carranqueiros, todos eles escultores famosos do Médio São Francisco.

(2) SANTANA, Fernando. Entrevista com Ely Souza Estrela. *Imagem de Caetité*, Caetité, 18 jun. 2003. Disponível em: <http:www.coqui.com.br//htm>.

Acesso em jul de 2003.

Por ocasião do lançamento de *Os sampauleiros: cotidiano e representações*, a professora da Universidade Estadual da Bahia e autora da obra em questão, ao referir-se às obras consultadas para a realização de sua pesquisa, cita: “Não posso deixar de salientar a utilização de importantes obras literárias, tais como *O Sampauleiro* e *Os analphabetos* de João Gumes; *Porto Calendário*, de Osório Alves de Castro; *Essa terra* e *Adeus, velho*, de Antonio Torres. Essas fontes estavam espalhadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo, no Arquivo Público de Caetité.” No decorrer da entrevista, revela que tais obras serviram como fonte de informação acerca do deslocamento populacional do sertão em direção às cidades do estado de São Paulo. Ressalta que por meio

dessas obras literárias conseguiu descrever, com riqueza de detalhes, o cotidiano das viagens dos sampauleiros.

(3) BARRANQUEIRO do São Francisco escreve romance narrando os dramas de seu rio*. Correio Paulistano.* São Paulo, 02 abr.1961.

Neste texto, em forma de entrevista, Osório afirma que o livro *Porto Calendário* (embora não tivesse intenção de publicá-lo) é fruto de várias anotações sobre tudo o que viveu, viu e ouviu ao longo de suas andanças. Nas suas palavras: “tudo é gente viva no meu livro” E continua: “quando leio certos diálogos, penso que não fui eu quem os escrevi, tal é a autenticidade que observo neles” Em um outro depoimento, afirma que não se julga um intelectual, embora reconheça possuir alguma cultura. Relata como chegou ao conhecimento de uma editora: “eu li o *Grande Sertão: Veredas* e fiz-lhe uma carta-crítica onde dizia que, embora ele tivesse feito uma estilização erudita da linguagem da região, muita coisa se parecia com o que havia escrito no meu romance despretensioso. Aí ele escreveu ao Paulo Dantas, que me pediu os originais [...]” Por fim, encerra dizendo que, após a publicação de seu livro, pretende voltar a sua região “me boto para a região e vou fazer palestras sobre a necessidade de ser criado o estado de São Francisco. É uma velha aspiração do povo dali. Os poetas, velhos da cidade da Barra: Manoel Borges, Isidoro Afonso de Oliveira, Sr Montenegro e os versejadores das feiras e das festas de 2 de julho defendiam a necessidade desses “coronéis” para assistirem seus fins.”

(3) MARTINS, Jaime. Escritor alfaiate prepara romance: Baiano Tietê. *Última hora*, São Paulo, 09 out.1961.

O olhar crítico neste texto se detém sobre as inovações que a obra *Porto Calendário* representa para a literatura brasileira. O crítico discorre com alguns comentários biobibliográficos acerca do autor, comunicando que *Bahiano Tietê* já está a caminho, e encerra enfatizando que Osório Alves de Castro não é mais um penetra ou marginal literata, mas sim um romancista realmente.

(3) MARTINS, Jaime. Autor de Porto Calendário na TV de São Paulo falando sobre o romance paulista. *Jornal do Comércio*, Marília, 01 nov.1961.

Neste texto o jornalista aponta, além dos aspectos positivos da obra *Porto Calendário*, algumas críticas sobre o comportamento do escritor Marcos Rey, titular da coluna de TV, na ocasião da presença de Osório Alves de Castro, no programa Brasil 61, de Bibi Ferreira. Salienta, ainda, que Osório foi mal interpretado pelos repórteres e discriminado por não ser conhecido. E, após um longo pedido de reconsideração e exaltação a Osório, aconselha Marcos Rey a ler o romance e a conhecer melhor o autor antes julgá-lo.

(3) PORTO Calendário, o romance regionalista do Alfaiate Osório. *Escrita.* Revista Mensal de Literatura, nº 5, São Paulo: Vertente, 1976.

Trata-se de um fragmento da obra de *Porto Calendário* que é iniciado com dados biobibliográficos do autor.

(3) DIMAS, Antonio. E o alfaiate pegou a caneta e costurou sua obra-prima. À moda de Guimarães Rosa. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 maio 1977.

Partindo da reflexão sobre as dificuldades enfrentadas pelo escritor brasileiro com relação ao mercado editorial, este estudioso aponta as qualidades literárias e a resistência de Osório ao demonstrar que é possível sobreviver e criar seis filhos só com a literatura e com o ofício de alfaiate. Tal consideração refere-se ao relançamento de *Porto Calendário* e ao importante contexto retratado por ele: “essa obra é um dos mais sérios estudos sócio-econômicos escritos no Brasil”, afirma. A seguir, apresenta sua resenha e faz um breve paralelo entre a ficção de Osório Alves de Castro e a de Guimarães Rosa, ressaltando, de um jeito bem-humorado, que ambos não são romances para serem lidos em ônibus ou à beira da piscina - “trata-se de exuberância que pede recolhimento”.

(3) FASSONI, Orlando L; LEITE, Paulo Moreira. O homem que costurava as palavras. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 out. 1977.

A partir do subtítulo “Um silencioso escritor maldito,” este texto, em forma de entrevista, revela, com depoimentos do próprio escritor, como a pessoa Osório vive, sofre, escreve e se sente só. Para iniciar, o entrevistador descreve o mundo desse escritor “ali, num apartamento de um quarto só [...] retratos de velhos e crianças nas paredes desbotadas, vão surgindo os coronéis, os políticos, as mulheres e os caboclos de seu último romance. [...] Na máquina, o último capítulo de *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*; no armário velho, um exemplar da segunda edição de *Porto calendário* [...] Na cabeça os planos de *Bahiano Tietê*, também quase pronto, um romance sobre as grandes imigrações nordestinas para São Paulo.” Sobre sua solidão, Osório lhe confessa: “não fosse a literatura, eu já tinha me suicidado. “E, com relação à sua profissão, Osório ataca, brincando: “costurar uma calça é a coisa mais fácil desse mundo. São só dois cilindros...” Alfaiate, mas meio poeta, pelo menos é o que se conclui. Osório lhe revela que na sua etiqueta mandou costurar quatro versos do italiano D’Annunzio *(sic):* “tudo ambicionei, e tudo tentei; aquilo que não consegui, eu sonhei. “ E comenta orgulhoso: “Pessoas

importantes vinham usar uma etiqueta que logo foi se tornando famosa pelo interior, pela capital e até pela Europa. Uma revista européia chegou a publicar uma reportagem sobre a etiqueta. Depois, quiseram que eu fosse até lá." E o texto encerra justificando o seu subtítulo "Marília, cidade como qualquer outra [...] compreendeu que o homem [...] de quem nem todos gostavam, era o primeiro escritor que a cidade ganhava para incluir na sua história. Com a ressalva de que Osório nunca foi de lá, mas sempre teve o coração plantado [...], embora ela, por obra de boa parte de seu povo, o considerasse um escritor maldito".

(3) PRÊMIO Literário "Jabuti" poderá vir para Marília*. Jornal do Comércio.* Marília, 22 dez.1978.

A partir de considerações biobibliográficas acerca do escritor Osório Alves de Castro, o texto aborda outros assuntos,como o breve lançamento de *Maria fecha porta prau boi não te pegar* e "a importância da doação do "Prêmio Jabuti" e da tesoura de alfaiate do escritor" à cidade de Marília.

(3) MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro.* Livros Técnicos Científicos, 2 ed., Rio de janeiro, 1978.

Além de dados bibliográficos, a nota também apresenta algumas considerações acerca da vida do autor, informando, inclusive, algumas fontes de pesquisa.

(3) OLIVEIRA, Nildo Carlos de. Uma lição de resistência. *Folha de S. Paulo*, p. 3-4. São Paulo, 03 set.1978.

Com uma atmosfera saudosista e terna, este texto traz considerações acerca da reedição de *Porto Calendário* (1976) e do iminente lançamento da segunda obra de Osório Alves de Castro, *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*. Embora o jornalista confesse não concordar com o título desse livro, faz uma resenha que exalta a obra e suas personagens. “O livro do Osório, com sua lição de resistência, repõe em discussão o tema da liberdade da mulher, na transformação histórica da nacionalidade”, afirma. E a partir de depoimentos e citações bibliográficas do autor, encerra a matéria enaltecendo a cultura universal e a resistência de Osório no mercado literário.

(3) BARROSO, Jurandir. Homenagem a dois Democratas de Marília. *Voz da Unidade*, São Paulo, 12 a18 jun.1980.

O crítico faz um paralelo entre a militância de Osório Alves de Castro, alfaiate-escritor, e a de Reynaldo Machado, médico revolucionário. E mostra como eles se posicionaram, na região de Marília, em favor das causas populares. O primeiro é apresentado como um escritor que “tropeçava nas inovações gramaticais” e que se afirmou como escritor “arrancando das cidades ribeirinhas do vale de São Francisco os seus personagens [...] que forneciam a seiva de suas histórias.” E o segundo, como um médico-cirurgião revolucionário, que estudou Medicina no Rio e teve como companheiro de turma o Noel Rosa, era um destemido “que costumava abrigar perseguidos políticos em trânsito” e “que possuía um comportamento aberto”. Por fim, este texto enfatiza o terceiro romance de Osório, *Bahiano Tietê*, que foi dedicado ao amigo médico: “À memória de Reynaldo Machado, que sempre acreditou nos homens e nas suas mãos hábeis de cirurgião” e que “singularmente vem interessando a uma editora alemã”.

(3) OLIVEIRA, Nildo Carlos de. O homem que sonhou com o estado do São Francisco. *Folha da Tarde*, São Paulo, 23 dez.1981.

O olhar perplexo, neste texto, se detém na produção literária de Osório Alves de Castro, que permanece sendo esquecida e desconsiderada pelos críticos e familiares. Como o terceiro romance, *Bahiano Tietê*, ainda continuava inédito e restrito ao conhecimento de estudiosos ou familiares, este estudioso denuncia que ”[...] enxameiam publicações pobres de idéias e fracas de tutano que surgem hoje para desaparecer amanhã, cumprindo o ciclo rápido da promoção e auto-satisfação das veleidades de seus autores. Livros, enfim, sem serventia em termos de permanência, pela falta ou debilidade de conteúdo social.” Para reafirmar sua indignação, enfatiza que Osório, diferentemente dos outros escritores, revela um texto “urdido, muito bem tramado, robusto e inovador.” Para encerrar, faz um apelo: “Quem sabe, se lembrando Osório neste dezembro não se possa chegar ao mesmo mês, no ano que vem, acompanhado de *Bahiano Tietê*, e de outros livros mais do homem que sonhou com o estado do Vale do São Franscisco?”

(3) COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário de Literatura.* Figueirinhas/Porto, 3 ed.,São Paulo, 1983.

Este texto, a partir do verbete “Neomodernismo. Designa-se assim no Brasil a mais recente fase do Modernismo (v.) [...]”, elenca alguns romancistas que se destacaram “na prosa do mesmo período, além de João Guimarães Rosa (v.), de Mário Palmério (n.1916) autor de dois romances notáveis (*Vila dos Confins*, 1956, e *Chapadão do Bugre,* 1965), e de Osório Alves de Castro (*Porto Calendário*, 1961), todos na linha regionalista [...]”.

(3) NETO, Joaquim Lisboa. *Osório Alves de Castro*: dados biográficos. Casa da Cultura Antonio Lisboa de Morais, Santa Maria da Vitória, 26 ago.1988. Texto mimeografado.

Trata-se de dados biográficos de Osório Alves de Castro, dentre os quais destacam-se quatro momentos: a infância, quando seus estudos foram interrompidos em sua terra natal; a adolescência, quando começa sua formação autodidata, lendo muitos autores, que mais tarde serviriam de caminho para a produção literária; a juventude, quando aderiu à classe operária, à causa marxista-leninista, sendo duramente perseguido e marginalizado, tendo que fugir de sua terra natal; e a idade adulta, quando publica suas obras e recebe prêmio e menção honrosa.

(3) ESPINHEIRA, Gey. Um romancista da integração nacional. A Tarde, *Suplemento Cultural*, Salvador, 09 mar.1991.

Por ocasião do lançamento de *Bahiano Tietê*, o presente texto, com a utilização de fragmentos dessa obra, faz um levantamento histórico e biobibliográfico do autor, relembrando que “a viagem pelo São Francisco se fazia no “Wenceslau” e depois seguia de trem, de Pirapora para o Sul, carregado de baianos. As condições da viagem eram tão penosas, sobretudo na última etapa, que mais parecia um trem nazista levando gente para os campos de extermínio. [...] Os baianos enfrentaram situações adversas com resignação, pois traziam a esperança que a terra da promissão anunciava: São Paulo dos cafezais.” Por fim, esse texto anuncia que tal obra “não é um livro sobre a Bahia, mas sobre São Paulo, mais precisamente sobre o Brasil, no momento que em que constrói integração nacional capitaneada sobre por São Paulo” e finaliza com a transcrição da carta de Guimarães Rosa a Osório Alves de Castro.

(3) MARÍLIA incorpora mais uma obra de Osório. *Diário de Marília.* Marília, 21 jun.1991.

Além de resgatar dados biobibliográficos do escritor Osório Alves de Castro, o jornalista tece comentários acerca da estréia de *Bahiano Tietê*, sintetizando a obra como “um romance de identidade nacional, cujo cenário é São Paulo, terra do café, que promove o encontro de um povo na imensidão e no tempo”. Enfatiza, ainda, que o livro é dedicado a um amigo próximo de Osório, Reynaldo Machado, médico revolucionário que, com o romancista, sofreu repressões políticas em 1964.

(3) CABRAL, João; FASSONI, Orlando. O homem que costurava palavras. Jornal da Manhã, *Caderno 2*, Marília, 21 jun.1991.

Após a síntese da obra *Bahiano Tietê*, os estudiosos, a partir do subtítulo “Por trás da carranca, o coração do barqueiro”, também discorrem sobre a vida e as obras anteriores de Osório Alves de Castro, com base em depoimentos de antigos moradores, tecem considerações acerca de suas produções literárias e retratam algumas peculiaridades de sua vida. Além disso, fazem um paralelo entre a ficção humanista de Osório e a realidade vivenciada por ele, nas décadas de 40 e 60. Segundo Odolindo de Batista Medina, antigo morador do município, Osório ”era um idealista. Com vontade de ver um Brasil melhor hoje se fala muito em participação dos empregados nos lucros das empresas. Disso Osório falava muito na época, e por essas idéias era visado e perseguido, às vezes, quando ele estava lendo ou escrevendo, parecia estar fora dessa dimensão que costumamos chamar de realidade.” Com essas referências de pessoas de seu convívio, os jornalistas apontam alguns aspectos relevantes da vida e da obra desse romancista, tecendo, inclusive, considerações sobre a forma como ele se expressava, sentia, amava e sofria.

(3) CUNHA, Odir. A voz de Ivana Maria Tavares Jinkings. Jornal da Tarde, *Caderno de Domingo*, São Paulo, 20 jun.1999.

Trata-se de uma entrevista realizada com a proprietária da Editora Boitempo, em que ela aborda o tema do mercado de livros e a importância da leitura. Percebe, porém, que, ao longo da entrevista, a entrevistada resgata vários escritores esquecidos do público e da crítica. Alguns autores, então, são homenageados pela empresária, dentre eles Osório Alves de Castro. “A primeira idéia era de resgatar textos de grande qualidade ou nunca editados no Brasil, ou editados há muito tempo e perdidos. [...] Acho que essa garotada que freqüenta boas escolas está adquirindo o hábito da boa leitura. Precisaríamos de uma lei de incentivo para incentivar a cultura e não esse tipo de obras com nenhum interesse para a população. Há aqui uma coleção que está há dois anos em projeto com um grupo de professores de Literatura Brasileira da USP. [...] O título provisório é *Resgate*. Há muita coisa na literatura brasileira de grande qualidade com edições perdidas no tempo. [...] Vamos resgatar isso. Há um, quase desconhecido, que se chama Osório Alves de Castro. Seu estilo lembra um pouco Guimarães Rosa. Seu livro *Porto Calendário* é um romance que se passa na década de 50, na Bahia. É uma saga no sertão baiano, um história belíssima que quase ninguém conhece. É um livro que precisa ser publicado.”

(3) COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Editora Global, 2ª ed., São Paulo, 2001.

Trata-se de uma pequena nota biobibliográfica do autor, cujas informações, restritas, notificam apenas o nascimento, o falecimento, as obras e os prêmios literários recebidos.

(3) ESTRELA, Ely Sousa*. Entre panos e palavras: pequena biografia de Osório Alves de Castro.* Disponível em: <htpp//www.coqui.com.br/literatura.htm>. Acesso em 04 mar. 2003.

Trata-se de uma pequena biografia de Osório Alves de Castro, redigida com o intuito de homenageá-lo, incluindo-a na série Rebeldes Brasileiros, coleção da revista *Caros Amigos*.

(4) PIRES, J. Herculano. O urucuiano Osório Alves de Castro. *Porto Calendário*, Livraria Francisco Alves, São Paulo, 1961.

No início deste prefácio, o autor analisa o material humano que povoa o livro *Porto Calendário* e afirma que “Osório Alves de Castro se arranca das páginas de Guimarães Rosa para contar as histórias.” Afirma também que “antes, muito antes que Guimarães Rosa escrevesse *Sagarana*, já Osório escrevia suas histórias.” E completa: “Assim, Osório sai de Guimarães, não porque aprendeu dele, mas porque atravessa suas páginas, vindo de bem antes delas. É bicho da terra e das águas e não caruncho de livro. Guimarães era médico e fez carreira diplomática. Rio de pororoca, lançou-se ao mar e voltou a desaguar no Brasil. Osório era bicho da terra e na terra ficou. Sua vocação nordestina estava marcada por um destino paulista, em vez de pororocar no mar grande, despejou-se sobre os vales de dentro, como o Tietê.” E com relação ao estilo de linguagem e às inovações apresentadas em *Porto Calendário*, o olhar crítico neste texto se detém sobre a peculiaridade sertaneja desse romancista, enfatizando que Osório povoa o seu mundo ficcional, dando um autêntico testemunho de sua região. Para embasar esta constatação, revela: “fizemos o possível para seguir o modelo francês, mas chegou o momento em que compreendemos a inutilidade e o esforço. O que temos em Lins do Rego, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Osório Alves de Castro é a insubmissão do tema brasileiro às normas clássicas do romance europeu” E encerra com um

exaltado elogio à obra: “*Porto Calendário* é um novo marco dessa insubmissão, ele vem completar a afirmação da seiva brasileira na língua portuguesa. No campo aberto da temática sertaneja, rasga mais largas perspectivas para a compreensão de nossa gente.”

(4) DANTAS, Paulo. *Porto Calendário*. Livraria Francisco Alves, São Paulo, 1961.

Este texto integra a primeira edição de *Porto Calendário*. Além de trazer dados biográficos do autor, tece algumas considerações acerca do “calibre de romancista” de Osório Alves de Castro, enaltecendo-o como um escritor que, “captando e registrando o mistério do São Francisco, nos seus três séculos de isolamento, através das reservas de uma poderosa linguagem, apresenta a sua literatura como uma das maiores revelações da literatura regional.“ E encerra, revelando que sua obra é “uma verdadeira rapsódia bárbara e sertaneja da região, cuja revelação ampliará sensivelmente, os quadros da nossa novelística de apego e apelo da terra”.

(4) ROSA, J. Guimarães. *Primeiras Histórias.* Ed Símbolo, São Paulo, 1962.

Trata-se da dedicatória em um volume de *Primeiras Histórias,* presenteado e enviado ao Osório, em anexo, a carta-resposta datada em 21 de outubro de1963. Em relação à pequena nota autografada, o que se evidencia em seu teor é a admiração que Guimarães Rosa tinha para com esse romancista, mesmo sem conhecê-lo pessoalmente. “A Osório Alves de Castro - grande romancista, homem autêntico, bom, lúcido, sábio – com o abraço amigo do seu Guimarães Rosa”.

(4) RANGEL, Paulo. Porto Calendário, um modelo de romance para o Brasil. *Porto Calendário*, 2 ed., Editora símbolo, São Paulo, 1976.

Este pequeno estudo sobre a obra *Porto Calendário* trata da peculiaridade com que Osório Alves de Castro consegue retratar o universal problema sócio-econômico, que, com um profundo conhecimento dos problemas sociais existentes no mundo, mostra ainda, no particular, a situação de conflito entre os coronéis conservadores e as vítimas da exclusão e da escravidão econômica vigente no país. Para embasar essa sua constatação, Paulo Rangel, exemplifica-a com dois personagens dessa obra, Tia gatona e Sinfrônio de Almeida e cita ainda "extensa galeria de outros personagens, do livro Porto Calendário. Há o épico Pedro-Voluntário-da-Pátria, João Imaginário, Doquinha Peste Bulbônica (uma Cassandra do Sertão), Fernando Sessenta, Coronel Kelemente, Sussu Flores [...] personagens em enxurradas que vão conduzindo cenas, que sempre acabam nas águas do São Francisco, tudo com um forte cheiro do Brasil." O prefácio se encrerra com a síntese de outras duas obras do autor, ainda inéditas, *Bahiano Tietê* e *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*."

(4) OLIVEIRA, Nildo Carlos de. A voz dos humildes no romance de Osório. *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*, Edições Símbolo, São Paulo, 1978.

Neste prefácio, o crítico faz um longo comentário sobre a obra, enfatizando, principalmente, a presença da poesia na narrativa. Entretanto, ao longo da análise, reconhece que este gênero literário serve para esboçar a dor humana, "embora poético, *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* é um romance duro, compacto e doloroso. Poreja experiência e fala da linguagem do desespero e da esperança". Ao anunciar as referências espaço-temporais, revela que essa narrativa "Espelha uma determinada época e o drama dos viventes de cidades que foram surgindo, crescendo ou morrendo no vale do São Francisco". Além

de valorar a obra, exalta a personalidade do escritor, constatando que sua obra ”pode ser colocada ao lado da literatura praticada por Gabriel Garcia Márquez e Augusto Roa Bastos, e vários outros escritores, que têm conseguido escapar do isolamento e de romances do desespero individual inútil, para fazer um trabalho forte e combativo”. E finaliza com um testemunho, “assinalo aqui o amor do escritor pelo rio são Francisco, que ele transforma em poesia e símbolo da formação da nacionalidade”.

(4) CARVALHO, Jehová. Osório, o autobiógrafo, numa obra teluricamente brasileira. *Bahiano Tietê*, Editora Gráfica da Bahia, Salvador, 1990.

Este texto é a apresentação de *Bahiano Tietê.* E logo no início, o crítico se apresenta como admirador de Osório Alves de Castro numa exaltada tietagem. “Ao ouvir seu nome, mencionado por Gianfrancesco Guarnieri durante uma récita de poemas, roguei ao humanista Lima Neto – patrimônio à época, da história paulistana – que me levasse à presença do escritor.” E discorre dizendo que, ao conhecê-lo pessoalmente, “no instante do encontro, apertei-lhe a mão como se houvesse ganho, de vida, uma láurea humana. Aquele homem de rosto ósseo, Graciliano de expressão, a tudo me ouvia: as transformações que se operaram na velha cidade; a vendola, onde sob caderneta de pagamento mensal, feita em papel almaço, negociava secos e molhados, a sua selecionada freguesia de brejeiros [...].” E nessa regressa viagem ao Sertão obtém-se a preciosa informação: ”Antes da despedida, pouco efusiva, mas solidária na saudade, minha curiosidade foi atendida: *O Capital*, bíblia geradora da revolução de 1917, nas Rússias dos Czares, caíra-lhe nas mãos, através de João de Abreu, um entusiasta de teatro, residente em Santana dos Brejos, calígrafo e respeitado em toda região. Embrionava-se aí a semente do comunista futuro, na Marília paulista”. O crítico, após introduzir em seu texto vários outros assuntos, como a carta enviada a Guimarães, o prêmio Jabuti, a viagem à Rússia, encerra sintetizando a obra *Bahiano Tietê*, como uma “saga dos sofridos homens do São Francisco”, e conceituando que “*Bahiano Tietê*

carrega em suas linhas algo de autobiográfico. Não completa apenas uma trilogia, temática de sua obra, iniciada em *Porto Calendário* e acrescida no segundo romance *Maria fecha a porta prau boi não te pegar*, editado em 1978, como que nesta, o escritor se repete em conduta existencial."

(4) ESPINHEIRA, GEY. Osório Alves de Castro. *Bahiano Tietê*. Salvador: Empresa gráfica da Bahia, 1990.

Este texto de *orelha* lembra que Osório, em todas as suas obras literárias, revela aspectos de seu cotidiano com "poderoso senso de percepção". Aponta ainda que seus livros "integram tempo e espaço na formação da sociedade brasileira." E, de forma poética, discorre que esse autor é dono de grande patrimônio cultural, afirma que sua trilogia é "como uma sonata em três movimentos," em que no primeiro compõe "a vida do povo sanfraciscano com o foco na cidade de santa Maria da Vitória, onde nasceu, sem perder de vista as ligações efetivas e mágicas com o conjunto da civilização da brasileira." No segundo, "desce o rio Corrente e o São Francisco e chega a Juazeiro, ocupa outros espaços sanfranciscanos e dá uma maior dimensão urbana." E finalmente, no terceiro, o enredo é São Paulo, "o lugar de destino como outrora foi o lugar de partida – as bandeiras. Esse ciclo é fechado com o retorno dos filhos pródigos, povoadores de terras que se estreitaram pelo domínio dos fazendeiros e comerciante e não mais acolheram a gente que nascia e crescia com mais viço que o gado."

(4) OLIVEIRA, Nildo Carlos de. A força social no romance da transformação. *Bahiano Tietê*, Empresa Gráfica da Bahia, Salvador, 1990.

Partindo de um levantamento biobibliográfico, o estudioso inicia o prefácio enaltecendo Osório Alves de Castro, salientando que “ele está entre os romancistas que não se colocaram à margem da história para subtrair-lhe apenas dados destinados à montagem de mundos subjetivos. É, ao contrário disso, um intérprete da própria história. Nesse sentido, aprofunda as raízes do que costuma chamar de *romance de transformação*”. E segue discorrendo sobre os aspectos positivos da obra, enfatizando que este livro, *Bahiano Tietê*, é conseqüência direta de *Porto Calendário*, porto de onde saíam as migrações, feitas por meio de rústicas embarcações, pelo São Francisco em busca de prosperidade que, na época, era acenada pelo café da região paulista. Daí a evidência do título, *Bahiano Tietê*, que explica, ainda, a singularidade do nome do principal personagem, Bahiano, revelando que este vocábulo não é só um nome, mas sim uma conseqüência histórica do homem, numa sociedade móvel e instável. Em seu relato afirma “Bahiano é tudo porque é uma realidade. Todo sujeito valente, exótico, suspeito e excedente torna-se oposto à mentalidade colonial que ainda prevalece em nossa sociedade: é um baiano. O complemento de Tietê é uma generalização histórica em relação ao povoamento. *Bahiano Tietê* abarca largo período recolocando fatos do apogeu do café, enfocando os reflexos da queda da Bolsa em 1929 entre barões do ouro verde, passando pelo engajamento na Coluna Prestes. Recupera a história enobrecendo a melhor função da arte. [...] O romance é obra de afirmação de um pensamento nacional e sua publicação se faz necessária para ajudar na compreensão do fenômeno coronelismo e da ação dos bandeirantes paulistas”. Por fim, além de desfiar a história da obra, tecendo elogios, alerta os futuros leitores que “alguns trechos poderão parecer enfadonhos [...], mas a força do diálogo e do pensamento, compondo cada quadro histórico e avivando a força dos personagens, converge a obra em uma das mais representativas da Literatura Brasileira.”

(5) DANTAS, Paulo. Porto Calendário. *Revista Brasiliense*, nº 38 Ed. Brasiliense, São Paulo, nov/dez.1961.

O texto aponta que *Porto Calendário* não é um romance convencional. Paulo Dantas, após enfatizar a peculiaridade com que Osório Alves de Castro conseguiu retratar o sertão, afirma que “sua narrativa é a verdadeira rapsódia bárbara e sertaneja da região, cuja revelação veio ampliar os quadros da nossa novelística de apelo e de apego à terra” e prossegue “tumultuado como o próprio povo que o inspirou, sua saga desorganizada e sofrida [...] destaca-se pela “insubmissão do tema brasileiro às normas clássicas do romance europeu”, passando bem longe da lição dos modelos estrangeiros. Por fim, de forma poética e carinhosa, exalta a garra nacionalista e sertaneja desse baiano.

(5) MARTINS, Wilson. Estilo e assunto. O Estado de S. Paulo, *Suplemento Literário*, São Paulo, 18 nov.1961.

Em relação a *Porto Calendário* e *Grande Sertão: Veredas*, o crítico analisa longamente o material humano que povoa as obras e afirma que o primeiro, confessadamente, filia-se à escola do segundo. Afirma também que, nos dois, o estilo e o assunto vivem em estado de independência recíproca. Embasa essa sua constatação no fato de que, nesses romances, não se pode dizer que o estilo seja o estilo do assunto, e nem que o assunto exigisse aquele estilo. Enfatiza que, nas duas sagas, a ação é confusa e sem unidade, embora afirme que a unidade seja sutilmente substituída pela ação da personagem, que é vista com maior clareza na obra de Guimarães Rosa. E, com relação à verossimilhança, aponta algumas peculiaridades nesses autores e em outras obras literárias.

(5) SIMÕES, Roberto. A ficção das gerais. *Revista Brasiliense*, nº 49, Ed. Brasiliense, São Paulo, set/out.1962.

Trata-se de um texto que elenca obras de vários autores que, a partir do rio São Francisco e do Sertão das Gerais, rascunharam o panorama histórico e cultural em suas narrativas. E neste estudo o autor recorda que “Osório Alves de Castro já sentenciou: “o São Francisco é uma liberdade”. Liberdade de muito sertão, alforria de solidões, roças impossíveis, florações e campinas.” E, a partir dessa introdução, considera que “ *Porto Calendário* é um romance brabo. De inquietude. Com as chagas dos barrancos e o barbarismo do apelo do rio. Decifração de mistérios. Osório Alves de Castro escreveu uma rapsódia, sentimental e subversiva, sem nenhuma preocupação de envernizar as frases, de domar a gramática, para obter uma técnica sem resíduos. A trama e a técnica são selvagens. Deu-se, na sua espontaneidade, com amor e desejo. O leitor, em certos momentos, tem vontade de tirar autor e personagem daquele cipoal. Acaba se emaranhando também, num convívio irmanado e amorável. O romancista pôs tudo no papel: a imensidade secular, a história do Brasil sertanejo com os clavinotes e os herdeiros reais e imaginários da guerra do Paraguai. Sem comodidade, misturando carrancas, homem e gado. Com o sabor do barro, a hegemonia dos remos e a belicosidade do amplo planalto. É o confessionário do São Francisco. O rio se ajoelha e pede remissão das mazelas das gerais. Envergonha-se de dizer que foi emprenhado pelos ventos de Pirapora. O realismo, por isso, não parte de uma posição estética, mas do sentimento. O escritor vibra e, nas vibrações, gera os desígnios da ampla estória. Tal realismo empurra a obra para os graus épicos, só que certa espécie de épica barroca, irregular, argilosa como peça de santeiro.”

(5) SILVEIRA, Alcântara. Excitantes & Relaxantes. Conselho Estadual de Cultura – *Comissão de Literatura*, São Paulo, 1965.

No estudo, o crítico faz um paralelo entre os textos excitantes e relaxantes da ficção nacional, isto é, aponta os escritores que, por meio de seus romances, contos e/ou novelas, deixam os leitores excitados ou indiferentes. Em geral este estudo aborda, com maior freqüência, os textos excitantes, que são os de sua preferência. Por meio do subtítulo “Renovação da Francisco Alves” o estudioso faz um paralelo entre a ficção de Francisco Julião, *Irmão Juazeiro*, e Osório Alves de Castro, *Porto Calendário,* apontando que o primeiro é “[...] um descritivo que prende o leitor. Suas cenas com tipos de roça [...] parecem quadros de Almeida Júnior, mas telas em que houvesse movimento e não coisas e gente paradas, como que posando para o artista [...]”. E sobre o segundo revela que “O mesmo não se pode dizer de Osório Alves de Castro. É com dificuldade que se caminha pelas histórias [...] e isso simplesmente por causa de um detalhe [...] o excesso de diálogos, de gente falando, falando sem parar, num atropelo de perder o fôlego. É um alívio quando o autor abandona um pouco seus personagens para descrever cenas e quadros” E, após um longo comentário sobre esses dois romancistas, enfatiza, principalmente, a densidade da obra *Porto Calendário* “[...] porque o verdadeiro Osório é o que narra seus casos sem tomar alento, feito correnteza de rio correndo sobre pedras [...]” Por fim, referindo-se à influência e aos parentescos de sua obra com outros dois escritores, encerra: “Costuma-se, a propósito, citar Guimarães Rosa quando se fala em Osório Alves de Castro, mas não sei bem a razão do alegado parentesco. Semelhança de estilo? Não existe. Mesmos temas? Talvez. [...] O modo de escrever do autor lembra mais o de Paulo Dantas em *Capitão Jagunço*, havendo mesmo grande identidade entre a fala do lenhador Pedro Voluntário-da-Pátria e a do Capitão Jagunço.”

(5) COELHO, Nelly Novaes. *O Ensino da Literatura.* 2 ed., José Olympio, Rio de Janeiro, 1973.

A autora embasa a sua constatação de que, com *Porto Calendário*, o escritor Osório Alves de castro se consolidou como romancista, “inscrevendo-se ao

lado daqueles que estavam dando uma densidade maior à literatura regionalista brasileira. Manejando uma língua oral, espontânea, truncada, às vezes hermética (longe da depuração estilística de Guimarães Rosa...), Osório consegue fixar fluidez a da fala dos homens que vivem ou "desvivem" nas regiões ribeirinhas do São Francisco". Nelly, enaltece sua ficção regionalista e compara-a com a de outros escritores revelando, também, como o mundo do escritor é povoado com elementos da sua região. E enfatiza que "a voz do romancista parece ter a idade da sabedoria dos séculos; e nesta rude saga faz-nos reencontrar aquelas realidades já pintadas por outros, mas dá-nos delas outros tons, outras profundezas. Oferece-nos a dimensão muito humana do grande rio São Francisco; o coração daquela região "correguiana" de Santa Maria da Vitória. E desvenda ante nós a alma do homem que ali brota, medra, luta e morre." E, ao comparar Osório a Guimarães Rosa, a autora tece algumas considerações acerca das obras "*Grande Sertão: Veredas e Porto Calendário* (guardadas as devidas diferenças entre elas), diferentes frutos de terras fecundadas nas mesmas águas que, sem o saberem, completaram-se ao devassar um pedaço do Brasil que nos parece (a nós que o desconhecemos totalmente) tão distante e estranho como as neves[...] e dar-nos essa realidade transfigurada em arte vem sendo uma das missões da literatura regionalista [...]". Após resenhar a obra e analisar aspectos significativos de alguns personagens, encerra, exaltando a personalidade e a obra de Osório, "sem dúvida alguma, o grande mérito desse mural literário consiste, principalmente, em ter conseguido aprisionar o significado humano (em seu tom particular de heroísmo e angústia) da epopéia do sertão", colocando-o entre outros nomes representativos da ficção regionalista, "assim, a despeito da sua peculiaridade regional (como a de Guimarães Rosa, José Cândido, Mário Palmério ou Eugênia Sereno), esta não será obstáculo à sua compreensão por todos os homens porque os grandes livros nascem para ficar, têm a grande virtude de falar a linguagem humana e por isso unir a todos, indistintivamente, em sua mensagem".

(5) BRAIT, Beth. O místico e o folclórico em defesa de uma terra ameaçada. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 03 fev.1979.

"Maria fecha a porta prau boi não te pegar é nome de uma planta da família das sensitivas, que cresce nas terras de aluvião do rio São Francisco. Quando tocada pelos homens, pelos bichos, pelas águas ou pelo vento, suas flores se fecham imediatamente." Com essas palavras, Beth Brait inicia seu estudo sobre a narrativa dessa segunda obra de Osório Alves de Castro, explicando, por um lado seu título e, por outro, desvendando a metáfora que serve de motivo à obra toda. Revela que, com este segundo romance, Osório se consolida e se reafirma como escritor. Enfatiza ainda, que apesar de restrita, sua produção literária não pode passar despercebida no panorama da literatura brasileira. E com relação ao material humano que povoa suas obras, ressalta sua posição humanista, seu tom de denúncia e sua forma de se expressar "pela linguagem do povo", de forma positiva entre o folclórico, o mágico, o místico e o lendário que metaforizam a maneira de ser, sofrer e enfrentar a realidade encontrada por uma população." E, com este elenco de características reveladoras, ela afasta *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* do regionalismo "redutor e provinciano", para aproximá-lo (sem comparações, pois estas seriam traiçoeiras...) "das artimanhas narrativas de João Guimarães Rosa." Para finalizar, direciona uma crítica à Edições Símbolo, que "na ânsia de publicar o romance de um escritor recentemente falecido, oferece um texto repleto de grosseiros erros de pontuação, ortografia e acentuação".

(5) SANTA Maria da Vitória em corpo e alma. *Casa da Cultura Antonio Lisboa de Morais*, Santa Maria da Vitória, Bahia. [1980], texto mimeografado. 4 p.

Anônimo, o autor faz uma breve análise da obra *Porto Calendário*, enfatizando os aspectos sociológicos das personagens (mulheres negras e coronéis); e

ressalta que a narrativa parte de uma lógica particular, sendo baseada numa “memória abafada pela opressão do coronelismo dominante”. O texto traz, ainda, fragmentos da obra analisada.

(5) CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. *Escrita, José, Almanaque: Leituras de romance*. Disponível em <htm: www.cce.ufsc.br/mlucia.htm>. Acesso em 06 ago. 2003.

Este ensaio, a partir de uma amostragem parcial, faz uma análise comparativa sobre leitura de romances na visão de três revistas literárias, *Escrita, José* e *Almanaque*, a partir de 1975. A autora considera que este período se justifica, paradoxalmente, como um período de vácuo cultural e de “boom” literário. Relembra que foi vácuo nas universidades devido aos expurgos decorrentes da aplicação do AI-5, mas que também houve grande produtividade cultural, principalmente a partir da segunda metade da década. E sobre este aspecto cultural elenca, sob a visão dos três periódicos, vários intelectuais da época de ouro dos anos setenta. Enfatiza que na *Escrita* “fragmentos de romances também são publicados, embora em número muitíssimo menor do que publica em contos e poemas. Aqui temos também uma mistura entre “velhos e novos,” temos *Os Bruzundangas*, de Lima Barreto, *No maranhão*, de Aluízio Azevedo, *Dona Guidinha do Poço*, de Manuel Araújo Paiva, *Porto Calendário,* de Osório Alves de Castro. Para finalizar, questiona os critérios críticos que nortearam a escolha dos romances resenhados pelas revistas, levantando alguns nomes que permaneceram esquecidos pela crítica de tais periódicos, dentre eles, João Antonio, José Louzeiro e Paulo Francis. Considera que o caminho posterior das fortunas críticas e dos cânones destes escritores ainda está por ser mapeado e resgatado.

ELIANA NOGUEIRA DE LIMA PASTANA

OSÓRIO ALVES DE CASTRO (1901 –1978): BIOGRAFIA E FORTUNA CRÍTICA

VOLUME 2

UNESP – ASSIS
2004

ELIANA NOGUEIRA DE LIMA PASTANA

OSÓRIO ALVES DE CASTRO(1901-1978): BIOGRAFIA E FORTUNA CRÍTICA

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada.

Orientador : Prof. Dr. José Carlos Zamboni.

ASSIS - SP
2004

Pastana, Eliana Nogueira de Lima.
P291o Osório Alves de Castro (1901-1978): biografia e fortuna crítica/ Eliana Nogueira de Lima Pastana – Assis,SP 2004.

302 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2004.
Bibliografia: p. 149
Orientador: Prof. Dr. José Carlos Zamboni

1.Osório Alves de Castro 2.Biografia Intelectual. I. Autor. II. Título.

CDD 869.98

APRESENTAÇÃO

As entrevistas aqui transcritas fazem parte da pesquisa Osório Alves de Castro (1901 – 1978): Biografia e Fortuna Crítica, elaborada em dois volumes. O primeiro contém a biografia intelectual do autor, acrescida de sua fortuna crítica. Este segundo volume, parte integrante do primeiro, traz o roteiro utilizado no momento das entrevistas e a transcrição destas, disposta numa ordem cronológica, baseada na data de sua realização. Para a transcrição, os informantes serão identificados com a letra (P) que equivale à palavra *pesquisado*, e o entrevistador com a letra (E), que equivale ao vocábulo *entrevistador*.

SUMÁRIO

Volume 1

1 Introdução.....11

2 Duas vidas.....17

3 Moleque.....19

4 Osório e a arte.....26

5 Travessia.....33

6 Rio de Janeiro.....39

7 São Paulo.....43

8 Alta Paulista.....46

9 Carta.....50

10 Lins.....52

11 Josefa.....54

12 Casamento.....57

13 Marília.....61

14 Primeiras publicações.....63

15 Vida pública.....66

16 Perseguições políticas.....72

17 Cotidiano de Osório.....79

18 Bahiano Tietê.....85

19 Porto Calendário.....93

20 Literatura sãofranciscana.....102

21 Estilo singular do autor.....111

22 Dificuldades do autor.....114

23 Um escritor “maldito”.....119

24 Retorno à capital.....121

25 Maria Fecha a porta prau boi não te pegar.....124

26 Recolhimento, velhice, viuvez.....127

27 Lição de resistência.....131

28 Últimos dias.....134

29 Morte: final de uma vida.....137

30 Pós-morte: início de uma outra vida.....140

31 Considerações finais.....143

32 Cronologia do autor.....145

33 Bibliografia de Osório de Castro.....149

34 Referências sobre o autor.....150

35 Bibliografia consultada.....158

36 Referências bibliográficas não localizadas.....160

37 Fortuna Crítica comentada.....161

Volume 2

38 Roteiro utilizado no momento da entrevista.....210

39 Entrevista 1 213

40 Entrevista 2 228

41 Entrevista 3 234

42 Entrevista 4 249

43 Entrevista 5 262

44 Entrevista 6 272

45 Entrevista 7 285

ROTEIRO UTILIZADO NO MOMENTO DA ENTREVISTA

1-Dados gerais que compõem o perfil e a trajetória do romancista Osório Alves de Castro, sujeito da pesquisa.

1.1 Gostaria que você me falasse um pouco sobre o Osório.

1.2 Em alguns registros há a informação de que ele era um sujeito quieto, solitário, triste, calado [...] Na sua opinião, ele era assim?

1.2 O que você sabe a respeito de seu nascimento?

1.3 Ele era órfão?

1.4 Como foi sua vinda para São Paulo?

2- Fatores que poderiam ter influenciado sua vida de escritor: andanças, leituras, ideologia.

2.1 Na sua opinião, essas andanças interferiram em suas produções literárias? Por quê?

2.2 O que Osório lia? Havia alguma biblioteca em sua casa?

2.3 Na sua opinião, qual escritor ele admirava mais? Por quê?

2.4 Essas leituras possuíam algum cunho ideológico?

2.5 Acha que elas interferiram em suas produções literárias?

2.6 Qual era a sua concepção de literatura?

3-Outros ofícios: o escritor, a profissão e a política.

3.1 Paulo Dantas, um dia, declarou que Osório era humanista por vocação, e alfaiate por profissão. O que você acha dessa afirmação?

3.2 Como o alfaiate virou escritor?

3.3 O que era escrever para Osório?

3.4 Suas produções são relatos autobiográficos?

3.5 Sabe se ele escrevia assiduamente para algum jornal da época? Qual?

4- O escritor, ofício de escrever,a criação e o *modus vivendi.*

4.1 Há registros ou apontamentos de textos de Osório com a família?

4.2 Como era a sua letra?

4.3 Quando e como ele escrevia?

4.4.Como era sua criação? Fazia pequenas anotações, ou ia direto à redação da obra?

4.5 Ele compartilhava suas obras com a família? Vocês sabiam sobre o que ele estava escrevendo?

4.6 Possuía algum ritual para se inspirar, música, cigarro, bebida, imagens, algum local específico?

4.7 Gostaria de fazer alguma outra declaração?

ENTREVISTAS TRANSCRITAS

Entrevista 1 – realizada em 07/01/2003, em São Paulo.

Entrevistado (Nildo Carlos de Oliveira – escritor e jornalista)

E – Gostaria que o senhor me falasse como e quando conheceu Osório Alves de Castro.

P1- Em Marília havia um grupo de intelectuais, havia um bocado de gente que, de uma maneira ou de outra, dedicava-se à literatura. Algumas dessas pessoas se revelaram efetiva e potencialmente como intelectuais. Alguns viraram jornalistas, outros se migraram para a literatura, alguns se tornaram professores... E entre aqueles intelectuais, vez ou outra se referia o nome de Osório, que não parecia pertencer a grupos específicos. Ele era uma pessoa mais fechada, mais trancada, mais voltada para ele só. Era um autodidata que vivia mais com ele mesmo, dentro de sua alfaiataria Rex, que ficava na avenida Nove de Julho, defronte ao restaurante Santa Helena. Naquela época eu era garoto, tinha uns treze ou catorze anos e já fazia alguns versos na cidade. E sempre me despertava a curiosidade para saber quem era esse Osório, esse alfaiate que escrevia. As referências que eu tinha dele eram literariamente boas, mas politicamente nem tanto, até porque ele não se filiava àquelas correntes mais tradicionais da cidade que eram, de certa forma, mais conservadoras.

E - Então ele era um escritor autônomo. Não se filiava a nenhum partido...

P1- Não. Eu diria que ele era um escritor que não vivia dentro de determinados grupos, ou não participava de determinadas panelas literárias.

E - José Geraldo Vieira era dessa época. Era dessas panelas?

P1- Sim, mas não morava em Marília. Vivia em São Paulo. Era um escritor já famoso que já tinha escrito *A quadragésima porta*, *A ladeira*

da memória, já havia traduzido um livro de Dostoiévisky, *Recordação da casa dos mortos*, *O retrato do artista* de James Joyce. Então era um outro universo, vivia em um outro mundo.

E - Mas Osório chegou a fazer uma crítica para um livro dele, esse *A quadragésima porta*. O senhor chegou a ver essa crítica?

P1- Sim, ele fez. Não só sobre esse, mas sobre tantos outros livros publicados nessa época. Ele era um alfaiate-escritor muito crítico. Ácido em relação a determinadas correntes literárias. Até porque ele, sendo de uma formação comunista, uma ideologia marxista, ele pontuava o seu raciocínio em um tipo de raciocínio que, eventualmente, coagulava-se com a literatura socialista.

E - Essa sua formação, o senhor poderia me dizer se era circunstancial, adquirida em suas andanças... Ou ele já veio do sertão com ela?

P1- Olha, ele era um humanista nato. Um estudioso, um autodidata que conhecia muita literatura. Era um autêntico conhecedor de cultura livresca. Nesse período, estamos nos referindo ao início dos anos 60, e houve uma evolução muito grande na literatura brasileira por conta das publicações que emergiram no pós-guerra. E essa literatura era muito rica porque vinha com toda aquela carga humanista, com toda experiência dos escritores que viveram a convulsão mundial. Então eu lembro que naquela fase o Jorge Amado, ele se responsabilizou por uma coleção de livros que se chamava Romances do povo. E essa coleção publicou muitos livros que o Brasil não conhecia. Lembro-me de uma escritora alemã Ana Signers que escreveu a obra *Os mortos permanecem jovens*, publicou também *Os donos do orvalho*, de Jaques Rumain, era um escritor do Haiti que era novidade no momento. Esse livro Osório costumava chamar de romance de comunidade. Falava sobre a comunidade do Haiti que se rebelou para fazer prevalecer os seus direitos. Além desse, publicou também *A torrente de ferro*, de Alexander Serafimovich, *A selva e A lã e a neve* do português Ferreira de Castro.Veja, cito todos esses livros para dizer que Osório conhecia todas essas correntes literárias, externas por conta do advento do final

da Segunda Guerra e da iniciação do Brasil dentro de uma corrente democrática, Tudo isso não só permitiu, como também abriu campo para essa literatura nova, naquele momento. Além desses, Osório também conhecia a literatura do Aquilino Ribeiro, aquele que escreveu *Quando os lobos uivam*. Vi, também, na biblioteca dele, algumas obras do Erskyne Caldwell, que é um escritor muito bom, sua literatura é ótima, ele fez *A estrada do tabaco*, livro traduzido pelo irmão do Jorge Amado. Enfim, a literatura, naquela época, vivia em ascensão. Nesse tempo, emergiu também o Theodore Dreiser, que escreveu *Uma tragédia americana*. Por trás desse, havia muitos outros, agora não me lembro de todos... Então Osório, sendo um alfaiate, era dono de um perfil intelectual bem ampliado. E simultaneamente ele procurava ampliar esse perfil, conduzir esse conhecimento, para o que se pudesse fazer em termos de literatura brasileira. Embora ele vivesse em um período em que havia a inserção do realismo socialista, a literatura ainda era voltada para uma apologia com o valor de homem deste ou daquele partido, dono de coisa e tal... E ele, embora sendo malvisto, jamais inseriu isso dentro de sua literatura. Ele era um humanista, era voltado para aquilo que ele chamava de literatura de comunidade. Seu olhar para o povo era igual, podia ser daquela classe ou desta. Era a mesma coisa...

E - É isso que eu quis dizer quando me referi a sua autonomia, sua literatura não era partidária.

P1- Olha, eu não sei classificá-lo literariamente... Só sei que ele fez a sua literatura em função da literatura, e imbricado nesse conjunto todo, há algumas peculiaridades de sua experiência, de sua militância... Ele não fez suas obras em função de um partido, de uma ideologia... Daí as características de *Porto Calendário* serem assim tão ácidas. Logo que li essa obra, achava que sua linguagem era meio apocalíptica. Os diálogos eram singulares... Parecia coisa do apocalipse. Previa-se o fim do século, a peste bulbônica, o fim de tudo... Era uma revolta danada! Tudo aquilo me parecia uma pregação bíblica que prescindia o

apocalipse! Depois eu entendi que essa crença toda era própria do povo, da época. Então, olhava para esses diálogos, para essa literatura e pensava que esse engajamento todo, que essa singularidade não tinha nada a ver com o que eu conhecia de Jorge Amado ou de Guimarães Rosa. Era diferente. Eu me lembro que quando conheci Osório foi por curiosidade de garoto... Eu ouvia dizer que ele era um alfaiate calado que, de vez em quando, pegava um punhado de papel de dentro de uma gaveta de seu balcão da alfaiataria e se punha a escrever... Como eu era dado a escrever versos, fiquei curioso. Pensava em ir até lá para conhecer esse alfaiate que ficava escrevendo sozinho. Fora isso, sabia que ele quase não saía. E quando saía, era para participar de algumas reuniões na Associação dos Alfaiates ou acompanhar os movimentos políticos que acompanhava um povo pela reforma agrária. Então, entre ele, estavam sempre os amigos, Bernardo Severiano, irmãos Zaparolli, Reynaldo Machado e outros. Ele, politicamente, possuía vários amigos, mas literariamente era um sujeito solitário. Isso eu digo pela minha visão, que até hoje não mudou... Então eu o conheci porque uma vez criei coragem e apareci por lá com um verso, *Estrela morta,* e conversamos. Lembro-me que saí de lá jurando que nunca mais ia escrever versos... Aí ele me chamou e disse que iria fazer um terno para mim. Conversamos bastante. Ele me tirou as medidas. Aí eu comecei a freqüentar a alfaiataria. Às vezes ficava lá, sentado, ouvindo as conversas dos adultos sobre autores brasileiros, cinema, política...

E - Esse mundo também lhe interessava?

P1- Sim, apesar de ser criança, nunca deixei de gostar de literatura e dos autores em geral. Depois ele me franqueou a sua biblioteca e me apresentou aos grandes autores...

E - Pode-se concluir que ele passou a sua ideologia ao senhor?

P1- Não. Só a maneira crítica de olhar. Embora freqüentasse muito a sua alfaitaria, eu possuía o meu grupo. Ele era um senhor já idoso, com seus sessenta anos, e eu era um menino ainda. Conversávamos muito,

ele lia o que eu escrevia, criticava... Mas ele sempre na dele, fechado. Era difícil conversar com ele. Mas essa amizade prosperou, tanto que, numa ocasião boba qualquer, estava sentado em uma calçada com um outro sujeito conversando sobre literatura, acabei sendo preso em Marília. Era menor e sabia que não poderia ser colocado em uma cela, Mas naquela época não havia como se defender. Quando Osório soube que eu estava preso, ele chamou um amigo, um pastor protestante. E eles foram até lá e pediram para me soltar. Queriam saber por que prenderam um garoto que não fez nada de mal a ninguém. Então era um negócio curioso, de um lado a religião, de outro... Ah, deixa para lá! Havia essas ambigüidades naquela época. Quando Osório veio para São Paulo e deixou de lado a alfaiataria, passou a produzir aqui em São Paulo. Os filhos alugaram um apartamento para ele aqui, no Sumaré. E ele passou a viver aqui. Visitava os filhos de vez em quando... Voltava... Escrevia... Escrevia ininterruptamente.

E - Foi aqui que ele escreveu *Maria fecha a porta*?

P1- Acho que sim.

E - Podemos afirmar que suas obras foram circunstanciais?

P1- Sim. Ele escreveu parte de suas últimas obras aqui. Fechado em um apartamento. Sozinho. Veja, eu disse solitário. Mas essa é uma palavra que Osório jamais aceitaria. Pois ele dizia que a solidão é uma fraude. O homem só está só quando está marginalizado. E na medida que ele ainda participava de um processo produtivo, ele jamais poderia ser considerar só. Havia a sua literatura dividindo o mundo com ele. Depois que mulher dele morreu, ele chegou a dizer que, se não fosse a literatura já teria dado fim à vida. E nessa trajetória toda eu acho que ele teve uma evolução muito grande na sua literatura. Só que, por falta de divulgação e por falta de publicação, não houve possibilidade dessa evolução andar... Não houve condição, não houve meio para que essa evolução pudesse ser aferida... Porque essa recíproca só se dá na medida em que o público toma conhecimento. Então, o leitor produz uma espécie de efeito bumerangue para o escritor. Na medida em que

se afere isso é que podemos constatar essa evolução. A literatura de Osório, a partir de *Porto Calendário* avançando para *Maria fecha a porta*, que é o mais lindo deles, e indo para *Bahiano Tietê*, onde ele procura conceituar a emoção constitucionalista, retratar a era do café [...] Enfim, há uma pontualidade histórica. Essa evolução poderia ser aferida se esse livro tivesse sido examinado, analisado. Se esse livro tivesse tido uma visão da crítica... Que só não houve porque a mídia não ajudou!

E - A mídia e o perfil dele...

P1- Ah, sim! O perfil dele também! Veja, quando ele estabeleceu contato com o Guimarães Rosa houve essa possibilidade de ele se lançar publicamente...Porque por meio daquela carta sinalizou-se que ali havia uma figura importante, intelectual [...] Havia um potencial literário. Não foi um elogio aleatório do Guimarães. Na época houve repercussão e todos se perguntavam: qual é a diferença dos dois? O que tem no *Grande Sertão* que não tem no *Porto Calendário*? E vice versa. Veja, no *Grande Sertão* a gente alcança um quadro físico no romance por meio da linguagem. Já no P*orto Calendário* isso se dá por meio dos personagens. Essa é a riqueza dele.

E - Talvez seja essa riqueza que o distanciou do público. Há muitos leitores que lêem, mas não entendem. Há muitas histórias entrelaçadas...É muita gente falando ao mesmo tempo...

P1- Há uma diferença dos outros sim. E me parece que foi o Paulo Dantas que falou. Ele disse que *Porto Calendário* não é um romance, é uma rapsódia [...] Veja, a riqueza literária brasileira não está na superfície, está nas profundezas. Então, você não vai encontrar boa literatura nessa superfície que está aí. Vez ou outra você encontra, mas não de modo regular. A gente encontra leitura literária naqueles pontos que são mais difíceis. A boa literatura portuguesa, a mais recente, a de Saramago, não veio de *Memorial do Convento* de e nem nos outros. Veio da novela dele que foi *Levantado do chão*. Esse foi o livro mais singular, mais importante dele. No caso brasileiro, muitos valores

ficaram alheios por uma espécie de questão ideológica. E isso fez com que muita coisa ficasse escondida, em dúvida. Muitos questionam, será que esse livro é bom? Literatura não precisa disso, não se faz com modismo. Então, muitos livros bons ficaram na prateleira por muito tempo porque o autor não se afinava na linha ideológica daquele momento. Não era daquele tempo.

E1 – Estamos falando de Osório...

P1- Também. Veja, por exemplo, o livro *O cascalho*, de Gilberto Barros. Então, se o sujeito era de esquerda, era como se fosse um maldito! Na França e em outros países isso durou muito tempo. Eu me lembro que havia um escritor, um norueguês, aquele que escreveu *A fome*. O Osório gostava muito dele. Veja quanta coisa boa que deixavam passar. Quanta informação não chegava até nós porque a mídia não divulgava. Era de esquerda, não podia ler naquela época... Com isso, Osório perdeu grande parte de sua biblioteca. Seus livros eram constantemente apreendidos...

E - Além desse escritor norueguês que o Osório admirava, qual outro ele admirava? De qual brasileiro ele falava com entusiasmo?

P1- Olha é difícil. Para todos ele tecia impiedosas críticas... Mas ele lia todos os livros do Graciliano Ramos, alguns do Jorge Amado...

E - Ele escrevia para algum jornal da época. Sabe se essas críticas eram publicadas?

P1- Não. Não tenho lembrança disso não. Eu acho que não. Nessa fase ele escrevia em sua alfaiataria, ele fazia suas críticas e mostrava aos amigos, às pessoas que freqüentavam essas reuniões que lá acontecia. Talvez tenha publicado algumas. Mas não era um escritor que colaborava regularmente para algum jornal da época. Não, isso não.

E - Como era o seu perfil de escritor? Ele falava dos seus personagens com as outras pessoas? Ele conversava com você sobre o que escrevia?

P1- Ele sempre me dizia o seguinte: “Filho, você não deve ter medo de escrever. A gente deve escrever sobre aquilo que a gente vê” Aí eu dizia: “Mas escrever tudo o que vejo? Como?” E ele falava: “É, escreve tudo. Não tenha medo de usar as palavras. Depois você vê o que escreveu e faz uma limpeza.”

E - Então, tudo o que está nos livros ele viu? Não há ficção?

P1- Sim, claro! Se você pega *Porto Calendário* você vê Santa Maria da Vitória na época da infância dele. Eu não sei se ele chegou a imaginar alguém [...] Para mim, tudo ali é sua vida.

E - O senhor sabe qual a idade que ele tinha quando veio para cá?

P1- Não sei. Sei que ele era jovem ainda. E também, quando o conheci, eu também era jovem. E essas informações não me interessavam naquele momento. Eu só queria saber da literatura. Estava interessado nas coisas que poderia aprender com ele. Para isso eu acho que você deve fazer um levantamento com a família. Sobre Osório, o que posso dizer é que ele era ligado à literatura brasileira, americana, francesa [...] Veja, para conhecer tudo isso, ele teria de ser um sujeito de muita leitura. Há um dado muito importante e eu acho que deve ser anotado nessa sua pesquisa. Ele dizia que há uma diferença muito grande entre o sujeito ser culto e ter conhecimento. Ele dizia que muita gente consegue ter conhecimento, mas que pouca gente consegue ser culta. Porque o sujeito que é culto é aquele que tem a capacidade dialética de metabolizar o conhecimento. Então, a vivência do sujeito no dia-a-dia revela o ser culto. Ele dizia: “você pega aí uma professora que tem bastante conhecimento, que fala sobre assuntos que ninguém conhece [...] Isso é ser culto?” Então, o fato de ele ser autodidata, não ter sentado num banco de escola, não quer dizer que ele não seja culto. Um dia eu até escrevi algo sobre isso. Acho que foi publicado. Quando escrevi, estava me referindo ao Osório. Mas não citei o seu nome.

E - É, eu li esse seu texto. Foi publicado no *Diário de Marília*. Deu para perceber o pano de fundo. Notei sua intenção.

P1- Você percebeu? Que bom! Veja só, no caso de Guimarães Rosa isso não ocorre. Ele era um escritor que conhecia muitas línguas, conhecia o Brasil todo e vários outros países. Não era autodidata. Possuía muitos conhecimentos, mas era culto. Já o Osório, não conhecia nem o Brasil inteiro, saiu do sertão e veio para cá, para São Paulo e aqui ficou. Mas lia. E era culto. Era autodidata. Sobre esse assunto, Alfredo Bosi chegou a comentar algo a respeito algum tempo atrás.

E - Sim, o Diogo Mainardi também. Saiu na *Veja*. Isso se deu logo na época da ascensão do Lula.

P1- É verdade! Então [...] Osório muito antes de tudo isso já possuía essa visão. Ele tinha essa formação. A cultura dele se revelava com o que tem de mais profundo da literatura brasileira. Ele criticava *Os sertões*, o tipo de linguagem. Dizia que tudo aquilo não era real.

E - Essa sua formação, essa sua cultura. De onde veio? Será que é só cultura livresca?

P1- Não. Ele estudou um tempo num colégio interno na cidade da Barra. Teve contato com um professor de latim no Rio, José Oiticica. Mas ele não estudou. Teve que trabalhar para sustentar a família.

E - É por isso que ele dizia que a sua tesoura era a sua liberdade.

P1- Claro! Era por meio dela que ele ganhava dinheiro. Ela era o seu sustento.

E - Mas era só a essa liberdade que ele se referia? Ele não falava tudo o que pensava?

P1- Não! Ninguém pode escrever tudo o que quer. Falar é uma coisa. Publicar é outra. Liberdade de expressão é o que todos querem, que é manifestar, expor o que pensa. Ela até existe. Mas não aceita tudo. Na medida em que se expõe, há um tolhimento dessa liberdade. E ali era isso. Você acha que o jornal iria publicar um artigo dele criticando a sociedade? Ou criticando um romancista adorado por todos?

E - Por isso ele era excluído...

P1- Claro que era! Todos o viam como aquele comunista, aquele escritor maldito.

E - Isso ocorria porque as idéias dele eram muito avançadas para aquela época...

P1- Isso é preconceito. E existe até hoje. Para a sociedade ele era perigoso porque pensava. Com isso era discriminado pela maioria que não pensava. E foi isso o que aconteceu com tantos. Veja o Gramsci. Ele foi exilado numa ilha. E não foi o único. A lei era: “temos de isolar aquele sujeito e fazer com que seu cérebro pare de pensar”.

E - É, mas isolar não basta. E o que podemos dizer de *Memórias do cárcere*? A literatura é libertária! Era dessa liberdade que eu estava falando...

P1- Veja você o seguinte, a gente se manifesta, e na medida em que a gente vai se manifestando, vai falando, vai agindo [...] O que vai acontecendo? As idéias vão se difundindo [...] E se elas batem com aquilo que está predisposto [...] O que acontece? Começa a sair uma faísca aqui, outra ali [...] então o sujeito começa a se sentir seguro. Eu me lembro de Osório num comício em que ele começou a ser apoiado por, por outro [...] E era assim que as coisas aconteciam naquela época.

E - Ele chegou a assumir algum cargo político?

P1- Olha, eu sei que ele se candidatou pela UDN. Mas assumir não. Era menino na época, não sei ao certo. Veja você uma coisa curiosa. Toda vez que leio algum grande romancista e que percebo que ele tem essa visão totalizada, que vai fundo na questão do humano [...] Em todos eles eu percebo uma identidade. Alguns com uma linguagem trabalhada, mais elitizada [...] Mas no fundo, no fundo, há uma identidade com a visão de mundo que ninguém consegue tirar. O sujeito que vive para o próximo, escreve como se fosse para ele mesmo. E aí ele acaba se identificando com todos os outros.

E - É a ideologia...

P1- Então, será que isso aí não estava no livro de Osório. Será que ele não queria dizer isso? Naquela época, no *Porto Calendário*, ele teria citado Tolstoi que, numa passagem relata que estava dialogando sozinho na mata, diante de uma grande árvore [...] E o mesmo tipo de diálogo Osório estabelece com um jequitibá. Então você veja, será que eles tiveram a mesma visão? Ou os valores humanos, estejam onde estiver, terão certa identidade...

E - É a essência do ser...

P1- Então o que mais eu lamento sobre Osório, não é necessariamente o fato de ele ter sido malvisto naquela época [...] Lamento a falta de um trabalho, de uma revisão, de uma publicação e divulgação adequada de suas obras. Eu não cobro isso de Osório porque eu sei como ele escrevia. Conheci os seus manuscritos. Nem dava para ser feito isso. Ele era sozinho, tinha que trabalhar, e não havia ninguém para ajudar ou orientar nisso.

E - Era uma trabalho artesanal...

P1- Sim, era artesanal. E eu me lembro sempre de sua frase emblemática “um livro é um filho que a gente traz no ventre, ou nasce ou nos mata” Veja, isso está exatamente dentro de seu perfil. Tamanha era a necessidade que ele tinha de escrever.

E - Por isso é que eu falo, ele tinha essa liberdade. Ele escrevia o que sentia. Talvez tenha me expressado mal anteriormente [...] Sei que não havia liberdade de expressão porque ele viveu o AI-5. Mas ele escreveu o que pensou e o que viu.

P1- É! Sobre isso eu escrevi um livro na década de 70, baseado na trajetória do Osório, chama-se *O senhor e as sombras*. Mas continua inédito, nem sei se vou publicar um dia.

E - O personagem central é Osório?

P1- Sim. Depois desse escrevi *O mel e o fel*. Mas nenhum deles cheguei a publicar.

E - O senhor poderia me fornecer esses manuscritos para pesquisa?

P1- Não sei [...] Tem outro, *A cidade do reencontro*. Este tem também muita coisa do Osório. Mas [...] Você teria coragem de ler isso?

E- Claro! Se fala do Osório...

P1- É porque esse livro aí tem 600 laudas. Fiz e refiz várias vezes. Depois fui tentar publicação. Mas a editora achou que estava denso. Aí eu me desinteressei. Algum tempo depois, muitas editoras vieram atrás de mim [...] Mas eu achava que ainda não era hora. Depois veio a ditadura e aí não deu mesmo. Ficou esquecido. Se um dia publicar, eu acho que seu título será *Revisão* [...] Esse foi feito no meio de um inquérito. E no andamento desse inquérito, em que várias pessoas de Marília, inclusive o Osório e o Reynaldo Machado, eles vinham todo mês se apresentar para prestar depoimento aqui na capital. Agora veja, como é que um sujeito que tem o pensamento baseado no livre pensar, que passou por tantos processos, que teve toda sua vida tumultuada, que toda sua atividade intelectual e profissional não pode se expandir mais porque era tolhida pela sociedade [...] Como é que uma pessoa que viveu toda a sua vida assim, escrevendo todos aqueles valores que ele publicou [...] Como ele poderia aceitar isso? [...] E o que sobrou dessas lutas? Quer dizer, será que ele viveu uma grande farsa?

E - Mas isso podemos dizer, também, a respeito dos partidos de hoje [...] Será que é essa a democracia que todos pregavam no passado? Esse é o nosso Partido Comunista? É por esse o Socialismo que Osório lutou um dia? Foram tantos torturados, processados, mortos [...] E o que restou?

P1- Sim! É claro! Nós estamos falando do Osório, do Reynaldo, do Oiticica [...] De tantos outros!

E - Sim! É só pegar um dos volumes da coleção Rebeldes Brasileiros que você vê. Foram tantas lutas...

P1- E por que Osório não está lá? Ele se encaixa!

E - Sim, A professora Regina Sader, da USP, e a Ely Estrela, sua orientanda de Caetité, tentaram. Redigiram uma biografia sobre ele com essa intenção. Mas não deu tempo. Já havia sido feita a seleção das biografias a serem publicadas. Disseram que, se houver um volume três, a biografia dele sairá. Aliás, essa é a biografia. O senhor tem a cópia!

P1- Claro! [...] Veja, o Osório se encaixa numa linha que é muito mais rica. Há muitos da literatura atual que são superficiais. É uma pena ele estar assim tão esquecido. Para ele a literatura é um resgate do Brasil. Veja, só ele retrata o rio Corrente, as carrancas do São Francisco, o mestre Pikiba Guarany. Sua literatura nos dá um reflexo de uma realidade, de uma comunhão com os valores culturais do país. Das entranhas do país. Então, pode-se dizer que essa rebeldia era uma questão de necessidade [...] E no fundo ele consegue esboçar uma primitiva consciência política das coisas. Embora sua obra tenha outra pintura, tenha outro típico, outro objetivo por trás [...] Seus aspectos são objetos de crítica [...] Não são deixados de fundo, são impostos [...] Sua obra explicita a pobreza, a miséria e toda aquela situação que ele denunciava [...] Ele, de uma forma ou de outra, era um rebelde brasileiro... Agora no livro *Maria fecha a porta* Osório estava vivendo uma fase difícil, ele estava mal [...] Vivia de tal maneira dentro de seu universo sertanejo que, à noite, acordava discutindo e se debatendo com os seus personagens [...] Ele não podia mais ficar sozinho. Quando eu soube que ele estava internado em uma clínica geriátrica, pedi para que apressassem a editoração e que fizessem uma capa às pressas, para que eu pudesse levar o livro pronto para ele ver. Assim que cheguei lá, entreguei o livro e pedi para ele ver o que estava escrito no início, que era o prefácio que havia feito [...] Quando ele viu o livro, o impacto foi tão forte que ele começou a chorar. Olhou para mim e disse “esse é o meu filho”. Aí ele comentou comigo, apontando para as pessoas que estavam ao nosso redor “Veja, meu filho, são *Almas*

Mortas” [...] Veja só como ele raciocinava por meio da literatura [...] Estava se referindo à situação dos idosos à luz de Gogol. Então, é por aí que você a sua formação [...] Percebe-se que toda a sua vida foi dedicada à literatura, aos personagens da literatura, à questão da literatura no Brasil Entretanto, quem conhece o Osório hoje?

E - Infelizmente ninguém o conhece. Em Marília, quando falo de minha pesquisa, digo que é o resgate de um romancista, do Osório, ninguém sabe de quem estou falando. É triste...

P1- Se você quer saber, o Pikiba Guarany também é um esquecido. E lá na terra dele! Um francês o conceituou como um dos melhores artistas do mundo porque ele fazia aquelas carrancas [...] Eu fui à Santa Maria da Vitória movido por uma curiosidade. Eu tinha em meu imaginário uma Santa Maria da Vitória e eu queria confrontar com a atual. Fui até lá há alguns anos com minha esposa. Foi muito difícil chegar até lá. Fica perto de [...]

E - Correntina?

P1- Você já esteve lá?

E - Não! Quer dizer, estive, pelo livro.

P1- É difícil de imaginar que aquela cidade é a cidade daquele tempo, do tempo de Osório. Não havia mais aqueles barcos no porto. Nem o rio Corrente de águas baixas. Nem as carrancas do mestre Pikiba... Perguntei sobre o estaleiro de Pikiba Guarani e ninguém sabia. Cheguei até os mais velhos. Eles sabiam de quem estava falando E só. A cidade está lá. Mas não é a mesma. Então o livro de Osório serve também para isso, para marcar uma época naquele começo de século. O tempo dos coronéis. As carrancas. O Mestre Pikiba Guarani. Aliás, o Osório foi o único escritor brasileiro a fazer essas referências, a marcar essa época das carrancas. E foi por meio de sua obra literária que ele transformou o mestre das carrancas num personagem, tornando-o um escultor conhecido internacionalmente.

E - E é isso que precisa ocorrer com Osório. Ele nem precisa ser conhecido internacionalmente. Basta ser reconhecido em seu país. Aqui ele precisa deixar de ser um desconhecido [...] Esse é o objetivo de minha pesquisa.

P1- É verdade. Você tem razão.

Entrevista 2 - realizada em 08/01/2003, em São Paulo.

Entrevistado (Paulo Dantas – escritor)

E – O senhor poderia me dizer quando conheceu Osório Alves de Castro?

P2– Eu conheci Osório por meio de uma carta que ele tinha mandado para o J. Herculano Pires, no final dos anos 50. E por meio dessa carta eu descobri que havia um romancista atrás dela. E foi pelo J. Herculano Pires que veio o original que se chamava *Bahiano Tietê*, que depois a gente passou a chamar de *Porto Calendário*. E esse livro nós publicamos pela livraria Francisco Alves em 61. Foi um sucesso. Ele foi um grande sucesso de crítica. Foi muito bem recebido pela crítica atual, sobretudo pela linguagem nova e pelo enredo do rio São Francisco. Era um romance que retratava a vida dos barqueiros, os homens das margens do rio São Francisco com bastante profundidade e psicologia. Osório era um alfaiate de Marília que, até então, só tinha sido jornalista local. E de uma hora para outra se tornou uma glória nacional. Em 61 foi sucesso de livraria, o livro dele foi muito bem recebido. No entanto, era um homem triste. Aqui em São Paulo, quando ficou viúvo, tornou-se solitário.

E - O senhor me disse que a linguagem de Osório era nova... Alcântara Silveira até chegou a compará-la com a do *Capitão Jagunço*. O que o senhor pode me dizer sobre isso?

P2-Não! Eu acho que aí não é sobre a linguagem semelhante que ele se referiu. A minha linguagem se aproxima da fala do sertão. E os personagens de Osório são os barranqueiros. É o homem da barranca do rio São Francisco. O que tem de comum...Talvez...Seja a linguagem do sertão. A linguagem genérica do falar da terra. Talvez aí seja uma comparação das duas linguagens regionais dentro do romance brasileiro, tratando de assuntos que interessam ao leitor novo, que é a

descoberta do Brasil. O Brasil desconhecido, até então, por todos. No meu caso, foi o Brasil de Canudos. No caso de Osório, foi o rio São Francisco, o rio do abandono nacional. O rio que serviu de imagem para a Guerra de Canudos. Há um rio que é afluente do São Francisco, o Vaza-Barris, que é justamente onde se passa a ação do meu livro, que fica dentro do São Francisco. Este rio se tornou mais conhecido na literatura devido ao livro de Osório, porque tinha o título de *Bahiano Tietê* no começo, que depois passou a se chamar *Porto Calendário*. E este livro tem um desfile de tipos maravilhosos, com uma linguagem diferente, inusitada. Mas nossas obras... Não, eu não vejo nenhum tipo de comparação ou de identificação, a não ser essa aí que é a região. Mas o falar das personagens são diferentes. São duas linguagens opostas.

E - Falando agora de um outro romance que também abordou toda essa região do são Francisco. Falou dos jagunços*... O que o senhor tem a dizer do Grande Sertão, comparando-o com Porto Calendário*? Algumas pessoas, na época, chegaram a tecer considerações a respeito. O que o senhor acha disso?

P2-Isso realmente aconteceu... Inclusive o próprio Guimarães Rosa ficou muito impressionado com o *Porto Calendário*, devido a existência da ação das personagens ser a mesma que o Guimarães usou no São Francisco, em seu Grande Sertão. Aproveitando, inclusive, de informações e de personagens reais da região do São Francisco. Na época, ele até me pediu a carta de Osório... Aquela que ele informa sobre os tipos de personagens que Guimarães Rosa usou no *Grande Sertão:Veredas*. Este, aliás, é outro monumento da literatura brasileira que abordou outra linguagem, a do sertanejo, do barranqueiro do São Francisco. Na verdade, são dois romances de rio que trouxeram para o leitor brasileiro a face desconhecida de um homem, até então, pertencia a uma geografia lendária para todos. Uma geografia de abandono.

E - Ontem, lá no Arquivo do Estado, consegui um texto seu, a *Sagarana Emotiva*. Inclusive, uma das cartas dele está na capa da segunda edição de *Porto Calendário*...

P2- Nestas cartas [...] Em uma delas há a carta que o Guimarães Rosa solicita que eu mande a cópia da carta de Osório. E foi aí que Guimarães ficou encantado com o conhecimento que Osório tinha da região retratada em seu romance, o Grande Sertão. Ele admirava os tipos da região feitos pelo recenseamento do Osório Alves de Castro. Este livro trata do repositório das cartas que eu recebi do Guimarães Rosa. Ele foi um grande amigo meu. Sou um entusiasta da sua literatura. Nós trocávamos uma correspondência afetiva. Após sua morte eu publiquei essas cartas, que é o *Sagarana Emotiva*. Ao todo são 25 cartas.

E - Então foi o senhor que apresentou o Osório ao Guimarães.

P2-Não! Eu só enviei a cópia da carta para ele. Só intermediei a primeira correspondência deles.

E - Depois disso eles mantiveram outros contatos?

P2-Sim, claro. Porque o Guimarães falou com muito entusiasmo do livro dele. Ele apreciou a sua linguagem. Ele chamava esse livro de romance de rio.

E - Então não foi o senhor que enviou os manuscritos de *Porto Calendário* para ele.

P2-Não! Depois eles mantiveram correspondência independente. Osório ficava aqui em São Paulo, no interior, e Guimarães no Rio. E sobre essa correspondência não posso dizer nada. Nem sei se foi publicada.

E - Será que a filha de Guimarães Rosa, a Vilma, não possui essas cartas?

P2-Talvez tenha. Mas ela é muito difícil. É difícil falar com ela. Até tentei na época de lançar *Sagarana Emotiva*. Depois desisti. Ela só quer falar dela.

E - O senhor chegou a morar em Marília? Conheceu a alfaiataria?

P2-Não. Sou de Sergipe, do sertão de Sergipe. Eu só conheço Marília pela tradição cultural da época. E pelas palestras que fiz na Faculdade, inclusive, na ocasião da noite de autógrafos de *Bahiano Tietê*. Acredito que a tradição cultural de Marília, com relação à literatura, seja a literatura de Osório Alves de Castro.

E - E José Geraldo Vieira?

P2-José Geraldo era de outra linha. Também conta. Mas ele não tem a força telúrica do Osório. Podemos dizer que o José Geraldo Vieira era mais internacional. Também é uma figura importante dentro do panorama cultural de Marília.

E - Na época, o senhor chegou a ficar sabendo de uma crítica que Osório fez ao José Geraldo Vieira, com relação à publicação de *A Quadragésima porta?*

P2-Não. Desconheço essa crítica. Não me lembro de nada. Nem sabia que Osório era crítico...

E - Com relação ao *Porto Calendário*, aos personagens...O senhor chegou a conversar com Osório sobre eles? Eram reais ou ele criava? Ele comentava sobre isso?

P2- Olha, eu me lembro que ele falava que eram todos tirados da própria vida. Que são pessoas que ele conheceu quando vivia em Santa Maria da Vitória, às margens do rio Corrente, afluente do São Francisco. E quando ele foi para Marília, ele lembrou dos filmes da infância dele e foi pondo tudo no papel. Ele foi recordando os tipos... E foi assim que ele montou o seu romance. E com as sobras deste livro ele montou o *Bahiano Tietê,* que é um desdobramento do *Porto Calendário*. Pois o título primitivo deste era *Bahiano Tietê*.

E - Então era tudo uma história só? Era uma narrativa extensa que foi desmembrada?

P2-Sim, era um livro só. Ele foi orientado a desmembrar e a fazer dois romances.

E - E o *Maria fecha a porta*?

P2-Isso eu desconheço. Acho que não.

E - E o Paulo Rangel, aquele que prefaciou a segunda edição de *Porto Calendário*. O senhor conheceu?

P2-Sim. Fui muito amigo dele. Ele era um romancista do Rio de Janeiro, um publicitário. Não era escritor do sertão. Não estava ligado à corrente regionalista. Quem estudou bastante *Porto Calendário* foi a Nelly Novaes Coelho. Seria importante você falar com ela.

E - O senhor gostaria de fazer algum outro comentário?

P2-*Porto Calendário* é um livro único na literatura brasileira por causa da linguagem, e também pela autenticidade que ele trouxe, que é o retrato da região. Um cenário que ele retratou muito bem, juntamente com os personagens do Guimarães Rosa. Retratou o rio por ele ser justamente do São Francisco. E o *Grande Sertão* também é um grande livro do São Francisco. Pode ser que o *Porto Calendário* se aproxime do *Grande Sertão* por causa do rio.

E - Então, em termos de autenticidade o senhor diria que *Porto Calendário* é mais real que o *Grande Sertão*?

P2- Não, o livro não. Mas a linguagem de Osório é mais autêntica. Já a do Rosa é metafísica, é uma linguagem inventada. Bem criadora. E a do Porto Calendário é regional, é o falar do povo das barrancas. Ele é mais autêntico nisso. Nessa linguagem do sertão eu me especializei em Canudos. Fui muito amigo do Guimarães Rosa e um grande admirador de Euclides da Cunha. Fiz um livro sobre ele e Guimarães que se chama *A linguagem através dos sertões*...Vou lhe dar um volume de

presente porque acho que esse livro vai lhe ajudar a estudar a linguagem dos sertões. Ele faz um paralelo entre a linguagem de Guimarães Rosa com Euclides da Cunha. É um livro que foi prefaciado por Antonio Cândido, que fala do meu tema predileto: do sertão. E eu acho que ele vai lhe ajudar a entender o Osório. Vou pegar. Espere um pouco.

E - Obrigada!

Entrevista 3 – realizada em 11/06/2003, em São Paulo.

Entrevistada (Nelly Novaes Coelho - professora e escritora)

E - Como a senhora conheceu o Osório Alves de Castro?

P3- Olha, eu conheci o Osório em 61, 62, mais ou menos... Foi quando eu comecei a dar aulas em Marília, na UNESP, que começava naquela ocasião [...] É [...] Eu já era professora da USP em Literatura Portuguesa e fui convidada para dar Didática de Português e Metodologia, lá em Marília. Então, eu acumulei [...] De segunda até quarta-feira ficava na USP e quinta à noite eu ia para Marília e ficava lá até sábado [...]. Então, como é que eu conheci o Osório [...] Falavam que existia ali um escritor, um alfaiate [...] Diziam que era muito bom. Então, uma noite eu resolvi fazer uma visita para ele [...] Conversamos muito. Daí ficamos muito amigos. Compreendeu? E toda noite, quando estava em Marília, e sobrava um tempinho, eu ia visitá-lo. Tudo isso foi quando começou a universidade lá. Depois é que separou em partes, que a Letras foi para Assis. Foi no início dos anos 60 [...] E foi nessa ocasião que eu conheci o Osório e ficamos, assim, muito amigos.

E - A senhora teve contato com a obra dele antes de ela ser publicada? Ela foi publicada também em 61...

P3- Olha [...] Não, eu já peguei o livro Porto Calendário pronto. Lembro que ele me deu autografado [...] É, eu tenho o livro autografado com data de 62. Foi quando eu conheci a obra.

E - Então a senhora já conheceu o Osório escritor [...] Com obra publicada e crítica nos jornais.

P3- É, e alfaiate também. Foi tudo junto.

E - Há algumas críticas [...] Acho que é do Paulo Dantas [...] Ele disse que o Osório era humanista por vocação e alfaiate por profissão [...] a senhor se lembra disso?

P3- (risos) Claro! Como poderia esquecer!

E - A senhora confirma isso? Concorda?

P3- Concordo! Concordo sim! Ele era humanista. Ele era, realmente, um humanista! E toda a obra dele [...] Em todos os atos ele visava o homem. A comunhão que ele tinha com os homens. Isso era a marca registrada do Osório. E [...] O fato de ele entrar na esquerda [...] Ele, na verdade [...] O que ele sentia profundamente era que todos fazíamos parte de uma só humanidade. Isso era algo muito forte nele. Compreendeu? Era uma das raras pessoas que eu pude conhecer que vivia, realmente, como parte de um todo. Daí a revolta dele contra as injustiças, contra os desvalidos, contra a prepotência [...] Era uma revolta que não era política [...] (risos) Era uma revolta humanista... Era uma revolta humanista. Mas ele, como era alfaiate, dedicava-se com a mesma paixão [...] Como a que ele fazia as outras coisas [...] (risos)

E - Então a senhora afirma que ele tinha uma ideologia...

P3 Tinha, mas [...] Ah, ela não era uma ideologia partidária... Eu não acho que fosse partidária. Foram as circunstâncias que o levaram a se envolver com a ideologia de esquerda. Ele era, profundamente, um humanista. Compreendeu? E sendo um humanista num sistema injusto e de explorador do homem... Obviamente que ele, como cidadão consciente, se aproximasse da ideologia de esquerda [...] Na verdade, ele era um autêntico humanista. Eu não me lembro de algum partidarismo dele [...] Isso não. Eu nunca ouvi isso dele. Ele era um verdadeiro político. Isso sim. Ele estava entregue a ré pública. Eu sempre vi o Osório por esse prisma. Um humanista que vive como uma parte do grande todo, que era a humanidade.

E - De acordo com o que a senhora está dizendo, podemos falar da função da literatura [...] Qual era a concepção que ele tinha da literatura?

P3- Para ele a literatura era um registro de experiência de vida. Ele não via, de forma alguma, a literatura como um divertimento ou como um

monumento literário [...] Ou como se diz por aí [...] Valorizar a palavra em um plano, de grande forma [...] Ele sabia que da maneira como falasse, enunciasse a palavra, a realidade seria. Surge daí a preocupação dele com a palavra, ele queria ser exato na expressão da experiência vivida. E foi. Então [...] A literatura para ele era uma maneira de expressar a vida. Era isso. Toda preocupação dele com a expressão era a de ser exato àquela realidade que ele queria passar. Compreende? Essa foi a impressão que tive. A preocupação de ele ser verdadeiro, de passar para o leitor aquilo que ele realmente sentia...

E - Então, escrever para ele era uma forma de...

P3- De ver a vida! Eu acho que escrever para Osório era um exercício de viver. Compreende?

E - Não era uma denúncia também?

P3- Não, não [...] Eu não acho isso não!

E - Talvez uma necessidade...

P3- Não... Claro! Havia ali uma necessidade de se expressar [...] isso eu acho que sim. De expressar como ele vivia a vida. Ele tinha que transmitir para o leitor essa experiência. Eu acho que ele exercia a literatura [...] Ele escrevia literatura, como disse há pouco, como um exercício de viver. Ele tinha que testemunhar a vida [...] Na verdade, eu acho que ele queria dar um testemunho da sua vida.

E – E essa forma dele de ele se expressar, esse humanismo todo em sua literatura, esse real testemunho de vida [...] Acha que tudo isso dificultou a publicação de *Porto Calendário*? Sabemos que ele demorou muito tempo para publicar essa obra...

P3- Não! Na verdade as dificuldades são iguais para todos [...] Veja, a literatura é uma arte. E na medida em que ela precisa ser publicada para circular, ela precisa [...] Ela se transforma em um produto [...] essa é a tragédia de todos nós! Eu conheço um número enorme de escritores espalhados por esse Brasil todo que não são reconhecidos [...] Então, o caso de Osório [...] Não, eu não acho que seja um caso

específico dele. Claro! Ele vivia em uma cidade do interior [...] Isso piora a situação. Se para os da capital já é difícil... Imagine para o pessoal do interior!

E - Mas ele era visto como um escritor de esquerda... Isso, de certa forma... Não piorava?

P3- Sim! Pode ser que sim. Mas aí eu não posso dizer muita coisa porque nunca ouvi nada sobre isso na minha relação com ele. Eu nunca ouvi comentários. Compreende? Mas eu sei que ele se envolvia... Não foi da minha experiência conversar com ele sobre o fato de ele ser de esquerda ou não. É possível que [...] Não sei até que ponto isso influenciou [...] Ainda não estávamos na Ditadura Militar quando ele publicou Porto Calendário. Compreendeu? Então eu não acho que houvesse, assim, um problema a mais ele ser de esquerda...

E -. Claro.

P3- Acho que a coisa piorou depois. Então, do ponto de vista que eu conheço [...] Estou trabalhando na área há 40 anos [...] E o fato de ele ser de esquerda não pesou tanto... Foram as dificuldades normais de qualquer escritor que não seja conhecido [...] Porque a editora tem que investir nele como um produto. Ela não está nem aí para o valor do livro. Ela só quer vender. Compreende?

E - E como.

P3- Então, essa é a primeira dificuldade... Arranjar uma editora. Até hoje a dificuldade é a mesma. Muitos escritores, já com vários livros, não consideram tarefa fácil arranjar uma editora e ser atendido. Então, eu não acho que tenha pesado o fato de ele ser de esquerda. Não sei. Essa é a minha opinião.

E – Em 73, no seu livro O ensino da literatura, a senhora referencia Porto Calendário e Grande Sertão... O que a senhora quis dizer com a expressão “resguardadas as devidas diferenças”?

P3- Olha, a diferença fundamental que eu via na época é que Guimarães Rosa é um erudito. Compreendeu? Ele era um homem de

uma cultura vastíssima [...] Era médico. Era um erudito muito preocupado com a palavra. A palavra como uma invenção nova. Ele tinha que criar uma nova verdade.

E - Ele se preocupava mais com a forma?

P3- Ele trabalhava muito com a forma porque ele estava em busca de uma nova validade, mas muito consciente disso. Compreende? E o Osório se preocupava com a linguagem para expressar aquilo que ele considerava verdadeiro. Vejo no Guimarães o trabalho com a linguagem, o trabalho consciente. Essa é a grande diferença. Ele era muito consciente do que estava fazendo [...] Além de ser erudito, ele era ainda um esotérico. Ele sabia que uma nova realidade estava se criando. E ele, conscientemente, queria ajudar essa nova realidade vir à tona. Para isso, trabalhava com essa matéria bruta que era o sertão. Nesse caso, os dois trabalhavam com essa mesma matéria bruta. Mas a intenção deles é diferente. Eu nunca conversei com o Guimarães Rosa [...] O Guimarães, por acaso, eu não o conheci. Conheci Clarice Lispector, conheci Osório, conheci muita gente desse mundo literário [...] Mas o Guimarães eu não cheguei a conhecer. Mas a julgar pela obra [...] É óbvio! Você percebe que é um erudito que está falando [...] Também era humanista, mas esotérico acima de tudo. Vejo-o como um erudito consciente da forma que dá à palavra, da forma como ela é criada e escrita para uma realidade nova. Ele tinha a consciência de um lingüista. Compreende? Que é hoje uma das correntes, uma das diretrizes [...] Essa consciência de que de acordo com o que você falar a coisa é [...] Na verdade, vejo em Osório essa mesma consciência. É por isso que eu disse e digo “resguardadas as devidas diferenças”. Um era erudito, o outro não, era um homem culto. Osório era um homem culto, mas não tinha essa noção de lingüística. Compreende?

E – No caso, os dois...

P3- Essa é a minha opinião!

E – Sim, eu sei... Mas...

P3- Eu não sei se isso corresponde á realidade. Digo isso a partir do que as obras dos dois me passam. É diferente a intenção de um e de outro. A intenção deles era diferente.

E - Sim, eu também vejo isso. Mas há um outro ponto. Não sei se a senhora leu isso... Quando lemos *Porto Calendário*... Ouvimos uma voz... Uma voz de depoimento, de identidade...

P3- De testemunha?

E – Sim, de testemunha!

P3- Claro, sem dúvida! É por isso que eu disse que a literatura para Osório era um exercício de viver. Compreendeu? E eu não acho que para o Guimarães ela seja isso.

E – A dele é bem ficcional...

P3-É, a obra dele é muito trabalhada. Dá para perceber que ela é produto de um trabalho exaustivo sobre a linguagem que busca, evidentemente, com uma noção de oculto, desvelar um mistério que precisa vir à tona. Então a diferença está aí. Você tem razão. A intenção de Osório é de testemunho. Sentia isso nas conversas que a gente tinha [...] Atualmente estou projetando um estudo sobre os ficcionistas brasileiros [...] Não com a extensão do Dicionário que escrevi sobre as escritoras brasileiras [...] Nele eu peguei 1.400 mulheres, e não dá para fazer isso com os homens. Eles são muitos! Mas eu vou fazer isso com os escritores brasileiros, começando com os ficcionistas [...] Pretendo fazer um ensaio para cada um, colocando cada um no seu contexto... E vou fazer um estudo bem amplo sobre o Osório, porque ele merece. Realmente, ele merece estar entre os grandes da literatura. Sem dúvida. E você tem razão, quando se lê *Porto Calendário*, ouve-se aquela voz de testemunho. O Osório é isso!

E – E os outros livros dele? O que a senhora pode me dizer sobre *Bahiano Tietê* e *Maria fecha a porta*? Há também uma voz de testemunho?

P3-Eu acho que em todos eles há. Ele até pode mudar o ritmo, a atmosfera, mas a intenção é a mesma. É denunciar os desvalidos, as injustiças. É falar das peculiaridades, das personalidades. Enfim, retratar as dores do mundo, as alegrias, as frustrações [...] Tudo isso como um humanista, claro. E respeitando as peculiaridades de cada lugar. Eu acho que foi isso.

E – Ainda no seu livro *O ensino da literatura*, a senhora, nas referências, afirma que Osório possuía uma outra obra, que seria publicada em 66 com o título *De manhã em Correntina*. Esta obra seria o *Bahiano Tietê*?

P3- Olha, eu não sei dizer. Já faz muito tempo. Na verdade já se passaram 40 anos e eu não voltei ao Osório. Geralmente eu não leio as coisas que publico porque não dá tempo. Mas eu me lembro dele trabalhando com um maço de folhas... E tudo aquilo até dava um livro... Realmente... Pode ser...

E – E fora esse livro, há outros textos seu em que a senhora se refere ao Osório?

P3- Não, publicado não. Mas tenho anotações guardadas para esse que estou pensando em fazer sobre os ficcionistas. Tudo que escrevo, anoto e guardo. Esta estante aqui é tudo ficcionista brasileiro. Todos já estão catalogados. Os poetas estão naquela outra estante. E aquela outra lá é tudo literatura portuguesa. Atualmente estou lá, porque estou fazendo um dicionário só das portuguesas. O meu compromisso acadêmico sempre foi com a Literatura Portuguesa. Esse é o meu cargo oficial na USP. Há 20 anos criei em Letras a Literatura Infantil. Daí acabei sendo obrigada a criar uma bibliografia para os alunos estudarem, porque não havia nada sobre isso na ocasião. Isso foi em 80. Na época só havia ensaios e um livro em francês e outro em espanhol. Então veja, vivo dividida entre a Literatura Portuguesa e a Contemporânea há 40 anos... E a Brasileira, que era marginal, e a Infantil, que passou a ser a oficial... E isso tudo é uma loucura! Não dá para eu me aprofundar do jeito que eu queria. Tenho sim, meus

projetos. Terminando o texto das escritoras portuguesas, que devo publicar no início de 2004, vou trabalhar em cima dos ficcionistas brasileiros... Já estou com todo o levantamento feito, o texto já tem cerca de 800 páginas datilografadas... Ainda não sei o que vou pôr no título, se ficcionistas ou romancistas brasileiros...

E – São todos do século vinte?

P3- Só século vinte. Os outros já são conhecidos... Não interessa escrever sobre quem já é conhecido. Escreverei só de escritores do século vinte porque quero fixar um ponto de partida para os estudiosos de amanhã. É como esse dicionário que acabei de publicar...Já tem três teses dele, falando das escritoras... Ainda ontem recebi uma mato-grossense. Ela disse que descobriu uma grande escritora, também mato-grossense, a partir de meu dicionário. E ela não a conhecia porque atualmente mora em Nova Iorque. Disse que por acaso descobriu grandes escritores com ele... E olha que esse meu dicionário tem verbetes com meia dúzia de linhas... Há outros com quatro ou cinco páginas, depende da escritora. Essa pesquisadora mato-grossense também é escritora, uma grande escritora. É de uma linha ligada à terra, como o Osório, como o Guimarães. Ela está nessa linha telúrica ligada ao Pantanal... Então, por meio de meu dicionário, descobri umas dezenas de escritoras, ficcionistas e poetas que já estão com quatro ou cinco livros publicados, mas que ninguém conhece ainda... Ou, se ouviu falar, ninguém sabe porque é boa.

E – Falando em dicionário, a senhora me fez lembrar de uma coisa. Em janeiro estive aqui em São Paulo e ali no Centro Cultural da estação Vergueiro li algo no Dicionário literário do Raimundo Menezes que me deixou intrigada... Ele considera o Osório um Neomodernista...

P3- Não. Olha, essa história de rótulo eu não acho uma boa. Veja, o Osório surge em um momento em que sua obra é considerada um novo monumento de invenção. Depois disso a literatura parou. A invenção parou e a literatura vai ser voltar para as peculiaridades regionalistas, vai denunciar a injustiça. É o que aconteceu com Jorge Amado, Lins do

Rego, Graciliano [...] A invenção foi bloqueada porque não tinha espaço para ela no mundo [...] Veio a guerra, veio a miséria, veio a miséria e a fome... E a partir da queda da bolsa acabou a festa... Compreende? Daí vem a luta e começa a se formar a esquerda que luta contra a injustiça social... É assim que se analisa o regionalismo de Jorge Amado e dos outros na literatura. Mas no caso de Osório, ele já passa a outro enfoque. O testemunho dele não é sobre as peculiaridades regionais...

E – No dele há aquela voz engajada...

P3- É exatamente isso! É o lado humano. Nesse caso, talvez Raimundo tenha falado em Neomodernismo porque ele era exatamente um regionalista... E o mesmo ocorre com Guimarães, você não pode dizer que ele seja um regionalista e pronto. Ou seja, não é um regionalismo como os anteriores, que estavam preocupados apenas com o regional... Osório estava preocupado com o regional, mas em uma visão universal. Ele não estava preocupado só com o típico regional, que é o caso do Jorge Amado. Jorge estava preocupado em retratar a Bahia, a vida da Bahia, a cor da Bahia... Raros são os livros dele em que se vê uma visão mais universal, mais humana. Talvez *Tenda dos Milagres*... Fora isso ele procurava o típico mesmo. Nesse caso, Osório está acima. Já possui um enfoque acima de Jorge Amado em que predomina o regional, o singular, o excêntrico... Os coronéis, as prostitutas e coisa e tal. Todas as suas obras, com raras exceções, apresentam as mesmas personagens [...] *Quincas berro d água* é outro que foge dessa classificação.

E - É aí que Osório se aproxima do Guimarães...

P3 Sim, nesse caso eles estão numa mesma ótica, ambos buscavam o universal. Apesar de Osório trabalhar de uma forma mais humana, menos trabalhada...

E – E *Chapadão do bugre*?

P3- Também. Ele está no mesmo grupo. Mas Osório diferenciava porque trabalhava... Porque sua dimensão era mais humana... Não havia o destaque do típico.

E – E a literatura de Osório, como a senhora classifica então?

P3- Osório pode ser classificado como um pós – moderno, assim como Guimarães. Pois ambos resgatam a história. Embora esse termo ainda seja discutido... Não sei porque há essa tentativa de rotular, de definir [...] Vejo o pós – moderno como aquela literatura que busca uma verdade absoluta, porque ainda existe uma verdade absoluta. Ela revê a história em busca de uma verdade. Pode-se dizer que essa é a linha do Saramago. Ele reinventa a história, ele procura mostrar o que ficou por baixo. E o Osório mostra os desvalidos, ele explicita o que está por baixo. E se eu tiver que rotular o Osório, eu o colocaria ao lado desses: do Guimarães, do Mário Palmério, do Saramago [...] Todos são pós–modernos.

E – Lima Barreto...

P3- Não. Eu não veria o Lima Barreto aí. Eu acho que ele se aproxima muito do Machado de Assis.

E – Não, eu não quis aproximá-los. Referenciei a escola. Ambos ficam em meio a duas vertentes literárias. Suas obras ficam sem uma escola definida, não se encaixam em apenas um grupo.

P3- É como Machado. Ele não é modernista totalmente, mas também não é só realista. Ele se aproxima de nós devido à dúvida. Nesse caso, poderíamos conceituá-lo de pós – moderno. Veja, o pós – modernismo começou antes. Não foi só no século vinte. Então, o que define o moderno é o fato de ele ter se reerguido na razão. Ele começou no século XVI e foi passando por várias fases. A razão explicava tudo. No momento em que aparece um escritor e diz que a razão não explica tudo, surge o pós – moderno.O moderno tem certezas absolutas, é o que se vê nos regionalistas, são todos modernos [...] E o pós - moderno tem mais dúvidas do que certezas, na medida em que o escritor duvida

das coisas, ele passa a ser um pós – moderno, porque aí já ocorre a falência da razão. Mas isso não é definitivo. Não existe essa teoria ainda. Mas eu conceituo assim, do ponto de vista da duvida, vejo se ela existe ou não. Por exemplo, Clarice Lispector é pós – moderna, assim como Guimarães. Eles interrogam o tempo inteiro. Agora, não sei bem a intensidade. Uns são mais, outros são menos [...] Veja, o Raimundo escreveu isso há muitos anos. Muitas águas rolaram em cima do que ele falou. Ele não poderia antecipar o que aconteceu depois. Ele escreveu isso antes de 70. Então não é válido o que ele diz criticamente. Ele fala com uma visão daquele momento. Muita coisa que eu disse em 60 ou 70 já está superado agora. É difícil você repetir. As coisas mudam muito rapidamente. Em 60 nem se ouvia falar em pós–moderno...

E - Nesse caso, um romance como o *Porto Calendário* de Osório, que traz todas essas informações das quais já falamos aqui, da voz, do engajamento, do universalismo, do regionalismo... Podemos dizer que ele é híbrido? Ou há alguma obra que se aproxima?

P3 – Eu não sei o que você quer dizer com híbrido. Nunca pensei nisso.

E – Pois é, eu também não. Li isto em uma crítica. Por isso lhe perguntei...

P3 – Olha, o que acontece, é que há uma necessidade no crítico de conceituar alguma coisa. E ele diz híbrido porque acredita em alguma coisa. São verdades que ele vê, mas não sabe como dizer. Neste caso, dizer que *Porto Calendário* é híbrido não acrescenta nada. É preciso explicar, apontar os contrastes...

E – Então, para apontar os contrastes teríamos que partir da referência *Grande Sertão*? Ou *Chapadão do bugre*?

P3-Acho que sim. Não me lembro de outro agora porque estou mergulhada em outro universo. Agora estou só com as portuguesas...

E – Das três obras de Osório, poderia me dizer qual ou quais a senhora mais admira?

P3- Não sei... Diria que *Porto Calendário* marcou muito por ser o primeiro. Não sei dizer porque não fiz leitura comparativa. E os outros dois romances eu li muito em diagonal. Não escrevi nada sobre eles. Não tenho nenhuma conclusão crítica [...] A publicação deles me pegou numa época em que estava mergulhada nos poetas da geração de 60. Fiquei muitos anos trabalhando com a poesia dos anos sessenta. E ele ficou de lado. Tenho as minhas épocas. Nessa ele ficou de fora.

E- Mas o *Maria fecha a porta* ele dedicou à senhora...

P3- Pois é. Isso foi muito rápido. Pegou-me de surpresa. Até fiz algumas anotações sobre este para publicar [...] O livro está todo anotado. Mas nem cheguei a publicar nada a respeito. Só sei dizer que é um livro testemunho, que está dentro da mesma esfera dos outros [...] Tenho esse compromisso com o Osório. Tenho que fazer algo por ele. Na época não publiquei nada porque demoro muito, levo muito tempo escrevendo. Veja, para ler a minha crítica, é rápido. Sua leitura é fácil. Mas para escrevê-la é difícil, demoro muito. E não houve tempo para escrever algo na época...

E - E sobre a dedicatória? O que tem a dizer?

P3- Olha, foi uma coisa boa. Foi uma homenagem que ele quis fazer a nossa amizade. Ele gostava de mim, dizia que eu era muito lúcida, crítica. Conversávamos muito. Você sabe, não é fácil encontrar alguém para conversar. Não é com todo mundo que dá para dialogar... Eu acho que ele vivia muito isolado. Não é com todo mundo que você pode falar sobre os grandes nomes da literatura [...] Eu me lembro que a gente falava sobre um milhão de coisas. Ele tinha um papo ótimo! Era uma pessoa que lia muito, era muito gostoso conversar com ele. E isso foi pra mim uma enorme alegria. Só posso dizer que me senti muito honrada.

E – A senhora teria algo a acrescentar?

P3 – Não. Só posso dizer que ele era humanista, uma pessoa muito arguta, que ia fundo na percepção das coisas. E claro, sofria muito com

a força da opressão do sistema em geral, com o sistema do mundo. E isso a gente discutia, pensava no que poderia fazer para substituir. Claro, havia essa utopia do comunismo de achar que poderia solucionar tudo [...] Sobre esse aspecto nunca falamos, porque não sou dada à política. Falávamos mais sobre o problema da injustiça, de como o homem não consegue desenvolver seus ideais, seus anseios. E aí acabava não desfrutando a plenitude da vida. Essa era uma das coisas que o preocupava mais. Falávamos sobre a falta de educação, a falta de cultura, a falta de leitura [...] Ele dizia que sem a leitura o homem é pobre por dentro. Então, essa era uma das coisas que nos preocupava. Eu era de uma geração que lia, ele também... E a gente conversava porque já havia começado, naquela época, a chegarem alunos na faculdade sem o cabedal da leitura. A década de 60 foi o início. Essa geração era o resultado de uma escola que tinha tirado o Latim, tinha tirado o Português, que tinha tirado Comunicação e Expressão, tinha tirado Filosofia [...] Quer dizer, o aluno tinha que ser um autodidata... Mas já tinha chegado a televisão [...] Já estava começando, o sistema já estava puxando o homem para fora [...] Então, eu e ele conversávamos muito sobre essa falta de base com que os alunos chegavam na faculdade. Essa base de cultura, essa base de ler grandes escritores, de perceber os problemas humanos que hoje é geral [...] Nosso sistema não permite que hoje a pessoa leia, ele puxa a pessoa para fora. Veja, isso serve para você fazer uma base, porque conversei com o Osório sobre isso na década de sessenta, e eram os primeiros sinais de empobrecimento interior [...] E hoje isso é avassalador! As gerações novas são absolutamente paupérrimas, porque elas não sentem a vida. Estão todos virados para fora! Veja, se você não trabalha em uma universidade, se você não é levada a fazer isso, se você não se engaja em uma causa, você fica na superfície... Você pode até cursar uma faculdade, não tem a menor importância... Mas se você não sente a humanidade, não tem consciência do humano, fica na superfície, não vive [...] Então, nessas minhas idas e vindas a Marília, que durou mais ou menos uns dez anos, foi quando

senti que a cultura começou a cair... E eu e o Osório discutíamos muito essa questão, essa falta de cultura humana, essa falta de leitura. E isso você não pode deter. Somos impotentes para impedir isso. Somos governados por uma única verdade que é a lei do mercado. Essa é a verdade, ela é absoluta para todos, infelizmente. Hoje não há uma outra verdade que oriente a vida de ninguém, a não ser ganhar dinheiro. Você, infelizmente, tem de dar espetáculos. Você olha e vê que só vale a performance. Eu me lembro de nossas conversas... Isso já estava começando... E a gente sofria... Ele sofria mais. Se ele tivesse vivo ele ia sofrer muito de ver a vacuidade que há no mundo atual. É só ligar a televisão e ver os programas que têm mais audiência... Imagine Osório assistindo a esse lixo todo? Ele ia ficar maluco de ver a pura degradação humana. As pessoas estão trabalhando com o lixo humano, com a humilhação humana... Alguns mais, outros menos... Há os bonitinhos, os engravatados, os engraçados... Mas é tudo degradação humana! É um deboche total do ser humano, pincelado com várias moças se sacudindo! É tudo muito triste. É o avesso do mundo de viveu Osório. É o avesso do que ele esperava. Para ele o mundo tinha esse laço de humanidade. O caldo de ternura humana nele era muito forte. Por fim, estou devendo para ele um ensaio completo. Se Deus quiser, ainda vou escrever esse livro que está projetado sobre os ficcionistas. Inclusive, por esses dias, quando estava catalogando os nomes dos romancistas, li o nome dele na minha lista.

E - Quais são os outros nomes dessa sua lista? São todos romancistas brasileiros, né?

P3- Sim. São todos os brasileiros. Sei lá, acho que deve ter uns duzentos e pouco. Tem muita gente boa. Poetas têm mais de quinhentos. Do nosso século todos entram.

E - José Geraldo Vieira também entra nessa lista?

P3- Sim, claro. Não é dos grandes, mas também está dentro.

E – Sobre os dois marilienses, o que a senhora tem a dizer?

P3- Ah, Osório é melhor. Bem melhor. Vamos dizer que o Osório ia mais fundo. O José Geraldo era um homem muito fino. Eu o conheci pessoalmente... Era um erudito, médico, urbano... Era dono de uma literatura muito boa, muito bem realizada, mas não tinha o húmus humano do Osório. Não tinha. São diferentes! Um é citadino e o outro é romance telúrico. São bem diferentes. Aí não entra mérito, não digo que essa é melhor que aquela... Entra a natureza de cada um. E também depende do leitor, claro. Há o toque pessoal. Tem leitor que se afina mais com o José Geraldo Vieira. Eu já gosto mais do Osório. Então, depende muito do leitor, do que toca nele. Geraldo é uma coisa mais refinada, mais sofisticada. É diferente. É a vida citadina, toda cheia de formalismos. E eu não valorizo muito isso. Sou mais o Osório!

E – Para encerrar, gostaria que a senhora me fornecesse o nome de alguns escritores que eram assunto em suas conversas com o Osório...

P3- Ah, eram muitos... Conversávamos muito sobre Dostoiévisk, sobre Balzac, sobre Eça de Queiroz. Flaubert é claro! Discutíamos muito o problema do Fausto, sobre essa ânsia de conquistar conhecimentos, estreitar limites... Então era assim, uma conversa boa. Era sobre esses assuntos que a gente falava. Era isso, nada mais além disso.

Entrevista 4 - realizada no dia 02/07/2003, em Assis.

Entrevistado (Paulo Henrique Martinez – professor e neto de Osório)

E - Como você sabe, minha pesquisa é o resgate de uma romancista que esteve bem próximo de você e de sua família. Já entrevistei algumas outras pessoas, coletei alguns dados, mas há ainda algumas lacunas [...] É... Eu gostaria que você me ajudasse nisso [...] Gostaria de gravar essa nossa conversa, posso? E Queria que você me falasse um pouco sobre o Osório...

P4-Claro...

E - Fique à vontade [...] Pode começar falando de seu nascimento, de sua infância, de sua vinda para São Paulo... O que você sabe sobre isso?

P4-Olha, com relação ao nascimento [...] É...existe um registro, passado em cartório, que é de 1901, se eu num tô enganado. Tenho quase certeza que é isso! E existe a informação não comprovada de que ele teria nascido antes, que ele teria sido registrado já...quando criança,né, com 4 ou 5 anos [...] Que era uma coisa mais ou menos comum pra época, né? Até hoje tem esse tipo de registro [...] Mas eu não sei se tem prazo pra isso. Eu acho que não (com ênfase). Então há uma data... A data de registro de 1901 e há essa informação de nascimento que teria sido em 1898.

E - Tá! E a data, assim, exata, a respeito de sua vinda? No caso, essa sua trajetória do sertão da Bahia pra São Paulo?

P4-Muito pouco. Porque ele era de Santa Maria da Vitória, Conselheiro Municipal, o que equivaleria hoje a um vereador [...] E Mas tem uma disputa local lá em Santa Maria da Vitória do grupo político ao qual ele pertencia, pelo qual ele era conselheiro,né. Que foi expelido pelo

governo municipal [...] E depois disso, ele começa a sofrer uma série de enfrentamentos com motins e [...] me parece que foi isso que motivou a saída dele da cidade.

E - E isso foi quando?

P4- Mais ou menos em 1923 ou 24.

E - Tá! Agora me fale sobre aquela simbologia de que ele veio escondido dentro de um féretro e coisa e tal... Isso é mito do povo de lá ou... É verdade isso?

P4- Eu ouvi essa história do meu tio Osório. Ele conta que meu avô veio escondido dentro de um caixão. E [...] ouvi da dona Josefa, a que ficou em Santa Maria da Vitória, que ele escapou pulando do prédio da Câmara.

E - Essa dona Josefa...

P - Era [...] Vamos dizer assim, a noiva entre aspas (ênfase e gestos).

E - Isso. Tá! Ela é a que morreu há pouco tempo, né?

P4-É! Ela morreu há alguns anos atrás. E ... Quando ele vem pra cá e conhece a dona Josefa que foi a minha avó, ele mandou um recado pra outra Josefa pra ela arranjar outro Osório, porque ele já arranjou outra Josefa aqui. (risos)

E - Ele tinha senso de humor!

P4- Muito! E ela ficou esperando aparecer outro Osório.(risos)

E - E quando ele começou a escrever? Vocês têm, assim, algum poema ou anotação que é dessa época? Ouviu alguma história desse seu tio de que ele já começou a escrever na adolescência?

P4- Eu acredito que sim. Poema, pois era comum isso nessa geração. É [...] em 22. Aliás, quando foi a comemoração do Centenário da independência. Ele escreveu um Hino à Independência.

E - É! (ênfase) E você tem esse hino?

P4- Eu consegui recuperar a letra por uma [...] Um casal de pessoas que o conheceram, eram da mesma idade, né. Da mesma geração, e ela, no caso [...] Como é mesmo o nome dela? (pensamento alto) É [...] Eu acho que ela é a dona Maria... No caso, eu tenho lá em casa... Isso foi em 22.

E - Foi em 1922?

P4- É, 22. Ela [...] Ela cantou pra mim... E hoje eu tenho a letra. E um amigo meu da Bahia, que talvez valesse a pena você conversar com ele, que é o César Lisboa, que é lá de Santa Maria da Vitória [...] Ele gravou e ia passar pra algum conhecido dele que é músico pra tentar fazer a partitura. Então eu tenho esse hino, né. Que é um hino nacionalista...

E - Então eu tenho que ver isso com o César...Você não tem...

P4- A música não, mas a letra eu tenho.

E - Ah, você tem...

P4- Sim, isso eu posso te arrumar.

E - Bom, agora vamos falar sobre os fatores que poderiam ter influenciado a vida do nosso escritor... Anotei alguns itens aqui e gostaria de checar com você. Qual foi o seu berço? Sei que Osório era dado a arte. No caso, ele herdou isso do pai?

P4- Eu acho que não.

E - Não?

P4- Não, os antepassados eram pessoas muito humildes, né. Inclusive a avó era uma ex-escrava... Que aparece no *Porto Calendário*... Dona Clemência, ela era negra de tabuleiro, negra de ganho, né? Vendia doce.

E - E no caso a sua ligação com o teatro? Então, ele trouxe isso de quem? É dele mesmo?

P4- Eu acredito que isso seja um impulso dele, né. Ele possuía sensibilidade pra isso, que é reforçada nas circunstâncias da época,

né? Depois desse episódio de Santa Maria da Vitória, quando ele vai para o Rio de janeiro [...] Ele vai para o Rio de Janeiro com a intenção de fazer o curso de Direito. Então, ele vai para o Rio de Janeiro e parece que volta para Santa Maria [...] E depois parte de Santa Maria definitivamente. E não volta nunca mais. (ênfase) E nessa sua estada no Rio, ele chegou a estudar com o José Oiticica [...] Na época era o Colégio Pedro II.

E - E no caso, ainda no sertão, ele chegou a estudar num colégio interno da Barra. Quer dizer, ele teve uma formação...O pai era cartorário...

P4- Eu acredito que sim.

E - Então... No colégio da Barra...

P4-O pai biológico tinha negócios em Pirapora, que ficava no alto do São Francisco. Então, eu não sei se dali teve alguma...alguma influência [...] Aliás, o colégio da Barra é uma coisa que precisa ser recuperada. (ênfase)

E - É, eu sei, já falei com a Elly. Ela ficou de ver isso pra mim, mas [...] Depois ela não me retornou mais nada...

P4-É preciso dá uma olhada no livro do Wilson Lins, *O Médio São Francisco.* Eu acho que tem aqui na biblioteca...

E - É?

P4- A cidade da Barra, nesse momento, ela era um centro importante no vale do São Francisco. No *Bahiano Tietê,*o Jeová de Carvalho, no prefácio, menciona onde Osório teria conhecido, tido o primeiro contato com o marxismo, com os livros do Marx... E ele menciona, no prefácio, que o Osório teria lhe respondido que foi na Barra.

E - E... No caso, ele era órfão, né? O pai biológico, ele perdeu com quanto tempo?

P4- Não, o pai não se casou com a mãe dele.

E - Ah...Não se casou...

P4- É porque a mãe, vamos dizer assim, era um desacato...Era filha dessa ex-escrava... E o pai biológico...é... Ele tinha negócios no vale...

E - Sim, isso ele fala no livro. Ao lê-lo a gente percebe, assim, um fundo de verdade nos relatos. A gente vê as origens e faz uma ligação com o real...

P - Hã hã... (confirmação gutural e gestual)

E - Mas, por várias vezes, na obra, ele diz que é sozinho...

P4- Não. (ênfase) Ele tem uma irmã que é filha biológica do pai adotivo. Que se eu não me engano, seu nome é João de Souza...Ou João Alves...

E - Agora vamos falar um pouco sobre suas leituras e literatura. Seu Nildo, em entrevista, me disse que ele era humanista por vocação e alfaiate de profissão, porque ele precisava disso para sobreviver... O que acha disso?

P4- Acho que ele tinha razão.

E - Na sua opinião, qual a sua concepção de literatura? Pelas suas conversas, pelos livros, pela sua biblioteca... O que ele pensava a respeito da literatura?

P4- Olha, eu não sei te dizer, porque eu era muito novo, nunca tive esse tipo de conversa com ele. Mas eu acho que para isso você pode seguir por dois caminhos... Pra isso você tem o artigo da *Revista Diálogo* e o artigo da *Revista Alfa*. E aí, talvez, a Nelly Novaes Coelho talvez possa te auxiliar melhor.

E - É, mas eu te fiz essa pergunta porque necessitava apurar um pouco mais esse assunto. No caso, as opiniões da Nelly e do Nildo são diferentes a esse respeito... Ambos dizem que ele era humanista, mas discordam um pouco a respeito da sua obra...

P4- Claro!

E – Como assim?

P4- Olha, eu acho que essa visão mais ampla, essa coisa do humanismo...Talvez seja coisa do José Oiticica...

E – Sim... Mas e antes? Essa preocupação com o próximo... Ele trouxe isso do sertão?

P4- Ah, isso sim. Sem dúvida! É... Porque o roteiro dele [...] Ele veio pra São Paulo em... Eu acho que em 23 ou 24...

E - É, ele chegou em São Paulo depois da Semana de Arte Moderna.

P4- Ele veio atrás da faculdade de Direito. Aí tem a Revolta de 24, que por uns dois ou três meses a cidade fica paralisada [...] E eu tenho a impressão que num desses artigos ele diz isso...Que veio pro interior saindo, fugindo da situação.

E - Então... Foi circunstancial também... E ele era engajado...

P4- Ah, sem dúvida! Ele veio pra cá movido pela política, atrás do curso de Direito, porque ele achava que sendo advogado, as coisas poderiam ser corrigidas por ele [...] E nessa vinda ele toma contato com a política da capital federal, São Paulo, e com o movimento modernista.

E - É, porque teve a Semana... E a cidade tava tumultuada...

P4-É, e tudo isso o influenciou...

E - Então! E eu imaginava o seguinte... Que quando ele saiu do sertão, ele já começou a escrever, a fazer seus relatos, suas anotações...Que isso ele trazia nas suas andanças...

P4- Mas era isso! Se ele não escrevia, de alguma forma ele registrava isso.

E - Então... Ele já registrava... E isso a gente percebe pela sua linguagem, pelo seu envolvimento... E a sua questão é universal... Ele tava preocupado com o ser, ou seja, a visão de sua literatura é global. E sua transformação foi circunstancial...

P4- É isso, eu acho que ele foi sendo moldado com o tempo...

E - E sobre as suas leituras? O que ele lia? Você se lembra de algumas obras de sua biblioteca?

P4- Pouca coisa. Das coisas que sobraram em casa, não há nada muito expressivo, né. Mas eu me lembro da minha mãe manifestando isso. De uma coisa que ele gostava, que num são autores excepcionais [...] São autores da época, né? Eles são: Michael Gold, *Judeus sem dinheiro*, é... Tomaso di Lampedusa, *O leopardo*... E o que mais despertou nele, e muito, que foi a motivação pra ele escrever foi... Ah, foi o Dyonélio Machado... *Os ratos*, né. Tem também aquele norueguês, Knut Hansun...

E - Esse norueguês é aquele que escreveu *A fome*?

P4- Escreveu *A fome*, e tem outros.

E - É que o seu Nildo não se lembrava desse nome... Há outros autores?

P4-Não sei. Tenho alguns desses lá em casa, que eram dele.

E - Ah é, e eles têm alguma anotação dele?

P4-Não sei. Posso verificar. Meus livros de literatura estão lá em Marília. Então fica mais fácil.

E - E no caso dos nacionais? Além de Dyonélio, quem mais ele admirava? Ele também teve influências do Lobato, do Graciliano, do Guimarães, do Jorge Amado?

P4- Isso eu não saberia dizer... O Dyonélio, com certeza. Porque minha mãe falou...

E - No caso, o que mais interferiu em suas produções foi *Os ratos*, de Dyonélio?

P4-Olha, eu não digo que interferiu, mas que despertou nele a vontade e a disposição pra escrever, sim. Se você pega pelas marcas cronológicas, faz algum sentido... Porque eu acho que *Os ratos* é de 35 e ele faz o [...] Eu acho que é em 40 ou 45... E nesse meio tempo eu

acho que tem um outro livro do Dyonélio Machado ... E num é *Os ratos*... Não... É... *O louco do Cati*!

E – Sério!

P4- É um Dyonélio Machado que saiu em 40. É esse que tem um grande impacto nele. Mas o Dyonélio é mais conhecido pelo *Ratos,* mas o que causou mais impacto foi esse, *O louco do Cati*.

E - Ela o influenciou em sua ideologia?

P4- Acho que sim, porque o Dyonélio... Eu não sei se ele participava do Partido Comunista, mas sei que ele era da Aliança Nacional Libertadora, porque ele era presidente dela. Eu acho que eu não li *O louco do* Cati. Eu li esse, *Os ratos*. *Os ratos*, o que chama a atenção é essa questão do tempo... Que aparece também no *Porto Calendário*. Há também o ritmo...

E - Pois é, todos esses escritores, principalmente os do pós-guerra,os humanistas, estão sempre preocupados com os desvalidos, com os miseráveis, com as injustiças [...] No fundo, no fundo a gente vê uma certa identidade entre eles. Estavam todos tentando melhorar a realidade em que viviam... E para isso, colocavam o que sentiam em sua obra. E o Osório, como que você o encaixaria nesse quadro? Por que ele escrevia?

P4- Ah, eu acho que ele escrevia por tudo isso que você falou... Era um pouco de cada coisa. Na verdade, ele tinha uma grande satisfação pela escrita. Acho que era hábito. Há também a necessidade, ele procurava colocar no papel tudo o que ele via e sentia. Como eu já disse, ele queria ser advogado... Para corrigir as injustiças...

E - E esse seu ofício de escrever, como era? Quando ele escrevia? Havia alguma forma especial para isso?

P4- Ah, nisso, talvez, os filhos possam dar mais precisão nessas informações. Eu não saberia dizer exatamente.... Mas eu não sei. Isso você vai ter que confirmar.

E - Só à noite? E quando não tinha nenhum freguês? Talvez, à tarde?

P4- Nesses horários eu acredito que ele só trabalhasse com anotações.

E - Então... Sua escrita noturna era disciplinar? Não era anárquica como a de tantos escritores?

P4- Eu acredito que não. Eu acho que ele tinha um horário específico para isso. A redação... A elaboração de um texto... Eu acho que ele tinha uma certa disciplina. Mas isso a minha mãe pode dizer melhor.

E - É... E sobre a sua letra... Como ela era? Você já deve ter visto, né? Como era? Era bordada, rascunhada, inclinada, elegante...

P4- Não era nada disso, era um garrancho.

E - Ah, é! Como de médico?

P4- Como de médico. Ou... Até pior! Eu tenho o manuscrito do *Bahiano Tietê.*

E - Sério? Eu quero ver. Que mais você tem?

P4- Sério, mas os outros livros não. Depois eu te arrumo esse.

E - Além do ofício de escritor e da alfaiataria ... Que mais ele fazia? Como era o seu modo de vida?

P4- Nisso eu posso te ajudar pouco. Só sei que ele era dono de uma alfaiataria, tinha uma certa militância no Partido comunista e [...] E a literatura... Era só. Acho que é nesses três [...] É nesse tripé que tá o cotidiano dele.

E - De todos os outros informantes eu obtive a seguinte informação, que ele era quieto, calado, solitário, ácido... Como que é isso? Porque a gente sabe que ele participava reuniões... Lendo alguns registros em periódicos, a gente percebe que muita gente gostava de ir até a sua alfaiataria pra falar com ele. Alguns diziam até que eram saraus... Falam dele até com muito carinho! Como que uma pessoa ácida, calada, fechada e solitária tinha tantos amigos e admiradores assim?

P4- Ah, eu acho que essas reuniões... Eu acho que, nesse momento, essas pessoas iam até à alfaiataria, talvez, para obter um momento de descontração...

E - Talvez pela sua cultura...

P4- Não, porque ali era um ponto de referência [...] Era um forte ponto de encontro dos comunistas de Marília que se alargava, né?

E - Mas será que iam só comunistas?

P4- Não, acho que não.

E - Por exemplo, a professora Nelly, que não gosta de política, disse que vinha a Marília toda segunda, terça e quarta-feira porque tinha aula na UNESP nesses dias... E esses dias ela aproveitava para fazer uma visita ao Osório [...] Ela disse que gostava de ir à alfaiataria pra falar com ele...

P4- Eu acho que era uma oportunidade pra falar de literatura.

E - Exatamente! Ela me disse isso. Era a sua cultura...

P4- Veja só, a alfaiataria não era só um ponto comercial, ela desempenhava vários papéis...

E - Então...

P4-Eu não sei se no dia-a-dia, no cotidiano [...] Certamente algumas pessoas iam até à alfaiataria pra falar de literatura, ou de política, né? Mas assuntos relacionados à cultura eu acho que não.

E - É... E sobre as suas produções? Você leu as três obras?

P4- Hã, hã... (confirmação gutural e gestual) E como leitor... E um leitor suspeito! (risos)

E - Todas elas são relatos autobiográficos? Você percebe isso nas obras?

P4- Sim, eu acredito que tem um eixo aí da experiência pessoal. Sem dúvida!

E - Nos três?

P4- Nos três.

E - Por exemplo, no *Porto Calendário*, até onde tem verdade ali? Ele é o Orindo Brotas que...

P4-Não, eu acho que não!

E - Não tem?

P4-Tem, mas não tem. (ênfase)

E - Ele afirmava isso pra vocês?

P4-Não, ele nunca fez essa afirmação categórica. (ênfase) Não que eu saiba. Mas que a gente entrevê ali muita participação biográfica... Sem dúvida alguma. Isso tem.

E - E no *Maria fecha a porta*?

P4-Eu acho que dá pra fazer a mesma coisa.

E - No caso, você o identifica com qual dos personagens?

P4- Ah, aí eu precisaria ler de novo... Não me lembro.

E - E...E no *Bahiano Tietê*?

P4-Também não sei, precisaria repassar esse também.

E - Das três, qual ou quais você apreciou mais?

P4- Eu gosto, pela temática, pela ambientação, do *Bahiano* Tietê. É que ele é ambientado bastante em São Paulo, no interior... E isso me desperta mais interesse. Não pela literatura, mas pelo ambiente que tá retratado ali. Mas sem dúvida nenhuma, o melhor dos três é *Porto Calendário*. É o mais expressivo.

E - Você sabe se ele escrevia assiduamente para algum jornal da época?

P4-Olha, eu não sei se assiduamente. Ele menciona isso em um desses artigos das revistas... Que escrevia para o *Paulistano*.

E - O *Correio*?

P4- É. Isso precisaria fazer uma garimpagem, né? Algumas pessoas diziam que ele escrevia para um jornal de Marília também.

E - Não, em Marília não há nada. Talvez em Lins, na *Tribuna*. Mas esses dados que a gente encontra... Nem sempre possuem referências precisas...

P4- É, tem muito disso... Mas também a permanência dele em Lins foi muito curta. Talvez seja mais fácil você ver isso. Com uma semana ou duas, talvez você consiga levantar esses dados...

E – Veja... Há pouco eu afirmei que Osório era órfão... E você disse que não, que ele teve pai, mãe e irmã [...] Mas ele viveu quase só [...] E... O fato de ele ser um quase órfão, essas circunstâncias, essas andanças [....] Isso influenciou, de certa forma, as suas obras, né? A gente percebe isso... Agora... Essa ausência dos pais, do pai biológico [...] Você não acha que tudo isso o levou a escrever de forma... assim...tão ácida? E tão crítica com tudo o que ele vivenciou? Veja bem, pelos seus temas... A gente vê, assim, nas suas obras [...] Há tanta miséria, desesperança, sofrimento...

P4-Não, eu acho que ele não tem nenhum trauma de infância. (ênfase)

E - Não teve... Foi uma infância normal... Ele não viveu isso que está retratado em sua obra? Então é ficção?

P4- Hã, hã... (confirmação gutural e gestual)

E - Tá bom, mas se você pega e faz um levantamento biobibliográfico, você tem Poe, Zola, Nietzsche, Mallarmé, Sartre, Stendhal, Apollinaire...Todos eles eram órfãos e passaram por algum tipo de sofrimento na infância... Que marcou profundamente suas vidas... E a gente vê isso em suas obras de forma acentuada [...] E no caso de Osório, será que a gente pode partir pra esse tipo de interpretação?

P4- Não, eu acho que não.(ênfase) Inclusive ... Tem a... A descoberta do sertão... Da região... Ele faz isso quando sai de lá. (ênfase)

E - É?

P4- É. Eu acho que no caso dele é de fora pra dentro.

E - Então... Não tem nenhuma influência? O fato de ele ser assim é uma [...] Não era exatamente...

P4- Não sei, é difícil trabalhar com afirmações categóricas.

E - Eu sei disso. É que no caso, como estou fazendo um levantamento biobibliográfico [...] Você sabe, é um trabalho pioneiro... E eu tenho que checar tudo, ouvir e apurar o que mais se aproxima da verdade. Com muito tato...Dedo...

P4- Você está certa! O caminho é esse mesmo. Mas quanto a isso, eu acho que não! (ênfase) Certo?

E - Tá bom! Há ainda algo que você queira declarar, algo que não foi mencionado aqui? Algum dado relevante que não mencionei?

P4- Não. Acho que na medida em que você for juntando esses cacos... Vai dar pra gente ter uma visão do conjunto um pouco mais ampla [...] Eu mesmo tenho algumas informações fragmentadas... E que, talvez, por isso não possa te ajudar muito.

E - Pelo contrário, você me ajudou bastante. Obrigada! Se na transcrição eu não entender alguma palavra... Posso voltar aqui?

P4- Claro, com certeza!

Entrevista 5 – realizada no dia 22/07/03, em Campinas.

Entrevistado (Osório Alves de Castro Filho – advogado e filho de Osório)

E - Gostaria que o senhor me falasse um pouco sobre o Osório...

P5- O que marcou em todos nós, a família em geral, foi sua combatividade, seu revolucionalismo, sua dedicação a sua companheira que foi a nossa mãe, que também foi uma grande força para ele e sua obsessão política e intelectual em criar alguma coisa sobre a região onde ele nasceu. Criar algo que marcasse, que ficasse registrado de uma maneira perene. Isso eu acredito que ele conseguiu... Ele possuía, também, uma inquietação em deixar registrada a sua experiência no estado de São Paulo, que foi onde ele passou a maior parte de sua vida. Ele fez isso com *Bahiano Tietê*, mas acho que não logrou êxito. Mas para isso tem bastante coisa esparsa, há ainda muita coisa que pode ser publicada, que está nesse manuscrito.

E – Falando sobre manuscritos, ele realmente escreveu um texto sobre velhos? O *Nhonhô Pedreira*?

P5- Escreveu. Talvez o manuscrito esteja com o Terto. Seu paradeiro eu desconheço. Mas sei que existe porque eu vi esses manuscritos com o meu pai. Havia ainda outro projeto em andamento, que era escrever sobre os idosos, ele dizia que era um livro geriátrico.

E – Mas não é esse, o *Nhonhô Pedreira*?

P5- Não. Esse outro era uma composição mais universalista, não seguia especificamente o estilo regional.

E – Sobre essa sua universalidade... Com relação a sua militância, como ele agia? Era partidário, ou possuía uma visão humanista, que visava a uma sociedade mais justa?

P5- É difícil responder essa sua pergunta... Porque minha resposta pode partir de uma identificação pessoal. Se você partir de uma classificação humanista, eu diria que ele era humanista. Mas, no meu entender, para você atingir sua plenitude no humano, você tem que ser comunista. Então, pelo meu ponto de vista, meu pai era humanista. Ele tinha uma sensibilidade aguçada, não aceitava as injustiças sociais. Tudo o que a gente assiste por aí de degradante, ele não aceitava. E eu acho que ele tinha essa visão porque era comunista. Veja, humanista todos somos! Até Hitler era humano! Agora, dentro desse comunismo existiram duas correntes, houve exceções, ditadores... Isso é um detalhe. A minha posição é essa. Eu acho que para ter um pensamento de combate, voltado às desigualdades raciais, religiosas, todas preconceituosas...

E – Ele era religioso? Seguia alguma corrente...

P5- Não! Ele era materialista, ele era ateu. Como eu, como todos os seus filhos. Eu acho. Pelo menos, no passado, a maioria era. Hoje eu não sei mais... Mas isso não tem nada a ver. Só sei que o Osório não era religioso. A religião dele era a comunhão com o ser humano, e mais nada.

E - Deixando esse assunto, vamos falar de sua vinda a São Paulo... O senhor sabe qual foi a data de sua chegada a este estado?

P5- Eu acredito que sua vinda tenha sido lá por volta dos anos 20 ou 21. Ele passou uma temporada no Rio, onde conheceu o professor Oiticica, e depois veio para São Paulo. Acho que ele chegou aqui em 22, coincidindo com a Semana de 22. No período em que ele ficou no Rio houve um movimento operário, foi a época de uma greve que paralisou todos os setores. E ele foi perseguido por isso, vindo se refugiar em São Paulo. Nesta época seu professor foi preso. E foi nessa clandestinidade que ele aprendeu o ofício de alfaiate. Aprendeu não só a costura como também o corte, fazendo o desenho das peças. Ele falava que aprendeu isso no Rio, numa academia italiana que havia lá. Depois, aqui em Marília, criou uma etiqueta, que coincidentemente

trazia os versos de um escritor italiano. Nela ele dizia que o artesão sonha em fazer o melhor possível, que na sua finalidade tenta tudo, faz tudo, e o que não consegue, sonha. Na verdade, ele só desenhava e cortava... Quem costurava era a minha mãe. Obviamente, ele costurava quando necessário, mas isso geralmente era ofício dela. Ele, na alfaiataria, provava, marcava os pontos que deveriam ser ajustados, mas era ela que pegava na costura, na agulha, na máquina. Quando ele veio para São Paulo, tentou alguma coisa nesse sentido. Mas o “boom” da Noroeste o atraiu. E então ele veio para Lins. Isso foi em 1923. Ele trabalhou lá como alfaiate também.

E – Ele conheceu sua mãe em Lins?

P5- Sim. Minha mãe é filha de imigrantes espanhóis, ela é natural de Ribeirão Preto. Antes de irem para Lins, meus avós maternos moraram um tempo na Argentina porque não se acostumaram com o Brasil. Mas como também não se adaptaram por lá, voltaram e se instalaram em Lins. Também foram atraídos pelo “boom” do café.

E – Casaram-se em Lins?

P5- Sim. Tiveram os dois primeiros filhos lá. O João e o Terto nasceram em Lins. E em 34 eles mudaram para Marília.

E – Sabe em que anos eles se casaram?

P5- Em 1927. Você pode confirmar isso com a aliança deles. A Carmem tem essa aliança. Está em Marília.

E – É. Também posso ver isso no cartório de Lins.

P5- Claro! Apesar das discordâncias de meu avô eles se casaram, não são “se juntaram”. Meu avô materno não aceitava o casamento. Era preconceituoso. Na época não gostou do casamento da minha mãe com o meu pai. Ele dizia que minha mãe era a bruxa da família. Diz um ditado que a sétima filha, mulher, de uma seqüência é bruxa. Então, minha mãe era a bruxa. Na época ela enfrentou os pais e se casou com meu pai. Depois tudo se normalizou. Minha avó, depois de se enviuvar, veio morar com ele. Até dois tios viveram com a gente em Marília...

E – Lembra-se de alguma recordação de infância de Osório, algo que ele comentava com vocês?

P5- Ele tinha muita ligação com a música. Quando jovem tocava clarinete na banda de Santa Maria da Vitória. Ele gostava da MPB. E o que mais admirava era o chorinho. Mas naquele tempo não havia nada, éramos humildes, morávamos no interior. Música só havia na capital. Em casa não havia fonógrafo. Ele falava das bandas, das dobradas da região são franciscana, do Toninho do Espírito Santo que compôs o célebre hino da Marinha Nacional. Ele era animado. Gostava de carnaval, ele se fantasiava [...] Pertenceu à Associação dos Alfaiates de Marília e, por uma boa temporada, lá aconteceu um dos melhores carnavais de clube em Marília.

E – Era ele quem articulava esses bailes?

P5- Sim. Apesar de aparentar uma sisudez, porque ele sempre foi carrancudo, ele animava bem. Gostava de dançar, brincava. Ele sempre gostou de festas populares.

E – Vamos falar agora de outra arte... E com relação a sua literatura, como ele era?

P5- Ele era uma pessoa muito disciplinada. Dividia bem as coisas. Ele reservava o domingo para suas atividades artística e intelectual. Domingo ele escrevia praticamente o dia todo. Não tanto na parte da manhã, mas à tarde toda ele ficava escrevendo. Exceto aos domingos em que havia alguma outra coisa agendada, chegava alguma visita. Durante a semana, à noite também escrevia, mas era bem menos. Sua disciplina literária ocorria aos domingos. Disso eu me recordo bem.

E – E como era isso? Ele se isolava, ele se fechava num cômodo?

P5- Procurava se isolar, mas ele não conseguia muito esse intento. Mas tentava. Isso era difícil por causa da mulher, por causa da sogra, por nossa causa [...] Enfim, aos domingos, sempre aparecia alguma visita... Mas ele se isolava sim.

E - E eram manuscritos? Ou ele usava máquina...

P5- Não. Eram manuscritos. Ele só veio a usar a máquina depois que se mudou para São Paulo. Aqui ele catava milho numa velha Remington... Em Marília eram só manuscritos. Ele tinha muitas anotações. Havia papéis pelos bolsos. Ele parava nas ruas para anotar algo que via [...] Ele escrevia muito em papéis, anotava tudo o que percebia ou sentia. Ele tinha muitos dados. Se ele mexia nos bolsos, sempre tinha um papel com alguma anotação para depois aproveitar. Ele guardava aquilo. Ás vezes perdia...

E – E ele compartilhava esses momentos de criação com vocês? Vocês sabiam o que ele escrevia?

P5- Olha ele comentava algumas coisas...

E – O *Porto Calendário*, ele escreveu em Marília? Ou foi escrito em suas andanças, com anotações...

P5- Ele começou a escrever em Marília. Eu acho que foi no final da década de 30. Antes disso ele tinha algumas participações em jornais. Ele escrevia algumas críticas para o *Progresso* e para o *Diário Paulista*.

E - Ele trabalhava para esses jornais ou só colaborava com textos esporádicos?

P5- Ele escrevia de uma maneira aleatória. Só colaborava. Ele nunca recebeu nada por isso. Na época o Herculano Pires era diretor do Jornal.

E – E suas narrativas, eram relatos autobiográficos?

P5- Olha, isso é um pouco de lenda. Todos que têm uma sensibilidade baseiam-se na sua experiência de vida. E isso é muito marcante nele. *Porto Calendário* tem muita coincidência com a trajetória pessoal dele. Mas dizer que é um relato autobiográfico é um exagero. Eu, absolutamente, não acho isso. Há, sim, muitas passagens que ele vivenciou e registrou. Não acredito que seja um relato de sua vida. Inclusive, a vida dele daria outras histórias além de *Porto Calendário.*

E – Vamos agora falar um pouco sobre o que teria influenciado em suas obras... Essa sua sisudez, essa acidez em sua literatura...

P5- Ele dizia que sua influência veio de onde ele foi educado. Veio de um colégio da Barra. Parece-me que lá foi feita a primeira tradução da *Divina Comédia* no Brasil... E foi de lá que ele trouxe o gosto pela leitura...Era um colégio de muita tradição na região. Acho que hoje não é mais. Era uma cidade tradicional, com linhas jesuíticas. E ele acabou sendo influenciado por isso.

E – Ele chegou a concluir os estudos lá?

P5- Olha, houve tanta mudança nos currículos escolares que hoje eu nem sei o que ele fez. Ele veio para cá com o que seria hoje o ensino médio concluído... E no Rio ele iniciou estudos na faculdade Nacional de Direito. Mas acabou se envolvendo com alguns manifestos e teve que deixar os estudos de lado. Não sei se você sabe, mas muito tempo depois, em meados da Segunda Guerra , por volta de 1940/42, ele chegou a voltar ao Rio... Ele tentou mudar com a família para lá. Ele foi na frente, depois minha mãe foi com o João, o Terto e a Larissa. Ficaram um tempo lá, mas não deu certo... Voltaram para Marília. Aí nasceram os outros filhos, a Carmem, eu e o Pedro. Nessa segunda investida no Rio de Janeiro ele pensava em desenvolver o seu espírito literário por lá. Mas não deu certo, havia a guerra, a recessão, as despesas... E ele voltou a Marília porque já havia se estabelecido naquela cidade como alfaiate.

E – Ainda, com relação às influências... A respeito de sua paternidade, será que isso também não o influenciou?

P5- Olha, sobre isso não tivemos muitas informações... O que senti na época é que ele tinha muita afeição pelos dois pais.

E – Então o pai biológico estava sempre presente?

P5- Mais ou menos. Ele era dono de um Hotel em Pirapora. O João Alves era um tabelião em Santa Maria da Vitória. Ele se dava bem com os dois. Logicamente, acabou se afeiçoando mais ao pai adotivo

porque foi o que o criou educou. Já com o João Castro manteve relações amigáveis. Ele nunca deixou transparecer algo negativo a respeito. Pelo contrário, até brincava, pois dizia que este era o pai bonachão, meio gordo, que gostava de beber bastante... Acho que ele devia de gostar de cachaça e essas coisas... Já o João Castro era mais sisudo, tranqüilo, tinha uma personalidade bastante distinta.

E - E o Osório, como era o seu modo de vida? Bebia também? Possuía algum vício?

P5- Não ele nunca fumou. Nem bebia. A não ser alguns vinhos, gostava dos tintos. O seu único vício era a literatura. Ele lia muito. E escrevia também. Além destes, um outro seria a política. Esse último eu acho que era mais intenso. Isso sempre foi marcante nele. Ele lutou até o fim da vida...

E – E sobre a literatura, qual era o livro que ele sempre carregava consigo. De qual obra ele gostava mais?

P5- Havia muitos. Lembro-me do Cervantes, o *Dom Quixote*, havia também alguns da literatura russa. Lembro-me da *Divina Comédia*, do Dante. Lembro também do Dyonélio, *Os ratos.* Esse era o seu predileto.

E - Além desse brasileiro, qual outro escritor ele admirava?

P5- Não posso dizer que ele seja um machadiano. Ele não apreciava muito aqueles que eram militantes como ele, o Machado era Astrogildo Ribeiro. E ele discordava do Astrogildo. Ele não era muito fã do machado, mas respeitava porque ele o achava um grande narrador, mas da literatura nacional ele se surpreendia com o Rosa. Antes dele era com o Graciliano. Com relação ao Jorge Amado, ele também não se encantava, dizia que ele era muito panfletário.

E – Ainda com relação a seu modo de vida. Como ele era em casa com os filhos? Era carrancudo também?

P5- Não, ele era afável. Tinha lá seus rompantes de alegria, de sisudez... Era meio ranzinza, não admitia que mexesse nas suas coisas. Era muito organizado. As coisas com as quais ele estava

mexendo tinham que estar por perto. Com relação aos negócios, ele não era nada comercial. Não possuía uma visão boa para isso. Também porque não ligava muito. Ele vivia ali, com os seus negócios, com sua organização, com seus escritos na sua alfaiataria. Esse era o seu mundo, e era assim que ele se sentia bem. Com os filhos ele era meio ranzinza, meio alegre. Com uns brigava mais, com outros menos... Enfim, tinha lá suas preferências. É chato dizer isso de um pai, mas ele tinha preferências...

E – E como era a letra dele?

P5- Sua letra era bordada, à moda antiga. Legível. Reta. Como ele tinha o hábito de escrever bastante, ela era certinha, ordenada... Era a letra da época dele, né.

E – E com relação à data de seu nascimento. O que sabe?

P5- Isso eu não sei se foi um truque ou uma jogada dele. Até hoje está indefinido. Em todos os registros consta 1901, mas ele dizia que era de 1898. Na verdade não sabemos qual é o correto. Pode-se dizer que na época era bastante comum registrar um filho depois de algum tempo. Isso devido às resolutas depois da Guerra do Paraguai... Enfim, devido a todas essas manifestações do exército. Também deixava-se uma criança crescer para depois registrar. Esperava-se para ver se ela ia vingar, porque o índice de natalidade era bem grande na época. E com isso não sabemos se ele era de 1898 ou 1901...

E – Quando você se recorda do Osório o que vem antes, o escritor, o militante...

P5- Osório foi militante, foi alfaiate, foi escritor e, acima de tudo, foi meu pai. Eu acho que todas essas coisas se misturam em uma só pessoa. Não dá para separar... E eu sinto muito orgulho de ter sido seu filho. E particularmente o recordo mais como militante escritor do que como escritor alfaiate. O alfaiate aconteceu na vida dele por uma série de circunstâncias. Felizmente ele a desenvolveu bem e educou-nos, alimentou-nos com esse ofício. Mas minha memória sobre ele é muito

maior como militante político e como um homem de letras apaixonado pela literatura, pelo seu país, e pelo ser humano, antes de mais nada.

E –Essa militância dele... Você acha que ela prejudicou, de alguma forma, a divulgação de sua obra?

P5- A sua obra com certeza. A militância dele retardou o *Porto Calendário*. Veja você, ele escreveu seu livro em 38/40 e só foi publicá-lo em 60. Esse atraso foi considerável porque neste espaço poderiam ter ocorrido outras coisas, ele poderia ter tido um destaque maior na literatura brasileira. Há também o tempo que ele dedicou à política... Mas ele era um apaixonado pelo que fazia [...] E isso lhe custou horas, clandestinidade, prisões, preconceito, segregação, situações econômicas adversas... Enfim, uma série de situações não adequadas e imerecidas. Mas ele superou todas e foi até o fim... Ele poderia ser muito mais profícuo na sua arte de escrever, com certeza.

E – A mudança de vocês para São Paulo ocorreu em 64 ou 65?

P5- Alguns vieram antes, em 64. Eu mesmo saí fugido de Marília em 31 de março de 1964. O Osório veio em 65.

E – Você também era militante? Foi processado como ele?

P5- Sim, processado, julgado e inocentado como ele. No mesmo processo. Até neste documento do DEOPS aí tem algo estranho... Talvez seja pelo homônimo... É sobre o movimento estudantil, sobre a formação do diretório do PSB de Marília. Não era ele. Era eu. Ele nunca foi do PSB. Fui eu quem fundou o diretório desse partido em Marília. E eu participei de uma vida estudantil em Marília. Montei grupos, participava de movimentos [...] E nós precisávamos de uma legenda legal e foi nos dada essa incumbência de fundar o diretório do PSB que daria legenda aos nossos candidatos. Na época o PC era proscrito. O Osório não ia formar o diretório do PSB, não era adequado. E nem ele se prestaria a isso. Então houve esse engano...

E - Há algo que gostaria de acrescentar? Gostaria de fazer alguma outra declaração?

P5 Gostaria de fazer a seguinte colocação. Talvez seja uma injustiça. E não há nenhum pieguismo maternal. Acho que todas essas colocações que se fazem a respeito de Osório são merecidas. Mas muitos se esquecem que ele teve uma grande mulher, Josefa. Ela foi sua mulher e companheira e foi com ela que ele atravessou todas situações extremas. Ela também foi perseguida. Foi uma mulher com quem ele esteve casado por mais de 50 anos. Ela o ajudou a criar e educar todos os filhos. Sempre exemplar. Apesar da militância política, ela também teve a sua militância política... Acompanhou Osório como pode, serviu a essa militância como obreira. Muitas vezes em visitas de líderes políticos, inclusive do Prestes, era ela quem cozinhava [...] E eu acho uma injustiça, pois em tudo o que se escreve sobre Osório, seu nome, às vezes, nem é mencionado. É só um detalhe. Mas ela era filha de imigrantes... Era praticamente analfabeta, e foi alfabetizada por Osório e por meio dele. Foi ele quem a colocou na escola para que ela pudesse aprender a ler e escrever. Enfim, ela foi uma companheira importante na vida dele. E ele se realizou nas tarefas que procurou cumprir porque tinha ao seu lado uma companheira que o apoiou, substituindo-o muitas vezes quando ele era preso. E sempre com muita dignidade e estoicismo.

E - Quando e como foi o encontro de Osório com Prestes?

P5- Osório foi Delegado Regional e Estadual do PC, e da Aliança liberal também. Deve ter sido em algumas destas reuniões de partido, talvez em São Paulo. Deve ter sido na década de 30.

E – Ele chegou assumir algum cargo político?

P5- Candidatou-se a vereador, mas não foi eleito. Era suplente. Foi dirigente do partido, mas eleito nunca foi. É acho que foi isso...

E- Obrigada! Creio que sua colaboração será fundamental para a minha pesquisa, posso lhe procurar outras vezes?

P5. Claro! Sempre que quiser!

Entrevista 6 – realizada em 11/12/2003, em Marília.

Entrevistada - Carmem Medina de Castro (bibliotecária e filha de Osório)

E- Gostaria que a senhora me falasse um pouco sobre seu pai e a sua infância...

P6- Nós éramos duas mulheres. Éramos eu e a Larissa, minha irmã. Nós tivemos uma educação muito completa, muito boa. Assim, muito liberal da parte do meu pai. Nós sabíamos muita coisa, víamos muita coisa. Assim, meu pai tinha vários livros, e ele nunca nos proibiu. De um lado isso foi bom, mas de outro eu achei que foi errado também porque, às vezes, tinha coisa que não era adequado a nossa idade. Mas meu pai foi liberal, ele achava que devia ser assim. Independente disso, os homens eram tratados de forma diferente. Os homens daquela época, não só os da minha casa. Minha casa, eu acho, era a mais liberal que havia. Meu pai era assim um super-pai, eu acho que você poderia chegar lá e conversar com ele o que quisesse. Ele era muito liberal mesmo. Então, a gente tinha uma educação diferente, tinha as meninas da casa, os homens da casa, os de fora da casa... Então, tinha muita coisa, mas eu não lembro de detalhes, de coisas menores sobre o meu pai eu, realmente, não sei. Os meninos, os meus irmãos sabem mais que eu. Ainda mais porque conviveram mais tempo com ele. Eles ficavam na alfaiataria do meu pai. Sabe, eu também trabalhei lá. Mas eu fazia um trabalho de escrita, de carta para credores... E eu datilografei *Porto Calendário.*

E-Ah é!

P6- Sim, fui eu quem organizei todos os manuscritos da 1ª edição. Fui eu quem datilografei para o meu pai. Então, minha participação quase ficou só nisso. Da vida política dele eu não sabia muita coisa e da parte literária nós não tínhamos muito acesso.

E- Dessa época a senhora se lembra de alguns amigos, das pessoas com as quais ele conversava?

P6- Olha, tinha um monte de gente que ia até à alfaiataria. Muitos inimigos políticos iam lá também. Veja, porque ele era alfaiate-comunista, ele ficava na alfaiataria à noite, até muito tarde... Por isso o contato com as meninas da casa não era muito grande. A gente ficava mais em casa, e os homens ficavam mais lá, com ele. Mas eu sei que ali era freqüentado por vários políticos, eu me lembro que tinha o Dr Coriolano de Carvalho, que era um político de oposição dele. E eu acho que assim, protegido pela noite, pelo escuro, iam muitos amigos de meu pai conversar com ele. Iam muitos porque meu pai tinha uma cultura abrangente, bem abrangente. Ele sabia muita coisa. Graças a criação que ele teve também.. Então, era professora que vinha conversar com ele... Olha, ele sabia muita coisa. E quando ele contava, ele deixava a gente interessada. Ele sempre tinha uma história para contar. Sabe, independente da situação, de que ele era fugitivo de Santa Maria da Vitória, da história particular dele, ele tinha uma cultura abrangente, uma educação grande. E lá onde hoje o Rogério trabalha, era o Correio de Marília, e meu pai fazia críticas literárias para lá...

E- E essas críticas, a senhora tem alguma?

P6- Não, hoje eu não tenho nada. Eu cedi todos os meus recortes para um monte de gente tirar cópia... E, sabe, eu acabei ficando sem nada. E o que me restou foi o material que eu acumulei dos últimos anos dele. E isso hoje está com o Paulo. Como ele estudou História, é o mais interessado e eu acho que ele passou a ser o meu arquivo. (risos) Na verdade ele ficou com pouca coisa também.

E- E os artigos que ele escreveu e publicou?

P6- Não, isso eu não tenho. É preciso ver com o Rogério no Correio da Manhã...

E- Mas não era Diário Paulista? O jornal do senhor Herculano?

P6- Sim, era. E eles se tornaram amigos. Eram, paradoxalmente, amigos. Opostos em questão de crença porque meu pai era ateu, completamente cético, e o Herculano pires era espírita, era praticante.

E- O Osório nunca participou de um culto religioso?

P6- Não, depois de adulto não. Talvez quando criança sim. Porque ele teve uma infância meio assim... Lá em Santa Maria ele teve uma história... Ele era filho de uma negra com o filho de um dono de fazenda... Minha avó era escrava dele...

E- O que a senhora sabe sobre isso?

P6- Olha, eu não sei muito não. Só sei que ele era assim, um bastardo. E que o pai dele se chamava Pedro. Ele também gostava dele, deu apoio e tudo, né. Ele era negociante em Pirapora.

E- Você está falando do pai biológico, né?

P6- É, o da fazenda, onde minha avó trabalhava, que também era filha de negro com branco. Depois que a família foi clareando, clareando um pouco. E foi isso. Ele dava muito apoio para o meu pai. Eu acho que depois ele foi ser dono de hotel, negociante em Pirapora. E o que o criou, na verdade, o que se casou com a minha avó se chamava João, João Alves de Souza. Esse era cartorário em santa Maria da Vitória. Era cartorário, mas ao mesmo tempo tinha um empório, onde era oculista também. Na verdade ele tinha de tudo lá. Há algum tempo estive em Santa Maria da Vitória. Fui por curiosidade porque o Paulo fez muitos amigos por lá, e eles se hospedaram em minha casa também. Então, fizemos um círculo de amizades tão grande que um dia eu tive que aparecer por lá. Não deu para escapar. Então, foi legal porque eu tive a oportunidade de ver onde era o empório do meu pai, aliás, do João Alves de Souza, que também tinha um pequeno tabelionato no canto e em outro uma cesta sobre o balcão, onde o pessoal experimentava óculos. Enfim, ele se casou com minha avó Catarina, a mãe do meu pai. E meu pai foi educado por ele. E ela,

minha mãe, teve mais uma filha com ele, uma única filha. E foi assim, meu pai foi educado por ele com muito primor. E meu pai, lá em Santa Maria, sempre participou das festas da cidade. Ele era considerado muito inteligente pelo pessoal de lá, ele compunha hinos, músicas de carnaval, ajudava na ornamentação das festas... Lá eu até cheguei a ver algumas fotos dele com o pessoal. Ficaram de me mandar as cópias, não mandaram, aí eu perdi o contato...

E- Eram fotos do Osório?

P6- Não, eram fotos dessas festas, dessas rodas de carnaval que ele participava, de roupas que ele desenhava, de figurinos de época, de carros enfeitados... Quando eu estive lá, tinha um pessoal que também estava fazendo o acervo e foi com eles que eu conheci a moça que desfilava. Ela era uma espécie de musa da época. Ela sempre desfilava para o pessoal e para o meu pai fazer desenhar as roupas. Ela era, na época, muito bonita. Então, eles cantaram o hino que o meu pai fez. E ela, já de idade, cantou o hino para mim. Acho que ela já deve ter morrido, porque ela já tinha uma idade avançada. E isso já faz quase dez anos. E eles gravaram esse hino e eu nunca mais soube de nada disso. Só sei que eles estavam trabalhando lá, registrando todo o acervo. Bom, eu sei que a Catarina... Voltando para a história da paternidade... Sei que ela se casou com o João e criou meu pai, e com ele teve mais uma filha. Mas o Pedro, o negociante, nunca se desvencilhou de meu pai... Sempre o teve como filho. Eles tinham uma boa conversa, sempre se relacionavam, enfim, estavam juntos de alguma forma. De casa, o meu irmão mais velho se chamava João e o mais novo se chamava Pedro, que era o nome do pai biológico. Então, até os nomes ele colocou nos filhos. Mas depois, ele pegou uma época que já começavam a falar de revolução... E como ele era muito interessado nisso, sempre falava da Revolução Russa, na Industrial...Ele se entusiasmou pelo movimento... E ele se envolveu com coronéis por causa da questão de terras, sendo jurado de morte por um desses coronéis, que não vem ao caso agora citar os nomes.

Eu sei que meu pai teve de sair dela por uns tempos. E nessa empreitada ele foi protegido pelos dois pais. E esse, o João, me parece que fez uma certidão nova para ele. Foi aí que ele passou a se chamar Osório Alves de Castro. O Alves era do João, mas o Castro era do Pedro.

E- Então houve uma nova certidão de nascimento?

P6- Sim, ela foi feita para proteger meu pai. Eu sei que além de mudar o nome eles também alteraram a data de seu nascimento. E com essa nova certidão meu pai foi mandado para um colégio em Salvador. Ele ficou lá, interno, estudando. Depois, meu pai.... Bom, isso você já sabe, né?

E- A senhora acha que essa certidão foi alterada para ele se parecer mais velho e poder viajar sozinho?

P6- Não. Ela foi feita para ele se proteger, porque ele ainda era muito novo. E como ele se envolveu com essas lutas de classe, defendendo o pessoal... Sabe, lá tinha uma fábrica de tijolos, e o dono dela era como um senhor feudal, era dono de tudo. E o meu pai não aceitava esse tipo de coisa. Apesar de jovem, ele lutava, ele participava ativamente dos movimentos. E com isso ele atraiu para si a antipatia dos coronéis, sendo jurado de morte. E eles lá não entendiam, os donos não entendiam e não aceitavam os direitos dos trabalhadores. Poe exemplo, a fábrica de tijolo não tinha que ceder parte da fábrica, mas quem trabalhava lá tinha o direito de ter o tijolo para construir a sua casa... Então, essas diferenças sociais e econômicas mexiam com o meu pai. E ele não aceitava isso, por isso foi jurado de morte. Por isso houve essa mudança em seu registro. Os pais estavam tentando proteger o filho do coronel que o jurou de morte. Aliás, há aqueles que matam até hoje.

E- E qual seria o primeiro nome de Osório?

P6- Seu nome verdadeiro eu não sei. Eu o conheci assim, como Osório Alves de Castro. Eu concordo que ele era mais velho do que parecia, do que nós o conhecemos.

E- É, nos registros que obtive constam a data 1898 e 1901.

P6- É, houve essa mudança porque ele teve de fugir da perseguição do coronel. Eles queriam mostrar autoridade, superioridade... Afinal eles mandavam... E o meu pai não estava conseguindo discernir suas idéias, ele e os outros. Como isso estava se tornando perigoso, ele foi enviado para o colégio de Salvador.

E- Mas o colégio não era na Barra?

P6- Não sei, só sei que era um colégio de jesuítas.

E- Sabe quanto tempo ele ficou lá?

P6- Olha, tenho a impressão que ele saiu de lá com uns 18/19 anos. Não ficou muito não. Mas percebe-se que ele se aprimorou bem lá. Porque o fato de ele estar ali, mesmo tendo aquela idéia contrária a tudo o que ouvia, do meio onde estudava... Sem dúvida, aquela disciplina toda o ajudou a vida inteira. Ele se tornou um homem muito correto, muito disciplinado. Ele era assim, enfrentava muito bem tudo o que aparecia com calma e tranqüilidade. Lá ele se tornou um homem muito determinado. E tudo ele aprendeu ali, graças ao que ensinavam neste colégio. Como era um colégio jesuíta, do estilo antigo, interno, lá se aprendia um pouco de tudo, era direito romano, era aula de flauta, clarinete, saxofone, latim... Você dava uma página de música erudita para ele, ele olhava um pouco, parava, pensava... Minutos depois solfejava aquela música para você. Ele entendia muito de música. Ele só não sabia línguas. Acho que naquela época não havia essa exigência, essa necessidade de hoje. Latim se aprendia, mas não se falava. Então, esse tempo que ele ficou no colégio, que ele se isolou lhe serviu de disciplina e conhecimento. De lá, a próxima etapa que tenho conhecimento é a de que ele foi para o Rio de Janeiro. Ah, sei que antes de ele ir para o Rio, ele esteve com o pai biológico. Talvez

tenham se encontrado para se despedir, para pegar algum dinheiro, para ouvir alguma orientação. Sobre isso, detalhes eu não sei. E, que eu saiba, para a Bahia ele nunca mais voltou. Mas os contatos continuaram, sei que ele se comunicava com os parentes. Olha, eu era a quarta filha, e a minha visão de criança era a de que ele sempre me pareceu mais velho do que era. E, mesmo tendo a documentação dizendo o contrário, eu pensava, eu o via como uma pessoa mais velha. E como eu era a quarta de seis filhos, logicamente não sobrava muito tempo para diálogos, até também porque ele tinha de trabalhar para nos sustentar. Mas eu me lembro que ele tinha contato com os parentes de lá. Eu me lembro de gente que vinha de lá. Eu me lembro dos sacos de frutas que chegavam de lá. Eu me lembro do pequi. Chegavam muitos sacos de frutas para ele. Eu não sei como eles se comunicavam, mas as pessoas de lá sempre sabiam do paradeiro dele. E na minha casa, regularmente, vinham amigos de lá. Eram primos distantes, um deles morava em Garça. Este era parente do pessoal que morava na fazenda, do pai biológico. Lembro que ele era claro, dos olhos claros também. E a gente estranhava ele ser primo de meu pai.

E- Então a infância de seu pai foi nessa fazenda?

P6- Não. Ele nasceu na fazenda. Mas minha mãe, quando se casou com o João foi morar na cidade de Santa Maria. Mas eu acho que ele sempre teve contato com a fazenda, porque se você ler Porto Calendário, está lá. A avó dele fazia travessia de rio, ela era essa barqueira que ele descreve no livro.

E- Mas ela não era negra de tabuleiro?

P6- Não, ela era remeira. Ela se chamava Clementina. E ele adorava essa avó. Talvez, depois de ir para a cidade ela tenha feito doce para vender.

E- Então essa Clementina teve a Catarina, mãe dele, com um dono da fazenda. Ela também era bastarda, que também teve um filho fora do casamento, com um branco, dono dessa fazenda...

P6- Exatamente.

E- Você sabe o nome dessa fazenda?

P6- Não, meu pai nunca falou, e se falou eu não me lembro. Lembro-me do nome Alfonso, esse primo de Graça chamava-se Pedro Alfonso... E ele pronunciava assim, bem aportuguesado. Aliás, nossa casa tinha um universo bem estranho. Morava com a gente uma prima de lá, irmã do meu pai, os seis filhos, meu pai, minha mão, minha avó, mãe de minha mãe, que era espanhola e uma tia da minha mãe que trabalhava de empregada doméstica, mas que dormia em casa. Então, meu pai e minha mãe coordenavam esse universo de gente...

E- Então a casa era grande?

P6- Era uma casa de tábua, com um quintal imenso, muito grande mesmo. Era simples, mas gostosa, boa de morar. Não tínhamos luxo, mas havia conforto.Tivemos, assim, uma infância bem tranqüila. Ele, apesar de não ser um pai muito presente, foi um pai liberal. E era bom, a gente podia conversar com ele o que quisesse. Talvez porque quando ele saiu de lá do colégio interno, ele tenha se sustentado tocando clarinetes em boates. E nem sei de que categoria eram essas boates. E foi nessa vida que ele acirrou ainda mais a sua tendência política. Ele ficou ainda mais ácido. E de lá ele veio para São Paulo, não sei se fugido ou não. Só sei que ele falava bem, era culto, e foi no Rio que ele aprendeu a cortar e desenhar. Ele conviveu com umas pessoas lá no Rio que o ensinaram o ofício. Na verdade ele fez o curso, porque eu cheguei a ver seu diploma na alfaiataria. Depois ele veio se estabelecer em Lins, não sei porque ele escolheu essa cidade.

E- Mas ele não passou por São Paulo?

P6- Passou, mas ele ficou pouco por lá. Talvez tudo isso tenha a ver com a sua tendência política. Olha, para isso ele era determinado, obstinado mesmo. Acho que ele devia receber alguma orientação, porque ele era convicto demais com os ideais dele. E quando ele conheceu a minha mãe, ela era empregada doméstica, não sabia nem

ler e nem escrever. Meus avós maternos foram contrários ao casamento, além da minha mãe, havia mais seis mulheres e todos se opuseram. Mas para meu pai isso foi só mais um desafio, eles se apaixonaram e se casaram. Aliás nós sempre vivemos com esse tipo de preconceito, de exclusão, às vezes, até humilhação... A vida sempre foi muito difícil para eles. Na verdade, eu não sei em que situação eles se estabeleceram em Lins e aqui em Marília. Ele não fez nenhuma faculdade, nenhum curso. Ele sempre quis fazer o curso de Direito, mas não pode. Eu me lembro que ele falava disso. Mas ele fez o curso de arte, de moda. Enfim, nossa vida foi de pobre, com dificuldades. A gente sempre teve o necessário, minha mãe lavava roupa para fora. Ela fez isso por muito tempo. Às vezes ela costurava calças para o meu pai na alfaiataria, mas isso era pouco. Muita gente só passava em frente, olhava, e não entrava. Isso piorava nos momentos de repressão política. Disso eu me lembro bem, nós, mulheres, éramos muito discriminadas... Mas com o pouco que tínhamos em casa, posso dizer que vivíamos bem. Não ficamos traumatizadas com nada. Ele soube nos educar bem. Veja, na medida do possível, participávamos dos bailes, das festas, ele foi um dos fundadores da Associação dos Alfaiates. Ele gostava muito de carnaval, ele sempre foi com a minha mãe. Gostava muito de livros, mas hoje não sobrou muita coisa. A polícia levou quase tudo. Eu me lembro de uma vez, já era mocinha, acho que foi em 64, ele estava preso na prisão do Hipódromo. Ele ficou lá mais de um mês e a gente não sabia onde ele estava. Às vezes chegava umas conversas assim, meio esquisitas, de que ele estava sendo transportado, e de repente pulou do carro. De que ele estava morto. De que tinha se suicidado. Assim, as notícias que chegavam eram sempre desencontradas. E quando ele ia preso a minha mãe, sozinha, abria a alfaiataria. Ela abria e fechava no horário, mas não entrava nenhuma mosca. Engraçado, nessa época, pessoas que você nunca imaginava que soubesse de sua vida, chegavam e cumprimentavam. Perguntavam se a gente não precisava de alguma coisa. Muitos vinham à noite. Muitos usavam a roupa feita pelo meu pai,

mas não entravam na alfaiataria de dia. De partido tinha o Dr Coriolano de Carvalho, ele é pai da Yara de Carvalho. Olha, da roda política tinha uma roda grande de gente. O Herculano Pires era da roda literária daqui de Marília. Esse eu conheci. E nós, como éramos meninas, não entendíamos porque ele escrevia tanto. Às vezes ele acordava de madrugada para escrever, e ali ficava com várias resmas de papel, escrevendo. Às vezes a gente o chamava, e ele nos olhava, mas parecia que olhava através da gente, parecia que a gente não estava ali. De madrugada ele acordava sempre às 4 para escrever. Olha, só hoje eu entendo como deve ter sido difícil para ele tudo isso. Como deve ter sido difícil para ele sustentar 6 filhos, mais os agregados e ainda escrever... Além disso, éramos todos diferentes, ele era ateu, e a tia dele era daquelas católicas que lavava a toalhinha do altar em casa. E, então, era aquele universo estranho a nossa casa...

E- E os finais de semana, como eram?

P6- Sábado ele ficava na alfaiataria o dia todo. Olha, ele tinha assim umas coisas que eram incoerentes. Por exemplo, meu pai sempre fez questão de festejar o Natal. Claro que não era como uma data do nascimento de Cristo, mas para ele essa era uma data especial. E veja, disso não conseguimos nos desvencilhar, eu passei isso para os meus filhos, meus irmãos também passaram isso...

E- Como era isso, vocês trocavam presentes?

P6- Sim, ele comprava os presentes. Mas não trocávamos não. Ele comprava os presentes para nós e minha mãe preparava um almoço especial. Olha, eu hoje paro e penso e não sei como ele conseguia fazer tudo aquilo. Ele não tinha poder aquisitivo para tanto. Então, ele saía religiosamente às 10 h do dia 24 porque as lojas ficavam abertas. E ele comprava bonecas para a gente, e era sempre aquelas que a gente pedia. E eu acho que ele fazia isso em troca de serviço. Ele fazia ternos, reformava, e então as pessoas iam pagando isso em troca dos presentes que ele nos dava. Não sei como ele fazia, só sei que ele nunca falhou no Natal. E sempre voltava da rua com presentes, leitoa,

cabrito. Ele gostava muito de cabrito assado.E ele fazia lingüiça, farofa, vinho. Era um almoço bom, com clima de festa mesmo.

E- A casa de vocês era sempre cheia?

P6- Sim.

E- Como, então, ele se isolava para escrever?

P6- Ele ficava na alfaiataria e escrevia à noite, invariavelmente.

E- Ele não vinha jantar?

P6- Vinha, mas era um café rápido. Logo ele voltava. Então foi assim. E o Dr Carvalho era muito amigo da família. Aliás, é até hoje. Mas minha casa era muito farta de comida, caixas de uva, na época do Natal, chegavam de duas ou três. Acho que era porque naquela época os uniformes das crianças eram terninhos. Então meu pai fazia e trocava por mantimentos. E assim as pessoas pagavam com o que a gente consumia em comida e bebida. Ele encomendava vinho de Santa Catarina, que ele gostava. Eu acho que a gente levava uma vida além das nossas posses. Feijão ele comprava de saco, óleo era de lata grande... Olha, só posso dizer que a nossa infância foi boa e farta. Aprendemos coisas do Monteiro Lobato, tínhamos e líamos todos os livros de época por intermédio dele. Lembro-me das vezes em que ele foi preso. Lembro-me dos livros todos misturados, jogados no chão, quando vinham em casa. Os livros eram todos misturados na estante, ele não separava nada, não catalogava nada. Então, eu com 13/14 anos lia livros que as pessoas diziam ser imoral. Muitas vezes entendia aquilo só depois, alguns eu só entendi depois de adulta. Mas isso era porque ele deixava a gente muito à vontade. E nessas batidas que a polícia fazia ia tudo. Eles chegavam e faziam assim, abriam o saco e despejavam tudo. Eles passavam o braço na prateleira e levavam tudo. Iam embora com todos os livros.

E- E qual era a reação de seu pai?

P6- ele ficava ali, parado, olhando. Ficava incrivelmente calado. Mas uma imagem que eu tenho gravada dele foi quando ele foi algemado. Iam dois atrás dele com uma baioneta e ele ia andando tranqüilo, dizendo “Josefa, cuida de fulano, de beltrano. Olha os meninos, não deixa essas crianças soltas na rua. Faça isso, faça aquilo...” Na frente de todos ele ia andando.... E eu ficava olhando e pensando, ele não era um bandido, era um homem que tinha idéias... Ele que tinha horror por armas, violência, que nunca bateu na gente, estava ali, sendo preso. Uma vez ele bateu na gente com um jornal dobrado, mas depois se arrependeu. Para ele a violência não existia, não tinha fundamento nem dentro de casa.

E- E sua mãe?

P6- Minha mãe participava muito de tudo. Ela foi uma companheira excelente para ele. Tanto que depois que ela morreu ele definhou de repente. E tudo isso que ele passou o Sr Henrique vem passando. Sua esposa, além de ser boa cunhada, foi também excelente companheira.

E- Vocês são parentes?

P6- Sim. Meu pai, no fim da vida morou uma temporada na casa dos filhos. Quando ele ficou em casa eu fechava os quartos para ele não incomodar porque ele entrava e gritava com os meninos. Ele ficou de um jeito que não tinha condição de ficar só, e nem com a gente. Então nós achamos melhor para ele a Serra do Japi. Muitos foram contra, outros a favor... O Nildo foi mais que qualquer um de nós. Meu pai foi para ele um pai mesmo. E quando meu pai morreu, ele chegou antes que qualquer um dos filhos. Aliás, o Nildo foi melhor que qualquer um de nós. Ele chegou lá e providenciou tudo. Mas ele se revoltou, porque quando ele chegou lá meu pai estava nu, com um lençol cobrindo o corpo. E o rapaz que estava lá, estava assistindo um jogo da Copa. Nossa, o Nildo quando viu aquilo se revoltou com todos. Meu pai, antes de morrer, tinha alguns projetos, um deles era o bute, um arranjo, um remendo de textos. Todos da área regionalista. Eu cheguei a ver isso. E ele até me explicou o que significava isso. Quando eu me casei, fui

morar em S. Paulo. Então, eu já estava casada quando ele publicou Porto Calendário. Olha, foi sofrido, quando ele publicou, acho que já era a terceira versão, porque os originais foram levados várias vezes nas batidas. Acho que eles, a polícia, nem sabia o que era. E era um texto extenso, primeiro ele escrevia, depois ele revisava. E isso ele fez inúmeras vezes. E quando ele ganhou o Jabuti, ele esteve na Rússia, trouxe muitos livros de lá. Mas quando ele foi preso, tudo foi junto com ele. E quando a gente queria saber notícia dele, a gente ia encontrar nossa mãe no Posto Sem Limites, em Bauru.

E- Mas ela não foi para São Paulo?

P6- Não, só nós estávamos morando em São Paulo. Ela ficou com os menores aqui. O Osório Filho também foi preso. Então ela ia até Bauru e a gente falava com ela, dava dinheiro, notícias do pai e do Osorinho. E então era assim, às vezes chegava notícias que a gente nem sabia como eles nos achavam. Uma vez, me acharam num apartamento, para dizer que ele estava na prisão do Hipódromo, eu tinha acabado de mudar.

E- Quantos atropelamentos seu pai sofreu?

P6- Que eu saiba foram dois. Nessa época ele escreveu *Maria Fecha a porta.* E ele até me pediu para datilografar esse livro também. Não acho que foi *Baiano Tietê*. Não importa, só sei que eu não pude atendê-lo porque eu estava trabalhando, não tinha tempo. Tinha o trabalho de casa, de fora... Então eu não sei quem fez isso para ele. Deve ter sido o Terto, ou alguém de lá. Nessa época o Terto era o porto seguro para ele.(risos) Bom, então é isso, não sei se fui útil a você nessa conversa de vai e vem.

E- Que isso! Claro que foi, obrigada mais uma vez.

Entrevista 7 – realizada em 05/01/2004, em São Paulo.

Entrevistado - Terto Alves de Castro (advogado e filho de Osório)

E- Gostaria que o senhor me falasse um pouco sobre seu pai... A respeito de seu jeito, ele era calado, solitário... Ele era assim?

P7-Você quer saber sobre a pessoa...O seu jeito... Olha, parece que sim, porque a minha convivência com meu pai foi ... Eu saí de Marília não tinha nem dezessete anos. É então não sei precisar melhor o comportamento dele, uma percepção melhor, uma percepção crítica sobre o seu modo de falar, de ser. Isso tudo começou a sedimentar nos treze e catorze anos, porque até então eu não tinha condições de fazer nenhuma, enfim, de criar nenhum convencimento sobre ninguém, sobre comportamento. Sobretudo convencimento crítico né?

E- Então, na verdade...

P7- Sobre essa convivência que tivemos na fase, digamos assim, adulta. Acredito que fiquei adulto um pouco precocemente... Na fase dos catorze anos.. que se estendeu até aos dezessete... Veja, são apenas três anos de convivência crítica e política... Porque, também, a partir dessa idade, dos catorze, o Partido Comunista lá em Marília, de um modo geral, instalou umas células de jovens e eu passei a participar de reuniões dessas células de Partido lá em Marília. Nesse contexto, até então a visão que eu tinha do meu pai coincide mais ou menos com essa aí que você me falou ... De que ele não era muito falante, a não ser em alguns momentos quando ele estava num ambiente mais íntimo, né. Familiar ou entre amigos. Ele falava. Agora, uma característica que eu me lembro, e muito, é que ele lia muito. Ele era um leitor compulsivo. Ele chegava ao ponto de colecionar Ele tinha uma espécie de auto-publicação... Naquele tempo tinha umas figuras que hoje já desapareceram... Uma delas era a de uma pessoa que fazia encadernações... Ele ia para o interior com duas malas recolhendo

brochuras para encadernar... E meu pai tinha muitas brochuras na época... Não sei, talvez pelo preço, talvez porque não existisse essas edições de capa dura tanto quanto existe hoje...

E- Hã Hã...

P7- Então, como ele tinha vários livros de brochura, ele mandava encadernar. E esse cidadão tinha o meu pai como um freguês... E quando ele chegava em Marília, talvez ele era o primeiro a ser visitado. Seguramente ele tinha bons livros para encadernar. E vinha então o título do livro e embaixo as iniciais do meu pai Osório Alves de Castro, isso também vinha na lombada do livro. Então, na biblioteca, meu pai tinha bastante livro encadernado com as iniciais dele na lombada. E isso foi o que iniciou todos nós à leitura. Porque quando ele via um livro, ele se entusiasmava muito. Eu me lembro com o Ignácio Silone... É um livro extraordinário, eu não sei se é A semente sobre as neves... Eu ainda hoje sinto o que eu senti quando li esse livro. Eu achei uma coisa fantástica, não sei se você conhece o Silone. Acho que não, é da minha época. É uma coisa, isso mexeu comigo completamente. E então, ele sendo leitor nos induzia a esse hábito. Era um homem dedicado à leitura... Mas quando ele começava a falar, ele não era tão fechado. Então essa convivência crítica que tive com meu pai, perceptiva do comportamento dele, ou mais atenta ao comportamento dele, se originou na minha maturidade, por volta dos treze ou catorze anos. E aos dezessete eu saí de Marília... Daí para frente os contatos foram esparsos. Nas férias quando eu ia para lá, às vezes ele vinha para cá. E assim foi até quando eles se mudaram para cá, né. Isso se deu por volta de 64.

E- E ainda assim, falando um pouco sobre essa época, quando vocês conversavam, o que ele falava sobre o seu nascimento? Sobre sua vinda do sertão?

P7- Dele?

E- Sim, dele.

P7- Pouquíssimo. Sobre esse passado, sobre a origem dele, eu acho tudo meio metafórico. Ele misturava, ele mesclava com histórias, ele sorria, tangenciava... Eu confesso a você que não tenho assim, passo a passo, essa vida biológica de meu pai. Uns falam disso, outros falam daquilo. O Osorinho, por exemplo, que conviveu mais tempo com ele tem dados mais seguros do que eu. Talvez. Até porque hoje eu estou com setenta anos, e para eu me lembrar de coisas que aconteciam quando eu tinha catorze anos... Talvez até alguma coisa, então, eu tenha ouvido, mas hoje eu já não me lembro mais. (risos). Porque eu achei que isso era desprezível. O meu pai existe pelo que ele deixou. Era como se na obra ele contasse isso pausadamente a alguém, ou sei lá, nem sei se era ou não o seu mundo real. Daí também a minha curiosidade hoje de falar com essa tal de Leninha, pois talvez ela me relembre ou conte coisas que eu nunca soube. Sobre a vida de meu pai. Talvez você saiba até mais que mim! (risos) Pois vejo que você está com um material farto aqui. Essa sua pesquisa rendeu muitas páginas...

E- Não, mas há muitos dados que se repetem. E a gente não pode confiar em tudo o que os jornalistas escrevem. Tem muita coisa aí que se contradiz. Enfim, a respeito dessa sua origem, vinda do sertão... O senhor concorda com as suas obras? Acredita que Orindo Brotas seja um personagem autobiográfico? Lembra-se desse personagem em sua obra?

P7- Claro! E mais do que isso. Há algumas histórias que nem estão no Porto Calendário que ele fala da vida dele, de quando ele começou a trabalhar. Eu não sei se isso está num livro... É de quando ele foi preso ou, se não me engano, quando ele foi confundido com outro indivíduo ele comentou ao policial ou capanga lá, de que não era essa pessoa... Aí ele levou um tapa na cara.

E- Como foi essa história?

P7- Olha, essa história, assim como todas outras, ficaram assim meio nebulosas. Mas sei que ele teve um incidente dessa ordem. Quando ele chegou na Noroeste, foi trabalhar como guarda-livros num posto, ou numa fazenda lá...

E- Em Lins?

P7- Na Noroeste. Eu não sei precisar a cidade. Sei que foi lá naquela região. E não sei se eles estavam procurando algum tipo... Sei lá. Só sei que confundiram meu pai com esse tipo. Meu pai tentou provar educadamente, disse que não era. Mas ele foi agredido pelo policial. E isso para ele, que bem ou mal, ele era um homem vindo do sertão, era algo inaceitável. E ele disse que comprou uma arma e disse que mataria o cara. (risos) olha ele podia até ser calado, mas quando ele contava isso, ele até ria desse rompante de querer se vingar daquela ofensa. Então a história é essa. E houve tantas mais ou menos desse tipo... Olha eu não tenho lembranças de outras notáveis...

E- Ele contava a vocês de como havia conhecido a sua mãe?

P7- Eles se conheceram em Lins.

E- Sim, mas como foi isso?

P7- Olha eu não sei detalhes. Talvez com relação a sua vida pessoal ele fosse realmente fechado.E ele era fechado até com os filhos. Disso eu não sei. Ele nunca falou de como a encontrou... Mas eu tenho uma historinha curiosa para revelar sobre isso. Fui a Santa Maria da Vitória, pela primeira vez, para jogar suas cinzas no rio Corrente. E ele deixou lá em Santa Maria da Vitória uma namorada que também se chamava Josefa. Assim como minha mãe. Só que essa Josefa de lá era uma baiana. E a daqui era uma espanhola. E eu sempre tive curiosidade de conhecer esta Josefa lá de Santa Maria, primeiro pela figura que de certa forma entrou na vida de meu pai. Segundo porque há uma lenda, há uma história aí de que meu pai, quando jovem, fez um desenho para a Festa da Lapinha, que era uma festa religiosa que havia lá. E esse pano, esse mural, era para ornamentar o palanque, ou a igreja, sei

lá. E algumas pessoas viram essa pintura. E essa tela foi desenhada, foi pintada por ele. E talvez, tenha sido colocada no altar para a cerimônia. Sei lá como eles faziam isso. Não sei como se festejava isso.

E- Então era uma tela? E ele pintou isso?

P7-Era um pano. E ele pintou. Então, quem estaria como guarda disso era esta, a Josefa de lá. E eu fui até lá com o propósito de conhecê-la e resgatar essa pintura. Pensava assim, para um filho de Osório talvez ela doasse. Talvez seria fácil. Mas ela negou peremptoriamente que tivesse isso. Muitos diziam, não, ela tem um baú. E isso está lá. Mas ela se recusou a mostrar e me negou que tivesse a posse desse pano pintado aí. E eu fiquei ali conversando com ela, tentei fotografá-la, mas a minha máquina não funcionou. Desgraçadamente o flash, na hora h, não funcionou. Mas ela me contou uma história bastante interessante, bonita, poética até.Disse que quando meu pai veio para o sul, veio para o Rio de Janeiro primeiro, passou por São Paulo e depois se instalou na Noroeste. Nessa época ele foi procurado por alguém de Santa Maria, não sei bem quem era, mas parece ser um senhor mais velho, que tinha uma certa ascendência sobre ele. Alguém que tivesse tido algum cargo lá em Santa Maria. E ele comentou: “Escuta aqui, Osório. Você ficou de voltar, você deixou uma noiva lá te esperando. E agora vejo que você está noivo aqui. E diz que vai casar. Como é que você faz isso?” E chamou a atenção dele, ele teria dito que: “Olha, diga para o Josefa lá procurar um outro Osório, porque aqui eu arrumei uma outra Josefa” Aí, nesse momento, ela abaixou a cabeça e disse ressentida: “Aqui não tinha um outro Osório.”

E- Então, ela ficou esperando...

P7- .Até morrer.

E- Olha, sobre essa lapinha que o senhor está me dizendo, parece-me que sua irmã, Dona Carmem, chegou a ver. Ela esteve em Santa Maria há algum tempo.

P7- Ela esteve sim.

E- Então, ela me disse que viu esse trabalho manual do Osório, disse que já estava com as rendinhas, com o acabamento todo amarelado... Acredito que seja essa mesma pintura a qual o senhor se refere.

P7- Eu não consegui ver. Estive lá duas vezes. A primeira foi para atirar as cinzas no rio, e a segunda foi quando a cidade prestou algumas homenagens a ele, parece que foi uma biblioteca, ou prédio público que leva o nome dele... Mas ela já tinha morrido.

E- Ah, sim. É uma sala de leitura. Ela fica na Casa Antonio Lisboa de Moraes. É uma Casa de Cultura.

P7- Então, dessa segunda vez a Carmem, minha irmã, foi. Ela também foi convidada. Talvez ela tenha conseguido o que eu não consegui na primeira. E por isso talvez não tenha tentado na segunda. Também foi tudo muito rápido, cheguei e já voltei no dia seguinte. Acho que nem dormi por lá.

E- É, ela contou muito pouco sobre isso. Mas creio que ela ficou alguns dias por lá. Talvez 4 ou 5 dias.

P7- É porque o Paulinho já estava lá. Ele, filho dela, passou uma temporada por lá. Talvez isso tenha facilitado. Então, meu pai era isso né. Político, marxista, nos primeiros tempos, né.

E- E voltando as leituras dele. O que o senhor se lembra da biblioteca dele? Onde ela ficava? Enfim, o que ele lia?

P7-Romances?

E- Sim, pode ser.

P7- Vários. Lia todo mundo. Lembro-me de autores latinos. Traduzidos... O que ele conseguia comprar. O que conseguia chegar lá em Marília. Eu me lembro que aos domingos ele passava o dia lendo. De manhã e à tarde. Às vezes a gente ia passear e ele sentava num canto e catava um livro e ficava ali.

E- Onde? Numa varanda? Num quarto?

P7- Não sei. Em casa não tinha como se isolar para ler. Eu me lembro muito bem da estante, teve uma vez que...

E- A casa era essa da Quinze de Novembro? Como era?

P7- Era uma casa de madeira... Você conhece bem a cidade?

E- Hã hã.

P7-Então, a casa ficava no cruzamento da Rio Branco com a Quinze, algumas quadras abaixo, descendo a praça. Antigamente essa rua se chamava rua dos Operários porque ali só se moravam operários. Hoje parece que é Álvares Cabral, não sei por quê. Era rua dos Operários porque lá moravam operários e não há demérito algum àquela obra. Como era aqui a Rodovia dos Trabalhadores, que depois o Maluf a rebatizou de Airton Senna e também não sei por quê. Quer dizer, a única homenagem que os infelizes da zona leste, que eram trabalhadores, tiveram, o Maluf vem e tira. Isso é um oportunismo populista. Então essa casa ficava, para quem vinha do colégio Monsenhor Bicudo, pela Rio Branco, à esquerda. Ela ficava, exatamente no meio do quarteirão. E lá tinha um quintal muito grande. Ali eu passei a minha infância. Tinha um pomar cheio de frutas, manga, laranja... Então ele lia nesse ambiente, era no quarto, na sala, na varanda... Vez ou outra ele se isolava embaixo de alguma árvore, isso quando a gente saía para passear.

E- E dos romances que ele tinha na biblioteca...

P7-Eram romances de autores da época...Eu me lembro, como já te disse, tinha os latinos... Ele tinha e não sei como ele conseguia isso. Não sei se ele fazia um trabalho para que alguém viesse, para ele conseguir isso... Finalmente estourou *Grande Sertão:Veredas.* E ele já estava escrevendo há muito tempo a mesma história, quase com os mesmos personagens.Aí ele ficou louco. Ficou doido mesmo. Escreveu para o Guimarães... Você tem as cartas, né?

E- Tenho.

P7- Aí veio a resposta. Ela veio ao Dantas, que também era nordestino, né. O Paulo Dantas... Não sei ainda está vivo.

E- Está, falei com ele. Bom, falei com ele há um ano. Creio que sim.

P7- Então, na época o Paulo Dantas incentivou a publicação de *Porto Calendário*. Isso se deu devido à carta que aquela revista que publicou. A partir daí o Paulo Dantas tomou conhecimento da obra, ficou doido por ela e a publicação veio. Foi feita pela Francisco Alves.

E- E qual escritor ele admirava? Quem ele sempre citava?

P7- Esse italiano, o Silone, ele elogiava muito.

E- E o das etiquetas? O D'Annunzio?

P7-O contato dele com o D'Annunzio foi o seguinte... Porque o D'Annunzio foi acusado de ser fascista, de ter se bandeado para o Mussolini. E... Gabriele D'Annunzio era o seu nome. E meu pai gostava dos poemas dele. Ele foi, realmente, um grande poeta. E como o mundo todo, de esquerda, começou a condenar a posição de D'Annunzio, o fato de ele apoiar o fascismo... E ele saiu em defesa. Eu não sei exatamente com quais argumentos, mas ele se pôs em defesa do D'Annunzio. Contrariando, então, a maré, aquele modismo que tinha se instalado momentaneamente de condenação aberta ao Gabriele D'Annunzio. E ele tinha, ele escreveu uma carta... eu não sei se foi ao jornal *Correio da Manhã*, aquele do Rio...

E- Então, apesar de estar lá, no interior paulista, ele mantinha contato com o grande centro. Estava sempre atualizado literariamente...

P7- Sim, inclusive os jornais de São Paulo. Ele lia todos os jornais. Com certeza o do Rio, porque ele escreveu essa carta rebatendo uma crítica. E era em defesa do D'Annunzio. E... eu acho que foi Agripino Grieco, ele ficou encantado com a carta de meu pai. E publicou. Ela saiu publicada no Correio da Manhã do Rio de Janeiro.

E- E você lembra o ano disso?

P7-Seguramente eu tinha menos do que aqueles catorze anos... (risos)

E- Hã hã. (risos)

P7- Então é bom esse trabalho que você está fazendo porque se deixar, isso se perde. Eu, inclusive, vou apagando. Meus neurônios vão desligando. Então, foi publicada essa carta dele!

E- Bom, antes dos catorze anos... Então o ano era...

P7- Quarenta. Final dos anos quarenta! Eu nasci em trinta e quatro... É, eu acho que foi depois da guerra. E isso precisa ser recuperado!

E- Mas isso está distante. É difícil. O Diário Paulista que está lá, tão próximo, eu não consigo nada.

P7- Mas isso deve estar em algum acervo perdido...

E- É, preciso verificar isso no Arquivo do Estado... Então, o Agripino publicou essa carta...

P7- Veja, aí nesta época, tinha o Agripino, e tinha também alguns hábitos curiosos... Desde encadernador de livros, coisa que já não existe mais...

E- O senhor não lembra o nome dele?

P7- Não, mas o tipo dele eu lembro bem. Era assim um senhor com um aspecto meio italiano... Eu me lembro bem quando ele recolhia os livros lá em casa, chegava com uma malinha...Aí, depois de alguns meses, ele voltava com os livros todos encadernados e levava outras brochuras... Mas o Agripino Grieco, ele tinha, na época, um hábito de fazer viagens literárias. Acho que ele fazia palestras pela região. Naquela época existia isso. Ele sempre andava acompanhado de um médico. Assim que ele chegou em Marília, fez questão de visitar meu pai. Quis saber o que ele estava fazendo, viu sua obra e coisa e tal. Deve ter ficado impressionado, como que um alfaiate tão longe do centro pudesse falar... Enfim, só sei que conversaram muito sobre literatura. Deve ter ficado um ou dois dias na região. Também não sei se chegou a ver *Porto Calendário*, pois este foi reescrito várias vezes

nessa época. Os manuscritos eram levados sempre que investidas policiais aconteciam, quando eles vinham, levavam tudo, não sobrava nada. Levavam até meu livro de francês e latim do colégio. Eles enfiavam tudo num saco. Passavam o braço na estante e pegavam tudo.

E- Como eram essas investidas?

P7- Geralmente eles chegavam com uma camionete, eram policiais armados, não fardados... Porque era tudo pela política,né? Alguns, acho que vinham de São Paulo, porque naquele momento eles se anunciavam...

E- Então, as visitas ocorriam de surpresa, não havia um comunicado...

P7- Sabia-se, previa-se, apenas. Mas não fugia de nada. Esperava-se tranqüilamente, lendo, inclusive. (risos) E nessas batidas, você imagina, uma cidade pequena como aquela, com um sistema tradicional, com uma forte discriminação... Meu pai, pensando o que ele pensava, falando o que falava, escrevendo o que escrevia... Você pode imaginar, você leu as obras... E a polícia entrava, a porta não ficava trancada, antigamente não precisava... Então eles vinham com sacos enormes de estopa... Onde tinha livros eles iam jogando dentro, nem viam o que era, fosse do que fosse. Arte culinária, francês, geografia, história, até os escolares...

E- Sobre isso, sua irmã me disse que seu pai havia feito uma espécie de prateleira, uma biblioteca que ficava nos fundos da casa, num quartinho ou coisa assim. Lembra-se disso?

P7- Olha, se isso aconteceu foi depois que saí de lá. A única coisa que me lembro é que em todos os quartos havia livros, até nos quartos menores, que era o meu e de meu irmão João, já falecido.

E- Então, os livros ficavam espalhados?

P7- Sim, sempre ficaram esparramados pela casa. Talvez ela tenha se referido ao meu quarto, que antigamente tinha uma madeira, uma prateleira na parede. Ali tinha mais livros, eles ficavam mais

concentrados. Ele conseguia alguns desses livros de uma maneira muito curiosa, porque a crise de trinta fez o livro sumir. Nessa época ninguém comprava livro. Ninguém tinha. E as aquisições eram feitas a partir de troca. Você dava um terreno para conseguir um terno, ou você entregava uma bicicleta para receber qualquer outro serviço. Era a época do escambo. Não havia moeda circulante. Com isso, muita gente ficou sem possuir nada, alguns ficaram com medo. Muita gente fechou a porta mesmo.

E- E como ele fazia?

P7- Pois é, a duras penas. Como ele já tinha alguns conhecidos, muita gente chegava até ele para fazer roupa para os filhos, para a família toda. Alguns eram profissionais liberais, médicos, advogados ... Então, isso acontecia em troca de algum bem, algum lote. Lembro-me de um terreno que ficava em frente onde hoje é o Colégio Bicudo, que foi oferecido ao meu pai em troca de roupa. E meu pai disse que não, “Que vou fazer com esse terreno, não dá para comer!” Então, se a pessoa chegava com uma boa coleção de livros, ele aceitava. Então, tinha todo tipo de oferta, se era algum intelectual, certamente, oferecia alguma obra literária...Eu me lembro que essa Biblioteca Internacional de Obras Célebres, uma edição portuguesa, do Porto, com vinte e poucos volumes, riquíssima, com lombada em ouro e coisa e tal, foi oferecida a ele em troca de roupa. Eu acho que isso foi uma edição limitada. Não tenho lembrança de ver isso com facilidade. E só vim tomar conhecimento dessa coleção através de uma descoberta, uma relação de um bibliófilo que descobriu um poema inédito em sua décima sétima coleção, que é de um poeta português...

E- Fernando Pessoa?

P7- Sim, ele mesmo. Ainda com o primeiro codinome dele, porque ele tem outros... Então, esta coleção guardava um poema dele que ninguém sabia. Até aquela portuguesa, aquela conhecida lá de Coimbra, uma professora que é a maior fernandista do mundo, não sabia disso. Ela desconhecia esse poema. Acho que ela veio até São

Paulo para conversar com Mindlin para saber desse poema. E eu fui lá. E está lá. Essa coleção que já era rara, valiosa, ficou mais valiosa ainda. E hoje está com a Cássia.

E- Ah, ela está aqui com vocês...

P7- Sim. E hoje a Cássia se apropriou dela. Meu pai, em vida, disse que aquilo tudo era para ela.

E- E essas leituras que Osório fez, o senhor acha que elas interferiram em sua profissão?

P7- Eu vejo isso na formação. No caráter de cada um. Mas profissionalmente eu não sei se tem.

E- E nas suas produções, sobre o que ele escrevia...

P7- Não. Veja, eu posso ter aperfeiçoado ou não o meu estilo de ser a partir das leituras, isso é possível, mas eu não vejo que isso possa ter influenciado na opção profissional...

E- Nem na sua ideologia?

P7- Aí sim. Aí eu concordo. Claro. Não só das leituras como também das conversas que ele manteve com a gente. A injustiça social, a discriminação, a crítica que ele fazia ao capitalismo... Isso tudo era somado à leitura, claro, que paralelamente ele ia tendo uma formação ideológica...Mas profissionalmente eu não sei se isso influenciou. Veja ,eu não sei se hoje eu sou advogado porque meu pai sonhava com essa profissão. Nem se todas as leituras que fiz foi porque meu pai induzia ou não.

E- O que era escrever para o Osório?

P7- Eu acho que era uma maneira de ele fugir daquela vida. Daquele cotidiano repetitivo. Ele tinha necessidade de mostrar coisas, de falar sobre as injustiças, de denunciar... Então ele escrevia, seu canal era a literatura. Isso deve ter pesado muito devido à formação dele inicial. Devido à política dele vinda de lá da Bahia, depois teve o Rio de

Janeiro, que teve um impulso com o Oiticica... Ele falava muito desse professor, de que era um homem...

E- Eu não sei sobre isso, o senhor pode me contar com detalhes...

P7- Olha, essa história eu não sei se a tenho assim com detalhes, pois já é repassada por outros... Eu sei que em dado momento, no Rio, com medo de ser preso porque a polícia política estava atrás dos comunistas, meu pai, que já fazia parte daquela rodinha do Oiticica, percebeu que eles estavam se tornando alvo de perseguição, resolveu se esconder. E foi buscar abrigo na casa de um alfaiate que era também um intelectual com idéias marxistas. E foi ali que ele aprendeu o ofício...

E- Ele ficou quanto tempo ali?

P7- Não sei. O tempo suficiente para fazer ali um terno (risos). Era o que, geralmente, um esconderijo durava naquela época. Só sei que ali, além de aprender um ofício, pode-se dizer que ele cresceu politicamente. Avançou intelectualmente, ficou mais próximo da realidade, do pobre, da região, né. Eu acredito que ali... Veja, acredito porque meu pai nunca chegava e dizia olha eu vou contar para vocês hoje uma história que aconteceu quando eu fui para o Rio de Janeiro. Eu cheguei lá e ta ta ta .... Ele não fazia esse tipo de coisa. Ele chegava e, em determinado momento, a gente discutia a situação democraticamente. Mas ele, falar a respeito da experiência pessoal dele, íntima, sentimental, não tenho nada para falar. Ele não fazia isso.

E- Isso a literatura dele tem. Ela revela...

P7- Tem. Ela fala pelos personagens. E pode ser que mais tarde, quando ele estivesse mais velho ele possa ter falado alguma coisa. Mas aí a gente já não convivia mais. Eu saí de lá em 1953. Meu pai tinha, então, 51 anos de idade. Pode ser que nesse período que eu não convivi com ele, ele foi paulatinamente mudando... Daí porque que meus irmãos mais novos possam ter conhecimento de fatos que eu não

tive. Eu convivi pouco com ele. Isso eu obtive em momentos de maior loquacidade do meu pai. Assim, escaparam...

E- Como que ele escrevia? Lembra-se de algum momento desses?

P7- Eu me lembro de ele escrevendo sim. Ele tinha umas resmas de papel...

E- E quando foi isso? Ele fazia isso em casa ou na alfaiataria?

P7- Em casa. Na alfaiataria eu nunca vi. E isso era feito a lápis. Eu tenho. Eu até trouxe alguns originais para você ver. São dois inéditos: *Nhonhô Pedreira* e o outro ainda não tem título, fala sobre geriatria. Estes são os dois originais que não foram editados até hoje.

E- Então, ele fazia essas resmas, essas anotações, à lápis, em casa?Não na alfaiataria?

P7- Sim, inclusive ele tinha uma caligrafia muito bonita. Era aquela letra antiga, toda bordada. Como àquelas que a gente fazia nos antigos cadernos de caligrafia, sem ultrapassar os espaços, bem ordenada. Ele tinha uma letra assim.

E- E isso ele fazia onde? Em casa, naturalmente, mas era na cozinha, na sala ...

P7- Ele escrevia em uma mesa que havia na sala. Normalmente era lá.

E- Mesmo com as pessoas transitando para lá e para cá ele conseguia se concentrar? Ele tinha 6 filhos...

P7- Não, antigamente as crianças tinham mais liberdade. Brincavam na rua. Dificilmente ficávamos em casa. Não tinha televisão. E o quintal era grande. Hoje isso seria impossível.

E- E isso era geralmente à noite. De dia ele estava na alfaiataria.

P7- Olha eu me lembro que isso ocorria geralmente nos finais de semana.

E- Há algo que o senhor gostaria de declarar?

P7- Olha, são lembranças de episódios. Alguns são mais fortes. Outros já se apagaram. Mas eu não me esqueço do dia em que ele foi preso...

E- Ele foi preso quantas vezes?

P7-Pelos meus cálculos, três.

E- A primeira foi aquela em que ele foi preso enganado, no lugar de outro...

P7- Olha, essa história ocorreu antes do casamento, é uma história que aconteceu na Noroeste, e eu nem levo em conta isso.

E- Hã, hã. No caso você está falando só das prisões políticas.

P7- É, a primeira delas aconteceu ali na cidade, havia greve, protestos, naquela época se agitava muito... O carro da polícia ficava subindo e descendo a avenida prendendo gente. E ele, mesmo assim, ia rotineiramente para a alfaiataria para abrir e ficar trabalhando lá dentro.

E- A alfaiataria ficava na esquina da Nove de Julho?

P7- Sim, embaixo daquele hotel, o Líder.

E- A alfaiataria ficava na esquina?

P7- Não, ela ficava entre a 4 de Abril e a São Luís.

E- Ela ficava bem no centro.

P7- Sim, ela era mais próxima da Sampaio Vidal do que da São Luís. E ele estava trabalhando quando chegou um carro e parou, e dele desceu um soldado e veio em nossa direção. Apoiou-se no balcão e olhou para nós. Pela primeira vez eu ouvi ele falar: Arma, garoto, vá sentar. Porque eu era garoto, ficava ali sentado e fazia a contabilidade. Ele me ensinou a escriturar alguns livros contábeis. (risos) da pouca contabilidade que ali existia. E eu senti que naquele dia algo ia acontecer, e aconteceu. E meu pai estava com a fita métrica pendurada no pescoço, cortando um tecido quando eles chegaram... E foi aquele corre-corre, eles gritavam assim: “Vamos, vamos, anda logo”. Meu pai tirou a fita do pescoço, dobrou o tecido da mesa, guardou a tesoura e foi acompanhando os caras. E eu fiquei ali esquecido, devia ter uns

catorze anos ou mais... Foi quando meu pai acenou para mim e disse sorrindo: “ Não esquenta não, meu filho, isso não é nada, não fique preocupado com isso não!” E foi embora. Depois que eu me recompus do susto, vi que precisava fechar o estabelecimento. A alfaiataria tinha aquelas portas antigas, e eu não alcançava. Precisei pedir para uma pessoa me ajudar. E aquilo você imagina, lá fora o pessoal estava todo vendo o espetáculo. E eu saindo lá de dentro... Outro dia eu assistindo aquele filme do (...), eu vendo aquele garotinho saindo daquela casa, depois que tudo acabou... E isso tudo me ajudou a ... E eu tentando fechar aquela porta. E então essa foi a cena, foi a primeira vez. Uma cena que eu também não esqueço é que ele era muito bem quisto na cidade pelos liberais, eram os médicos, os advogados... Todos gostavam muito do meu pai. Talvez porque ele tinha uma conversa agradável, né? E eles iam até lá para desafiá-lo politicamente, provocá-lo. E saíam de lá bem, não chegavam a uma discussão... (risos) Cruenta! (risos) E quando ele foi preso, não sei se foi da primeira vez, ou da segunda... Ele tinha um amigo que gostava muito dele, era o Benjamim Ribeiro de Castro. Sua esposa era professora, que dava aula no ginásio. O Benjamim tinha uma filha que tinha uma doença, aquele mal, acho que era mongolismo, e o Benjamim carregava uma tristeza enorme de ver aquela filha daquele jeito. E ele tinha o hábito de beber um pouco, não chegava a cair não, mas bebia um pouco, sempre no final da tarde. E ele sempre passava por lá, perguntava se a gente precisava de alguma coisa, outros também passavam... E minha mãe falava, olha precisamos disso... Naquela época as pessoas se ajudavam mais. E quando meu pai foi detido, soltaram um movimento, era um abaixo-assinado, acho que era do Ademar... E quando meu pai foi solto, ele voltou com a barba crescida.

E- Ele ficou quanto tempo lá?

P7- Acho que foi um mês. Ou vinte dias. Quando o Benjamim ficou sabendo, ele correu lá em casa. E quando ele viu meu pai daquele jeito, magro e barbudo, ele o abraçou e começou a chorar. E meu pai teve

que acalmá-lo porque ele não parava de chorar. Ele chorava, chorava...E a terceira cena que eu também não esqueço foi a de um dia que houve um movimento na cidade. E entre os primeiros a pegar estava o meu pai, o primeiro a ser pego era um tal de Falcão, um sujeito que já tinha sido preso, era da luta contra Vargas, inclusive esse Falcão foi hóspede aqui do Maria Zélia, aquele presídio político Maria Zélia de Souza que tinha aqui na barra do Belém. ... Então era ele, o Falcão, e o Reynaldo Machado. Esse não sei se ele já estava lá...

E- Talvez, porque o Reynaldo era dessa época.

P7- É, mas ele chegou um pouco depois. Não é daqueles primeiros tempos. Enfim, é isso. E o Falcão tinha escritório na São Luís, quase na esquina da Nove de Julho. Era um escritório de engenharia. Bom, antes que a polícia viesse e fizesse aquele cenário na porta, às vezes na residência, na casa, com os vizinhos olhando... eu lembro que uma vez o Falcão passou pela porta da alfaiataria e gritou: “Osório, eu já estou indo para lá!”. Quer dizer, ele estava indo para a delegacia, estava indo se apresentar, não esperava a polícia vir prendê-lo. E meu pai, assim, cortando um tecido com os óculos caídos no meio do nariz, respondia: “Tá bom, eu já estou indo, eu já vou já! Só vou terminar isso aqui.” E realmente ele pegou a fita, tirou do pescoço e foi se apresentar para ser preso. E ficaram lá não sei quanto tempo. Coisas assim do gênero aconteciam naquela época. Então, estas três cenas ficaram, a velhice ainda não apagou. Marcaram.

P7- Sim, e eu agradeço, pois acredito que muita coisa deste seu depoimento vai me ajudar bastante.

E- E de todos estes famosos que eu citei aí, o Hélio chegou a ser embaixador. Não chegou a ser embaixador do Brasil, mas foi a segunda autoridade na embaixada brasileira em Londres e depois foi chefe do cerimonial do Itamaraty. O Hélio Scarabotolo também escrevia artigos para o Estado de S. Paulo... Mas a história que eu quero contar é do pai deles... Eu acho que era Vicente, eu acho que era Vicente Filho... E ele ficava ali de manhã, abria a Funerária dele e abria o

Correio da Manhã para ler... Isso segundo o relato do velho, o pai... Ele estava lendo e chegou uma mulher descalça com uma criança no colo. Naquela época era comum o pessoal da zona rural vir à cidade ao sábado fazer compra. Talvez fosse sábado aquela manhã. Mas o fato é que aquela mulher era pobre, visivelmente pobre, e parecia ser da zona rural porque ela estava descalça. E era comum os camponeses andarem descalços naquela época. Hoje, com o tênis barateado e com as sandálias de borracha também, esta cena já não é tão comum. Ela chegou e ele perguntou: “O que a senhora quer?” E ela respondeu: “Estou esperando meu marido!” Como ele a viu com a criança nos braços, estendeu a mão e puxou uma cadeira dizendo: “Por favor, sente-se” Após ela se sentar, ele puxou o jornal para si e continuou a leitura do Correio. Passado alguns minutos entra o pai, todo suado. Ele baixou o jornal para atendê-lo e o pai disse: “Moço, é que nos queremos um caixão pra enterrar a menina.” Na verdade, aquela criança no colo da mãe estava morta. Vicente olhou para a mãe com a criança e aquela cena chocou até ele, que lidara tanto com a morte, e que nunca tinha passado por uma situação assim. Olhou para a mãe, que sem chorar, talvez já tivesse chorado, com a criança no colo, esperando o marido para encomendar o caixãozinho do filho na funerária. Esta história me faz lembrar do Vicente... E é só.

E- Mais uma vez, obrigada! Seu depoimento foi, realmente, enriquecedor.